



*O Evangelho*  
**Redivivo**

 **LIVRO III** 

**ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO MARCOS**



# O EVANGELHO **REDIVIVO**

LIVRO III  
ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO MARCOS



Organização-Coordenação

Marta Antunes Moura

# O EVANGELHO REDIVIVO

LIVRO III  
ESTUDO INTERPRETATIVO DO  
EVANGELHO SEGUNDO MARCOS



Copyright © 2020 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

1ª edição – 1ª impressão – 2 mil exemplares – 8/2021

ISBN 978-65-5570-210-1

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB  
SGAN 603 – Conjunto F – Av. L2 Norte  
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil  
www.febeditora.com.br  
editorial@febnet.org.br  
+55 61 2101 6161

Pedidos de livros à FEB  
Comercial  
Tel.: (61) 2101 6161 – comercial@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

---

M929e Moura, Marta Antunes de Oliveira de (Org.), 1946–

O evangelho redivivo: estudo interpretativo do evangelho segundo Marcos / organização de Marta Antunes de Oliveira de Moura. – 1. ed. – 1. imp. – Brasília: FEB, 2021.

V. 3; 375 p.; 25cm

Inclui referências

ISBN 978-65-5570-210-1

1. Espiritismo. I. Federação Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 60.07.01

---

# SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Tende Fé em Deus .....	8
LIVRO III	
<b>Estudo Interpretativo do Evangelho Segundo Marcos .....</b>	<b>11</b>
TEMA 1 – <i>O Evangelho de Marcos</i> .....	12
PARTE I	
<b>A Preparação do Ministério de Jesus .....</b>	<b>21</b>
TEMA 2 – PREGAÇÃO DE JOÃO BATISTA (MC 1-13) .....	22
PARTE II	
<b>O Ministério de Jesus na Galileia .....</b>	<b>33</b>
TEMA 3 – JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO (MC 1:14-31) .....	34
TEMA 4 – DIVERSAS CURAS (Mc 1:32-45).....	42
TEMA 5 – CURA DE UM PARALÍTICO (Mc 2:1-14).....	50
TEMA 6 – REFEIÇÃO COM OS PECADORES (Mc 2:15-28).....	57
TEMA 7 – CURA DO HOMEM COM A MÃO ATROFIADA (Mc 3:1-19) .....	65
TEMA 8 – PROVIDÊNCIAS DA FAMÍLIA DE JESUS (Mc 3:20-35) .....	75
TEMA 9 – A PARÁBOLA DO SEMEADOR (Mc 4:1-25) .....	83
TEMA 10 – PARÁBOLA DA SEMENTE QUE GERMINA POR SI SÓ (Mc 4:26-34) .....	96
TEMA 11 – A TEMPESTADE ACALMADA (MC 4:35-41) O ENDEMONIADO GERASENO (MC 5:1-20).....	103
TEMA 12 – CURA DA HEMORROÍSA E RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (Mc 5:21-43).....	112
TEMA 13 – VISITA A NAZARÉ (Mc 6:1-13) .....	121
TEMA 14 – HERODES E JESUS (Mc 6:14-29).....	132
TEMA 15 – PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (Mc 6:30-44) .....	138
TEMA 16 – JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS (Mc 6:45-56) .....	143
TEMA 17 – DISCUSSÃO SOBRE AS TRADIÇÕES FARISAICAS (Mc 7:1-23) .....	153

### PARTE III

#### **Viagens de Jesus Fora da Galileia..... 163**

TEMA 18 – CURA DA FILHA DE UMA SIRO-FENÍCIA (Mc 7:24-37).....	164
TEMA 19 – SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (Mc 8:1-21).....	175
TEMA 20 – CURA DE UM CEGO EM BETSAIDA (Mc 8:22-38).....	186
TEMA 21 – A TRANSFIGURAÇÃO (Mc 9:1-13).....	196
TEMA 22 – O EPILÉPTICO ENDEMONINHADO (Mc 9:14-37).....	205
TEMA 23 – USO DO NOME DE JESUS (Mc 9:38-50).....	215
TEMA 24 – DISCUSSÃO SOBRE O DIVÓRCIO (Mc 10:1-31).....	225
TEMA 25 – TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (Mc 10:32-52).....	234

### PARTE IV

#### **O Ministério de Jesus em Jerusalém..... 243**

TEMA 26 – ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM (Mc 11:1-11) QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS (Mc 27-33).....	244
TEMA 27 – A FIGUEIRA ESTÉRIL (Mc 11:12-14) A FIGUEIRA SECA FÉ E ORAÇÃO (MC 11:20-25) OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO (Mc 15-19).....	252
TEMA 28 – PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (Mc 12:1-17).....	260
TEMA 29 – A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS (Mc 12:18-34).....	267
TEMA 30 – O CRISTO, FILHO E SENHOR DE DAVI (Mc 12:35-44).....	276
TEMA 31 – DISCURSO ESCATOLÓGICO (Mc 13:1-27).....	283
TEMA 32 – PARÁBOLA DA FIGUEIRA (Mc 13:28-36).....	294

### PARTE V

#### **A Paixão e a Ressurreição de Jesus..... 301**

TEMA 33 – A UNÇÃO EM BETÂNIA (Mc 14:3-9) PREPARATIVOS PARA A CEIA PASCAL (Mc 14:12-16) INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA (Mc 14:22- 25).....	302
TEMA 34 – CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS (Mc 14:1-2) A TRAIÇÃO DE JUDAS (Mc 14:10-11) ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS (Mc 14:17-21).....	312
TEMA 35 – NO GETSÊMANI (Mc 14: 32-52).....	321
TEMA 36 – JESUS PERANTE O SINÉDRIO (Mc 14:53-72).....	330
TEMA 37 – JESUS PERANTE PILATOS (Mc 15:1-22).....	339
TEMA 38 – A CRUCIFICAÇÃO (Mc 15:23-39).....	347
TEMA 39 – AS SANTAS MULHERES DO CALVÁRIO (Mc 15:40-47).....	359
TEMA 40 – O TÚMULO VAZIO (Mc 16:1-20).....	368

## AGRADECIMENTOS

Endereçamos a nossa gratidão à seguinte equipe revisora dos textos e das referências bibliográficas, cuja ação viabilizou a publicação do terceiro livro do Programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Marcos*: Adriana Paula Rodrigues Silva, Cylene Dalva Guida, Dalva Silva Souza, Janice Luzia Oliveira Schultz Barbosa, Jorge Leite de Oliveira, Manoel de Medeiros Rodrigues Craveiro, Mariane Lis Herrera Masotti, Nilva Polônio Craveiro e Wagna Carvalho.

Agradecemos, penhorada, a valiosa contribuição de Severino Celestino da Silva, de Elzita Melo Quinta e de Pedro Paulo Camello na elaboração de alguns temas do estudo.

Em especial, somos gratas a Carlos Roberto Campetti, que assumiu o duplo compromisso em relação ao Evangelho Redivivo: a) tradução dos textos para a língua espanhola; b) organização e capacitação das equipes de trabalhadores espíritas, em português e em espanhol, pelo sistema de ensino a distância (EAD).

A nossa gratidão se estende a todos os dirigentes, coordenadores e trabalhadores do movimento espírita nacional e internacional que, sensibilizados, muito têm contribuído para divulgar o Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita.

Acima de tudo, somos imensamente agradecidos a Deus, Pai e Criador, a Jesus, amado Mestre, Guia e Modelo da Humanidade terrestre, e a Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, que, do plano espiritual, coordena a equipe de devotos benfeitores espirituais incumbidos de levar a mensagem do Cristo aos habitantes do Planeta. Sem o permanente e devotado auxílio desses benfeitores espirituais, que agem em nome do Mestre Nazareno, absolutamente nada poderíamos realizar.

Brasília (DF), 10 de dezembro de 2020.

MARTA ANTUNES MOURA

Organizadora



## TENDE FÉ EM DEUS\*

*E Jesus, respondendo, disse-lhes:  
tende fé em Deus (Marcos, 11:22).*

Bastas vezes, as dificuldades na concretização de um projeto elevado se nos afiguram inamovíveis.

Começamos por reconhecer-lhes o peso inquietante e estimáveis companheiros acabam por destacar-nos a importância delas, como a dizer-nos que é preciso renunciar ao bem que pretendemos fazer.

Tudo, aparentemente, é obstáculo intransponível...

Mas Deus intervém, e uma porta aparece.

Há circunstâncias, nas quais o problema com que somos defrontados, numa questão construtiva, é julgado insolúvel.

Passamos a inquietar-nos e, não raro, especialistas no assunto comparecem junto de nós, apontando-nos a impraticabilidade da solução.

As obscuridades crescem por sombras indevassáveis...

Mas Deus interfere, e desponta uma luz.

Em certas ocasiões, uma pessoa querida, ao perturbar-se de chofre, fornece a impressão de doente irre recuperável.

Afligimo-nos ao vê-la assim em desequilíbrio e, quase sempre, observadores amigos comentam a inexequibilidade de qualquer melhoria, induzindo-nos a largá-la ao próprio infortúnio.

Avoluma-se a prova que lembra angústia inarredável...

---

\* Mensagem recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier e publicada em *Reformador* de junho de 1964, p. 125. FEB Editora, Brasília-DF. Encontra-se também publicada no livro *Palavras de vida eterna*. Cap. 162. Editora Comunhão Espírita Cristã/CEC. Uberaba-MG. Na 40ª ed., de 1964 (CEC), foi registrado como versículo 12, por engano, mas o correto é 22, como está agora.

Mas Deus determina e surge um remédio.

Ocorrem-te no mundo as mesmas perplexidades, em matéria de saúde, família, realizações.

Salientam-se fases de trabalho em que a luta é suposta invencível, com absoluto desânimo daqueles que te rodeiam, mas Deus providencia e segues, tranquilo, à frente.

Por mais áspera a crise, por maior a consternação, não percas o otimismo e trabalha, confiante.

Ouçamos, nós todos, a indicação de Jesus: “Tende fé em Deus”.

EMMANUEL





## O EVANGELHO REDIVIVO

### LIVRO III

## **Estudo Interpretativo do Evangelho Segundo Marcos**

# O EVANGELHO DE MARCOS

## CONSIDERAÇÕES GERAIS, SUGESTÃO DE ROTEIRO INTERPRETATIVO E TÓPICOS PARA O ESTUDO

POR SEVERINO CELESTINO DA SILVA

João Marcos, o autor do evangelho que recebeu seu nome, é um homem que, segundo a história, não há registro seguro sobre sua origem e sua família.

Não se sabe nada sobre o lar original de Marcos, quanto à sua localização, mas, na primeira vez que encontramos um registro, vemo-lo em Jerusalém e é bem provável que ali fosse sua terra natal. Não se sabe quem foi seu pai, no entanto, sua mãe e seu primo Barnabé eram da ilha de Chipre na Ásia Menor (*Atos*, 4:36).

Não contamos com qualquer alusão certa a João Marcos além daquelas que nos são dadas no livro *Atos*, embora alguns pensem que o jovem, que aparece em *Marcos*, 14:51 e que se salvou da prisão por uma fuga vergonhosa, quando Jesus era levado prisioneiro do Jardim do Getsêmani, seja o próprio Marcos. Conta-se que Marcos estaria nas proximidades, e quase foi apanhado, mas conseguiu fugir, deixando nas mãos de seus captores o lençol em que estava embrulhado, tendo ficado nu.

No entanto, encontramos um registro do pesquisador húngaro Geza Vermes, que afirma ser João Marcos, filho de uma judia de Jerusalém chamada Maria e que era ligada a Simão Pedro. É o que temos de mais preciso.

É também digno de registro, o fato de que João Marcos permaneceu em Jerusalém até ser levado para Antioquia por Barnabé e Paulo, que regressavam de uma missão de socorro a Jerusalém (*Atos*, 12:25).

Quando Paulo e Barnabé partiram para Chipre, na sua primeira viagem missionária, levaram João Marcos em sua companhia (*Atos*, 13:5). Porém, ao chegarem a Perge, na Ásia Menor, Marcos os deixou e voltou a Jerusalém

(Atos, 13:13). Paulo considerou este ato de Marcos como uma deserção, e rejeitou a companhia dele quando esta foi sugerida por Barnabé, para uma segunda viagem (Atos, 15:37 e 38).

O *Evangelho de Marcos* tem sua representação simbolizada por um leão. O leão simboliza a frase: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas” (Is 40:3 e Mc 1:3). Embora seja o primeiro evangelho escrito, ele é colocado após o de Mateus. Isto se deve ao fato de Agostinho e outros pais da igreja o terem considerado uma condensação do Evangelho de Mateus. No entanto, hoje já não se tem mais dúvidas de que o evangelho de Marcos foi escrito antes do de Mateus, Lucas e João.

Desde os primeiros anos, após sua produção, sempre se reconheceu que os três evangelhos (de Mateus, Marcos e Lucas) são similares em conteúdo e apresentação. Isto tem levado os pesquisadores a concluir que esses evangelhos possuem uma fonte comum. O difícil, porém, é saber qual foi ou foram as fontes e a sua natureza, e de quantas fontes se constituíram.

A *teoria sobre a fonte dos dois documentos* considera Marcos como sendo o evangelho original, servindo de base ao esboço histórico de Mateus e Lucas. A Marcos, como fonte histórica, alguns acrescentam a fonte Q, a fonte didática, isto é, os ensinamentos de Jesus (cerca de 250 versículos), que Mateus e Lucas têm em comum, mas não existem em Marcos. O símbolo Q vem do alemão *quelle*, que significa *fonte*, e indica especificamente um conjunto de ensinamentos de Jesus.

Pápias, bispo de Hierápolis, 140 d.C., afirma que Marcos tornou-se o primeiro intérprete de Pedro e escreveu com exatidão, tanto quanto podia lembrar, sobre as coisas feitas ou ditas por Jesus, embora não em ordem, pois ele nem ouvira a Jesus nem fora seu seguidor pessoal, mas em período posterior, conforme se sabe, passara a seguir Pedro, que costumava adaptar os seus ensinamentos às necessidades do momento, mas não como se estivesse traçando uma narrativa corrente dos oráculos do Senhor. Por isso, Marcos não incorreu em equívoco ao escrever certas questões, conforme podia lembrar-se delas. Pois tinha apenas um objetivo em mira, a saber, não deixar de fora coisa alguma das coisas que ouvira e não incluir entre elas qualquer declaração falsa.

A mais notável fraqueza do *Evangelho de Marcos* consiste na ausência dos ensinamentos de Jesus, por tratar-se, essencialmente, de uma descrição das operações miraculosas de Jesus. Esse fato requer a existência de outros

evangelhos, e são os *Evangelhos de Mateus, Lucas e João* que preenchem esta lacuna ao mesmo tempo que fica preservado o esboço histórico de *Marcos*.

Ernesto Renan afirma que o evangelho de Marcos foi escrito em Roma e tem grande valor histórico, e que ao abreviar os Sermões de Jesus, ele nos causa grande surpresa. Marcos não poderia ignorar os Sermões e se assim o fez, teve razões especiais. Ainda segundo Renan, é possível que isto tenha sido devido ao espírito tacanho de Pedro e por isso a importância pueril dada aos milagres.

E conclui Renan: “*O Evangelho de Marcos tem uma unidade perfeita e tirante certos detalhes em que diferem os manuscritos e os pequenos retoques sofridos por quase todos os escritos cristãos, não deveria haver grandes aditamentos depois de ter sido composto*”.

O traço fundamental do *Evangelho de Marcos* era, desde a origem, a ausência da genealogia e das lendas referentes à infância de Jesus. Se há lacuna a preencher para os leitores católicos, essa é uma delas, pois, ninguém a preencheu.

Os autores teológicos datam o *Evangelho de Marcos* como sendo 45 d.C. (fonte Q: *Quelle*).

Russell Champlin chama-nos a atenção para o fato de que se Lucas e Mateus tivessem escrito os seus respectivos evangelhos antes de Marcos, não haveria qualquer necessidade de se escrever o *Evangelho de Marcos*. Por que haveria de ter Marcos apanhado uma cópia de Mateus, fazendo alterações em apenas seis ou sete por cento do total do material deste evangelho? Isso teria sido uma reprodução inteiramente desnecessária, e nada teria acrescentado ao nosso conhecimento sobre a vida e os atos de Jesus.

Acrescenta ainda Russell Champlin, que se pode identificar perfeitamente e facilmente por qual motivo Mateus e Lucas, depois de posse de uma cópia do *Evangelho de Marcos*, perceberam a necessidade de escrever outra narrativa evangélica. Conclui o autor, que Mateus e Lucas perceberam que em Marcos faltavam os ensinamentos de Jesus. Por esta razão foi que Mateus, Lucas e João tiveram de preencher esta lacuna.

Conclui ainda o autor que Marcos foi o primeiro evangelho a ser escrito, tendo servido de base, ou, pelo menos, de uma das principais fontes informativas, aos Evangelhos de Mateus e Lucas.

## 1.1 SUGESTÃO DE ROTEIRO INTERPRETATIVO DO EVANGELHO DE MARCOS – TÓPICOS PARA ESTUDO

O estudo de cada tópico será realizado seguindo-se a tradução, a análise, a exegese e a extração do conteúdo existente nos versículos contidos nele e utilizando-se a bibliografia referente.

### 1.1.1 CAPÍTULO 1

- 1- Pregação de João, o Batista;
- 2- Batismo de Jesus;
- 3- Tentação no deserto;
- 4- Jesus inaugura a sua pregação;
- 5- Vocação dos quatro primeiros discípulos;
- 6- Jesus ensina em Cafarnaum e cura um obsidiado;
- 7- Cura da sogra de Pedro;
- 8- Diversas curas;
- 9- Jesus deixa secretamente Cafarnaum e percorre a Galileia;
- 10- Cura de um leproso.

### 1.1.2 CAPÍTULO 2

- 1- Cura de um paralítico;
- 2- Chamado de Levi;
- 3- Refeição com os pecadores;
- 4- Debate sobre o jejum;
- 5- As espigas arrancadas num sábado.

### 1.1.3 CAPÍTULO 3

- 1- Cura do homem com a mão atrofiada;
- 2- As multidões seguem Jesus;
- 3- Instituições dos doze;
- 4- Providências da família de Jesus;



- 5- Calúnia dos escribas;
- 6- Os verdadeiros parentes de Jesus.

#### 1.1.4 CAPÍTULO 4

- 1- Parábola do semeador;
- 2- Por que Jesus fala em parábolas;
- 3- Explicação da parábola do semeador;
- 4- Como receber e transmitir o ensinamento de Jesus;
- 5- Parábola da semente que germina por si só;
- 6- Parábola do grão de mostarda;
- 7- Conclusão sobre as parábolas;
- 8- A tempestade acalmada.

#### 1.1.5 CAPÍTULO 5

- 1- O endemoninhado de geraseno;
- 2- Cura da hemorroísa e ressurreição da filha de Jairo.

#### 1.1.6 CAPÍTULO 6

- 1- Visita a Nazaré;
- 2- Missão dos doze;
- 3- Herodes e Jesus;
- 4- Execução de João, o Batista;
- 5- Primeira multiplicação dos pães;
- 6- Jesus caminha sobre as águas;
- 7- Curas na região de Genesaré.

#### 1.1.7 CAPÍTULO 7

- 1- Discussão sobre as tradições farisaicas;
- 2- Ensinamento sobre o puro e o impuro;
- 3- Cura da filha de uma siro-fenícia;
- 4- Cura de um surdo-gago.

### 1.1.8 CAPÍTULO 8

- 1- Segunda multiplicação dos pães;
- 2- Os fariseus pedem um sinal dos céus;
- 3- O fermento dos fariseus e de Herodes;
- 4- Cura de um cego de nascença;
- 5- Cura de um cego em Betsaida;
- 6- Profissão de fé de Pedro;
- 7- Primeiro anúncio da paixão;
- 8- Condições para seguir Jesus.

### 1.1.9 CAPÍTULO 9

- 1- A Transfiguração;
- 2- Questão sobre Elias;
- 3- O epilético endemoninhado;
- 4- Segundo anúncio da paixão;
- 5- Quem é o maior;
- 6- Uso do nome de Jesus;
- 7- Caridade para com os discípulos;
- 8- O escândalo.

### 1.1.10 CAPÍTULO 10

- 1- Discurso sobre o divórcio;
- 2- Jesus e as crianças;
- 3- O homem rico;
- 4- O perigo das riquezas;
- 5- Recompensa prometida pelo desprendimento;
- 6- Terceiro anúncio da paixão;
- 7- O pedido dos filhos de Zebedeu;
- 8- Os chefes devem servir;
- 9- O cego à saída de Jericó.

### 1.1.11 CAPÍTULO 11

- 1- Entrada messiânica em Jerusalém;
- 2- A figueira sem fruto;
- 3- Os vendedores expulsos do templo;
- 4- A figueira seca. Fé e oração;
- 5- Questão dos judeus sobre a autoridade de Jesus.

### 1.1.12 CAPÍTULO 12

- 1- Parábola dos vinhateiros homicidas;
- 2- O imposto a César;
- 3- A ressurreição dos mortos;
- 4- O primeiro mandamento;
- 5- O Cristo filho e Senhor de Davi;
- 6- Os escribas julgados por Jesus;
- 7- O óbolo da viúva.

### 1.1.13 CAPÍTULO 13

- 1- Discurso escatológico de Jesus;
- 2- O princípio das dores;
- 3- A grande tribulação de Jerusalém;
- 4- Manifestação gloriosa do Filho do homem;
- 5- Parábola da figueira;
- 6- Vigiar para não ser surpreendido.

### 1.1.14 CAPÍTULO 14

- 1- Conspiração contra Jesus;
- 2- A unção em Betânia;
- 3- A entrega de Judas;
- 4- Preparativos para a ceia pascal;

- 5- Anúncio da entrega de Jesus por Judas;
- 6- A ceia pascal;
- 7- Predição da negação de Pedro;
- 8- No Getsêmani;
- 9- A prisão de Jesus;
- 10- Jesus perante o Sinédrio;
- 11- Negações de Pedro.

### 1.1.15 CAPÍTULO 15

- 1- Jesus perante Pilatos;
- 2- A coroação de espinhos;
- 3- O caminho da cruz;
- 4- A crucifixão;
- 5- Jesus é escarnecido e injuriado na cruz;
- 6- A morte de Jesus;
- 7- As mulheres no Calvário;
- 8- O sepultamento.

### 1.1.16 CAPÍTULO 16

- 1- O túmulo vazio. Mensagem do anjo;
- 2- Aparições de Jesus ressuscitado.

## REFERÊNCIAS

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019.
- CESAREIA, Eusébio de. *História eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1.
- CHOURAQUI, A. *O evangelho segundo Marcos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FLUSSER, D. *O judaísmo e as origens do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago. 2000. 2001 e 2002. v. 1, 2 e 3.

RENAN, E. *Os evangelhos*. Livraria Chardron, de Lello & Irmão – Ltda: Porto, 1929.

REMAUD, M. *Evangelho e tradição rabínica*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

SILVA, S. C. *O sermão do monte: a sublime e consoladora mensagem de Jesus*. 6. ed. João Pessoa: Editora Ideia, 2017.

VERMES, G. *Quem é quem na época de Jesus*. São Paulo: Record, 2008.



## PARTE I

# **A Preparação do Ministério de Jesus**

## PREGAÇÃO DE JOÃO BATISTA (MC 1-13)\*\*

Esses três itens, em seguida analisados, constituem a primeira parte dos registros de *Marcos* que, segundo o disposto na *Bíblia de Jerusalém*, é denominada *Preparação do Ministério de Jesus*.

O texto de *Marcos*, considerado o mais antigo, poderia ter sido escrito na Galileia, em Alexandria ou Roma. Aceita-se que Roma foi a localidade mais provável, e que Marcos teria como público destinatário “[...] cristãos romanos no período da grande perseguição na capital do Império, por volta do ano 64 d.C.”<sup>1</sup> Acredita-se também que “[...] o público de Marcos vivia fora da Palestina e a maioria dos destinatários era, em geral, formada por não judeus [...]”<sup>2</sup>

O *Evangelho de Marcos* é o mais breve dos evangelhos do cânon [textos religiosos que uma determinada comunidade aceita como sendo inspirados por Deus]. É conciso e repleto de ação, uma característica que seria cativante para a mente prática dos romanos, para quem, sem dúvida, foi originalmente escrito. A parte dedicada aos atos de Jesus, em comparação com as suas palavras, é maior no evangelho de *Marcos* que nos outros. Dezoito milagres são registrados, em contraste com apenas quatro parábolas completas. Nota-se um número excepcionalmente grande dos relatos de expulsão de demônios [obsessores] por parte de Jesus.<sup>3</sup>

A mensagem do evangelho de Marcos – escrita na forma básica do grego *coiné* (ou *koiné*), que era o grego helenístico [forma popular do grego que emergiu na pós-Antiguidade Clássica] da região mediterrânea oriental –, apresenta esta tese central: “[...] Jesus Cristo é o filho de Deus. Isso é afirmado no prólogo do livro (Mc 1:1). À medida que a história é desenvolvida, Marcos mostra como Jesus foi proclamado “Filho de Deus” (Mc 1:1; 9:7), pelos demônios [perseguidores/obsessores], que possuíam conhecimento sobrenatural (Mc 3:11; 5:7).”<sup>4</sup>

\*\* N.E.: As notas referentes aos trechos de obras citadas estão com numeração contínua e encontram-se ao final de cada tema.

*Marcos* transmite, todavia, a ideia de que Jesus não se revela diretamente ao povo como sendo o Messias aguardado pelo povo judeu. É suposição que parece ter algum fundamento, segundo estudiosos:

Na Antiguidade, era comum o desprezo pela ostentação injustificada. Em segundo lugar – esse fator é provavelmente o mais importante –, a missão de Jesus era completamente distinta de todas as perspectivas políticas a respeito do Messias que circulavam na época; assim, a “identidade messiânica” era uma categoria inadequada para ele até que pudesse defini-la por meio da natureza de sua missão. Esta só poderia ser entendida de modo retrospectivo, à luz de sua morte e ressurreição (Mc 9:9) [...].<sup>5</sup>

O Espírito Emmanuel transmite ideias semelhantes quando esclarece a respeito da plataforma doutrinária do Evangelho de Jesus:

[...] A Boa-Nova, todavia, é muito clara, quanto à primeira plataforma do Mestre dos mestres. Ele não apresentava títulos de reformador dos hábitos políticos, viciados pelas más inclinações de governadores e governados de todos os tempos. Anunciou-nos a celeste revelação que Ele viria salvar-nos de nossos próprios erros, afastando-nos do egoísmo e do orgulho que ainda legislam para o nosso mundo consciencial [...].<sup>6</sup>

Importa também destacar que as ideias desenvolvidas por João Marcos são dirigidas a uma comunidade mártir e sofredora, quando se considera a marcante perseguição aos cristãos, ocorrida no Império Romano, a partir do primeiro século, como lemos nos seguintes relatos de Champlin:

[...] para cristãos que a qualquer instante poderiam ser forçados a entrar na arena de Roma, para servirem de comida para as feras, ou a fim de serem besuntados de piche, serem pendurados em estacas e servirem de archotes, ou a fim de serem de outra maneira torturados nos jardins de Nero, que assim procurava entreter os seus convidados pagãos [...].<sup>7</sup>

O renomado escritor e pesquisador da Bíblia Frederick Fyvie Bruce esclarece-nos de que

[...] Diferentemente de biografias comuns, o *Evangelho de Marcos* não relata nada acerca do nascimento de Jesus, seu crescimento e aparência; tampouco especifica a duração do seu ministério público, nem sua idade à época da crucificação. Cerca de um terço do relato é dedicado à descrição dos oito dias entre a entrada de Jesus [em Jerusalém] montado no jumento e a sua ressurreição.<sup>8</sup>

Por último, mas sem a pretensão de esgotar o assunto que é, efetivamente vasto, o *Evangelho segundo Marcos* serviu de base para os registros de



Mateus e de Lucas. Segundo Papias – escritor do primeiro terço do século II e um dos primeiros líderes da igreja cristã nascente, canonizado como Santo Euzébio de Cesareia –, “[...] o grosso do material foi recebido por Marcos à base das narrações feitas oralmente por Pedro, o qual, naturalmente, era testemunha ocular. [...]”<sup>9</sup> Acrescenta que, somados “[...] aos relatos de Pedro, o *Evangelho de Marcos* traz, igualmente, informações originárias das tradições orais e escritas da comunidade cristã de Roma e de tradições escritas e orais de outros apóstolos, assim como narrativas transmitidas em segunda mão, por terceiros.”<sup>10</sup>

## 2.1 PREGAÇÃO DE JOÃO BATISTA (MC 1:1-8)<sup>11</sup>

<sup>1</sup>Princípio do Evangelho de Jesus Cristo. Filho de Deus. <sup>2</sup>Conforme está escrito no profeta Isaías: “Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti, a fim de preparar o teu caminho; <sup>3</sup>voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, tornai retas suas veredas”. <sup>4</sup>João Batista esteve no deserto proclamando um batismo de arrependimento para a remissão dos pecados, <sup>5</sup>E iam até ele toda a região da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém, e eram batizados por ele no rio Jordão, confessando seus pecados. <sup>6</sup>João se vestia de pelos de camelo e se alimentava de gafanhoto e mel silvestre. <sup>7</sup>E proclamava: “Depois de mim, vem o mais forte do que eu, de quem não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das sandálias. <sup>8</sup>Eu vos tenho batizado com água. Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo”.

Está evidente nessa passagem que João Batista era por ele considerado o mensageiro de Deus, com base na profecia do profeta Isaías, 40:3: *Eis que eu envio o meu mensageiro diante de ti, a fim de preparar o teu caminho*. A ideia de Batista ser o precursor, propriamente dita, é mais amplamente desenvolvida por Mateus. Destaca-se também nos versículos citados a dupla missão de Batista: “[...] (a) Ele chamou os homens ao arrependimento, acrescentando que, se eles fizessem isso, a purificação que ele efetuava por meio do batismo simbolizaria a purificação das suas almas efetuada por Deus (v. 4); (b) ele anunciou o seu Sucessor, que batizaria as pessoas com o Espírito Santo (v. 7,8) [...]”<sup>12</sup>

João Batista, como sabemos, era filho de Zacarias, sacerdote judeu, e sua esposa Isabel, prima de Maria de Nazaré (Lc 1:7) João Batista (2 a.C.-27), é considerado o último dos profetas judeus, era pregador e foi responsável pelo batismo de Jesus. Batista nasceu em *Ein Kerem*, na Judeia, ano 2 a.C. A despeito de Isabel ter idade avançada, conseguiu gerar João Batista, cujo nascimento foi anunciado pelo anjo Gabriel, enviado por Deus. “Certa

ocasião, Zacarias fazia o serviço religioso no Templo”. “Então apareceu um anjo do Senhor”. “O anjo disse: Não tenha medo, Deus ouviu seu pedido, e sua esposa vai ter um filho e você lhe dará o nome de João” (Lc 1:8-11,13). Isabel deu à luz a um filho, e como era prática entre os judeus, no oitavo dia João passou pela cerimônia da circuncisão. Sua educação foi influenciada pelas ações religiosas do templo, onde seu pai era sacerdote e sua mãe pertencia a uma sociedade chamada *Filhas de Aarão*. O menino cresceu, assim, nesse ambiente religioso-sacerdotal, e tornou-se um líder popular que reunia em torno de si grande número de pessoas.<sup>13</sup>

Importa considerar também que os seguidores de João Batista aceitavam a ideia de ser ele ser a reencarnação do profeta Elias. À exceção de Jesus, João Batista é o único personagem do Novo Testamento cuja missão foi prevista por profetas. Em *Isaías*, 40:3 temos: “Voz do que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor”. A referência de *Malaquias*, 3:23 é: “Eis que eu vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível”. Todavia, João Batista desviava a atenção que os discípulos lhe dirigiam, para destacar a missão de Jesus. Agia como a “voz que clama no deserto”, aquele que tinha o compromisso de apontar e/ou endireitar o caminho para o Senhor. Supostamente, ele também não se via como Elias ou qualquer outro profeta. O seu compromisso era, acima de tudo, anunciar a chegada do Messias, aplinar os caminhos do Senhor e convocar os irmãos judeus para o batismo, por acreditar que, por esse meio, os convertidos renovariam as próprias atitudes perante Deus e estariam preparados para conhecer e receber o Messias.

João Batista foi, sem dúvida, um Espírito grandioso, ainda que, à primeira vista, tenha sido visto como pessoa excêntrica: perambulava pelo deserto, cobria-se com peles de animais e se alimentava frugalmente. Possuía temperamento impetuoso, que não se constringia em apontar erros de interpretação da Lei de Moisés ou comportamentos imorais dos praticantes da religião. O próprio Cristo reconheceu-lhe grandeza espiritual quando anuncia: “Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como a Lei profetizaram, até João. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir. Quem tem ouvidos, ouça!” (Mt 11:15; Lc 7:30).

Amélia Rodrigues reproduz palavras de João Batista dirigidas aos seus discípulos e simpatizantes, a respeito de si mesmo e de Jesus:

O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada. Vós mesmo sois testemunhas de que vos disse: Não sou o Cristo! Mas fui enviado apenas como precursor. Quem tem a esposa, esse é que é o esposo. O amigo do esposo, que o acompanha, alegra-se intimamente quando ouve a voz do esposo. Pois, esta alegria me coube abundantemente. Convém que Ele cresça e que eu diminua.<sup>14</sup>

Entre as admiráveis informações transmitidas pelo Espírito Humberto de Campos, colhidas nos arquivos espirituais da vida extrafísica, selecionamos as seguintes relacionadas à missão de João Batista.

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à verdade, precedendo o trabalho divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de fato, partiu primeiro, a fim de executar as operações iniciais para grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quis colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos e, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos imortais do Cristianismo [...]. João era a verdade, e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magoa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos. Como a dor que precede as poderosas manifestações da luz no íntimo dos corações, ela recebe o bloco de mármore bruto e lhe trabalha as asperezas para que a obra do amor surja, em sua pureza divina. João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo rude da verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o reino de Deus prevaleça nos corações. Exprimindo a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, a fim de estabelecer em si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos”.<sup>15</sup>

Observação: maiores detalhes a respeito da missão de João Batista são encontrados no Livro II, *O evangelho redivivo: estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus – tema 7 (A pregação de João Batista)*, FEB Editora.

## 2.2 BATISMO DE JESUS (MC 1:9-11)<sup>16</sup>

<sup>9</sup>Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. <sup>10</sup>E, logo ao subir da água, ele viu os céus rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, <sup>11</sup>e uma voz veio dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em Ti me comprazo”.

João Batista anunciara anteriormente, em *Marcos*, 1:8 “Eu vos tenho batizado com água. Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo”, indicando que o “[...] Messias é superior em poder e ofício, em sua missão e pessoa. O que nos é dito aqui [no versículo] é que sua *espiritualidade* é superior. [...] Por maior que tenha sido, João não poderia ser considerado o Messias, como alguns supunham. Alguém maior, muito maior, chegara. Ele é a verdadeira Luz do Mundo, seu Pão, seu Salvador, seu Senhor, seu *Ungido*, para resolver todas as questões de lealdade [...]”<sup>17</sup>

Vemos que, após o batismo de Jesus, aconteceram fenômenos mediúnicos de efeitos físicos, assim denominados pelo Espiritismo, inclusive o de voz direta (Mc 1:9-11): “Aconteceu, naqueles dias, que Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. E, logo ao subir da água, Ele viu os céus rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até Ele, e uma voz veio dos céus: “Tu és o meu Filho Amado, em Ti me comprazo”.

Os mestres judeus, que acreditavam que Deus já não se comunicava mais por meio dos profetas, criam que ele, agora, lhes falava por meio de uma voz dos Céus [...], embora não fosse considerada tão importante quanto a *profecia*. Aqui, Marcos mostra que tanto a voz do céu quanto a profecia de João [Batista] testificam Jesus.

Nas histórias judaicas, a “voz dos céus” às vezes citava as Escrituras; para a maioria dos estudiosos, a voz nesse versículo, se refere a duas ou três passagens das Escrituras: *Salmos*, 2:7, aplicado ao Messias régio, o Filho de Deus; *Isaias*, 42:1, que trata do Servo Sofredor; e *Gênesis*, 22:2, a narrativa do sacrifício, por Abraão, de seu filho amado. As palavras do texto de Marcos estão mais próximas de *Salmos*, 2:7 e *Gênesis*, 22:2.<sup>18</sup>

Seja como for, para a Doutrina Espírita, a pomba e a voz materializadas indicam uma categoria de fenômenos psíquicos produzidos por médiuns de efeitos físicos, cujas características: assim definidos em *O livro dos médiuns*: “Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como os movimentos dos corpos inertes, os ruídos etc. Podem ser divididos em médiuns facultativos e médiuns involuntários [...]”

Os primeiros, *os médiuns facultativos* têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritas por ato da própria vontade [...]”<sup>19</sup>

Os segundos,

*os médiuns involuntários* ou *naturais* são aqueles cuja influência se exerce à revelia deles. Não têm consciência alguma do poder que possuem e, muitas vezes, o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece de modo algum extraordinário. Isso é próprio da natureza que os anima, exatamente

como se dá com as pessoas que, sem de nada desconfiarem, são dotadas de dupla vista. Esses indivíduos são muito dignos de observação e ninguém deve descuidar-se de recolher e estudar os fatos deste gênero que lhe cheguem ao conhecimento. Manifestam-se em todas as idades e, frequentemente, em crianças ainda muito novas [...].<sup>20</sup>

Não é demais lembrar que o aparecimento da pomba e as palavras ecoando no ar constam apenas em *Marcos*. Efeitos paranormais à parte, devemos ver no simbolismo do batizado de Jesus o momento em que ele se apresenta ao mundo como o Messias aguardado. É também o instante do início da sua missão entre nós, e, atento ao cumprimento desta, Ele sempre procurou seguir as tradições culturais-religiosas e as normas civis da época presentes na sociedade em que nasceu, valendo-se, inclusive, das citações dos profetas. Nesse contexto, o ritual do batismo era considerado fundamental para os judeus, um declarado ato de renovação espiritual e compromisso com Deus. No caso da doutrina propagada por João Batista, o batismo indicava a mensagem de arrependimento radical e a regra da salvação do Espírito que se expressavam “[...] num rito de imersão em que o pecado da presunção e a totalidade da vida passada da pessoa eram lavados. Os que se erguiam das águas eram como crianças-renascidas, ou como aqueles que passaram da morte para a vida [...]”<sup>21</sup> Entretanto, é consenso comum entre os estudiosos que “Jesus recebeu o batismo de João (Mc 1:9) como forma de identificação com os pecadores, numa prefiguração do seu ato, com significado ainda maior, que ocorreria na sua crucificação [...]”<sup>22</sup> uma vez que o Mestre, sendo o Messias, não possuía nenhum pecado.

### 2.3 TENTAÇÃO NO DESERTO (MC 1:12-13)<sup>23</sup>

<sup>12</sup>E logo o Espírito o impeliu para o deserto. <sup>13</sup>E ele esteve no deserto quarenta dias, sendo tentado por Satanás; e vivia entre as feras, e os anjos o serviam.

A mera possibilidade de Jesus ser tentado é assunto inaceitável para os estudiosos das Escrituras e cristãos conscientes. A tentação de Jesus no deserto deve ser interpretada como um símbolo da luta que há entre o Bem e o Mal. Allan Kardec reforça esse pensamento quando nos lembra que, em razão da superioridade espiritual do Cristo, Ele jamais seria tentado. Eis como o Codificador se expressa:

Sem nada prejudicar sobre a natureza do Cristo [...], não podemos deixar de reconhecê-lo como um dos Espíritos de ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter

sido uma dessas missões que a Divindade somente confia a seus mensageiros diretos, para cumprimento dos seus desígnios. Mesmo sem supor que Ele fosse o próprio Deus, [ideia defendida pela teosofia católica], mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais do que um profeta, porquanto seria um Messias Divino.<sup>24</sup>

Marcos informa que Jesus teria sido tentado no deserto por *Satanás*, para onde se retirou logo após o batismo, e durante 40 dias. É importante analisar cuidadosamente o significado da palavra “*satanás*”, evitando-se qualquer conotação teológica, amplamente difundida nas igrejas cristãs. Allan Kardec afirma a respeito:

Em todos os tempos os demônios representaram papel de destaque nas diversas teogonias, embora bastante desacreditados no conceito geral, a importância que ainda hoje se atribui a eles confere certa gravidade à questão, por tocar o próprio fundo das crenças religiosas. Eis por que é útil examiná-la, com os desdobramentos que o assunto comporta.<sup>25</sup>

*Demônio* e os sinônimos *satanás*, *satã* ou *diabo* são palavras que no Antigo Testamento apresentam diferentes significados:

Há referências aos demônios sob os nomes *sa'ir* (Lv 17:7; II Cr 11:15) e *shed* (Dt 32:17; Sl 106:37). O primeiro termo significa “cabeludo”, e aponta para o demônio como um sátiro [símbolo de devasso]. O último tem sentido incerto, embora evidentemente esteja ligado com uma palavra assíria semelhante [...]. No Novo Testamento “há muitas referências aos demônios. A designação usual é *daimonion*, um diminutivo de *daimon* [...]. Nos escritos clássicos, *daimon* é frequentemente usado em bom sentido, para indicar um deus ou o poder divino. No NT, entretanto, *daimon* e *daimonion* sempre se referem a seres espirituais hostis a Deus e aos homens, Belzebu (ou Belzebul) é o seu príncipe (Mc 3:22), pelo que os demônios podem ser considerados seus agentes [...].<sup>26</sup>

É válido refletir que toda pessoa que se dedica à sementeira do bem é assediada e perseguida pelo mal. E nem Jesus foi poupado. Assim, a tentação no deserto – local que expressa solidão e aridez, onde as condições de vida são escassas – é expressão indicativa de dificuldades e desafios que acompanham os vencedores. O caminho reto ainda não é escolha fácil, em razão da notória imperfeição, moral e intelectual, que atinge a Humanidade terrestre. E a estrada a ser percorrida, à luz do Evangelho, assemelha-se a uma corrida de obstáculos.

Como fechamento das ideias estudadas no capítulo primeiro do evangelho segundo Marcos, apresentamos estas sábias ponderações de Léon Denis a respeito do Cristo de Deus:

[...] O Cristo possuía uma alma bastante vasta, bem superabundante de luz e de amor, para nela sorver os elementos da sua missão. Jamais a Terra viu passar maior Espírito. Uma serenidade celeste envolvia-lhe a fronte. N'Ele se uniam todas as perfeições para formarem um tipo de pureza ideal, de inefável bondade. Há em seu coração imensa piedade pelos humildes, pelos deserdados. Todas as dores humanas, todos os gemidos, todas as misérias encontram n'Ele um eco. Para acalmar esses males, para secar essas lágrimas, para consolar, para curar, para salvar, Ele irá ao sacrifício de a própria vida oferecer em holocausto a fim de reerguer a Humanidade.

[...]

O que ele chamava “pregar o Evangelho do Reino dos Céus aos simples” era pôr ao alcance de todos o conhecimento da imortalidade e o do Pai comum. Os tesouros intelectuais, que os adeptos avaros só distribuíam com prudência, o Cristo os espalhava pela grande família humana, por esses milhões de seres, curvados sobre a Terra, que nada sabiam do destino e que esperavam, na incerteza e no sofrimento, a palavra nova que os devia consolar e reanimar. Essa palavra, esse ensino, ele distribuiu sem contar, e lhes deu a consagração do seu suplício e da sua morte. A cruz, esse símbolo antigo dos iniciados, que se encontra em todos os templos do Egito e da Índia, tornou-se, pelo sacrifício de Jesus, o sinal da elevação da Humanidade, tirada do abismo das trevas e das paixões inferiores, para ter enfim acesso à Vida Eterna, vida das almas regeneradas.<sup>27</sup>

## REFERÊNCIAS

- 1 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos: introdução, p. 142.
- 2 \_\_\_\_\_. it. Local da composição, p. 143.
- 3 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Características, p. 1.106.
- 4 \_\_\_\_\_. it. Tema, p. 1.106.
- 5 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Mensagem de Marcos, p. 143.
- 6 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB. 2020. cap. 174, p. 361-362.
- 7 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. O Evangelho de Marcos, p. 754.

- 8 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Características, p. 1.106.
- 9 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Fonte dos materiais, p. 755.
- 10 \_\_\_\_\_. it. Diagrama, p. 756.
- 11 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:1-8, p. 1.758.
- 12 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. O ministério de João Batista, p. 1.106-1.107.
- 13 \_\_\_\_\_. Id.
- 14 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 2, p. 38.
- 15 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 2, p. 21.
- 16 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:9-11, p. 1.758.
- 17 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova edição revisada. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. O Evangelho de Marcos, 1:8, p. 762.
- 18 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 1:11, p. 146.
- 19 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 14, it. 160, p. 169-170.
- 20 \_\_\_\_\_. it. 161, p. 170.
- 21 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, p. 161.
- 22 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. O batismo de Jesus, p. 1.107.
- 23 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos



- tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:9-13, p. 1.758.
- 24 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 2, p. 264.
- 25 \_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. Trad de Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. pt. 1, cap. 9, it. 1, p. 111.
- 26 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. 3. ed. São Paulo: Vila Nova, 2006. p. 325.
- 27 DENIS, Léon. *Depois da morte*. 28. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 1, cap. 6, p. 58-59.



## PARTE II

### **O Ministério de Jesus na Galileia**

## JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO (MC 1:14-31)

Jesus inicia a pregação do Evangelho logo após a notícia da prisão de João Batista, e no tempo previamente programado para anunciar a vinda do Reino de Deus, como informa o versículo 15: *Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo.*

### 3.1 JESUS INAUGURA SUA PREGAÇÃO (MC 1:14-15)<sup>28</sup>

<sup>14</sup>Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galileia proclamando o Evangelho de Deus: <sup>15</sup>“Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho”.

Logo no início da sua missão, percebe-se, nitidamente, que há uma sequência de ações pré-estabelecidas, que podem ser assim caracterizadas: execução da missão de João Batista, que prega o batismo do arrependimento; o batismo de Jesus por João Batista; a retirada de Jesus para o deserto da Judeia; prisão de João Batista; retorno de Jesus à Galileia e início da pregação do Evangelho.

[...] A Galileia torna-se o centro das atividades. *Não é provável* que Jesus tenha permanecido por longo tempo na área de Jerusalém, pelo que não fora determinado pela vontade divina que esse fosse o centro de atividades. A igreja cristã nasceu na Galileia, embora mais tarde confirmada em Jerusalém [...]. Deus enviou suas “boas-novas”. Os homens têm sido infinitamente beneficiados com base nisso [...].<sup>29</sup>

Desde o início da pregação, Jesus anuncia o Evangelho do Reino, o Reino de Deus, destinado aos Espíritos redimidos. Para tanto, o Mestre Nazareno espalha as verdades imortais ao longo de três anos, submetendo-se a todo tipo de provação que culmina com a crucificação. Emmanuel apresenta judiciosos comentários a respeito da expressão *o Reino de Deus está próximo* (Mc 1:15):

Muitas vezes, disse-nos o Senhor: “O Reino de Deus está próximo”. E até hoje milhares de criaturas aguardam-lhe a vinda, através de espetaculosos eventos exteriores.

Muitos esperam-no, por intermédio de cataclismos inomináveis e mentalizam telas fantasmagóricas, incompatíveis com a Divina Misericórdia que nos preside os destinos...

[...]

Sem dúvida que semelhantes flagelos podem sobrevir a qualquer momento na experiência das criaturas e no campo da Natureza, contudo, longe de significarem o Reino Divino apenas revelam imperativos de nova luta e com serviço mais áspero para quantos se enfileiram nos quadros evolutivos da Humanidade.

O Reino de Deus está próximo, sim, mas, antes de tudo, em nossa capacidade de construí-lo por dentro de nós, através do céu que possamos oferecer à alma do próximo.

Atendamos ao cumprimento do dever que a vida nos atribui, colaborando quanto possível pela vitória do bem a atender o amor que o Mestre nos legou e alcançaremos, com a urgência possível, o clima celestial para nós e para os outros. É por isso que Jesus igualmente foi positivo e justo quando afirmou: “Quando se vos disser que o Reino de Deus permanece ali ou acolá não acrediteis, porque, em verdade, o Reino de Deus está dentro de vós”.<sup>30</sup>

## 3.2 VOCAÇÃO DOS QUATRO PRIMEIROS DISCÍPULOS (MC 1:16-20)<sup>31</sup>

<sup>16</sup>Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e André, o irmão de Simão. Lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores. <sup>17</sup>Disse-lhes Jesus: “Vinde em meu seguimento e eu vos farei pescadores de homens”. <sup>18</sup>E imediatamente, deixando as redes, eles o seguiram. <sup>19</sup>Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, eles também no barco, consertando as redes. <sup>20</sup>E logo os chamou. E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento.

É importante recordar que o mar da Galileia, também conhecido como o mar de Tiberíades, citado no versículo 16, é, na verdade, um grande lago, o lago de Genesaré, um extenso lago de água doce, localizado na região norte de Israel. O seu principal afluente é o rio Jordão. Foi denominado de lago por

[...] Lucas, Josefo e escritores gregos – com cerca de 11 quilômetros de largura e 19 de comprimento, era famoso por sua piscosidade. Os judeus costumavam chamá-lo de “mar” [...]. Esse mar tornou-se o centro das atividades de Jesus. Em suas margens, a noroeste, estavam as aldeias de Cafarnaum (quartel-general do Cristo), Magdala e Corazim, bem como Betsaida e outras. As praias orientais eram desabitadas e ali esteve Jesus ocasionalmente, a fim de escapar das multidões.<sup>32</sup>

Há algumas controvérsias em relação à pronta aceitação do convite que o Mestre Nazareno dirigiu a Pedro (denominado Simão por Jesus) e seu irmão André; Tiago (mais tarde denominado de Tiago Maior) e seu irmão João (apelidados por Jesus de Boanerges ou “filhos do trovão”), ambos filhos de Zebedeu.

O relato pressupõe que esses pescadores tinham um conhecimento prévio de Jesus, e isso é confirmado em Jo 1:35-42, em que se mostra que eles já acreditavam que Jesus era o Messias de Israel. Ao confirmar assim o seu direito à lealdade total das pessoas para com ele, Jesus demonstrou consciência da sua autoridade pessoal. A ordem que Jesus lhes deu de segui-lo (v. 17) incluía não somente o aspecto de que deveriam acompanhá-lo nas suas jornadas, mas que deveriam aceitar um relacionamento de discípulo-rabino com ele. A promessa dele de fazer dos discípulos *pescadores de homens* estava relacionada à tarefa de eles ganharem pessoas para a causa dele [...].<sup>33</sup>

Emmanuel analisa de perto essa questão (a da imediata aceitação do convite) e explica-nos que o chamamento do Mestre para segui-lo é dirigido ininterruptamente a todos nós. Entretanto, a aceitação será sempre imediata entre os que já se encontram conscientes da sua necessidade de renovação íntima:

Em alguns círculos do cristianismo, semelhante passagem, alusiva ao encontro do Senhor com os discípulos, interpretada simplesmente como sendo um apelo do Cristo ao ministério religioso.

Todavia, podemos imprimir-lhe significado mais amplo.

Em cada situação do caminho, é possível registrar o chamamento celeste.

[...]

Por onde formos, Jesus, Mestre Silencioso, nos chama ao testemunho da lição que aprendemos.

Nas menores experiências, no trabalho ou no lazer, no lar ou na via pública, eis que nos convida ao exercício incessante do bem.

Nesse sentido, o discípulo do Evangelho encontra no mundo o santuário de sua fé e na Humanidade a sua própria família.

Assinalando, pois, a norma cristã, como inspiração para todas as lides cotidianas, ouçamos a palavra do Senhor em todos os ângulos do caminho, procurando segui-lo com invariável fidelidade, hoje e sempre.<sup>34</sup>

### 3.3 JESUS ENSINA EM CAFARNAUM E CURA UM ENDEMONIADO. CURA DA SOGRA DE PEDRO (MC 1:21-31)<sup>35</sup>

<sup>21</sup>Entraram em Cafarnaum e, logo no sábado, forem à sinagoga. E ali Ele ensinava. <sup>22</sup>Estavam espantados com o seu ensinamento, pois ele os ensinava

como quem tem autoridade e não como os escribas. <sup>23</sup>Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um Espírito impuro, que gritava <sup>24</sup>dizendo: “Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus”. <sup>25</sup>Jesus, porém, o conjurou severamente: “Calate e sai dele”. <sup>26</sup>Então o espírito impuro, sacudindo-o violentamente, e soltando grande grito, deixou-o. <sup>27</sup>Todos então se admiraram, perguntando uns aos outros: “Que é isto? Um novo ensinamento com autoridade! Até mesmo aos espíritos impuros dá ordens, e eles lhe obedecem!” <sup>28</sup>Imediatamente a sua fama se espalhou em todo o lugar, em toda a redondeza da Galileia. <sup>29</sup>E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. <sup>30</sup>A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus. <sup>31</sup>Aproximando-se Ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los.

Há algumas expressões presentes no texto de Marcos que merecem ser esclarecidas:

- » **Ensinar com autoridade:** é o mesmo que ensinar com conhecimento. Quem assim procede tem domínio do conteúdo que transmite e fala em nome da verdade, não na base de simples suposição ou opinião pessoal.
- » **Espírito impuro:** é expressão muito utilizada na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Refere-se ao Espírito moralmente atrasado, que traz a alma maculada por imperfeições. O Espiritismo dá-lhe o nome de *obsessor* e a pessoa que lhe submete chama-se *obsidiado*. O domínio do obsessor sobre o obsidiado, conhecido como *obsessão*, apresenta variáveis graus de domínio. Vulgarmente o obsessor é também denominado *demônio* e o obsidiado de *endemoniado*. Allan Kardec assim se expressa a respeito do assunto:

Entre as dificuldades que a prática do Espiritismo pode apresentar, devemos colocar em primeira linha a *obsessão*, isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus, ao contrário, agarram-se àqueles a quem podem aprisionar. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. A obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz [...].<sup>36</sup>

Após o convite dirigido aos quatro primeiros discípulos do que seria, mais tarde, o *Colégio Apostolar* ou o *Colégio dos Doze*, Jesus inicia a sua primeira pregação, propriamente dita, na sinagoga da cidade de Cafarnaum.

É importante informar que a palavra é livre nas sinagogas, não exigindo manifestação apenas dos membros do clero, como usualmente acontece nas igrejas cristãs da atualidade. A primeira pregação aconteceu em um dia de sábado que, segundo a tradição do judaísmo, é dedicado exclusivamente à oração. Nada mais pode ser realizado nesse dia. Mas, como destaca os versículos 23 ao 26, Jesus expulsou um Espírito que obsidiava um homem presente à reunião. Ou seja, a estreia de Jesus foi impactante em dois aspectos: a) discorreu com propriedade e sabedoria (*Ele os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas*. Mc 1:22); b) afastou um Espírito obsessivo que, audaciosamente o provocara, enquanto fazia sofrer o obsidiado: “Na ocasião, estava na sinagoga deles um homem possuído de um Espírito impuro, que gritava, dizendo: Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para arruinar-nos? Sei quem tu és: o Santo de Deus”. Jesus, porém, o conjurou severamente: “Cala-te e sai dele”. Então o Espírito impuro, sacudindo-o violentamente, e soltando grande grito, deixou-o (Mc 1:23-26).

Na fase inicial da pregação, antes das intrigas dos fariseus e dos publicanos, Jesus pregava livremente nas sinagogas. Posteriormente, quando já se tornara conhecido, Ele foi impedido pelos religiosos: “Durante o primeiro *circuito* pela Galileia, Jesus tinha acesso às sinagogas. Por ocasião do segundo, porém, já perdera esse direito, tão feroz se tornara a oposição”. A partir de então, o Cristo passou a residir em Cafarnaum “[...] uma das mais importantes aldeias da Galileia, sendo lugar apropriado para que ali Jesus desse início ao seu ministério” [...].<sup>37</sup>

[...] Na ocasião descrita aqui, a apresentação que fez do seu tema [veja Mc 1:15: *Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho*], foi caracterizado por uma autoridade que deixou pasmos os seus ouvintes e os forçou a compará-lo com os mestres com quem estavam acostumados (v. 22). Esta autoridade e imponência também foram mostradas quando expulsou um demônio [leia-se obsessivo] de uma pessoa da congregação. O demônio [obsessivo], em contraste com os espectadores. Penetrou no mistério da autoridade de Jesus e, assim, ele conhecia a explicação da autoridade de Jesus. O grito do demônio [obsessivo]: “O que queres conosco?” significa: “Por que estás se intrometendo conosco?”, pois os demônios [obsessivos] sabiam que o estabelecimento do Reino de Deus por parte de Jesus necessariamente significava a destruição deles (v. 24). A finalidade das palavras e atos de Jesus na sinagoga naquele dia era despertar a admiração do povo como um todo, e não evocar a sua fé; e a assim foi em toda a Galileia.<sup>38</sup>

A cura do obsidiado, seguida à excelente pregação de Jesus, deve ter provocado não só admiração, mas também inveja por parte dos vaidosos

e arrogantes, religiosos ou não. O diálogo transcrito entre o obsidiado e Jesus, que culminou com a libertação do obsidiado, é algo que merece maiores reflexões. Emmanuel esclarece a propósito nesta belíssima mensagem: *Que temos com o Cristo?*<sup>39</sup>

“Ah! que temos contigo, Jesus Nazareno? vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.” (*Marcos*, 1:24).

Grande erro supor que o Divino Mestre houvesse terminado o serviço ativo, no Calvário.

Jesus continua caminhando em todas as direções do mundo; seu Evangelho redentor vai triunfando, palmo a palmo, no terreno dos corações.

Semelhante circunstância deve ser lembrada porque também os Espíritos maléficos tentam repelir o Senhor diariamente.

Refere-se o evangelista a entidades perversas que se assenhoreavam do corpo da criatura. Entretanto, essas inteligências infernais prosseguem dominando vastos organismos do mundo. Na edificação da política, erguida para manter os princípios da ordem divina, surgem sob os nomes de discórdia e tirania; no comércio, formado para estabelecer a fraternidade, aparecem com os apelidos de ambição e egoísmo; nas religiões e nas ciências, organizações sagradas do progresso universal, acodem pelas denominações de orgulho, vaidade, dogmatismo e intolerância sectária.

Não somente o corpo da criatura humana padece a obsessão de Espíritos perversos. Os agrupamentos e instituições dos homens sofrem muito mais.

E quando Jesus se aproxima, com o Evangelho, pessoas e organizações indagam com pressa: “Que temos com o Cristo? que temos a ver com a vida espiritual?”

É preciso permanecer vigilante à frente de tais sutilezas, porquanto o adversário vai penetrando também os círculos do Espiritismo Evangélico, vestido nas túnicas brilhantes da falsa ciência.

Ao sair da sinagoga, Jesus dirige-se à casa de Simão Pedro, em companhia de seu irmão André e de Tiago e João. Lá chegando, encontraram a sogra de Pedro enferma, ao que foi curada de pronto, por Jesus. Assim informa os registros de Marcos: “E logo ao sair da sinagoga, foi à casa de Simão e de André, com Tiago e João. A sogra de Simão estava de cama com febre, e eles imediatamente o mencionaram a Jesus. Aproximando-se Ele a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los” (Mc 1:29-31).

A forma como Jesus cumpriria a sua missão foi definida desde o início como: a) pregação do Evangelho do Reino que propõe atualização da Lei de Moisés, com base nos princípios de Justiça, Amor e Caridade; b) realização de curas, as mais variadas, de algumas doenças consideradas muito graves, fatos que foram consideradas milagrosas.



A enfermidade da sogra de Pedro não denota maior gravidade, possivelmente uma disfunção orgânica. Contudo, sob a ação do magnetismo curador de Jesus, que atuou diretamente na causa que provocara a febre, a cura foi imediata, o que permitiu pronto restabelecimento da saúde da enferma. Segundo o registro de Marcos, Jesus se aproximou da sogra de Pedro, “[...] a tomou pela mão e a fez levantar-se. A febre a deixou e ela se pôs a servi-los” (Mc 1:31). Jesus introduziu no corpo da enferma os fluidos magnéticos reparadores, os resultados foram instantâneos, necessários à restauração da saúde. Eliminou-se o mal pela raiz.

Allan Kardec lembra-nos de ser importante estarmos sempre atentos a qualquer manifestação de doenças, evitando adquirir ou desenvolver enfermidades resultantes da nossa conduta infeliz ou dos maus hábitos, fazendo-nos compreender:

As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germes malsãos, às vezes hereditários.

[...]

Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio em que nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não nos deve impedir, enquanto esperamos tal mudança, de fazer o que dependa de nós para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, apesar dos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos males passageiros.

[...]

Ao lado da medicação ordinária, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluídica, e o Espiritismo nos revela outra força na *mediunidade curadora* e a influência da prece [...].<sup>40</sup>

## REFERÊNCIAS

- 28 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva, Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:14 e 15, p. 1.760.
- 29 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. A volta de Jesus à Galileia, p. 763.

- 30 XAVIER, Francisco Cândido. *Irmão*. Pelo Espírito Emmanuel. São Paulo: IDEAL, 1980. cap. 12, p. 70-73.
- 31 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:16-20, p. 1.760.
- 32 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. *Evangelho de Marcos*, it. 1:16, p. 764.
- 33 BRUCE, F. F. *Comentário bíblico NVI. Antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. O Ministério na Galileia, p. 1.107.
- 34 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 153, p. 323-324.
- 35 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:21-31, p. 1.760-1.761.
- 36 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 23, it. 237, p. 259.
- 37 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Evangelho segundo Marcos, 1:21, p. 765.
- 38 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. O Ministério na Galileia – a expulsão do demônio, p. 1.107.
- 39 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 144.
- 40 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 28, it. 77, p. 368.

## DIVERSAS CURAS (MC 1:32-45)

A missão de Jesus começa com uma pregação na sinagoga de Cafarnaum, seguida de diversas curas de enfermidades psíquicas (obsessões) e do corpo físico na própria sinagoga, na casa de Pedro e alhures.

### 4.1 DIVERSAS CURAS (MC 1:32-34)<sup>41</sup>

<sup>32</sup>Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. <sup>33</sup>E a cidade inteira aglomerou-se à porta. <sup>34</sup>E ele curou muitos doentes de diversas enfermidades e expulsou muitos demônios. Não consentia, porém, que os demônios falassem, pois sabiam quem era ele.

O texto de Marcos destaca que Jesus curou enfermos e endemoniados, fato que nos permite deduzir que havia doentes do corpo e do espírito. Ao logo dos três anos consecutivos, Jesus curou muitas pessoas, fato que é registrado pelos autores dos evangelhos e de diversos livros do Novo Testamento.

Na narrativa combinada dos quatro evangelhos, há cerca de duas dúzias de histórias sobre a cura de indivíduos ou de pequenos grupos. Alguns foram curados a distância, alguns com uma palavra, mas sem qualquer contato físico, alguns mediante toque físico e alguns com contatos físicos e “meios”, isto é, o emprego de barro misturado com saliva, que era um remédio popular para a cegueira naqueles tempos (Mc 8:23; Jo 9:6) e para a surdez (Mc 7:32-35) [...].<sup>42</sup>

Segundo o Espiritismo, há uma categoria de médiuns denominada *médiuns curadores* que possuem a disposição natural de doar fluidos com poder de cura, beneficiando os enfermos: “Diremos apenas que esse gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação [...]”.<sup>43</sup> Mas, poderíamos qualificar Jesus como médium?

Agiria como *médium* nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, visto que o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados; ora, o Cristo não precisava de assistência, pois que era Ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como, em certos casos, o podem fazer os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, aliás, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? se porventura Ele recebia algum influxo estranho, esse só de Deus lhe poderia vir. Segundo definição dada por um Espírito, Ele era *médium de Deus*.<sup>44</sup>

Nos versículos 32 e 33, Marcos assinala: <sup>32</sup>Ao entardecer, quando o sol se pôs, trouxeram-lhe todos os que estavam enfermos e endemoninhados. <sup>33</sup>E a cidade inteira aglomerou-se à porta”. Há explicações para o registro do evangelista, segundo a tradição do Judaísmo:

O descanso sabático terminava com o pôr do sol no sábado. Marcos diz que a ação ocorreu “depois que o sol se pôs”, para sabermos que o sábado havia acabado, pois carregar alguém seria uma violação desse dia sagrado. O vilarejo inteiro reúne-se “à porta da casa”, porque a maioria das casas em volta de Cafarnaum só tinha um cômodo, e mesmo as casas maiores não podiam acomodar muitas pessoas [...].<sup>45</sup>

Para o Espiritismo todas as enfermidades e todos os males que atingem o ser humano têm origem na imperfeição do Espírito e estão, portanto, radicados na alma. Muitos dos males, apresentados na forma de doenças, em geral, têm origem nas ações cometidas pelo Espírito no passado, em vidas anteriores. Outras decorrem de atos praticados na existência atual, como Allan Kardec esclarece:

As vicissitudes da vida são de duas espécies, ou se quisermos, têm duas fontes bem diferentes que importa distinguir. Uma têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida. Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e da conduta dos que os suportam.

[...]

Os males dessa natureza fornecem, seguramente, um notável contingente nas vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar pelo seu aprimoramento moral, tanto quanto o faz pelo seu melhoramento intelectual [...].<sup>46</sup>

Outro ponto que não deve passar despercebido está relacionado à ação curativa de Jesus que se manifestava de imediato. É necessário considerar que as coisas assim aconteciam em razão da superioridade do Cristo, moral e intelectual, somada à qualidade excepcional dos seus fluidos e o grande

amor devotado ao próximo. Jesus agia diretamente nas causas geradoras dos males que atingiam o sofredor. Além do mais, e é importante enfatizar, Jesus não derogou as manifestações da Justiça Divina, expressas na Lei de Causa e Efeito. Em outras palavras, Ele curava os indivíduos que já se encontravam em processo de cura, cujos débitos contraídos estavam em fase de quitação. Há, ainda, outra possibilidade: os doentes curados podiam representar um grupo de Espíritos que tinham escolhidos as provações como meios de acelerar a própria melhoria espiritual, não porque tinham cometido delitos no passado ou no presente.

Não se deve crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo seja necessariamente indício de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas escolhidas pelo Espírito para concluir a sua depuração e acelerar o seu adiantamento. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Contudo, provas e expiações são sempre sinais de relativa inferioridade, porque o que é perfeito não precisa ser provado. Um Espírito pode, pois, ter adquirido certo grau de elevação, mas, desejando adiantar-se mais, solicita uma missão, uma tarefa a executar, pela qual será tanto mais recompensado, se sair vitorioso, quanto mais penosa haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parecem nada haver trazido de mau das existências anteriores e que sofrem, com resignação cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus para suportá-las sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação, mas é indício de que foi escolhida voluntariamente, e não imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso.<sup>47</sup>

## 4.2 JESUS DEIXA SECRETAMENTE CAFARNAUM E PERCORRE A GALILEIA (MC 1:35-39)<sup>48</sup>

<sup>35</sup>De madrugada, estando ainda escuro, Ele levantou e retirou-se para um lugar deserto e ali orava. <sup>36</sup>Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos. <sup>37</sup>e, quando o acharam, disseram-lhe: “Todos te procuram”. <sup>38</sup>Disse-lhes: “Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu saí”. <sup>39</sup>E foi por toda a Galileia, pregando em suas sinagogas e expulsando os demônios.

Em razão do aglomerado de pessoas que buscavam Jesus para aliviar-lhes os sofrimentos físicos e espirituais, era comum Jesus afastar-se da multidão e, a sós, se deslocar para locais isolados onde podia orar ou meditar sem interrupções.

A multidão traz outro problema: seria quase impossível encontrar um lugar para ficar sozinho nessas cidades antigas de ruas estreitas e em que, às vezes, dez ou vinte pessoas viviam em casas comuns de um cômodo; a maioria dos quarteirões do vilarejo consistia em quatro casas que davam para o mesmo pátio. A população da Galileia era grande, e os vilarejos costumavam ser próximos uns dos outros. Era possível encontrar um lugar solitário nas montanhas fora do vilarejo se a pessoa acordasse bem cedo. A população se levantava para trabalhar assim que o sol nascia; Jesus, portanto, precisava levantar antes da alvorada para sair e achar um local solitário onde pudesse orar.<sup>49</sup>

Justifica-se, portanto, porque Jesus sai secretamente de Cafarnaum. Aliás, desde a meninice, Jesus tinha o hábito de se distanciar da multidão e desaparecer da vista dessa. Daí a preocupação dos discípulos que ainda não estavam habituados a esse comportamento usual do Mestre, assim registrado por Marcos: “Simão e os seus companheiros o procuravam ansiosos e, quando o acharam, disseram-lhe: ‘Todos te procuram’ (Mc 1:36-37). Em resposta à preocupação manifestada, Jesus convida Simão Pedro e outros discípulos dizendo: “Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que Eu saí” (Mc 1:38). A frase *vamos* “a outros lugares, às aldeias da vizinhança”, indica que, a despeito dos acontecimentos se espalharem rapidamente, especialmente os mais recentes relacionados às curas de Jesus, visto que havia uma contínua movimentação de pessoas, “[...] ao que tudo indica, eram lugares em que não se havia ouvido falar de Jesus. Provavelmente, ele teria atraído multidões enormes nas sinagogas nos dias comerciais e no sábado, bem como no final da tarde e no início da noite, quando os trabalhadores haviam terminado o seu dia de trabalho”.<sup>50</sup>

Emmanuel se detém na decisão de Jesus de buscar outros lugares para estender a sua pregação, ao evidenciar ideias que, no primeiro momento, nos escapam, como lemos em:

#### 4.2.1 PREGAÇÕES<sup>51</sup>

*E Ele lhes disse: Vamos às aldeias vizinhas para que eu ali também pregue; porque para isso vim.* – JESUS (Marcos, 1:38).

Nesse versículo de Marcos, Jesus declara ter vindo ao mundo para a pregação. Todavia, como a significação do conceito tem sido erroneamente interpretada, é razoável recordar que, com semelhante assertiva, o Mestre incluía no ato de pregar todos os gestos sacrificiais de sua vida.

Geralmente, vemos na Terra a missão de ensinar muito desmoralizada.

A ciência oficial dispõe de cátedras, a política possui tribunas, a religião fala de púlpitos. Contudo, os que ensinam, com exceções louváveis, quase sempre se caracterizam por dois modos diferentes de agir. Exibem certas atitudes quando pregam, e adotam outras quando em atividade diária. Daí resulta a perturbação geral, porque os ouvintes se sentem à vontade para mudar a *roupa do caráter*.

Toda dissertação moldada no bem é útil. Jesus veio ao mundo para isso, pregou a verdade em todos os lugares, fez discursos de renovação, comentou a necessidade do amor para a solução de nossos problemas. No entanto, misturou palavras e testemunhos vivos, desde a primeira manifestação de seu apostolado sublime até a cruz. Por pregação, portanto, o Mestre entendia igualmente os sacrifícios da vida. Enviando-nos divino ensinamento, nesse sentido, conta-nos o Evangelho que o Mestre vestia uma túnica sem costura na hora suprema do Calvário.

### 4.3 A CURA DE UM LEPROSO (MC 1:40-45)<sup>52</sup>

<sup>40</sup>Um leproso foi até ele, implorando-lhe de joelhos: “Se queres, tens o poder de purificar-me”. <sup>41</sup>Movido de compaixão, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Eu quero, sê purificado”. <sup>42</sup>E logo a lepra o deixou. E ficou purificado. <sup>43</sup>Advertindo-o severamente, despediu-o logo, <sup>44</sup>dizendo-lhe: “Não diz nada a ninguém; mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece por tua purificação o que Moisés prescreveu, para que lhes sirva de prova”. <sup>45</sup>Ele, porém, assim que partiu, começou a proclamar ainda mais e a divulgar a notícia, de modo que Jesus já não podia entrar publicamente numa cidade: permanecia fora, em lugares desertos. E de toda parte vinham procurá-lo.

O estudioso e professor Russell Norman Champlin (Salt Lake City/ USA, 1933 – Guaratinguetá-SP/BR – 2018) recorda o peso que o hanseniano, vulgarmente denominado leproso, trazia: a) uma doença grave, mutiladora que não permitia ao enfermo conviver com a família e amigos; b) a hanseníase ou Mal de Hansen era considerada uma doença que acometia somente a pecadores que, cotidianamente, eram rejeitados, alvo de toda sorte de preconceitos, desrezos e abandonos. Por esses motivos foi que o doente pediu a Jesus para purificá-lo (Um leproso foi até Ele, implorando-lhe de joelhos: “Se queres, tens o poder de purificar-me” – Mc 1:40). Ou seja, pediu para libertá-lo do pecado.

A narrativa aqui é mais vívida do que a de seu paralelo de Mateus. Aqui o leproso se ajoelha, mostrando a intensidade de sua busca, a humildade com que veio. Ambas as narrativas mostram a completa fé do leproso. Seu corpo estava invadido por uma doença incurável, mas nada havia de errado com a força de sua fé. O leproso ouvira sobre o grande poder de Jesus. Sem dúvida,

muitos milagres houve durante aquele circuito pela Galileia (ver Mc 1:39); mas esse, por ser notável, foi usado como *mostra* do que Jesus podia fazer e do que ele realmente fez.

[...]

Já que a lepra era um tipo de pecado, era considerada imunda, sendo muito temida, por ser incurável. Outrossim, os leprosos não eram *limpos* para a adoração religiosa, não podendo participar dela publicamente.<sup>53</sup>

O Mestre Amado demonstra, uma vez mais, imenso amor pela dor do sofredor, como declara o evangelista Marcos: “Movido de compaixão, estendeu a mão, toucou-o e disse-lhe: ‘Eu quero, sê purificado’” (Mc 1:41).

O Espírito Amélia Rodrigues transmite informações atribuídas a Jesus, colhidas no grande acervo do Mundo Maior, que esclarece a respeito das causas que originaram a hanseníase naquele enfermo e porque o Mestre Nazareno o curou:

E esclarecendo melhor os discípulos incipientes, [Jesus] prosseguiu:

– O leproso de hoje contaminou-se espiritualmente em pretérito próximo. Ontem, soberbo e egoísta, banhou-se nas lágrimas dos oprimidos, abusando do corpo como os ventos bravios nas tamareiras solitárias. Retornou aos caminhos de tormento em si mesmo atormentado, para ressarcir penosamente. O legado que hoje recebeu é de responsabilidade antes que de merecimento. O Pai Misericordioso não deseja a punição do filho rebelde e ingrato, mas a sua renovação...

Como se consultasse o leve ciclo da noite, arrematou com um acento de tristeza na voz:

– Nem todos, porém, podem isso compreender.

Nesse momento, apalpando as carnes refeitas, exhibe o corpo aos curiosos e fala sobre Aquele a quem desconhece com alegria e leviandade. A cura mais importante não a experimentou: é aquela que não se restringe à forma, e sim, ao Espírito. Lavada a *morfeia* [outro nome popular da hanseníase], ele continua leproso. Acautelai-vos do contágio das misérias que os olhos não veem, mas que entenebrece a razão e perturbam o coração...

Simão, desejando mais esclarecimentos, inquiriu com respeito:

– Rabi, se o doente não pôde se beneficiar com a cura, ter-lhe-ia sido essa de utilidade?

– Simão – respondeu, bondoso, Jesus –, o Reino dos Céus é uma mensagem de amor para todos [...]. A Nós compete espalhar as dádivas de luz e bênçãos, sem preocupação imediata de como serão recebidas ou utilizadas. Cada coração é responsável pelas sementes que recolhe [...].<sup>54</sup>



Observações: Para mais informações sobre hanseníase, sugerimos ao leitor reportar-se a:

- » *O evangelho redivivo*: estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus. Livro II. Brasília: FEB, tema 27.
- » Organização Pan-Americana de Saúde/OPAS. *Hanseníase*. [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=419:hanseníase&Itemid=463](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=419:hanseníase&Itemid=463)
- » Organização Mundial da Saúde/OMS (World Health Organization/WHO) - Estratégia Global 2016-2020 <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/208824/9789290225201-pt.pdf>

## REFERÊNCIAS

- 41 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:32-34, p. 1.761.
- 42 DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário da bíblia*. 3. ed. Trad. João Bentes. São Paulo: Vila Nova, 2006. it. b – Curas milagrosas nos Evangelhos, p. 362.
- 43 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 14, it. 175, p. 180.
- 44 \_\_\_\_\_. *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 2, p. 265.
- 45 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 1:32-34, p. 149.
- 46 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 5, it. 4, p. 74-75.
- 47 \_\_\_\_\_. cap. 5, it. 9, p. 78-79.
- 48 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 1:35-39, p. 1.761.
- 49 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia*. Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 1:35-39, p. 149.
- 50 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 1:38-39, p. 149.

- 
- 51 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 38.
- 52 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 1:40-45, p. 1.761.
- 53 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Evangelho de Marcos, 1:40, p. 769.
- 54 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 13, p. 149-150.

# CURA DE UM PARALÍTICO (MC 2:1-14)

Jesus retorna a Cafarnaum depois de pregar o Evangelho em diferentes localidades e continua a realizar inúmeras curas. Em Cafarnaum, uma multidão o cerca para ouvi-Lo falar a respeito da Palavra de Deus. E o Cristo fala com autoridade, sem vacilações, enfatizando a necessidade de atualizar a interpretação da Lei de Moisés com base nos princípios do amor, justiça e verdade.

## 5.1 CURA DE UM PARALÍTICO (MC 2:1-12)<sup>55</sup>

<sup>1</sup>Entrando de novo em Cafarnaum, depois de alguns dias souberam que Ele estava em casa. <sup>2</sup>E tantos foram os que se aglomeraram, que já não havia lugar nem à porta. E anunciava-lhes a Palavra. <sup>3</sup>Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. <sup>4</sup>E como não pudessem aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde Ele se encontrava e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. <sup>5</sup>Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. <sup>6</sup>Ora, alguns dos escribas que lá estavam sentados refletiam em seus corações: <sup>7</sup>“Por que está falando assim? Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados a não ser Deus?” <sup>8</sup>Jesus imediatamente percebeu em seu Espírito o que pensavam em seu íntimo, e disse: “Por que pensais assim em vossos corações? <sup>9</sup>O que é mais fácil dizer ao paralítico: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’ <sup>10</sup>Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar pecados na terra, <sup>11</sup>eu te ordeno — disse ele ao paralítico —, levanta-te, toma o teu leito e vai para a tua casa”. <sup>12</sup>O paralítico levantou-se e, imediatamente, carregando o leito, saiu diante de todos, de sorte que ficaram admirados e glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos coisa igual!”

Jesus promoveu, incessantemente, um embate contra o mal desde a sua primeira pregação na sinagoga de Cafarnaum, ao curar um endemoniado na própria igreja. Depois, toca em leproso para limpá-lo da enfermidade, e, quando da cura do paralítico, como consta aqui, no relato por Marcos,

ele declara ter autoridade para perdoar os males. Os escribas e religiosos se rebelam e afirmam que ele proferia blasfêmias!<sup>56</sup>

Refletimos como deve ter sido desafiante a missão de Jesus, no combate à ignorância que jazia na mente dos religiosos daquela época (e das épocas posteriores), que, presos à zona de conforto psíquico, não se abriam para o conhecimento e entendimento mais amplo da Lei de Deus. Preferiam se manter limitados à interpretação literal dos ensinamentos, aos rituais e manifestações externas de culto. Ainda hoje, mesmo no meio espírita que procura enfatizar o entendimento das Leis Divinas, despojado do simbolismo, ainda estão em evidência o personalismo doentio, a necessidade de aplausos, a busca por fenômenos, posições e cargos, esquecendo que o Evangelho é luz interna, de amor e de esclarecimento.

O Evangelho de Jesus deixa evidente que, para alcançarmos o caminho da felicidade verdadeira (ou Reino dos Céus), é preciso sabermos distinguir o que é humano e o que é Divino: “O objeto da Religião [a que liga a criatura ao Criador] não é, como supõem os credos religiosos, separar o humano do Divino: é aperfeiçoar o humano até que ele se divinize. Não é menoscar ou destruir a matéria, mas submetê-la ao império do Espírito”.<sup>57</sup> E Vinícius prossegue com seus sábios esclarecimentos revelando, em parte, a forma de agir do Mestre Nazareno:

As religiões pretendem estabelecer uma linha de separação entre aquilo que se convencionou denominar humano e aquilo que se conhece como Divino. Para as religiões, o humano é o natural, e o Divino é o sobrenatural. Há em tudo isto, certamente, um mal-entendido, sendo mesmo um erro de apreciação que deve ser reparado.

Se considerarmos como humano — o que os homens costumam desnaturar e corromper —, estamos de pleno acordo. Neste particular não há só uma linha, mas um abismo de separação entre o que é do homem e o que é de Deus. Mas, se compreendermos por humano o que é natural ou da Natureza, não há nenhuma linha de distinção entre o humano e o Divino. Em resumo: tudo o que é natural é divino. A Natureza mesma é divina em todas as suas manifestações. Nosso corpo é humano e é divino ao mesmo tempo, porque é obra de Deus. Nada há no Universo infinito que não proceda do Supremo Arquiteto: logo, tudo é divino.

[...]

Jesus — o Divino entre os divinos — não menosprezou o corpo. Ele é o Verbo que se fez carne e habitou entre os homens. Não se sentiu diminuído em se dizer — Filho do Homem. Jamais aconselhou o abandono do corpo aos males que o danificam. Os leprosos, cobertos de chagas pútridas, não causavam

repugnância ao Enviado celeste. Sobre essas pústulas asquerosas o Cristo de Deus impunha suas mãos e as sarava prontamente. A pureza vencia as impurezas, mostrando na carne a obra que devia também ser feita no Espírito. Nem mesmo a matéria em decomposição inspirava asco ao Filho de Deus. [...] <sup>58</sup>

A cura do paralítico de Cafarnaum entrou para a história como exemplo de superação de obstáculos e pelo poder intercessório de pessoas amigas. A intercessão em benefício de alguém, o serviço ao semelhante com intenção de auxiliá-lo representa a verdadeira prática do amor. É possível dizer que o auxílio prestado pelos amigos do paralítico equivale à fé do enfermo, que se encontrava preso e imobilizado em um leito, como afirma esta passagem de *Marcos*:

Entrando de novo em Cafarnaum, depois de alguns dias souberam que Ele estava em casa. E tantos foram os que se aglomeraram, que já não havia lugar nem à porta. E anunciava-lhes a Palavra. Vieram trazer-lhe um paralítico, transportado por quatro homens. E como não pudessem aproximar-se por causa da multidão, abriram o teto à altura do lugar onde Ele se encontrava e, tendo feito um buraco, baixaram o leito em que jazia o paralítico. Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: “Filho, teus pecados estão perdoados” (Mc 2:1-5).

A intercessão dos amigos, encarnados e desencarnados, manifestada em decorrência de um pedido de auxílio, de uma prece ou súplica, é realidade conhecida que muito nos tem poupado os sofrimentos, e nos faz crer na bondade humana:

A súplica da intercessão é dos mais belos atos de fraternidade e constitui a emissão de forças benéfica e iluminativas que, partindo do espírito sincero, vão ao objetivo visado por abençoada contribuição de conforto e energia. Isso não acontece, porém, a pretexto de obséquio, mas em consequência de leis justas. O homem custa a crer na influência das ondas invisíveis do pensamento, contudo o espaço que o cerca está cheio de sons que os seus ouvidos não registram; só admite o auxílio tangível, no entanto, na própria natureza física, veem-se árvores venerandas que protegem e conservam ervas e arbustos, a lhes receberem as bênçãos da vida, sem lhes tocarem jamais as raízes e os troncos. Não olvides os bens da intercessão.

Jesus orou por seus discípulos e seguidores nas horas supremas.<sup>59</sup>

Emmanuel analisa a situação e nos faz refletir a respeito da persistência demonstrada pela fé em:

### 5.1.1 O PARALÍTICO<sup>60</sup>

E não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, destelharam a casa onde Jesus estava e, feita uma abertura, baixaram o leito em que jazia o paralítico (*Marcos*, 2:4).

Muitas pessoas confessam sua necessidade do Cristo, mas frequentemente alegam obstáculos que lhes impedem a sublime aproximação.

Uns não conseguem tempo para a meditação, outros experimentam certas inquietudes que lhes parecem intermináveis.

Todavia, para que nos sintamos na vizinhança do Mestre, como legítimos interessados em seus benefícios imortais, faz-se imprescindível estender a capacidade, dilatar os recursos próprios e marchar ao encontro dele, sob a luz da fé viva.

Relata-nos o *Evangelho de Marcos* a curiosa decisão do paralítico que, localizando a casa em que se achava o Senhor, plenamente sitiada pela multidão, longe de perder a oportunidade, amparou-se no auxílio dos amigos, deixando-se resvalar por um buraco, levado a efeito no telhado, de maneira a beneficiar-se no contacto do Salvador, aproveitando fervorosamente o ensejo divino.

Recorda o paralítico de Cafarnaum e, na hipótese de encontrares grandes dificuldades para gozar a presença do Cristo, pelos teus impedimentos de ordem material, dirige-te para o Alto, com o amparo de teus amigos espirituais, e deixa-te cair aos Seus pés divinos, recebendo forças novas que te restabeleçam a paz e o bom ânimo.

Allan Kardec analisa com propriedade o significado das palavras de Jesus ao se deparar com a tamanha manifestação da fé do paralítico: “Jesus, vendo sua fé, disse ao paralítico: ‘Filho, teus pecados estão perdoados’ (Mc 2:5).

Que podiam significar aquelas palavras: “teus pecados estão perdoados” e em que podiam elas influir para a cura? o Espiritismo lhes dá a explicação, como a uma infinidade de outras palavras incompreendidas até hoje. Ele nos ensina, por meio da pluralidade das existências, que os males e aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, bem como que sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em existência anterior, até que tenhamos pago a dívida de nossas imperfeições, pois as existências são solidárias umas com as outras.

Se, portanto, a enfermidade daquele homem era uma expiação do mal que ele praticara, ao dizer-lhe Jesus: Teus pecados te são perdoados, é como se lhe tivesse dito: “Pagaste a tua dívida; a fé que agora possuis anulou a causa da tua enfermidade; em consequência, mereces ficar livre dela”. Daí o haver dito aos escribas: “Tão fácil é dizer: teus pecados te são perdoados, como: levanta-te e anda”. cessada a causa, o efeito tem que cessar; é justamente o caso do prisioneiro a quem se declara: “Teu crime está expiado e perdoado”, o que equivaleria a lhe dizer: “Podes sair da prisão”.<sup>61</sup>

## 5.2 O CHAMADO DE LEVI (MC 2:13 E 14)<sup>62</sup>

<sup>13</sup>E tornou a sair para a beira-mar, e toda a multidão ia até Ele; e Ele os ensinava. <sup>14</sup>Ao passar, viu Levi, o filho de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: “Segue-me”. Ele se levantou e o seguiu.

O *chamado* ou *vocação de Levi* (mais conhecido como Mateus) revela a heterogeneidade do colégio apostolar e a intenção do Mestre Jesus de não discriminar ninguém. Levi ou Mateus, filho de Alfeu, portanto irmão de Tiago Menor, era um coletor de impostos, profissão desprezada pelos judeus porque eram agentes de César, o poder invasor na Palestina. Por ordem de Herodes Antipas, ele estava alocado em Cafarnaum, uma cidade marítima no mar da Galileia, na Palestina:

Como Levi ocupava um cargo em Cafarnaum, muitos estudiosos conjecturaram que ele era um agente aduaneiro, isto é, cobrava taxas de importação sobre produtos que passavam pela cidade, a qual ficava próxima de rotas comerciais importantes. É possível, mas o desprezo de outros (Mc 2:16) indica provavelmente que ele era coletor de impostos gerais, a serviço de Herodes Antipas. De todo modo, muito mais que os pescadores, Levi tem um emprego seguro e próspero e o abandona para seguir o chamado de Jesus.

[...]

Mesmo que Levi tenha sido um cobrador de impostos valioso para aquele lugar, a narrativa [de Marcos] mostra que ele é considerado corrupto. A aristocracia municipal apoiava o interesse romano contrário aos interesses dos judeus pobres.

[...]

Muitos religiosos desprezavam os coletores de impostos, vendo-os como colaboradores dos romanos ou agentes das aristocracias opressoras aliadas a Roma [...].<sup>63</sup>

O fato de alguém exercer uma profissão desprezada, como no caso da de Mateus, não significa que ele, efetivamente, era corrupto. O certo é que Jesus conhecia Levi e, por saber das suas disposições íntimas para o bem, convidou-o a fazer parte do colégio epistolar. Mateus sempre se revelou como discípulo fiel, não há a menor dúvida a respeito. Eis o que Emmanuel tem a dizer, com sabedoria em

### 5.2.1 SEGUE-ME! E ELE O SEGUIU...<sup>64</sup>

*E passando, viu Levi, filho de Alfeu e disse-lhe: — Segue-me. E, levantando-se, o seguiu – (Marcos, 2:14).*

É interessante notar que, por todos os recantos onde Jesus deixou o sinal de sua passagem, houve sempre grande movimentação no que se refere ao ato de levantar e seguir.

André e Tiago deixam as redes para acompanhar o Salvador. Mateus levanta-se para segui-lo.

Os paralíticos que retomam a saúde se erguem e andam. Lázaro atende-lhe ao chamamento e levanta-se do sepulcro. Em dolorosas peregrinações e profundos esforços da vontade, Paulo de Tarso procura seguir o Mestre Divino, entre açoites e sofrimentos, depois de se haver levantado, às portas de Damasco. Numerosos discípulos do Evangelho, nos tempos apostólicos, acordaram de sua noite de ilusões terrestres, ergueram-se para o serviço da redenção e demandaram os testemunhos santificados no trabalho e no sacrifício.

Isso constitui um acervo de lições muito claras ao espírita religioso dos últimos tempos.

A maioria dos cristãos vai adotando, em quase todos os seus trabalhos, a lei do menor esforço. Muitos esperam pela visita pessoal de Jesus no conforto das poltronas acolhedoras; outros fazem preces por intermédio dos discos. Há os que desejam comprar a tranquilidade celeste com as espórtulas generosas, como também os que, sem nenhum trabalho em si próprios, aguardam intervenções sobrenaturais dos mensageiros do Cristo pelo bem-estar de sua vida. Pergunta a ti mesmo se estás seguindo a Jesus ou apenas às normas do culto externo do teu modo de filiação ao Evangelho. Isso é muito importante, porque levantar e renovar-se ainda é o nosso lema.

## REFERÊNCIAS

- 55 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 2:1-12, p. 1.761-1.762.
- 56 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia. V. Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 2:1-12, p. 150.
- 57 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. O humano e o divino.
- 58 \_\_\_\_\_. Id., p. 35-36.
- 59 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 17, p. 47- 48.
- 60 \_\_\_\_\_. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 118.
- 61 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 15, p. 271.
- 62 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 2:13 e 14, p. 1.762.



- 63 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia. V. Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2017. it. KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia. V. Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 2:15-16, p. 150.
- 64 XAVIER, Francisco Cândido. *Segue-me!... Pelo Espírito Emmanuel.* 2. ed. Matão: O Clarim, 1973. cap. Segue-me! E ele o seguiu..., p. 1-2.

## REFEIÇÃO COM OS PECADORES (MC 2:15-28)

O presente tema nos conduz à análise de dois acontecimentos que mereceram críticas veementes dos religiosos: (1) a presença de *pecadores* à refeição que Mateus (ou Levi) ofereceu para comemorar o chamamento que Jesus lhe fizera para participar como membro do grupo de discípulos; (2) a colheita de espigas de milho, no dia de sábado, para os discípulos se alimentarem. Intermedeia ambos os acontecimentos uma breve discussão sobre o jejum, prática usual das diferentes religiões, cristãs e não cristãs.

### 6.1 REFEIÇÃO COM PECADORES (MC 2:15-17)<sup>65</sup>

<sup>15</sup>Aconteceu que, estando à mesa, em casa de Levi, muitos publicanos e pecadores também estavam com Jesus e os seus discípulos; pois eram muitos que o seguiam. <sup>16</sup>Os escribas dos fariseus, vendo-o comer com os pecadores e os publicanos, diziam aos discípulos dele: “Quê? Ele come com os publicanos e pecadores?” <sup>17</sup>Ouvindo isso, Jesus lhes disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores”.

A primeira providência de Levi (ou Mateus), após atender ao chamamento de Jesus, foi apresentá-lo aos seus amigos e pessoas com as quais convivia por força da sua profissão. Ofereceu, então uma refeição, possivelmente um jantar, onde estava presente um público heterogêneo composto de religiosos (escribas, fariseus, publicanos) e não religiosos denominados *pecadores*.

Quem seria, afinal, esses pecadores, descortemente criticados publicamente por membros do clero e do sinédrio? A categoria de pecadores era bastante vasta, segundo a elite dominante, de religiosos e de não religiosos: judeus que não frequentavam a sinagoga; os que davam pouca ou nenhuma importância aos ritos e cultos do judaísmo; os que foram expulsos das sinagogas, gentios (os não judeus), além, obviamente, de pessoas do povo: o

próprio Jesus, filho de um carpinteiro, os quatro pescadores (Simão Pedro, João, Tiago e André] e seus amigos, assim como os seguidores de João Batista etc [...].<sup>66</sup> Algumas considerações merecem ser destacadas, relativas ao banquete oferecido por Mateus:

[...] Muito provavelmente a casa de Levi era ponto de reunião favorito da classe dos coletores. E Jesus foi até ali a fim de aprimorar aqueles homens, embora tenha sido severamente criticado por isso.

Nenhum bom fariseu teria sido apanhado nessa companhia. Jesus mostrou uma atitude deveras revolucionária para com essas classes. Seus associados, alguns deles, eram pecadores desabridos [insolentes ou rudes de caráter]; mas ele não se contaminou com o modo de eles viverem; antes, os fez abandonar o seu estilo de vida [...].<sup>67</sup>

Por certo, Jesus sabia com antecedência que público iria encontrar na comemoração oferecida por Mateus. Aproveitou, então, o ensejo para ensinar princípios de conduta definidos pelo Evangelho, conduta – diga-se de passagem – que ainda se repete nos dias atuais e que deve merecer reflexão mais aprofundada dos representantes e adeptos das igrejas, na atualidade, como assevera Champlin:

Jesus sabia atrair os irreligiosos. Aquela refeição pareceu distante da vida comum das nossas igrejas. Hoje em dia, os paralelos modernos dos *coletores* e *pecadores* não se vêm sentar-se em grande número com os membros da igreja. Mostram-se distantes, desinteressados e sem conforto no ambiente eclesiástico. É perturbador pensar que a própria classe sobre a qual Jesus exercia tanta atração se faz conspicuamente ausente de nosso mundo eclesiástico. [...]

Sim, por que Jesus atraía aquela gente? Ele tinha uma profunda e genuína simpatia pelos homens de todas as classes. E isso atraía os homens. Ele não ficava distante, usando maneiras artificiais para com eles. Contudo, nós simpatizamos com os que têm natureza similar à nossa, que compartilham de idênticos interesses. Nossa simpatia é egoísta. A simpatia de Jesus era aberta e altruísta [...].<sup>68</sup>

Jesus fora severamente criticado pelos escribas e fariseus pelo fato de pregar o Evangelho do Reino e, ao mesmo tempo, convier com *pecadores*. É notória a contradição: os homens que tinham por missão pregar a Lei de Deus discriminavam os que não pensavam ou agiam como eles, desprezando-os, invés de acolhê-los e tentar conduzi-los a um melhor entendimento. Quando Jesus acolhe a todos, é criticado pelos representantes do clero. Ora, está claro que, com essa atitude, os religiosos primavam pelas manifestações de cultos externos, em detrimento do conhecimento e vivência dos princípios espirituais oferecidos pela Religião.

Precisamos refletir um tanto mais a respeito do assunto, certificando se não estaríamos repetindo ações semelhantes, mesmo na Casa Espírita que propõe despojamentos de ritos, sacramentos, hierarquia sacerdotal, entre outros. A resposta de Jesus aos seus críticos ainda ecoa, ao longo dos milênios até nós, segundo o registro de Marcos: “Ouvindo isso, Jesus lhes disse: ‘Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Eu não vim chamar justos, mas pecadores’” (Mc 2:17). Emmanuel orienta-nos a respeito de como proceder em:

### 6.1.1 DOENÇA E REMÉDIO<sup>69</sup>

No trato com as chagas da ignorância, na esfera da Humanidade, quais sejam a incompreensão e a vingança, a crueldade e a rebeldia, anotemos a conduta da Misericórdia Divina, no quadro das doenças terrestres.

Porque alguém acusa os reflexos tóxicos dessa ou daquela enfermidade. Não sofre condenação a permanente desajuste. Recebem a atenção da Ciência, que lhe examina as possibilidades de cura ou melhoria.

Porque o médico deve observar detritos corruptores, não lhe impele a saúde à perturbação e ao relaxamento. Dá-lhes luvas protetoras.

Porque processos infecciosos alteram a constituição celular nessa ou naquela parte da província corpórea, não sentencia a zona atacada a simples extirpação. Oferta-lhe recurso adequado para que elimine a infestação virulenta.

Se grandes lesões comparecem na estrutura do carro físico, ameaçando-lhes a segurança, traça o plano necessário à intervenção cirúrgica, mas não deixa o doente a insular-se no desespero, estendendo-lhe à dor o amparo da anestesia.

Se moléstias epidêmicas surgem, insidiosas, distribui a vacinação que susta o contágio.

Vemos que a Lei de Deus não se conforma com o mal; ao contrário, opõe-lhe a cada instante o socorro do bem.

Dessa forma, se os agentes da lama se te infiltram no passo, exibindo-te aos olhos perigosas ações de discórdia e infortúnio naqueles que mais amas, não podes realmente acomodar-te aos golpes com que te impulsionam à imersão na maldade, mas podes esparzir a água viva do amor, auxiliando em silêncio as vítimas do desequilíbrio que tombam sem saber que se arrastam no lodo.

Usa, pois, cada hora, a compaixão sem termos e o perdão sem limites, porque o próprio Jesus, perante os nossos males, exclamou, complacente: “Em verdade, eu não vim para curar os sãos”.

Recomendamos ao leitor leitura do tema 33, do livro II do programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*, que

analisa com mais detalhes o sentido de pecado/pecador; a crítica dirigida a Jesus pelos escribas e fariseus; a resposta dada por Jesus às críticas que lhe foram endereçadas.

## 6.2 DEBATE SOBRE O JEJUM (MC 2:18-22)<sup>70</sup>

<sup>18</sup>Os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando, e vieram dizer-lhe: “Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, e teus discípulos não jejuam?” <sup>19</sup>Jesus respondeu: “Podem os amigos do noivo jejuar enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo estiver com eles, não podem jejuar. <sup>20</sup>Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado; e então jejuarão naquele dia. <sup>21</sup>Ninguém, faz remendo de pano novo em roupa velha; porque a peça nova repuxa o vestido velho e o rasgo aumenta. <sup>22</sup>Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho estourará os odres, e tanto o vinho como os odres ficam inutilizados. Mas, vinho novo em odres novos!”

A questão a respeito do jejum é assunto que sempre é considerado quando se faz referências a práticas religiosas de qualquer culto religioso. Ao longo dos séculos, e ainda hoje em muitas comunidades cristãs e não cristãs, o jejum é entendido de forma literal: abster-se de ingestão de alimentos por períodos, mais ou menos longos. Contudo o verdadeiro jejum não visa o enfraquecimento das funções orgânicas (Que interesse Deus teria nessa atitude? pergunta-se). O verdadeiro jejum é renunciar às ações ilícitas, à prática do mal, manifestada sob qualquer forma e tipo.

Em termos da tradição do Judaísmo, que Jesus procurava aperfeiçoar, a prática do jejum era exagerada, mas muito entranhada na mentalidade dos religiosos e do povo. Jesus demonstrou, em diferentes ocasiões, que não dava muita importância a esse ritual, ainda que fosse exercitado por alguns dos seus discípulos e pelos seguidores de João Batista. O Mestre Nazareno procurava sempre destacar a necessidade da aquisição e desenvolvimento de valores espirituais, eternos e verdadeiros. Mas se hoje ainda há dúvidas a respeito, imagine-se naquela época!

A lei judaica exigia o jejum no Dia da Expição, também chamado Dia do Perdão ou *Yom Kippur* (ou também *Ioum Quipúr*), que é eterno, realizado uma vez a cada um ano, sendo uma das datas mais importantes do calendário judaico. Começa no crepúsculo do décimo dia do mês hebreu (que coincide com setembro, outubro ou novembro), continuando até ao seguinte no pôr do sol. Os judeus tradicionalmente observam esse feriado com um período de jejum de 25 horas e oração intensa.<sup>71</sup> Entretanto, “[...]a tradição judaica havia acrescentado muitos outros jejuns. Relata-se que os

fariseus jejuavam duas vezes por semana, sem água (ao menos na estação seca). Era comum associar a prática do jejum a oração ou a penitência [...].”<sup>72</sup>

Destaca-se nessa passagem de Marcos a pouca importância que Jesus dava ao jejum alimentar, em detrimento do jejum espiritual. Quando lhe perguntam por que os seus discípulos não jejuam:

Os discípulos de João e os fariseus jejuavam, e vieram dizer-lhe: “Por que os discípulos de João e os discípulos dos fariseus jejuam, e teus discípulos não jejuam?” Jesus respondeu: Podem os amigos do noivo jejuar enquanto o noivo está com eles? Enquanto o noivo estiver com eles, não podem jejuar. Dias virão, porém, em que o noivo lhes será tirado; e então jejuarão naquele dia” (Mc 2:18-20).

Quis Jesus utilizar-se de uma alegoria para explicar que, nas circunstâncias, o jejum não se aplicava, pois não havia justificativa para tal. Mas como o propósito do Cristo não era destruir a lei judaica, mas atualizá-la sob os ditames do Amor e da Razão, esclarece que certas práticas, por serem de natureza periféricas, devem ser modificadas, uma vez que “Ninguém, faz remendo de pano novo em roupa velha; porque a peça nova repuxa o vestido velho e o rasgo aumenta. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; caso contrário, o vinho estourará os odres, e tanto o vinho quanto os odres ficam inutilizados. Mas, vinho novo em odres novos!” (Mc 2:21-22). Ou seja, tecido novo em roupa velha produz desgaste e destruição do tecido mais rápido. O mesmo em relação ao vinho velho, que não deve ser misturado ao novo, pois irá azedá-lo.

As metáforas utilizadas por Jesus na mensagem evangélica relacionada ao tema jejum (o noivo, o remendo de pano velho em tecido novo ou a mistura do vinho novo ao velho) indica que certos comportamentos precisam ser integralmente modificados, tendo em vista o Espírito educado nas leis divinas, que não mistura velhos e novos hábitos. O processo educativo se manifesta, efetivamente, quando o indivíduo modifica comportamentos infelizes anteriormente utilizados.

É preciso não confundir instrução com educação. A educação abrange a instrução, mas pode haver instrução desacompanhada de educação. A instrução relaciona-se com o intelecto: a educação com o caráter. Instruir é ilustrar a mente com certa soma de conhecimentos sobre um ou vários ramos científicos. Educar é desenvolver os poderes do espírito, não só na aquisição do saber, como especialmente na formação e consolidação do caráter.

[...]

Convém acentuar aqui que a consciência religiosa corresponde, neste particular, ao fator principal na formação dos caracteres. Já de propósito usamos

a expressão — consciência religiosa — ao invés de religião, para que se não confundam ideias distintas entre si. Religiões há muitas, mas a consciência religiosa é uma só. Por essa designação, entendemos o império interior da moral pura, universal e imutável conforme foi ensinada e exemplificada por Jesus Cristo. A consciência religiosa, importa em um modo de ser, e não em um modo de crer.<sup>73</sup>

### 6.3 AS ESPIGAS ARRANCADAS (MC 2:23-28)<sup>74</sup>

<sup>23</sup>Aconteceu que, ao passar num sábado pelas plantações, seus discípulos começaram a abrir caminhos arrancando as espigas <sup>24</sup>Os fariseus disseram-lhe: “Vê! Como fazem eles o que não é permitido fazer no sábado?” <sup>25</sup>Ele respondeu: “Nunca lestes o que fez Davi e seus companheiros quando necessitavam e tiveram fome, <sup>26</sup>e como entrou na casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu dos pães da proposição, que só sacerdotes podem comer, e os deu também aos companheiros?” <sup>27</sup>Então lhes dizia: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; <sup>28</sup>de modo que o Filho do homem é senhor até do sábado”.

Temos aqui mais um confronto dos ensinamentos de Jesus com as tradições da religião judaica: realizar qualquer atividade no dia de sábado que pudesse ser caracterizada como trabalho ou louvor. A interpretação literal dos ensinamentos conduz, necessariamente, ao radicalismo (e até a manifestações de fanatismo). A despeito dos argumentos utilizados por Jesus, ao lembrar aos fariseus as ações do rei Davi quando ele e companheiros passaram por situação semelhante. Ora, se os discípulos estavam com fome, por que não se alimentar das espigas de milho existentes no campo? A situação, agora, era bem mais branda, se comparada com a que ocorreu a Davi que, ele e alguns discípulos, alimentaram-se dos *pães da proposição*, os que são colocados no templo como oferendas e que somente os sacerdotes poderiam se alimentar deles. Contudo, os representantes do clero, os fariseus, não deram ouvidos à voz da razão, repreendendo Jesus e os seus discípulos.

A resposta do Mestre Jesus permanece atual: Então lhes dizia: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado”. (Mc 2:27-28). Vemos, aqui e em outros momentos, que se tornavam cada vez mais comuns os conflitos interpretativos da Lei de Moisés, entre Jesus e as autoridades religiosas, que culminam na questão relacionada aos detalhes da observação do sábado. O texto de Marcos demonstra que as prioridades religiosas dos fariseus são diferentes das do Cristo. Para eles, aconteça o que acontecer, o sábado é dia dedicado à oração e devoção no templo. Nada mais é permitido fazer.

Contudo, Jesus, insiste em mostrar-lhes que há uma forma diferente de interpretar a questão, e portanto, de aplicá-la.

O ponto sensível aqui não foi apenas o relacionado às leis sabáticas não rigorosamente seguidas pelo Judaísmo. Verdade seja dita, havia vários motivos para os religiosos em geral, e em especial os orgulhosos fariseus, se indisporerem contra Jesus: primeiro, o Senhor reivindica para si o direito de perdoar os pecados (cura do paralítico), e outros poderes que os judeus entendiam que só Deus possuía. Segundo, Jesus se associava às classes humildes, inclusive na companhia de pecadores (ou assim definidos como tal); terceiro, o Mestre não obedecia às leis rígidas das práticas religiosas, declaradamente impostas pelos escribas e fariseus; por último, o Messias não observava as leis do sábado, a ponto de dizer que Ele, “o Filho do Homem é senhor até do sábado” (Mc 2:28).<sup>75</sup>

Por simples questão de convenções muitos desentendimentos têm ocorridos, inclusive portas adentro da casa Espírita. É preciso um certo grau de maturidade espiritual para saber separar o *joio do trigo*, como orienta Emmanuel em sua mensagem:

### 6.3.1 CONVENÇÕES<sup>76</sup>

“E disse-lhes: ‘O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.’ – JESUS (*Marcos*, 2:27).

O sábado, nesta passagem evangélica, simboliza as convenções organizadas para o serviço humano. Há criaturas que por elas sacrificam todas as possibilidades de elevação espiritual. Quais certos encarregados dos serviços públicos que adiam indefinidamente determinadas providências de interesse coletivo, em virtude da ausência de um selo minúsculo, pessoas existem que, por bagatelas, abandonam grandes oportunidades de união com a esfera superior.

Ninguém ignora o lado útil das convenções. Se fossem totalmente impertáveis, o Pai não lhes permitiria a existência no jogo das circunstâncias. São tabelas para a classificação dos esforços de cada um, tábuas que designam o tempo adequado a esse ou àquele mister; todavia, transformá-las em preceito inexpugnável ou em obstáculo intransponível constitui grave dano à tranquilidade comum.

A maioria das pessoas atende-as, antes da própria obediência a Deus; entretanto, o Altíssimo dispôs todas as organizações da vida para que ajudem a evolução e o aprimoramento dos filhos.

O próprio planeta foi edificado por causa do homem.

Se o Criador foi a esse extremo de solicitude em favor das criaturas, por que deixarmos de satisfazer-lhe os Divinos Desígnios, prendendo-nos às preocupações inferiores da atividade terrestre?



As convenções definem, catalogam, especificam e enumeram, mas não devem tyrannizar a existência. Lembra-te de que foram dispostas no caminho a fim de te servirem. Respeita-as, na feição justa e construtiva; contudo, não as convertas em cárcere.

## REFERÊNCIAS

- 65 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 2: 15-17, p. 1.762.
- 66 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 9: Jesus e os pecadores p. 360.
- 67 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 2:15, p. 775.
- 68 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 2:15, p. 775.
- 69 FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Reformador*. Rio de Janeiro: FEB, p. 114, maio de 1960.
- 70 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 2:18-22, p. 1.762.
- 71 *Yom Kipur*- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Yom\\_Kipur](https://pt.wikipedia.org/wiki/Yom_Kipur). Acesso em 13/1/2020.
- 72 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da Bíblia. Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 2:18-22, p. 151.
- 73 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. Instrução e Educação, p. 225- 226.
- 74 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 2:23-28, p. 1.762.
- 75 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 2:23, p. 778.
- 76 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 30, p. 73-74.

## CURA DO HOMEM COM A MÃO ATROFIADA (MC 3:1-19)

O estudo atual está focalizado em três registros do evangelista Marcos, que fazem referências à missão de Jesus no primeiro ano de pregação do seu Evangelho. No empenho de atualizar a normas estabelecidas pela Lei de Moisés, em sua maioria definida pelos anciãos, Jesus prossegue em sua árdua tarefa de abrir os olhos e o coração dos religiosos, em especial.

Os princípios da Lei de Moisés foram instituídos pelo *colégio de setenta anciãos* (Nm 11:16), ainda nos tempos pré-monárquicos de Israel, com a finalidade de definir as bases da organização da religião e da nação judaicas. Esses anciãos eram pessoas e autoridades que demonstravam possuir maior conhecimento e autoridade sobre o povo.

[O] ancião era o chefe de família extensa, tinha autoridade sobre ela e a representava em assembleias mais amplas. Esses anciãos atuavam sobretudo em nível local como juízes, líderes em batalhas e intermediários entre o povo e os seus líderes ou Deus.

[...]

No Novo Testamento, os *anciãos do povo* [como eram denominados] estão presentes ao longo de todos os evangelhos e dos atos dos apóstolos como líderes da comunidade judaica que frequentemente conferenciam com outros grupos e liderança e têm papel no julgamento dos crimes capitais [...].<sup>77</sup>

Com o surgimento do Cristianismo, seguem-se muitas diretrizes da tradição judaica, inclusive a formação do colégio dos anciãos. É por esse motivo que encontramos nos textos do Novo Testamento referência ao cargo dos anciãos. É relevante destacar que essa estrutura inspirou a organização hierarquizada do clero católico e a forma da igreja ser administrada. Com a instituição do Protestantismo, João Calvino (1509/França-1564/Suíça), um dos reformadores, impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores, e fez reviver as funções da figura do ancião, absorvidas pela Igreja Presbiteriana.<sup>78</sup>

## 7.1 CURA DO HOMEM COM A MÃO ATROFIADA (MC 3:1-6)<sup>79</sup>

<sup>1</sup>E entrou de novo na sinagoga, e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. <sup>2</sup>E o observavam para ver se o curaria no sábado, para o acusarem. <sup>3</sup>Ele disse ao homem da mão atrofiada: “Levanta-te e vem aqui para o meio”. <sup>4</sup>E perguntou-lhes: “É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?” Eles, porém, se calavam. <sup>5</sup>Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do coração deles, disse ao homem: “Estende a mão”. Ele a estendeu, e sua mão estava curada. <sup>6</sup>Ao se retirarem, os fariseus com os herodianos imediatamente conspiraram contra ele sobre como o destruiriam.

A crítica de que Jesus fazia ao clero judaico se estendia também a então denominada *tradição dos anciãos* porque ela estava muito vinculada às ações dos fariseus, impregnadas de culto externo e rituais.<sup>80</sup> Sendo assim, os anciãos não exerciam com a devida prudência o papel que lhes cabia de agir como mediadores e esclarecedores dos preceitos da Torah. A violação das regras estabelecidas para o dia de sábado, por Jesus e seus discípulos, foi considerada algo muito grave, ainda que houvesse a justificativa de fazer o bem. Assim, a declaração de Jesus em *Marcos, 2:27-28* (Então lhes dizia: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; de modo que o Filho do Homem é senhor até do sábado”), anteriormente estudada, foi motivo de grande desentendimento com os escribas e fariseus, mas também com os anciãos, pois foram eles que instituíram as regras sabáticas de não ser realizado qualquer tipo de trabalho/labor nesse dia:

Os fariseus na sinagoga reconheciam plenamente que Cristo tinha a capacidade de curar o homem com a mão atrofiada; o seu único interesse era ver se Ele iria fazê-lo no sábado, pois na sua concepção, isso era *trabalhar*. [...] Assim, depois de Jesus ter curado o homem, eles decidem matar [ou *destruírem*, conforme a tradução utilizada] Jesus, associando-se para esse fim com os herodianos (v. 6), os partidários de Herodes Antipas, que temiam que das ações de Jesus resultasse a agitação política.<sup>81</sup>

Percebe-se, na verdade, que tudo se resumia a uma questão de fácil resolução, caso prevalecesse o bom senso. Situação que, infelizmente, ainda hoje localizamos nos relacionamentos interpessoais, familiares, sociais; no meio religioso; entre dirigentes e colaboradores do centro espírita. Há pessoas que se mantêm fixadas nos próprios arraçoados, afastando-se, vezes sem conta, do que é essencial, para focalizarem aspectos secundários. Essa atitude produz desentendimentos, embates estéreis e cansativos. Assim, a indagação de Jesus dirigida naquele dia aos religiosos, e que ainda nos

alcança nos dias atuais, tinha a finalidade de conduzi-los à reflexão, de fazê-los ponderar que a prática do bem se faz em qualquer dia e hora. Era importante que os religiosos se libertassem do espírito literal dos ensinamentos quando Ele lhes pergunta: “É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?” Eles, porém, se calavam (Mc 3:4).

Jesus procurava, com a pergunta, fazê-los pensar, pois, como afirma o Espiritismo, a fé deve ser raciocinada. O fato que se apresentava era, efeti- vamente, muito simples: havia uma pessoa que tinha a mão atrofiada que o impedia ou o dificultava de executar tarefas diárias. Havia a possibilidade de cura, o desejo do enfermo de ser curado e o Cristo pronto para realizar a cura. Então, qual era o problema? O problema era justamente o apego irracional às tradições, consideradas maiores do que o bem que se poderia realizar.

Ao perceber que o farisaísmo dominante preferiu que não se curasse o enfermo, Marcos anota os sentimentos e a atitude do Mestre Nazareno: “Repassando estão sobre eles um olhar de indignação. E entristecido pela dureza do coração deles, disse ao homem: ‘Estende a mão’. Ele a estendeu, e sua mão estava curada” (Mc 3:5). Emmanuel, por sua vez, dá um novo significado ao conteúdo desse versículo, focalizando o valor e a utilidade do benefício recebido na mensagem intitulada *Mãos Estendidas*, após citar este versículo:<sup>82</sup> “Estende a tua mão”. E ele a estendeu e foi-lhe restituída a sua mão, sã como a outra.” JESUS (*Marcos*, 3:5).

Em todas as casas de fé religiosa, há crentes de mãos estendidas, suplicando socorro...

Almas aflitas revelam ansiedade, fraqueza, desesperança e enfermidades do coração.

Não seremos todos nós, encarnados e desencarnados, que algo rogamos à Providência Divina, semelhantes ao homem que trazia a mão seca?

Presos ao labirinto criado por nós mesmos, eis-nos a reclamar o auxílio do Divino Mestre...

Entretanto, convém ponderar a nossa atitude.

É justo pedir e ninguém poderá cercear quaisquer manifestações da humildade, do arrependimento, da intercessão.

Mas é indispensável examinar o modo de receber.

Muita gente aguarda a *resposta materializada* de Jesus.

Esse espera o dinheiro, aquele conta com a evidência social de improviso, aquele outro exige a imediata transformação das circunstâncias no caminho terrestre.

Observemos, todavia, o socorro do Mestre ao paralítico.

Jesus determina que ele estenda a mão mirrada e, estendida essa, não lhe confere bolsas de ouro nem fichas de privilégio. Cura-a. Devolve-lhe a oportunidade de serviço.

A mão recuperada naquele instante permanece tão vazia quanto antes.

É que o Cristo restituía-lhe o ensejo bendito de trabalhar, conquistando sagradas realizações por si mesmo; recambiava-o às lides redentoras do bem, nas quais lhe cabia edificar-se e engrandecer-se.

A lição é expressiva para todos os templos da comunidade cristã.

Quando estenderes tuas mãos ao Senhor, não esperes facilidades, ouro, prerrogativas...

Aprende a receber-lhe a assistência, porque o Divino Amor te restaurará as energias, mas não te proporcionará qualquer fuga às realizações do teu próprio esforço.

## 7.2 AS MULTIDÕES SEGUEM A JESUS (MC 3:7-12)<sup>83</sup>

<sup>7</sup>Jesus retirou-se com os seus discípulos a caminho do mar, e uma grande multidão que vinha da Galileia o seguiu. E da Judeia <sup>8</sup>De Jerusalém, da Idumeia, da Transjordânia. Dos arredores de Tiro e de Sidônia, uma grande multidão, ao saber de tudo o que fazia, foi até ele. <sup>9</sup>E ele disse a seus discípulos que deixassem um pequeno barco à sua disposição, para que o povo não o apertasse. <sup>10</sup>Pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre Ele para tocá-lo. <sup>11</sup>E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: “Tu és o Filho de Deus!” <sup>12</sup>E Ele o conjurava severamente para que não o tornassem manifesto.

Indignados com o poder que Jesus exercia sobre o povo, havia um descontentamento geral entre os religiosos e os políticos (partidários de Herodes Antipas) que temiam perder a posição social em que se encontravam. Segundo Champlin:

Tanto quanto os fariseus, os herodianos estariam ansiosos por se livrar de Jesus, embora por motivos diferentes. Para eles [herodianos], ele era um revolucionário político em potencial, que queria perturbar seus planos de restaurar a monarquia judaica. Os falsos líderes não mais buscam *falsas acusações*, mas agora planejam a morte de Jesus, por meios legais e ilegais [...]. Eram simplesmente políticos, que preferiam o governo romano indireto, através da dinastia herodiana, ao governo direto, estando ansiosos por assumir algum poder dessa maneira. Jesus, pois, era obviamente perigoso para os planos deles [...].<sup>84</sup>

Ante a notória indisposição e perseguição direcionadas a Jesus e às suas ações pela classe sacerdotal e política, o Cristo afasta-se com seus discípulos, seguidos por uma multidão proveniente de várias localidades:

Galileia, Judeia, Jerusalém, Transjordânia, Tiro e de Sidônia. No caminho em direção ao mar atendia a todos, curando-os dos males físicos e espirituais, conforme constata no relato de Marcos:

E Ele disse a seus discípulos que deixassem um pequeno barco à sua disposição, para que o povo não o apertasse. Pois havia curado muita gente. E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre Ele para tocá-lo. E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: “Tu és o Filho de Deus!” E Ele os conjurava severamente para que não o tornassem manifesto (Mc 3:9-12).

O homem moderno, contemplado pelas aquisições da ciência e da tecnologia, pouco avançou em termos de melhoria moral. Ainda se mantém cativo dos interesses de ordem material, considerando-se superior pela posição que ocupa, pelos bens que possui ou pela projeção social na existência. Dessa forma, conhecer e pôr em prática a lei de amor, ensinada e exemplificada por Jesus, ainda é aspiração distante. A quantidade de sofredores e almas que vivem em degradante estado de miséria no mundo é imensa. E poucos são os que se condoem desse estado de coisas para auxiliar, mergulhados que se encontram na busca pelos bens transitórios. Temos muito o que aprender ainda! Daí Bezerra de Menezes pontuar com sabedoria, ao analisar a lição 5, O Advento do Espírito da Verdade, do capítulo 6 (O Cristo Consolador), de *O evangelho segundo o espiritismo* que precisamos mais do Cristo em nossos pensamentos, palavras e atos, se quisermos ser verdadeiramente felizes. A mensagem de Bezerra de Menezes intitula-se:

### 7.2.1 PROBLEMAS DO MUNDO<sup>85</sup>

O mundo está repleto de ouro.  
 Ouro no solo. Ouro no mar. Ouro nos cofres.  
 Mas o ouro não resolve o problema da miséria.  
 O mundo está repleto de espaço.  
 Espaço nos continentes. Espaço nas cidades. Espaço nos campos.  
 Mas o espaço não resolve o problema da cobiça.  
 O mundo está repleto de cultura.  
 Cultura no ensino. Cultura na técnica. Cultura na opinião.  
 Mas a cultura da inteligência não resolve o problema do egoísmo.  
 O mundo está repleto de teorias.  
 Teorias na Ciência. Teorias nas escolas filosóficas. Teorias nas religiões.  
 Mas as teorias não resolvem o problema do desespero.  
 O mundo está repleto de organizações.

Organizações administrativas. Organizações econômicas. Organizações sociais.

Mas as organizações não resolvem o problema do crime.

Para extinguir a chaga da ignorância, que acalenta a miséria; para dissipar a sombra da cobiça, que gera a ilusão; para exterminar o monstro do egoísmo, que promove a guerra; para anular o verme do desespero, que promove a loucura, e para remover o charco do crime, que carrega o infortúnio, o único remédio eficiente é o Evangelho de Jesus no coração humano.

Sejamos, assim, valorosos, estendendo a Doutrina Espírita que o desentranha da letra, na construção da Humanidade Nova, irradiando a influência e a inspiração do Divino Mestre, pela emoção e pela ideia, pela diretriz e pela conduta, pela palavra e pelo exemplo e, parafraseando o conceito inolvidável de Allan Kardec, em torno da caridade, proclamemos aos problemas do mundo: “Fora do Cristo não há solução”.

### 7.3 INSTITUIÇÃO DOS DOZE (MC 3:13-21)<sup>86</sup>

<sup>13</sup>Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. <sup>14</sup>E constituiu doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar, <sup>15</sup>e terem autoridade para expulsar os demônios. <sup>16</sup>Ele constituiu, pois, os doze, e impôs a Simão o nome de Pedro; <sup>17</sup>A Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão, <sup>18</sup>depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o zelota, <sup>19</sup>e Judas Iscariotes, aquele que o entregou. <sup>20</sup>E voltou para casa. E de novo a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar. <sup>21</sup>E quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: “Enlouqueceu!”

O estudo realizado do *Evangelho segundo Marcos* até o momento, traz as notícias de que o colégio apostolar estava constituído apenas por quatro pescadores (Pedro, André, e os irmãos Boanerges – João e Tiago) e um coletor de impostos, Mateus, também conhecido como Levi. No texto em estudo, aqui, aparece o nome de todos os discípulos que vieram a constituir o chamado Grupo dos Doze:

E constituiu doze, para que ficassem com Ele, para enviá-los a pregar. e terem autoridade para expulsar os demônios. Ele constitui, pois, os doze, e impôs a Simão o nome de Pedro; A Tiago, o filho de Zebedeu, e a João, o irmão de Tiago, impôs o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão, depois André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, o filho de Alfeu, Tadeu, Simão o zelota, e Judas Iscariotes, aquele que o traiu (Mc 3:14-19).

Observação: Para mais informações a respeito dos doze apóstolos, recomendamos ao leitor reler o tema 4 (Evangelho de Jesus e a Doutrina

Espírita) – subitem 4.4 - Os apóstolos de Jesus. A missão dos apóstolos, do livro I – Introdução ao Estudo do Evangelho Redivivo, publicação da FEB.

O colégio apostolar era formado por pessoas com personalidade, entendimento, aptidões e procedências heterogêneas. Pessoas muito diferentes entre si e, com base nesse relato de Marcos, inserimos algumas outras considerações:

Das multidões que afluíam a ele, Jesus escolheu 12 homens para estarem constantemente com ele, para que recebessem dele um treinamento espiritual mais intenso e mais tarde (Mc 6:7; 16:1-19) fossem enviados por Ele para pregar e curar. É improvável que Tiago e João tenham sido chamados *filhos do trovão* (ou Boanerges) por terem *pavio curto*; nomes divinamente inspirados sempre eram associados a características recomendáveis. Talvez o nome estivesse relacionado à energia deles. Um *zelote* (v. 18) era um membro de um grupo nacionalista judaico extremista que se opunha frontalmente aos dominadores romanos. *Iscariotes* provavelmente significava *de Queriote, Queriote Hezrom* (Js 15:5) ficava a mais ou menos 20 quilômetros ao sul de *He* [monte *Hebrom*] [...].<sup>87</sup>

A missão dos doze apóstolos foi bem especificada por Jesus: “E constituiu doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar” (Mc 3:14). Humberto de Campos (Irmão X), nos transmite outras informações relacionadas aos doze apóstolos e à missão que lhes cabia executar:

Depois de uma das suas pregações do novo reino, chamou os doze companheiros que, desde então, seriam os intérpretes de suas ações e de seus ensinamentos. Eram eles os homens mais humildes e simples do lago de Genesaré.

Pedro, André e Filipe eram filhos de *Betsaida* de onde vinham igualmente Tiago e João, descendentes de Zebedeu. Levi, Tadeu e Tiago, filhos de Alfeu e sua esposa Cleofas, parente de Maria, eram nazarenos e amavam a Jesus desde a infância, sendo muitas vezes chamados *os irmãos do Senhor*, à vista de suas profundas afinidades afetivas. Tomé descendia de um antigo pescador de Dalmanuta, e Bartolomeu nascera de uma família laboriosa de Canaã da Galileia. Simão, mais tarde denominado *o Zelote*, deixara a sua terra de Canaã para dedicar-se à pescaria, e somente um deles, Judas, destoava um pouco desse concerto, pois nascera em Iscariotes e se consagrara ao pequeno comércio em Cafarnaum, onde vendia peixes e quinquilharias.

O reduzido grupo de companheiros do Messias experimentou a princípio certas dificuldades para harmonizar-se. Pequenas contendas geravam a separatividade entre eles. De vez em quando, o Mestre os surpreendia em discussões inúteis sobre qual deles seria o maior no *Reino de Deus*; de outras vezes, desejavam saber qual, dentre todos, revelava sabedoria maior, no campo do Evangelho.

Levi continuava nos seus trabalhos da coletoria local, enquanto Judas prosseguia nos seus pequenos negócios, embora se reunissem diariamente aos



demais companheiros. Os dez outros viviam quase que constantemente com Jesus, junto às águas transparentes do Tiberíades, como se participassem de uma festa incessante de *Luz*.

Iniciando-se, entretanto, o período de trabalhos ativos pela difusão da nova *Luz*, o Mestre reuniu os doze em casa de Simão Pedro e lhes ministrou as primeiras instruções referentes ao grande apostolado.<sup>88</sup>

Com base nas informações transmitidas pelo Espírito Humberto de Campos, a missão dos apóstolos pode ser assim sintetizada:<sup>89</sup>

- 1) *Não buscar o caminho das facilidades*: “Não tomareis o caminho largo por onde anda toda gente, levada pelos interesses fáceis e inferiores; buscareis a estrada escabrosa e estreita dos sacrifícios pelo bem de todos”.
- 2) *Não se envolver em discussões estéreis*: “Também não penetrareis nos centros de discussões estéreis, à moda dos samaritanos, nos das contendas que nada aproveitam às edificações do verdadeiro *Reino* nos corações com sincero esforço”.
- 3) *Pregar o Evangelho aos judeus*: “Ide antes em busca das ovelhas perdidas da casa de nosso Pai que se encontram em aflição e voluntariamente desterradas de seu divino amor. Reuni convosco todos os que se encontram de coração angustiado e dizei-lhes, de minha parte, que é chegado o *Reino* de Deus”.
- 4) *Trabalhar com afinco no bem do próximo sem esperar recompensa*: “Trabalhai em curar os enfermos, limpar os leprosos, ressuscitar os que estão mortos nas sombras do crime ou das desilusões ingratas do mundo, esclarecei todos os espíritos que se encontram em trevas, dando de graça o que de graça vos é concedido”.
- 5) *Agir com simplicidade no vestir, falar e agir*: “Não exibais ouro ou prata em vossas vestimentas, porque o *Reino dos Céus* reserva os mais belos tesouros para os simples. Não ajunteis o supérfluo em alforjes, túnicas ou alpercatas para o caminho, porque digno é o operário do seu sustento”.
- 6) *Procurar as pessoas que almejam os bens espirituais*: “Em qualquer cidade ou aldeia onde entrardes, buscai saber quem deseje aí os *Bens dos Céus* com sinceridade e devotamento a Deus, e reparti as bênçãos do Evangelho com os que sejam dignos, até que vos retireis. Quando penetrardes nalguma casa, saudai-a com amor”
- 7) *Não insistir na pregação se alguém rejeitá-la*: “Se ninguém vos receber, nem desejar ouvir as vossas instruções, retirai-vos sacudindo o pó de

vossos pés, isto é, sem conservardes nenhum rancor e sem vos contaminardes da alheia iniquidade”.

- 8) *Agir com atenção, prudência e modéstia*: “Em verdade vos digo que dia virá em que menos rigor haverá para os grandes pecadores do que para quantos procuram a Deus com os lábios da falsa crença, sem a sinceridade do coração; por essa razão que vos envio como ovelhas ao antro dos lobos, recomendando-vos a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes”.
- 9) *Aceitar os sacrifícios, em nome do Evangelho*: “Acautelai-vos, pois, dos homens, nossos irmãos, porque sereis entregues aos seus tribunais e sereis açoitados nos seus templos suntuosos, de onde está exilada a ideia de Deus. Sereis conduzidos, como réus, à presença de governadores e reis, de tiranos e descrentes, a fim de testemunhardes a minha causa”.
- 10) *Confiar na assistência e inspiração de Jesus*: “Mas nos dias dolorosos da humilhação, não vos dê cuidado como haveis de falar, porque minha palavra estará convosco e sereis inspirados, quanto ao que houverdes de dizer. Porque não somos nós que falamos; o espírito amoroso de Nosso Pai é que fala em todos nós”.
- 11) *Confiar sempre em Deus*: “Todavia, sabeis que acima de tudo está o Nosso Pai e que, portanto, é preciso não temer, pois um dia toda a Verdade será revelada e todo o Bem triunfará”.
- 12) *Trabalhar pelo advento do Reino de Deus, sem medo e vacilações*: “Trabalhai pelo Reino de Deus e não temais os que matam o corpo, mas não podem aniquilar a alma; temeí antes os sentimentos malignos que mergulham o corpo e a alma no inferno da consciência”.
- 13) *Dedicar amor ao Evangelho e ao Cristo*: “Empregai-vos no amor do Evangelho e qualquer de vós que me confessar, diante dos homens, eu o confessarei igualmente diante de meu Pai que está nos Céus”.

## REFERÊNCIAS

- 77 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, p. 13-14.
- 78 \_\_\_\_\_. p. 14.
- 79 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos

- tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:1-6, p. 1.762-1.763.
- 80 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1 – As pessoas e os lugares, p. 14.
- 81 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. A cura do homem com a mão atrofiada, p. 1.109.
- 82 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 174, p. 365-366.
- 83 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:7-12, p. 1.763.
- 84 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 3:6, p. 781.
- 85 XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O espírito da verdade*. Por diversos Espíritos. 18. ed. 8. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 1 (mensagem de Bezerra de Menezes).
- 86 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:13-21, p. 1.763.
- 87 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. A cura do homem com a mão atrofiada, p. 1.109.
- 88 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 5.
- 89 \_\_\_\_\_. p. 36-39.

# PROVIDÊNCIAS DA FAMÍLIA DE JESUS (MC 3:20-35)

Abordaremos, inicialmente, os versículos de *Marcos*, 3:20-21 e 31-35, por estarem estes intimamente correlacionados, e *Marcos*, 3:22-33 no fim desta sequência.

## 8.1 PROVIDÊNCIAS DA FAMÍLIA DE JESUS (MC 3:20-21)<sup>90</sup>

<sup>20</sup>E voltou para casa. E de novo a multidão se apinhou, de tal modo que eles não podiam se alimentar. <sup>21</sup>E quando os seus tomaram conhecimento disso, saíram para detê-lo, porque diziam: Enlouqueceu!

É relevante destacar a expressão “enlouqueceu” (Mc 3:21) – ou “ele está fora de si”, como consta em outras traduções do Novo Testamento – pronunciada por familiares de Jesus quando viu o Mestre Nazareno cercado por grande multidão que dificultava, ou impedia, a realização de atos corriqueiros, como a alimentação. Ante tal realidade, a reação dos familiares foi o uso de uma hipérbole, talvez até porque eles estivessem assustados. Acredita-se, mesmo, “[...] como sugerem alguns estudiosos, [que] os seus parentes pretendem declará-lo mentalmente incapaz para protegê-lo dos perigos que ele certamente enfrentará da parte das autoridades religiosas caso continue nesse caminho (cf. 3:21)”<sup>91</sup>

## 8.2 OS VERDADEIROS PARENTES DE JESUS (MC 3:31-35)<sup>92</sup>

<sup>31</sup>Chegaram então sua mãe e seus irmãos e, ficando do lado de fora, mandaram chamá-lo. <sup>32</sup>Havia uma multidão sentada em torno dele. Disseram-lhe: “Eis que tua mãe, teus irmãos e tuas irmãs estão lá fora e te procuram”. <sup>33</sup>Ele perguntou: “Quem é minha mãe e meus irmãos?” <sup>34</sup>E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: “Eis

a minha mãe e os meus irmãos. <sup>35</sup>Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe”.

A respeito dos parentes de Jesus, da sua família, há muitas controvérsias, de forma que destacamos apenas o seguinte:

*A família de Jesus é única família que é especificamente descrita no Novo Testamento, mesmo assim, há muitas especulações acerca da natureza exata da família de Jesus. Aqueles membros da família que são mencionados como seus irmãos e irmãs seriam filhos somente de José (não de Maria), de um casamento anterior? Seriam primos? Ou seriam filhos de José e de Maria, e, portanto, meios-irmãos de Jesus (visto que ele era filho somente de Maria? [...]).<sup>93</sup>*

Champlin prossegue em suas argumentações ao apresentar os significados de família e de clã:

A palavra família usualmente refere-se a um grupo de pessoas relacionadas entre si por laços de parentesco ou de matrimônio, como os pais e seus filhos, que vivem juntos em uma mesma residência [pelo menos em certa fase da vida]. [...] por extensão, a palavra também indica algum grupo de pessoas com um mesmo antepassado [...]. *Metaforicamente*, o vocábulo também é usado para indicar pessoas que não estão biologicamente relacionadas entre si, como sucede nas fraternidades, nos clubes sociais, compostos por pessoas que não têm qualquer conexão racial uma com as outras.

O *clã*, por sua vez, é uma unidade familiar maior. Em certas culturas, os vínculos que formam um clã são bastante fortes.

Embora não com exclusividade, os povos semitas são os que mais dão valor ao sistema.<sup>94</sup>

No que diz respeito à família de Jesus, acredita-se que ele era filho de Maria e que José foi o seu pai adotivo. A tradição informa que Maria estava noiva de José, mas ela teria engravidado por obra do Espírito Santo: “Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: ‘Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e o chamarão com o nome de Emanuel, o que traduzido significa: ‘Deus está conosco’” (Mt 1:22-23). José casou-se então com ela, após um anjo ter-lhe aparecido em sonho (“Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo-lhe: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. Mt 1:20-21).

Tudo indica que Jesus era considerado apenas filho de Maria e que fora adotado por José:

Segundo os capítulos de abertura dos *Evangelhos de Mateus e Lucas*, Maria, mãe de Jesus, ficara noiva, antes que ele nascesse, de José, filho de Jacó ou Heli. A história narrada por Mateus é escrita em grande parte do ponto de vista de José, narrando até que ele recebe mensagens de anjos em seus sonhos. Esses sonhos retratam a sua luta por decidir como lidar de maneira justa com a gravidez inesperada de sua noiva e como responder a ameaças contra o recém-nascido. [...]

José desaparece de cena quando os evangelhos descrevem a vida adulta de Jesus, embora seja claramente lembrado pelos que cercam Jesus como seu pai e como carpinteiro. O *Evangelho de Marcos* não faz menção alguma ao pai de Jesus, chamando-o “filho de Maria” [...]. A tradição cristã posterior passou a ver José como um viúvo idoso, de tal modo que os “irmãos e irmãs de Jesus” em passagens como *Marcos*, 6:3 poderiam ser compreendidos como filhos de José, em um casamento anterior, não filhos seus com Maria [...].<sup>95</sup>

São essas ideias, em síntese, que sugerem ser as mais aceitas pelas comunidades/igrejas cristãs do passado e do presente. Na verdade, não se deve dar importância para o fato de José não ter sido pai biológico de Jesus. Os registros apresentados, aqui, têm valor como contexto histórico. Mas o que se destaca, efetivamente, é que José sempre agiu como pai amoroso e dedicado. Soube cumprir todos os deveres definidos pela paternidade e submeteu-se, com dedicação, a todas as provações inerentes ao fato de receber o Messias de Deus como filho: “José agia como pai para Jesus, levando-o a Jerusalém para a purificação (Lc 2:22) e fugindo com ele para o Egito, a fim de escapar de Herodes. Retornou a Nazaré e ali se estabeleceu (Mt 2). Levava o menino Jesus a Jerusalém em cada ano, por ocasião da Páscoa (Lc 2:41) [...]”<sup>96</sup>

Mesmo que ainda não tenhamos condições de explicar como se deu, efetivamente, a gravidez de Maria por ação espiritual (as ideias existentes não passam de simples cogitações), é importante focalizar a resposta de Jesus quando ele é informado que a sua família, mãe, irmão e irmãs, o procuravam (veja Mc 3:31-32). “Ele perguntou: ‘Quem é minha mãe e meus irmãos?’<sup>34</sup>E, repassando com o olhar os que estavam sentados ao seu redor, disse: ‘Eis a minha mãe e os meus irmãos. <sup>35</sup>Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mc 3:33-35).

Allan Kardec analisa que Jesus faz referência ao sentido universal de família, a que extrapola os laços consanguíneos e traz vinculações espirituais, visto que todos nós, os seres humanos, somos filhos de Deus: “Jesus não desprezava nenhuma ocasião de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que lhe oferecia a chegada de sua família para estabelecer a diferença que existe

entre a parentela corpórea e a parentela espiritual”.<sup>97</sup> Kardec complementa a sua análise destacando o sentido da parentela biológica e espiritual:

Os laços do sangue não estabelecem necessariamente vínculos entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, porque o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai que cria o Espírito de seu filho; apenas lhe fornece o invólucro corpóreo, cumprindo-lhe, no entanto, auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os Espíritos que encarnam numa mesma família, sobretudo como parentes próximos, são, na maioria das vezes, Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se traduzem por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas também pode acontecer que sejam completamente estranhos uns aos outros, divididos por antipatias igualmente anteriores, que se expressam na Terra por um mútuo antagonismo, a fim de lhes servir de provação. Os verdadeiros laços de família não são, pois, os da consanguinidade, e sim os da simpatia e da comunhão de pensamentos, que prendem os Espíritos *antes, durante e depois* de suas encarnações. Consequentemente, dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem repelir-se, conforme se vê todos os dias. Eis um problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências [...].

Há, pois, duas espécies de famílias: *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corpóreos*. As primeiras são duráveis e se fortalecem pela purificação, perpetuando-se no mundo dos Espíritos através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente, já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos”, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus é meu irmão, minha e minha mãe, irmã [...].<sup>98</sup>

### 8.3 CALÚNIAS DOS ESCRIBAS (MC 3:22-30)<sup>99</sup>

<sup>22</sup>E os escribas que haviam decido de Jerusalém diziam: “Está possuído por Belzebu, e também: É pelo príncipe dos demônios que Ele expulsa os demônios”.

<sup>23</sup>Chamando-os para junto de si, falou-lhes por parábolas: <sup>24</sup>“Se um reino se divide contra si mesmo, tal reino não poderá subsistir. <sup>25</sup>E se uma casa se divide contra si mesma, tal casa não poderá manter-se. <sup>26</sup>Ora, se Satanás se atira contra si próprio e se divide, não poderá subsistir, mas acabará. <sup>27</sup>Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar os seus pertences, se primeiro não amarrar o homem forte; só então poderá roubar a sua casa. <sup>28</sup>Na verdade Eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que

tiverem proferido.<sup>29</sup> Aquela, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é culpado de um pecado eterno”.<sup>30</sup> É porque eles diziam: “Ele está possuído por um espírito impuro”.

Atribuir às entidades maléficas o poder de fazer o bem é o que revela verdadeira insanidade. Como as autoridades religiosas não sabiam explicar o que estava acontecendo – sobretudo em relação às curas operadas por Jesus – nem possuíam o conhecimento necessário para dialogar com Jesus que, quando fazia as suas preleções, falava como quem tinha autoridade, elas preferiram optar pela difamação e fazer intrigas. Daí os escribas que vieram de Jerusalém afirmarem, irresponsavelmente: “Está possuído por Belzebu”, e “É pelo principie dos demônios que Ele expulsa os demônios” (Mc 3:22).

Belzebu era uma divindade maléfica que, supostamente, possuía muitos poderes, e era adorado pelos fenícios: “[...] O nome em hebraico significa “Senhor das Moscas” [...]. A forma hebraica é provavelmente uma transformação depreciativa do *Baal-zebul* [...]. Em aramaico *Beel-zebul* pode ter sido interpretado como “Senhor do Esterco” [...]. Durante o período greco-romano, o nome *Beel-zebul* passou a ser usado para designar um chefe entre os demônios, em contraposição a Deus. Jesus nega que expulsa demônios pelo poder de *Belzebu*, o soberano dos demônios [...]”<sup>100</sup> Encontramos assim, mais uma das dificuldades que a interpretação literal transmite que, por meio de certas normas teológicas, levantava-se a possibilidade, irracional, de haver um ser que competia com Deus.

Na verdade, as autoridades religiosas tinham medo de Jesus afastá-los do poder temporário e das vantagens materiais que usufruíam. Não estavam realmente interessados em compreender a mensagem de amor universal que o Mestre Nazareno lhes transmitia, como assinala respeito Amélia Rodrigues:

Nunca houvera antes movimentação humana tão expressiva. As massas esfaimadas de pão, de saúde e de amor acorriam aos lugares mais distantes ou de difícil acesso, a fim de vê-lo, de ouvi-lo, de receber-lhe as dádivas incomuns da misericórdia.

Jesus sintetizava todas as informações escriturísticas anteriores, que anunciavam o advento do Messias ao planeta sofrido, aos homens e mulheres ansiosos por paz e por motivos para viver.

Não é de estranhar-se que Ele sempre estivesse cercado pelas multidões que o buscavam aflitas, desesperdas.

[...]

Religiosos e políticos buscaram-se com ansiedade, a fim de encontrarem um meio de silenciar-lhe a voz, de anular-lhe a presença [...].<sup>101</sup>



Dessa forma, prossegue a benfeitora espiritual, os religiosos combinaram entre si como condenar Jesus.

A orquestração para a tragédia encontrava-se mais bem afinada. Havia harmonia entre o maestro burlesco e os músicos insensatos, que ensaiaram habilmente a farsa tétrica.

Era-lhes habitual esse tipo de comportamento.

Vivendo dos ressaibos das intrigas, perfídias e traições, e acumulando o azedume que se derivava da insegurança política, uniam-se contra qualquer sombra que supunham poderia ameaçar-lhes a estabilidade no poder sempre instável. [...] Aquele Homem era-lhes mais do que uma ameaça. Intemerato e intimorato, realizava uma revolução arriscada para os seus padrões de covardia, tornando-se, a cada dia, um perigo maior. A Sua força era a Sua fraqueza terrena: sem dinheiro, sem prestígio social, sem destaque na comunidade... No entanto, o seu fascínio arrastava as multidões, o que fora constatado quando da sua entrada em Jerusalém, fazia pouco, ovacionado e recebido com as palmas da esperança e da vitória...

Era necessário silenciá-lo quanto antes...<sup>102</sup>

Em vão, Jesus tenta incutir àquelas mentes presas às armadilhas da opinião pessoal, vaidosas e superficiais, que o então denominado demônio (Belzebu, príncipe dos demônios ou satanás) não poderia agir contra si mesmo, como demonstram as suas argumentações, assim registradas por Marcos:

Chamando-os para junto de si, falou-lhes por parábolas: Se um reino se divide contra si mesmo, tal reino não poderá subsistir. E se uma casa se divide contra si mesma, tal casa não poderá manter-se. Ora, se Satanás se atira contra si próprio e se divide, não poderá subsistir, mas acabará. Ninguém pode entrar na casa de um homem forte e roubar os seus pertences, se primeiro não amarrar o homem forte; só então poderá roubar e sua casa. “Na verdade, Eu vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens, os pecados e todas as blasfêmias que tiverem proferido. Aquele, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, não terá remissão para sempre. Pelo contrário, é culpado de um pecado eterno”. É porque eles diziam: “Ele está possuído por um espírito impuro” (Mc 3:23-30).<sup>103</sup>

Segundo Norman:

Jesus não aceitou a teoria de que Satanás autenticaria um homem seu, dando-lhe poder sobre os espíritos inferiores, para que o povo se admirasse ante os seus poderes de exorcismo. Ele procurou mostrar seu absurdo por meio de parábolas. Jesus começou a declarar a questão como um princípio geral, para então ilustrá-la com histórias simples [...]. Jesus mostrou que a ação contra um demônio é uma ação hostil – sendo difícil imaginar que satanás pudesse

hostilizar seus aliados. Aqueles que expulsam os demônios devem ser diferentes quanto à força, ao interesse, ao propósito e à natureza. Jesus era muitíssimo diferente deles, pelo que não poderia estar em liga com satanás [...]. Todos os evangelhos são claros quanto ao ponto que a “hostilidade”, dentro do reino de satanás, inevitavelmente significaria o fim do seu poder [...].<sup>104</sup>

O pensamento espírita é concordante com essas ideias, como declara Emmanuel ao analisar ser contrassenso supor que satanás expulse demônios:

Esta passagem do Evangelho é sumamente esclarecedora para os companheiros da atualidade que, nas tarefas do Espiritismo cristão, se esforçam por auxiliar desencarnados infelizes a se equilibrarem no caminho redentor.

Ninguém aguarde êxito imediato, ao procurar amparar os que se perderam na desorientação.

É impossível dispensar a colaboração do tempo para que se esclareçam as personagens das tragédias humanas e, segundo sabemos, nem mesmo os apóstolos conseguiram, de pronto, convencer as entidades perturbadas, quanto ao realismo de sua perigosa situação. Todavia, sem atitudes esterilizantes, muito pode fazer o discípulo no setor dessas atividades iluminativas. Na atualidade, companheiros devotados ao serviço ainda sofrem a perseguição dos adversários da luz, que lhes atribuem sombrio pacto com poderes perversos. O sectarismo religioso cognomina-os sequazes de Satanás, impondo-lhes torturas e humilhações.

No entanto, as mesmas objurgatórias e recriminações descabidas foram atiradas ao Mestre Divino pelo sacerdócio organizado de seu tempo. Atendendo aos enfermos e obsidiados, entregues a destrutivas forças da sombra, recebeu Jesus o título de feiticeiro, filho de Belzebu. Isso constitui significativa recordação que, naturalmente, infundirá muito conforto aos discípulos novos.<sup>105</sup>

## REFERÊNCIAS

- 90 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:20-21, p. 1.763.
- 91 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. 3:31-34, p. 155.
- 92 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:31-35, p. 1.764.

- 93 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Amp. e atual. São Paulo: Hagnos, 2018. p. 618.
- 94 \_\_\_\_\_. p. 616-617.
- 95 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, p. 165-166
- 96 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampl. e atual. São Paulo: Hagnos, 2018. p. 720.
- 97 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020.
- 98 \_\_\_\_\_. cap. 14, it. 7, p. 104.
- 99 \_\_\_\_\_. it. 8, p. 195.
- 100 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 3:22-30, p. 1.763.
- 101 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1 – As pessoas e os lugares, p. 35-36.
- 102 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 4, p. 25-26.
- 103 \_\_\_\_\_. cap. 19, p. 131.
- 104 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 3:23, p. 786.
- 105 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 146.

## A PARÁBOLA DO SEMEADOR (MC 4:1-25)

Os quatro itens do atual estudo, também citados por Mateus (Mt 13:1-23) e Lucas (Lc 8:4-15), destacam a excelência do processo ensino-aprendizagem viabilizado pelas parábolas, assim como o valor e repercussão da parábola do semeador. Outro ponto relevante é que, pela utilização das parábolas preservam-se os ensinamentos de Jesus ao longo dos séculos, até que tenhamos condições para vivenciar as suas sábias orientações, como esclarece Vinícius: “Jesus como sábio educador, costumava recorrer frequentemente às parábolas a fim de melhor interessar e impressionar os ouvintes. Esse processo é eminentemente prático e pedagógico, pois supre as deficiências intelectuais do educando, sempre que se trata de assuntos transcendentais [...]. Assim também, se o Sapientíssimo Instrutor e Guia da Humanidade não tivesse envolvido seus sublimes preceitos no manto parabólico, eles não teriam chegado até nós”.<sup>106</sup>

*Parábola* é uma narrativa curta que utiliza elementos comuns à existência humana, expressa na forma de linguagem figurada, cujo intuito é transmitir um conteúdo moral necessário à melhoria espiritual do ser humano. A parábola é recurso literário muito utilizado por religiosos e filósofos de todos os tempos. Entretanto, é importante não confundir gêneros literários semelhantes como *fábula* e *apólogo*. Entende-se por *fábula* a composição literária curta, escrita em prosa ou em versos, na qual os personagens são *animais* que apresentam características humanas. É de utilização comum na literatura infantil. *Apólogo* é uma alegoria que transmite um ensinamento ou lição com base nos fatos da vida cotidiana, cuja narrativa pode envolver pessoas, animais e objetos, ou seja, seres animados e inanimados. As fábulas mais conhecidas da história são as de Esopo (escritor da Grécia antiga, falecido em Delfos

565 a.C.) e de Jean de La Fontaine (poeta e fabulista francês, viveu na França entre 1621 e 1695).

Em nome da clareza e sequência natural das ideias, agruparemos os itens do estudo em duas partes: a primeira refere-se à *parábola do semeador* e à *explicação da parábola do semeador*. A segunda parte abrange os itens: *Porque Jesus fala por parábolas* e *Como receber e transmitir os ensinamentos de Jesus*.

## 9.1 A PARÁBOLA DO SEMEADOR (MC 4:1-9).<sup>107</sup> EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR (MC 4:13-20)<sup>108</sup>

Esta é uma parábola de forte conteúdo para reflexão de todos aqueles que abraçam a causa do bem na seara cristã. Em qual situação nos encontramos? Se nas primeiras, é tempo de buscarmos, no mais íntimo do nosso ser, o Auxílio Divino, para que vençamos a indiferença, o entusiasmo irrefletido, a fraqueza espiritual e, perseverantes, fieis aos ensinamentos do Evangelho do Cristo, sem aguardar resultados antes da hora, sejamos como o solo fértil proposto.

## 9.2 A PARÁBOLA DO SEMEADOR

<sup>1</sup>E começou de novo a ensinar junto ao mar. Veio até ele multidão numerosa, de modo que ele subiu e sentou-se num barco que estava no mar. E todo o povo estava na terra, junto ao mar. <sup>2</sup>E ensinava-lhes muitas coisas por meio de parábolas. E dizia-lhes no seu ensinamento: <sup>3</sup>“Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. <sup>4</sup>E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. <sup>5</sup>Outra parte caiu em solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, <sup>6</sup>mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. <sup>7</sup>Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. <sup>8</sup>Outras caíram em terra boa e produziram frutos, subindo e se desenvolvendo, e uma produziu trinta, outra sessenta e outra cem”. <sup>9</sup>E dizia: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”.

A parábola do semeador, a primeira transmitida por Jesus, contém uma simbologia que, ao ser decifrada à luz do entendimento espirita, nos permite perceber os diferentes níveis de entendimento da mensagem do Evangelho pelo ser humano. Fornece, também, a chave de compreensão das demais parábolas do Evangelho. Na parábola em foco,

destacam-se os seguintes símbolos: *a figura do semeador, a semente e os quatro tipos de solos* nos quais a semente foi semeada, como o próprio Jesus explica no texto que se segue.

A parábola encoraja-nos a exercer nosso entendimento espiritual, segundo se vê no v. 9: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. Nas sociedades agrícolas, a ilustração do semeador era comum. (Ver Platão, Leis VI, e *II Esdras*, 9:31, 33). Esta parábola, na realidade, é a parábola dos muitos tipos de solo, pois isso é o que a lição destaca. Ela ilustra a própria experiência de Jesus, e aquilo que ele esperava que fosse característico de seus enviados.

Ele conhecia o solo rochoso das mentes da mente dos escribas e fariseus; já encontrara o entusiasmo superficial e instável da multidão. Portanto, deixando de lado a questão de quanto Jesus tencionava que essa parábola refletisse de sua experiência, na realidade ela faz mais do que isso. Um ponto a observar é que, apesar de todo esse entendimento realista sobre as várias reações ou falta de reação, apesar de olhar de frente o pior que pode suceder à semente, que é a Palavra, Jesus continua ensinando. A parábola não é *pessimista*. A produção do bom solo, sem importar em que proporção em relação à semente perdida em ouvidos fechados, garante, abundantemente, a fé e a ventura do semeador. Jesus continuou ensinando até o fim.<sup>109</sup>

A persistência do Mestre Nazareno em pregar a Palavra de Deus, mesmo para os que se achavam temporariamente mudos, demonstra que a persistência no Bem é a tarefa de todo cristão sincero, pois, como nos lembra o apóstolo João, ao citar Jesus: “Tenho-vos dito estas coisas para em mim tenhais paz; no mundo tereis muitas aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo (Jo 16:33).”<sup>110</sup>

## 9.2.1 EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA DO SEMEADOR

<sup>13</sup>E disse-lhes: “Se não compreendeis essa parábola, como podereis entender todas as parábolas? <sup>14</sup>O semeador semeia a Palavra. <sup>15</sup>Os que estão à beira do caminho onde a Palavra foi semeada são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebata a Palavra que neles foi semeada. <sup>16</sup>Assim também as que foram semeadas em solo pedregoso: são aqueles que, ao ouvirem a Palavra, imediatamente a recebem com alegria, <sup>17</sup>mas não têm raízes em si mesmos, são homens de momento; caso venha uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, imediatamente sucumbem. <sup>18</sup>E outras são as que foram semeadas entre os espinhos: estes são os que ouviram a Palavra, <sup>19</sup>mas os cuidados do mundo, a sedução da riqueza e as ambições de outras coisas os penetram, sufocam a Palavra e a tornam infrutífera. <sup>20</sup>Mas há as que foram semeadas em terra boa: estes escutam

a Palavra, acolhem-na e dão frutos, um trinta, outro sessenta, outro cem” (Mc 4:13-20).<sup>111</sup>

A reprimenda de Jesus aos discípulos, expressa no versículo “E disse-lhes: ‘Se não compreendeis essa parábola, como podereis entender todas as parábolas?’” (Mc 4:13), só é encontrada no *Evangelho segundo Marcos*. Trata-se de “[...] uma reprimenda à falta de compreensão por parte dos próprios discípulos, os quais, tendo-se tornado insensíveis para com os ensinamentos de Jesus, não eram modelo de iluminação espiritual”.<sup>112</sup> Mas, como a Humanidade terrestre é constituída de Espíritos, encarnados e desencarnados, situados em diferentes graus de iluminação espiritual, consequência natural da diversidade evolutiva, as reencarnações sucessivas e os estágios no plano espiritual proporcionarão a todos os indivíduos oportunidades de crescimento espiritual.

Mesmo assim, é importante analisar os simbolismos presentes na parábola do semeador para melhor compreendê-la.

» *O semeador*

Jesus é o grande semeador. O Divino Semeador previsto por profetas do Velho Testamento; o guia e modelo da Humanidade terrestre.<sup>113</sup>

Jesus é o Semeador da Terra e a Humanidade é a Lavoura de Deus em suas Mãos.

[...]

A frente do semeador sublime, não esmoreças ante os pesares da incompreensão e do isolamento, das tentações e das provas aflitivas e rudes.

Crê no Poder Divino que te criou para a imortalidade e, no silêncio do trabalho incessante no bem a que foste trazido, ergue-te para a Luz Soberana, na certeza de que, através da integração com o amor que nos rege os destinos, chegarás sob a generosa proteção do Celeste Pomicultor, à frutificação da verdadeira felicidade.<sup>114</sup>

Em menor escala, todos os que vivenciam a mensagem do Evangelho são semeadores, de acordo com as próprias possibilidades. São também conhecidos como “cooperadores de Deus”, segundo Paulo de Tarso (I Co 3:9). Emmanuel esclarece a respeito: “Se já recebemos da Boa-Nova a lâmpada acesa para a nossa jornada, somos compulsoriamente considerados colaboradores do ministério de Jesus, competindo-nos a sementeira e a construção dele em todas as criaturas que nos partilham a estrada”.<sup>115</sup>

» *A semente*

É a palavra de Deus, consubstanciada no Evangelho de Jesus. “A palavra de Deus, *a semente*, é uma só, quer dizer, é sempre a mesma que tem sido apregoada em toda parte, desde que o homem se achou em condição de recebê-la”.<sup>116</sup> Contudo, é importante saber distinguir a semente do Evangelho que nos estimula o crescimento espiritual, de outras sementes, às vezes até propagada por indivíduos que afirmam falar em nome do Cristo, mas que, na verdade, são falsos profetas. Pedro Camargo (Vinícius) pondera a respeito:

Não é só a semente de trigo, milho ou cevada que nasce e frutifica: a semente do bem ou do mal que espalhamos germina também com toda a certeza e precisão. Há sementes cuja germinação é rápida, como, por exemplo, a da couve. Outras há de germinação lenta, como a do carvalho.

Todas, porém, nascem, crescem e dão fruto em seu devido tempo.

O mesmo sucede com a sementeira do bem ou do mal. Algumas sementes nascem de pronto, outras são de germinação tardia.

A terra não retém nenhuma semente viva em seu seio: todas as que ali se lançam, são restituídas com seus respectivos frutos. O mesmo fenômeno se verifica no terreno espiritual: o bem ou o mal, a verdade ou a impostura, o amor ou o desamor, a justiça ou a iniquidade — uma vez semeadas — nascerão fatalmente e darão frutos conforme suas respectivas espécies.

O coração do homem é uma leira. A sociedade é uma granja. A sementeira feita numa, noutra germinará um dia. Não importa quando; a frutificação se dará sem dúvida nenhuma.<sup>117</sup>

Há outros aspectos a considerar em relação ao simbolismo da semente, como afirma Cairbar Schutel:

Acresce ainda que nem todos os pregoeiros da Palavra a apregoam tal como ela é, em sua simplicidade e despida de formas enganosas. Uns revestem-na de tantos mistérios, de tantos dogmas, de tanta retórica; ornaram-na com tantas flores que, embora a “palavra permaneça”, fica obscurecida, enclausurada na forma, sem que se lhe possa ver o fundo, o âmago, a essência!

Muitos a pregam por interesse, como o “mercenário que semeia”; outros por vanglória, e, grande parte, por egoísmo.

Nestes casos não dissipam as trevas, mas aumentam-nas; não abrandam corações, mas endurecem-nos; não anunciam a Palavra, mas dela fazem um instrumento para receber ouro ou glórias.

Para pregar e ouvir a Palavra, é preciso que não a rebaixemos, mas a coloquemos acima de nós mesmos; porque aquele que despreza a Palavra, anunciando-a ou ouvindo-a, despreza o seu Instituidor, e, como disse Ele: “Quem me



despreza e não recebe as minhas palavras, tem quem o julgue; a Palavra que falei, esta o julgará no último dia” (João, 12:48).<sup>118</sup>

» *Os quatro solos*

Os solos indicados na parábola referem-se à diversidade evolutiva, intelecto-moral, presente na Humanidade terrestre. Cedo ou a tarde os habitantes do Planeta desenvolverão o necessário aprendizado espiritual, por força da Lei de Progresso que alcança todos os seres da Criação. Jesus classifica os solos em quatro tipos: os que se encontram à beira do caminho ou estrada; os pedregosos; os com espinheiros e os férteis que, por sua vez, indicam três níveis de fertilidade: trinta, sessenta e cem.

» *O solo da beira do caminho*

Jesus explica que tipo de pessoa esse solo representa: “Os que estão à beira do caminho onde a Palavra foi semeada são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatam a Palavra que neles foi semeada” (Mc 4:15).

A semente que cai nesse solo indica pessoa ainda distanciada das realidades espirituais. É solo que se encontra em estado bruto na Natureza, que ainda não foi arado. A utilidade básica das sementes que caem, providencialmente, às margens do caminho é sustentar a vida dos seres da Criação, representada pelas aves do céu citadas no versículo 4 da parábola: “E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram” (Mc 4:4). Segundo a explicação transmitida por Jesus, os indivíduos “que estão à beira do caminho, são aqueles que ouvem, mas logo vem Satanás e arrebatam a Palavra que neles foi semeada”. Quer dizer, são indivíduos que, fortuitamente, ouviram falar do Evangelho, mas se revelaram indiferentes, desinteressados, dos seus ensinamentos, atraídos pelas atrações e prazeres (indicados no simbolismo satanás) da existência material

» *O solo pedregoso*

Assim também as que foram semeadas em solo pedregoso: são aqueles que, ao ouvirem a Palavra, imediatamente a recebem com alegria, mas não têm raízes em si mesmos, são homens de momento; caso venha uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, imediatamente sucumbem (Mc 4:16-17).

É o tipo de solo que simboliza os indivíduos entusiastas que tudo aceitam sem ponderações, inclusive o Evangelho, mas tão rápido como aceitou, abandona tudo: “[...] tão logo tenham de fazer qualquer esforço para pô-lo em prática. O entusiasmo deles esfria ao receberem a mais ligeira crítica contra a doutrina que abraçaram ou ao surgirem dificuldades

para segui-la”.<sup>119</sup> São pessoas que não possuem raízes mais profundas, são mais superficiais e sem muita disposição para sacrificarem-se em nome do Evangelho, como assevera Jesus nos versículos citados.

» *O solo com espinhos*

Explica Jesus a quem são as pessoas representadas pelo solo espinhoso: “E outras são as que foram semeadas entre os espinhos: estes são os que ouviram a Palavras, mas os cuidados do mundo, a sedução da riqueza e as ambições de outras coisas os penetram, sufocam a Palavra e a tornam infrutífera” (Mc 4: 18-19).

É o solo que faz referência às pessoas materialistas e ateus declarados; são os hedonistas que, para eles, os prazeres e confortos da vida material são as prioridades da existência. Jesus explica: “E outras são as que foram semeadas entre os espinhos: estes são os que ouviram a Palavra, mas os cuidados do mundo, a sedução da riqueza e as ambições de outras coisas os penetram, sufocam a Palavra e a tornam infrutífera” (Mc 4:18-19).

» *Os solos de diferentes graus de fertilidade: 30, 60 e 100*

“Mas há as que foram semeadas em terra boa: estes escutam a Palavra, acolhem-na e dão frutos, um trinta, outro sessenta, outro cem” (Mc 4:20).

Temos aqui o exemplo de indivíduos que já possuem aprendizado espiritual. Em decorrência, conseguem contribuir para a melhoria da Humanidade de acordo com as suas possibilidades, e podem ser qualificados como “colaboradores de Deus, segundo esta orientação de Paulo de Tarso, em *Coríntios*, 3:8-9: “O que planta e o que rega são um; mas um receberá o seu galardão, segundo o seu trabalho. Porque nós somos colaboradores de Deus; vós sois a lavoura de Deus e edifício de Deus”.<sup>120</sup>

Em relação ao simbolismo indicados nos diferentes tipos de solos, acrescentamos mais estas considerações:

Nessa interessante parábola, Jesus retrata magistralmente o feito moral de cada um daqueles aos quais o Evangelho é anunciado.

Conforme a sua má ou boa vontade na aceitação da palavra de Deus, e a maneira como procedem após tê-la ouvido, os homens podem ser classificados como “beira de caminho”, “pedregal”, “espinheiro” ou “terra boa.”

A primeira classificação refere-se aos indiferentes, isto é, aos indivíduos ainda imaturos, não preparados para tal semeadura, indivíduos que se expressam mais pelo estômago e pelo sexo e cujos corações se mostram insensíveis a qualquer apelo de ordem mais elevada.

A segunda diz respeito a uma classe de pessoas de entusiasmo fácil, que, ao se lhes falar do Evangelho, aceitam-no prontamente, com júbilo; mas, não encontrando, dentro de si mesmas, forças suficientes para vencerem o comodismo, os vícios arraigados, os maus desejos, etc., sentem-se incapazes de empreender a reforma de seus hábitos, a melhora de seus sentimentos, e, se acontece surgirem incompreensões e dificuldades por causa da doutrina, então esfriam de uma vez, voltando, presto, ao ramerrão de vida que levavam.

Os da terceira espécie são aqueles que, embora já tenham tido “notícias” dos ensinamentos evangélicos, e os admirem, e os louvem até, sentem-se, todavia, demasiadamente presos às coisas materiais, que consideram mais importantes que a formação de uma consciência espiritual. O medo do futuro, a luta pela conquista de garantias pessoais, vantagens e luxuosidades, sufocam, no nascedouro, os sentimentos altruísticos ou qualquer movimento de alma que implique a renúncia aos seus queridos tesouros terrestres.

Os definidos por último personificam os adeptos sinceros, nos quais as lições do Mestre Divino encontram magníficas condições de receptividade. Abraçam o ideal cristão de corpo e alma, e se esforçam no sentido de pô-lo em prática. Embora sofram tropeços e fracassem algumas vezes, perseveram, animosos, resultando de seu trabalho abençoados frutos de benemerência e de amor ao próximo.

“Quem tenha ouvidos de ouvir, ouça”.<sup>121</sup>

## 9.4 PORQUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS (MC 4:10-12)<sup>122</sup> E COMO RECEBER E TRANSMITIR OS ENSINAMENTOS DE JESUS (MC 4:21-25)<sup>123</sup>

### 9.4.1 POR QUE JESUS FALA POR PARÁBOLAS

<sup>10</sup>Quando ficaram sozinhos, os que estavam junto dele com os Doze o interrogaram sobre as parábolas. <sup>11</sup>Dizia-lhes: “A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas, <sup>12</sup>a fim de que vendo, vejam e não percebam; e ouvindo, ouçam e não entendam; para que não se convertam e não sejam perdoados” (Mc 4:10-12).

Jesus ensina por parábolas, instrumento usual dos rabinos, mas há algumas informações relacionadas a essa prática doutrinária que merecem ser lembradas, como o local escolhido por Jesus para transmiti-las e aspectos geográficos relativos à semente semeada. A ideia, aqui, é entender o significado das lições de Jesus a partir do que é literal.

A acústica do lugar em que o barco ficava à beira-mar teria sido o ideal para que a voz de Jesus alcançasse a multidão. Alguns lugares na Palestina são

acusticamente perfeitos para discursos. Uma caverna perto de Cafarnaum permitia que até sete mil pessoas ouvissem o orador que falava no centro dela. Os rabinos, em geral, ensinavam por meio de parábolas. Embora os temas de muitas parábolas focalizassem as cortes de reis, os mestres que explicavam seus ensinamentos ao povo comum provavelmente usavam, com frequência, parábolas relacionadas ao cotidiano, como as histórias da colheita que Jesus conta aqui.

[...] Quando a semente era lançada antes de o solo ser arado (o que era bem comum), seu destino normalmente era um dos que são relatados aqui. O “caminho” provavelmente é a estrada que atravessa a plantação.

[...] Colheitas cujos grãos rendem trinta, sessenta ou cem por um são extremamente boas para o solo galileu. O vale fértil do Jordão produzia, normalmente, entre dez e (com menos frequência) cem vezes o grão semeado, de modo que o último número não significa necessariamente uma colheita milagrosa (embora seja extraordinária, cf. Gn 26:12). Porém, em outras regiões da Palestina, a média da colheita rendia entre sete e meio a dez grãos por semente, e todos os números que Jesus aponta aqui indicam colheitas boas [...].<sup>124</sup>

Os versículos 11 e 12 do texto (“Dizia-lhes: “A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas, a fim de que vendo, vejam e não percebam; e ouvindo, ouçam e não entendam; para que não se convertam e não sejam perdoados”) é uma citação de Isaías, profeta a quem Jesus recorria, vez ou outra, para ilustrar sua pregação. Segundo estudiosos, o destaque que Marcos dá ao ensino por parábolas, representaria, na verdade, uma “[...] trama narrativa do evangelista [...]”. Fazendo da praia o cenário para os ensinamentos de Jesus, o que talvez evoque o cumprimento de profecias de Isaías [...], ele começa com a paradigmática parábola do semeador (Mc 4:2-9), destacando a reação dos ouvintes, que se reflete nas recomendações para que ouçam com atenção [...]”.<sup>125</sup>

A citação dos textos do profeta Isaías, 6,9 e 10<sup>126</sup> por Jesus foi, portanto, intencional – registrada por Marcos com as suas próprias palavras (paráfrase) – e tem por finalidade alertar os filhos rebeldes contra o indiferentismo aos ensinamentos divinos que, por recusarem a entendê-los, preferem a adoração a ídolos. Tal comportamento os conduzirão a inevitáveis sofrimentos e desolações.<sup>127</sup> Acrescenta-se, por outro lado, a questão dos escribas e outros religiosos afirmarem que Jesus curava por intermédio de *Belzebu* (veja o tema 9, estudado anteriormente). Em suma, o que Marcos pretende destacar da citação de Isaías é o seguinte:

[...] Em *Isaías* 6, a informação essencial é que Yahweh é Rei; no Evangelho de Marcos, Jesus inaugura o Reino de Deus três vezes mencionado em parábolas

(Mc. 4:11, 26, 30), e a polêmica em torno de Belzebu aponta para o conflito entre reinos (Mc. 3:4). Em ambos os casos, a oferta da salvação feita por Deus é acatada com rebeldia disfarçada de piedade, principalmente por parte dos líderes da nação. [...]

Assim, embora inaugure de maneira poderosa novo êxodo de Isaías, o Jesus retratado por Marcos depara constantemente com a hostilidade e a rejeição, que resultam num plano secreto contra a sua vida, elaborado por fariseus e herodianos (Mc 3:6) [...].<sup>128</sup>

Nesse contexto, o valor do ensino por parábola se destaca, pois, cedo ou tarde, alcançará o homem moralizado, como bem recorda Kardec: “As palavras de Jesus não passarão porque em todos os tempos serão verdadeiras. O seu código moral será eterno porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno [...]”.<sup>129</sup>

#### 9.4.2 COMO RECEBER E TRANSMITIR OS ENSINAMENTOS DE JESUS (MC 4: 21-25)

<sup>21</sup>E dizia-lhes: “Quem traz uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou debaixo da cama? <sup>22</sup>Pois nada há de oculto que não venha a ser manifesto, e nada em segredo que não venha à luz do dia. <sup>23</sup>Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça! <sup>24</sup>E dizia-lhes: “Cuidado com o que ouvís! Com a medida com que medis será medido para vós, e vos será acrescentado ainda mais. <sup>25</sup>Pois ao que tem será dado, e ao que não tem, mesmo o que tem será tirado”.

Os versículos 21 e 22 (“E dizia-lhes: ‘Quem traz uma lâmpada para colocá-la debaixo do alqueire ou debaixo da cama? Pois nada há de oculto que não venha a ser manifesto, e nada em segredo que não venha à luz do dia.’”) merecem críticas de alguns cristãos, sob a alegação de que o próprio Cristo nem sempre detalhou ou esclareceu diretamente os seus ensinamentos, e, inclusive, ele optou pelo uso de parábolas, que são ricas em alegorias. Allan Kardec lembra, contudo, a resposta de Jesus e ele se explica, dizendo aos discípulos: “Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Seria, pois, inútil dizer-lhes tudo, por enquanto. Digo-o, porém, a vós, porque vos foi dado compreender estes mistérios’. Agia, portanto, com o povo, como se faz com crianças, cujas ideias ainda não se desenvolveram [...]”.<sup>130</sup>

O alerta que consta nos demais versículos (Mc 4:23-25) é de suma importância: é necessário estarmos atentos ao que ouvimos e ter o cuidado de agir com prudência ao interpretar ensinamentos de Jesus. Neste sentido, com Kardec, repetimos: “Hoje, o Espiritismo projeta luz sobre uma porção

de pontos obscuros. Entretanto, não a lança inconsideradamente. Em suas instruções, os Espíritos procedem com admirável prudência. Só abordam as diversas partes já conhecidas da Doutrina de modo gradual e sucessivo, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade [...].<sup>131</sup>

Emmanuel complementa essas ideias com a seguinte mensagem:

#### **Nas Estradas**<sup>132</sup>

“E os que estão junto do caminho são aqueles em quem a palavra é semeada; mas, tendo a eles ouvido, vem logo Satanás e tira a palavra que neles foi semeada.” – JESUS (*Marcos*, 4:15).

Jesus é o nosso caminho permanente para o Divino Amor.

Junto dele seguem, esperançosos, todos os espíritos de boa-vontade, aderentes sinceros ao roteiro santificador.

Dessa via bendita e eterna procedem as sementes da Luz Celestial para os homens comuns.

Faz-se imprescindível muita observação das criaturas, para que o tesouro não lhes passe despercebido.

A semente santificante virá sempre, entre as mais variadas circunstâncias.

Qual ocorre ao vento generoso que espalha, entre as plantas, os princípios de vida, espontaneamente, a bondade invisível distribui com todos os corações a oportunidade de acesso à senda do amor.

Quase sempre a centelha divina aparece nos acontecimentos vulgares de cada dia, num livro, numa particularidade insignificante do trabalho, na prestimosa observação de um amigo.

Se o terreno de teu coração vive ocupado por ervas daninhas e se já recebeste o princípio celeste, cultiva-o, com devotamento, abrigando-o nas leiras de tua alma. O verbo humano pode falhar, mas a Palavra do Senhor é imperecível. Aceita-a e cumpre-a, porque, se te furtas ao imperativo da vida eterna, cedo ou tarde o anjo da angústia te visitará o espírito, indicando-te novos rumos.

## REFERÊNCIAS

- 106 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. Jesus e suas parábolas.
- 107 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:1-9, p. 1.764.
- 108 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 4:13-20, p. 1.764.

- 109 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 4:2-3, p. 789.
- 110 BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Rev. e corr. 4. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Evangelho segundo João, 16:33, p. 1.416.
- 111 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 4:13-20, p. 1.764.
- 112 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 4:13, p. 792.
- 113 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 625, p. 285.
- 114 XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 50, p. 167 e 168.
- 115 \_\_\_\_\_. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 68, p. 151.
- 116 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão: O Clarim, 2016. cap. A parábola do sementeiro, p. 34.
- 117 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. A semente e o fruto.
- 118 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão: O Clarim, 2016. cap. A parábola do sementeiro, p. 34-35.
- 119 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 13, it. A parábola do sementeiro, p. 106.
- 120 BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Rev. e corr. 4. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. I Coríntios, 3:9-10, p. 1.500.
- 121 CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 11. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. Parábola do Sementeiro.
- 122 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:10-12, p. 1.764
- 123 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 4:21-25, p. 1.764-1.765.
- 124 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 4:1-20, p. 155.
- 125 BEALE, G. K. E. e CARSON, D.A. (orgs.). *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. Trad. C. E. Lopes, E. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014. it. Marcos, 4:12, p. 188.

- 126 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva, Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Isaías, 6, 9 e 10, p. 1.263-1.264; p. 1.268-1.269 e p. 1.269-1.272.
- 127 BEALE, G. K. E. e CARSON, D.A. (orgs.). *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. Trad. C. E. Lopes, E. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014. it. O contexto de Isaías, 6, 8 e 10, p. 189-190.
- 128 \_\_\_\_\_. Id., p. 192.
- 129 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 17, it. 26, p. 323.
- 130 \_\_\_\_\_. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 24, it. 4, p. 292.
- 131 \_\_\_\_\_. cap. 24, it. 7, p. 293-294.
- 132 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 25, p. 63-64.



## PARÁBOLA DA SEMENTE QUE GERMINA POR SI SÓ (MC 4:26-34)

A simplicidade e sabedoria do ensino por parábolas conferiram o devido aprendizado espiritual aos cristãos de todas as épocas, adeptos ou estudiosos. Trata-se de uma medida importante, pois, ainda que em particular Jesus explicasse o verdadeiro sentido dos simbolismos transmitidos nas parábolas (para que, posteriormente, os discípulos compartilhassem com o povo), isso não era a prática do Judaísmo.

### 10.1 PARÁBOLA DA SEMENTE QUE GERMINA POR SI SÓ (MC 4:26-29)<sup>133</sup>

<sup>26</sup>E dizia: “O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente na terra: <sup>27</sup>ele dorme e acorda, de noite e de dia, mas a semente germina e cresce, sem que ele saiba como. <sup>28</sup>A terra por si mesma produz fruto: primeiro a erva, depois a espiga e, por fim, a espiga cheia de grãos <sup>29</sup>Quando o fruto está no ponto, imediatamente se lhe lança a foice, porque a colheita chegou”.

A expressão “Reino de Deus”, citada no versículo 26, tem como significado: “Esse reino é todo espiritual, e nenhum dos meios materiais violentos servirá para o seu estabelecimento na Terra, Jo 18:33-37. Começou na terra com o ministério real de Cristo e será consumado nas bem-aventuranças do mundo eterno [...]”<sup>134</sup> Não é por acaso que o Evangelho de Jesus é conhecido como *O Evangelho do Reino*.

O Reino dos Céus ou Reino de Deus é o tema central da pregação de Jesus, segundo os evangelhos sinóticos. Enquanto Mateus, que se dirige aos judeus, na maioria das vezes fala em “Reino dos Céus”, Marcos e Lucas falam sobre o “Reino de Deus”, expressão essa que tem o mesmo sentido daquela, ainda que mais inteligível para os que não eram judeus. O emprego de “Reino dos Céus”, em Mateus, certamente é devido à tendência, no judaísmo, de evitar o uso direto do nome de Deus. Seja como

for, nenhuma distinção quanto ao sentido, deve ser suposta entre essas duas expressões. [...] <sup>135</sup>

O principal significado da parábola da semente que germina por si só indica que, independentemente de qualquer ação, há um automatismo biológico determinado pela Lei de Deus: a semente vai germinar, crescer e produzir o fruto para o qual está destinada. No sentido espiritual, que extrapola o simbolismo, indica que a semente representa, em geral, a *palavra de Deus*, que irá prosseguir no destino que lhe foi determinado pelo Criador. Assim, tanto a semente, propriamente dita, quanto a palavra de Deus, é de fundamental importância que seja semeada, no solo ou no coração humano, respectivamente. Sem semeadura não haverá germinação e, conseqüentemente, nem germinação, nem surgimento da planta nem a colheita dos frutos: “A terra não retém nenhuma semente viva em seu seio: todas as que ali se lançam, são restituídas com seus respectivos frutos. O mesmo fenômeno se verifica no terreno espiritual: o bem ou o mal, a verdade ou a impostura, o amor ou o desamor, a justiça ou a iniquidade – uma vez semeadas – nascerão fatalmente e darão frutos conforme suas respectivas espécies.” <sup>136</sup>

O processo evolutivo, intelectual e/ou moral humano é similar: começa com a aquisição do conhecimento (*a semente*), depois vem a sua manifestação (*germinação*) na forma de pensamentos e palavras. Posteriormente, o aprendizado desenvolvido muda hábitos e comportamentos nocivos, substituindo-os pelas ações humanas no bem (*germinação, surgimento do vegetal e produção dos frutos*). Contudo, para alcançarmos o estágio de Espíritos evoluídos, o que produz frutos de amor e verdade, faz-se necessário trabalhar com afinho, sem vacilações:

Onde estiveres, lembra-te de que a vida é caminhada, atividade, progresso, movimento e incessante renovação para o Bem Eterno.

Trabalho é o infatigável descobridor.

Transpõe dificuldades, desiste da irritação, olvida mágoas, entesoura os recursos da experiência e prossegue adiante.

Quem persevera na preguiça, não somente deserta do serviço que lhe compete fazer, mas abre também as portas da própria alma à sombra da obsessão em que fatalmente se arruinará. <sup>137</sup>

Semelhante ao que é assinalado na parábola, o processo natural de evangelização de si mesmo e o de cristianização do mundo segue o mesmo ciclo que a Natureza impõe desde a semeadura da semente até a produção de frutos pela planta. Emmanuel orienta a respeito em:

### O cristão e o mundo<sup>138</sup>

*Primeiro a erva, depois a espiga, e por último, o grão cheio de espiga. – JESUS (Marcos, 4:28).*

Ninguém julgue fácil a aquisição de um título referente à elevação espiritual. O Mestre recorreu sabiamente aos símbolos vivos da Natureza, favorecendo-nos a compreensão.

A erva está longe da espiga, como a espiga permanece distanciada dos grãos maduros.

Nesse capítulo, o mais forte adversário da alma que deseja seguir o Salvador, é o próprio mundo. Quando o homem comum descansa nas vulgaridades e inutilidades da existência terrestre, ninguém lhe examina os passos. Suas atitudes não interessam a quem quer que seja. Todavia, em lhe surgindo no coração a erva tenra da fé retificadora, sua vida passa a constituir objeto de curiosidade para a multidão. Milhares de olhos, que o não viram quando desviado na ignorância e na indiferença, seguem-lhe, agora, os gestos mínimos com acentuada vigilância. O pobre aspirante ao título de discípulo do Senhor ainda não passa de folhagem promissora e já lhe reclamam espigas das obras celestes; conserva-se ainda longe da primeira penugem das asas espirituais e já se lhe exigem voos supremos sobre as misérias humanas.

Muitos aprendizes desanimam e voltam para o lodo, onde os companheiros não os vejam. Esquece-se o mundo de que essas almas ansiosas ainda se acham nas primeiras esperanças e, por isso mesmo, em disputas mais ásperas por rebentar o casulo das paixões inferiores na aspiração de subir; dentro da velha ignorância, que lhe é característica, a multidão só entende o homem na animalidade em que se compraz ou, então, se o companheiro pretende elevar-se, lhe exige, de pronto, credenciais positivas do céu, olvidando que ninguém pode trair o tempo ou enganar o espírito de sequência da Natureza. Resta ao cristão cultivar seus propósitos sublimes e ouvir o Mestre: Primeiro a erva, depois a espiga e, por último, o grão cheio na espiga.

## 10.2 PARÁBOLA DO GRÃO DE MOSTARDA (MC 4:30-32)<sup>139</sup>

<sup>30</sup>E dizia: “Com que compararemos o Reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos? <sup>31</sup>É como um grão de mostarda que, quando é semeado na terra — é a menor de todas as sementes da terra — <sup>32</sup>mas, quando é semeado, cresce e torna-se maior que todas as hortaliças, e deita grandes ramos, a tal ponto que as aves do céu se abrigam à sua sombra”.

Como curiosidade, a mostarda é um vegetal da família das couves, conhecida no mundo inteiro, cujas sementes e folhas são utilizadas como alimento. As sementes da mostarda são muito utilizadas na medicina chinesa por serem uma fonte de cálcio, ferro, magnésio, fósforo, potássio, zinco, manganês e selênio — elementos minerais necessários à subsistência humana —, bem como das vitaminas A e C, igualmente essenciais para o

metabolismo corporal. O texto evangélico faz alusão à semente de mostarda como um simbolismo, cuja “[...] moral da história é que se tratava de um grão notavelmente pequeno, mas do qual nascia um arbusto frondoso. Na região do mar da Galileia, a planta a que, segundo muitos estudiosos, Jesus remetia, podia alcançar a altura de três metros e meio e, às vezes, quase cinco, embora a sua altura normal fosse pouco mais de um metro [...]”<sup>140</sup>

A parábola do grão de mostarda demonstra que não é necessário que o ser humano realize grandes obras para ter acesso ao Reino de Deus. Há pequenas ações que são revestidas de poderoso poder transformador, à semelhança da minúscula semente de mostarda que se transforma em uma enorme planta, altamente nutritiva. Afirma Amélia Rodrigues que o homem sábio deve plantar sempre a semente do bem, seja a do trigo ou outras,

[...] Sem temer o joio infeliz, porque o separará no momento da ceifa, sem nenhum prejuízo para a produção. De igual maneira, semeia também as pequenas obras quais se fossem grãos de mostrada, confiando na sua fatalidade de crescimento e de produção, sem receio, e aguarda o momento feliz de vê-la crescida e transformada em agasalho para as aves do céu.<sup>141</sup>

Emmanuel destaca, na mensagem que se segue, a importância de refletirmos a respeito dos próprios atos, bons ou maus, a fim de que possamos entender as suas consequências:

#### Semeadura<sup>142</sup>

*Mas, tendo sido semeado, cresce. – JESUS (Marcos, 4:32).*

É razoável que todos os homens procurem compreender a substância dos atos que praticam nas atividades diárias. Ainda que estejam obedecendo a certos regulamentos do mundo, que os compelem a determinadas atitudes, é imprescindível examinar a qualidade de sua contribuição pessoal no mecanismo das circunstâncias, porquanto é da Lei de Deus que toda semeadura se desenvolva.

O bem semeia a vida, o mal semeia a morte. O primeiro é o movimento evolutivo na escala ascensional para a Divindade, o segundo é a estagnação.

Muitos Espíritos, de corpo em corpo, permanecem na Terra com as mesmas recapitulações durante milênios. A semeadura prejudicial condicionou-os à chamada “morte no pecado”. Atravessam os dias, resgatando débitos escabrosos e caindo de novo pela renovação da sementeira indesejável. A existência deles constitui largo círculo vicioso, porque o mal os enraíza ao solo ardente e árido das paixões ingratas.

Somente o bem pode conferir o galardão da liberdade suprema, representando a chave única suscetível de abrir as portas sagradas do Infinito à alma ansiosa.

Haja, pois, suficiente cuidado em nós, cada dia, porquanto o bem ou o mal, tendo sido semeados, crescerão junto de nós, de conformidade com as leis que regem a vida.

### 10.3 CONCLUSÃO SOBRE AS PARÁBOLAS (MC 4:33-34)<sup>143</sup>

<sup>33</sup>Anunciava-lhes a Palavra por meio de muitas parábolas como essas, conforme podiam entender; <sup>34</sup>e nada lhes falava a não ser em parábolas. A seus discípulos, porém, explicava tudo em particular.

Na religião judaica havia os mestres, os discípulos e o povo judeu. Os discípulos, também conhecidos como iniciados ou aprendizes, recebiam ensinamentos secretos que eram vedados ao vulgo: “Às vezes, os mestres judeus (e outros mestres antigos) tinham ensinamentos esotéricos especiais que só podiam transmitir aos pupilos mais próximos, porque essas doutrinas não eram para o conhecimento público [...]”<sup>144</sup> Mas, no que diz respeito às parábolas ensinadas por Jesus, é “[...] errôneo supor-se aqui que as multidões nada entendiam, e que somente os discípulos eram alvo do ministério do ensino de Jesus. As multidões entendiam alguma coisa, e os discípulos eram mais bem instruídos, para que pudessem tornar-se mestres das multidões [...]”<sup>145</sup> Não existiam, portanto, segredos ou informações que o povo estivesse impedido de ter acesso.

O Evangelho, suas parábolas e ensinamentos, está destinado a toda a Humanidade irrestritamente. Os cristãos esclarecidos devem estar cientes desse fato e tudo fazer para que todos os indivíduos, cultos e ignorantes, pobres e ricos, conheçam a mensagem do Amor Imortal. Não se deve tirar o conhecimento, sobretudo o que rompe as algemas da ignorância moral, como diz o Espírito Emmanuel na mensagem:

#### **Não Tiranizes**<sup>146</sup>

“E com muitas parábolas semelhantes, lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender” (*Marcos*, 4:33).

Na difusão dos ensinamentos evangélicos, de quando em quando encontramos pregadores rigorosos e exigentes.

Semelhante anomalia não se verifica apenas no quadro geral do serviço. Na esfera particular, não raro, surgem amigos severos e fervorosos que reclamam desesperadamente a sintonia dos afeiçoados com os princípios religiosos que abraçaram.

Discussões acerbadas se levantam, tocando a azedia venenosa.

Belas expressões afetivas são abaladas nos fundamentos, por ofensas indébitas.

Contudo, se o discípulo permanece realmente possuído pelo propósito de união com o Mestre, tal atitude é fácil de corrigir.

O Senhor somente ensinava aos que o ouviam, “segundo o que podiam compreender”.

Aos apóstolos conferiu instruções de elevado valor simbólico, enquanto à multidão transmitiu verdades fundamentais, através de contos simples. A

conversação dele diferia, de conformidade com as necessidades espirituais daqueles que o rodeavam. Jamais violentou a posição natural de ninguém.

Se estás em serviço do Senhor, considera os imperativos da iluminação, porque o mundo precisa de servidores cristãos e não de tiranos doutrinários.

## REFERÊNCIAS

- 133 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:26-29, p. 1.765.
- 134 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampliado e atualizado. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 1.049-1.050.
- 135 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. p. 1.148.
- 136 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. A semente e o fruto, p. 345.
- 137 XAVIER, Francisco Cândido. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 20. ed. Uberaba: CEC, 2008. cap. 59, p. 161.
- 138 \_\_\_\_\_. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 102.
- 139 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:30-32, p. 1.765.
- 140 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 4:30-32, p. 157.
- 141 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vivendo com Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 2012. cap. 11, p. 82.
- 142 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 35.
- 143 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:33-34, p. 1.765.
- 144 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 4:33-34, p. 157.

- 145 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, Marcos, 4:34, p. 798.
- 146 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2018. cap. 143, p. 299-300.

# A TEMPESTADE ACALMADA (MC 4:35-41) O ENDEMONIADO GERASENO (MC 5:1-20)

A *tempestade acalmada* é registro encontrado nos demais evangelhos sinópticos: *Mateus*, 8:23-27 e *Lucas*, 8:22-25. Não há maiores diferenças nas citações, ainda que os estudiosos informem que o texto original teria sido escrito por Marcos. Da mesma forma, a cura do processo obsessivo por subjugação do geraseno, que era obsidiado não por um, mas por vários Espíritos, encontra-se também relatada por *Mateus*, 8: 28-34 e *Lucas*, 8:26-39.

## 11.1 A TEMPESTADE ACALMADA (MC 4:35-41)<sup>147</sup>

<sup>35</sup>E disse-lhes naquele dia, ao cair da tarde: “Passemos para a outra margem”.  
<sup>36</sup>Deixando a multidão, eles o levaram, do modo como estava, no barco; e com ele havia outros barcos. <sup>37</sup>Sobreveio então uma tempestade de vento, e as ondas se jogavam para dentro do barco, e o barco já estava se enchendo. <sup>38</sup>Ele estava na popa, dormindo sobre o travesseiro. Eles o acordam e dizem: “Mestre, não te importa que pereçamos?” <sup>39</sup>Levantando-se, ele conjurou severamente o vento e disse ao mar: “Silêncio! Quietos!” Logo o vento serenou, e houve grande bonança. <sup>40</sup>Depois, ele perguntou: “Por que tendes medo? Ainda não tendes fé?” <sup>41</sup>Então ficaram com muito medo e diziam uns aos outros: “Quem é este a quem até o vento e o mar obedecem?”

Destacam-se dois fatos dignos de nota no registro do evangelista: a ocorrência da tempestade durante a travessia do mar da Galileia (também conhecido como mar de Tiberíades ou lago de Genesaré); e Jesus fazer cessar totalmente a tempestade, acalmando os fortes ventos que se abatiam sobre a embarcação.

[...] Muitos judeus acreditavam que os anjos controlavam as forças da natureza, como os ventos e o mar; mas esses anjos não deixavam de responder a um ser superior. Na tradição judaica, quem governava os ventos e o mar era o próprio



Deus (Sl 107:29; cf. Jn 1:15). Portanto o assombro dos discípulos diante do poder de Jesus é fácil de entender.<sup>148</sup>

Para o Espiritismo, há uma vasta categoria de Espíritos que têm ação direta nos fenômenos da Natureza. Uns são mais adiantados, estabelecem diretrizes e coordenam processos; outros executam ações: “Depende do papel mais ou menos material ou mais ou menos inteligente que desempenhem. Uns comandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, tanto entre os Espíritos quanto entre os homens [encarnados]”.<sup>149</sup>

Importa considerar que as tempestades e os fortes ventos no mar da Galileia (lago de Genesaré) são ocorrências comuns. A conformação geográfica da região, ao contrário do que se pensa à primeira vista, favorece esses efeitos climáticos: o lago de Genesaré é um imenso reservatório de água doce formado pelo rio Jordão, com cerca de 23.633 metros de extensão, daí ser chamado de mar. Trata-se de um lago cercado de montanhas, inclusive o conhecido Monte Hermon, exceto nos lugares por onde o rio Jordão escoar. Na região de Magdala, apresenta maior largura, que é de 13.890 metros. Importa considerar que o nível das suas águas está 225 metros abaixo do Mediterrâneo, mas, apesar de seu nível inferior, a temperatura é semitropical. Contudo, a presença do Monte Hermon e outras montanhas nas cercanias, algumas com neve, favorecem a canalização de ventos gelados que se deslocam por uma espécie de corredor quando percorrerem os desfiladeiros entre as montanhas. Quando a ventania alcança as águas tépidas do mar da Galileia (lago de Genesaré) depara-se com o clima semitropical da localidade e provoca um choque térmico, condição que resulta em violentas e repentinas tempestades.<sup>150</sup>

O texto de Marcos destaca que Jesus dormia quando a tempestade abatia sobre o barco que o transportava junto com alguns discípulos para a outra margem. Os discípulos se viram tomados de grande aflição, ante a violência dos ventos e a agitação das águas, temendo pela própria vida. Então, resolveram acordar Jesus que, em seguida, acalmou a tempestade: “Sobreveio então uma tempestade de vento, e as ondas se jogavam para dentro do barco, e o barco já estava se enchendo. Ele estava na popa, dormindo sobre o travesseiro. Eles o acordam e dizem: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Mc 4:37-38).

O sono do Mestre não indica alheamento ao que se passava ao seu redor nem indiferença pela angustia e medos dos discípulos. O Senhor mantinha-se vigilante e no controle da situação, mas oferece aos discípulos oportunidade para eles agirem com prontidão e eficiência ante as tempestades climáticas e outros eventos semelhantes da Natureza. Ao mesmo tempo,

ao extrairmos o ensinamento espiritual do acontecimento, Jesus ensina que perante as *tempestades da vida*, devemos saber administrar medos e emoções e, com fé e coragem, enfrentar as dificuldades do caminho. Assim, naquela situação, eles, os discípulos poderiam ter orado, demonstrando fé no Senhor que, obviamente, viria acudi-los. Poderiam fazer algo que pudesse amenizar a situação, afinal, entre eles existiam pescadores que, por certo, estavam acostumados com situações semelhantes. Contudo, envolvidos pelo temor da morte, são tomados por profunda aflição que lhes obscurecem o raciocínio, e bradam ao Senhor: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Mc 4:39).

Duas ideias se destacam, portanto, no texto: a tempestade acalmada pela ação de Jesus e o poder da fé. A ação de Jesus nada tem de fantástico em razão das superiores características da sua prodigiosa personalidade, como indica o versículo 39: “Levantando-se, ele conjurou severamente o vento e disse ao mar: ‘Silêncio! Quietos!’ Logo o vento serenou, e houve grande bonança”.

As escolas cristãs, do passado e do presente, computam tal feito (e outros semelhantes) como um milagre que, interpretado no sentido teológico, indica derrogação das leis da vida. Não resta dúvida que foi um acontecimento fantástico, de grande efeito, como explica o Espiritismo: “Na sua acepção etimológica, a palavra milagre (de *miraculum*) significa: *prodígio, maravilha; coisa extraordinária*. A Academia a definiu assim: “Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza” [...].”<sup>151</sup>

Na acepção usual, essa palavra perdeu, como tantas outras, a significação primitiva. De geral que era, tornou-se de acepção restrita; no entender das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato extranatural; no sentido teológico, é a derrogação das Leis da Natureza, por meio da qual Deus manifesta o seu poder. Tal é, com efeito, a sua acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que, só por comparação e por metáfora, aplica-se às circunstâncias ordinárias da vida.

Uma das características dos milagres propriamente ditos é o fato de ser inexplicável, realizando-se, por isso mesmo, com exclusão das leis naturais. E tanto essa é a ideia que se lhe associa que, se um fato miraculoso vem encontrar explicação, diz-se que já não constitui milagre, por mais surpreendente que seja. O que, para a Igreja, confere valor aos milagres é justamente a origem sobrenatural deles e a impossibilidade de serem explicados. Firmou-se tão bem sobre esse ponto que toda assimilação dos milagres aos fenômenos da Natureza constitui para ela uma heresia, um atentado contra a fé, tanto assim

que excomungou e até queimou muita gente por não ter querido crer em certos milagres.

Outro caráter do milagre é o fato de ser insólito, isolado, excepcional; logo que um fenômeno se reproduz, quer espontânea, quer voluntariamente, é que está submetido a uma lei e, desde então, seja ou não conhecida a lei, não pode ser um milagre.<sup>152</sup>

Em relação ao quesito *fé*, o texto de Marcos nos faz refletir que a nossa *fé*, em geral, ainda é incipiente. Fica a certeza, contudo, da necessidade que temos de exercitá-la com mais vigor, empenhando-nos nesse propósito desafiante, continuamente. Os desafios existenciais da atualidade, época da transição planetária, oferece-nos muitas oportunidades

Até aqui, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos; os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material; resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazer que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo que comportavam, hoje seriam um entrave; o homem já não necessita somente de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite nele o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que vão entrar de agora em diante e que marcará uma das fases principais da humanidade. Essa fase, que nesse momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita com antecedência e é, por isso, que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.<sup>153</sup>

## 11.2 O ENDEMONIADO GERASENO/ GENEZARENO (MC 5:1-20)<sup>154</sup>

<sup>1</sup>Chegaram do outro lado do mar, à região dos gerasenos. <sup>2</sup>Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um espírito impuro. <sup>3</sup>habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. <sup>4</sup>Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebatava os grilhões e estraçalhava as correntes, e ninguém conseguia subjugá-lo. <sup>5</sup>E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedra. <sup>6</sup>Ao ver Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante d'Ele. <sup>7</sup>clamando em alta voz: “Que queres de mim, Jesus, Filho de Deus altíssimo? Conjuuro-te por Deus que não me atormentes!” <sup>8</sup>Com efeito, Jesus lhe disse: “Sai deste homem, espírito impuro!” <sup>9</sup>E perguntando-lhe: “Qual é

o teu nome?” Respondeu: “Legião é o meu nome, porque, somos muitos”.<sup>10</sup>E rogava-lhe insistentemente que não os mandasse para fora daquela região.<sup>11</sup>Ora, havia ali, pastando na montanha, uma grande manada de porcos.<sup>12</sup>Rogava-lhe, então, dizendo: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”.<sup>13</sup>Ele o permitiu. E os Espíritos impuros saíram, entraram nos porcos e a manada — cerca de dois mil — se arrojou no mar, precipício abaixo, e eles se afogavam no mar.<sup>14</sup>Os que os apascentavam fugiram e contaram o fato na cidade e nos campos. E correram a ver o que havia acontecido.<sup>15</sup>Foram até Jesus e viram o endemoninhado sentado, vestido e em são juízo, aquele mesmo que tivera a Legião. E ficaram com medo.<sup>16</sup>As testemunhas contaram-lhes o que acontecera com o endemoninhado e o que houve com os porcos.<sup>17</sup>Começaram então a rogar-lhe que se afastasse do seu território.<sup>18</sup>Quando entrou no barco, aquele que fora endemoninhado rogou-lhe que o deixasse ficar com ele.<sup>19</sup>Ele não deixou, e disse-lhe: “Vai para tua casa e para os teus e anuncia-lhes tudo o que fez por ti o Senhor na sua misericórdia”.<sup>20</sup>Então partiu e começou a proclamar na Decápole o quanto Jesus fizera por ele. E todos ficaram espantados.

O capítulo de número cinco de *O evangelho segundo Marcos* informa que Jesus teria saído de Cafarnaum, na Galileia, e tomou o rumo de *Decápole* ou *Decápolis*, mais especificamente para a localidade de *Gadara* ou *Gerasa*, cidade dos gentios. Em termos de referência histórico-geográfica, *Decápolis* (do grego *deka* = dez + *polis* = cidade) era região habitada por povos gentílicos de descendência grega que, culturalmente cultivavam as tradições do helenismo, ainda que estivessem subordinados politicamente ao Império Romano.

[Era] nome de um distrito que começava na planície de Esdraelom, que se abre para o vale do Jordão e que se expande para o lado do Oriente. Continha dez cidades povoadas por gente da Grécia após a conquista de Alexandre: Citópolis ou Betseã, Hispos, Damasco, Gadara, Refana, Canata, Pela, Diom, Gesara e Filadlfia ou Rabá-Amom. (Plínio, *Hist. Nat.* 5.16). A esse grupo de cidades, foram adicionadas outras, até o número de 18 [...]. Plínio denominava essa região de Decapolita Régio [ou Decápolis]. No princípio do ministério de Jesus, multidões vindas de Decápolis o seguiam [...].<sup>155</sup>

*Decapolita Regio*, segundo denominação do historiador romano Plínio (Caio Plínio Segundo, 23-79 d.C.), também conhecido como Plínio, o Velho, representava parte do Império Romano do Oriente (constituído também da Judeia e da Síria). Hoje, Decápolis pertence à Jordânia. *Gadara* ou *Gerasa*, cidade onde Jesus libertou um gadareno (ou geraseno) de processo obsessivo era denominada *Pereia*, cidade rica e opulenta, antes da dominação romana, e estava situada na região oriental do rio Jordão, quase defronte de Tiberíades e de Citótolis. Atualmente, só existem ruínas da cidade, como as termas de Gadara.<sup>156</sup>

Essa passagem do Evangelho reporta-nos ao conhecido processo de *obsessão*, bem estudado pelo Espiritismo, “[...] isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento [...]”.<sup>157</sup> Ainda segundo a Doutrina Espírita, a “[...] obsessão apresenta características diversas, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa essa espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*”.<sup>11</sup> A subjugação é uma forma grave da obsessão manifestar-se. Vulgarmente conhecida como loucura, pode ser manifestada pela ação de um ou mais Espíritos perseguidores:

A subjugação é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Numa palavra, o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corpórea. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma espécie de fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários [...].<sup>158</sup>

Importa esclarecer que a palavra *Subjugação* é às vezes utilizada como sinônima de *possessão*, palavra que, aliás, é usualmente encontrada nas traduções do Antigo e Novo Testamento. Contudo, é importante estarmos atentos às seguintes orientações de Allan Kardec:

Dava-se antigamente o nome de *possessão* ao domínio exercido pelos Espíritos maus, quando a influência deles ia até a aberração das faculdades da vítima. A *possessão* seria, para nós, sinônimo de subjugação. Deixamos de adotar esse termo por dois motivos: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente devotados ao mal, ao passo que não há seres, por mais imperfeitos que sejam, que não possam melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do “apoderamento” de um corpo por um Espírito estranho, de uma espécie de coabitação, quando, na verdade, só existe constrangimento. A palavra subjugação exprime perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há *possessos*, no sentido vulgar do termo; há somente *obsidiados*, *subjugados* e *fascinados*.<sup>159</sup>

Em todas as ocorrências obsessivas, independentemente das variedades ou tipos, há um ponto fundamental: “[...] ação persistente que Espírito mau exerce sobre o indivíduo. Apresenta características muito diversas, desde a simples influência moral sem sinais exteriores perceptíveis até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais [...]”.<sup>160</sup>

O gadareno/genezareno é exemplo de pessoa que está totalmente sob o domínio perverso do obsessivo (*Espírito impuro/endemoniado*) ou de obsessores. Nessa situação, o obsidiado não age mais por conta própria, não tem paz em nenhum momento. Como relata o texto evangélico, ele vivia a ermo, morando em lugares afastados, como o cemitério e as montanhas, e como encontrava-se sob algemas feria-se continuamente:

<sup>1</sup>Chegaram do outro lado do mar, à região dos gerasenos. <sup>2</sup>Logo que Jesus desceu do barco, caminhou ao seu encontro, vindo dos túmulos, um homem possuído por um Espírito impuro: <sup>3</sup>habitava no meio das tumbas e ninguém podia dominá-lo, nem mesmo com correntes. <sup>4</sup>Muitas vezes já o haviam prendido com grilhões e algemas, mas ele arrebatava os grilhões e estraçalhava as correntes, e ninguém conseguia subjugar-lo. <sup>5</sup>E, sem descanso, noite e dia, perambulava pelas tumbas e pelas montanhas, dando gritos e ferindo-se com pedra (Mc 5:1-5).

É importante destacar que o obsessivo é, quase sempre, um Espírito que sabe o que faz, tem inteligência suficiente para provocar sérias dificuldades, de arregimentar seguidores, e, quase sempre, movido por um insano desejo de vingança; faz sofrer quem é objeto da sua perseguição. Em geral, o obsessivo não se mantém alheio ao que se passa à sua volta: identifica encarnados e desencarnados que possa impedir ou dificultar suas ações nefastas e os atacam, igualmente. Sabe, inclusive, identificar quem é superior a ele. Daí ele saber quem era Jesus, falando-lhe assim: “Que queres de mim, Jesus, Filho de Deus altíssimo? Conjuuro-te por Deus que não me atormentes!” (Mc 5:7) E Jesus, sem delongas, ordena incisivamente: “Sai deste homem, espírito impuro!” (Mc 5:8).

O Mestre Nazareno transmite-nos oportunos aprendizados a respeito do doloroso quadro obsessivo no seguinte diálogo que Ele estabelece como o perseguidor espiritual:

E perguntando-lhe: “Qual é o teu nome?” Respondeu: “Legião é o meu nome, porque somos muitos”. E rogava-lhe insistentemente que não os mandasse para fora daquela região. Ora, havia ali, pastando na montanha, uma grande manada de porcos. Rogava-lhe então, dizendo: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Ele o permitiu. E os espíritos impuros saíram, entraram nos porcos e a manada — cerca de dois mil — se arrojou no mar, precipício abaixo, e eles se afogavam no mar” (Mc 5:9-13).

O primeiro aprendizado está relacionado a um tipo específico de subjugação: obsessão coletiva. Isto é, são vários Espíritos (“legião”) que dominavam o gadareno. O segundo aprendizado é a questão dos obsessores pedirem a Jesus para entrarem na manada de porcos que foram mortos afogados no mar.

Realmente, há uma séria e contraditória incoerência nesse registro. É totalmente inaceitável que Jesus tenha permitido que os obsessores se jogassem sobre os porcos, fazendo-os se precipitarem montanha abaixo, caírem e se afogarem no mar. Eis o que Allan Kardec pontua com sabedoria:

O fato de alguns Espíritos maus terem sido mandados meter-se em corpos de porcos é contrário a todas as probabilidades [...]. Não é por ser mau que um Espírito deixa de ser um Espírito humano, embora tão imperfeito que continue a fazer o mal, depois de desencarnar, como o fazia antes; e é contrário a todas as leis da natureza que ele possa animar o corpo de um animal. É preciso, pois, ver nesse fato, a existência de um desses exageros tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou, talvez, uma alegoria destinada a caracterizar os pendores imundos de certos Espíritos.<sup>161</sup>

A lição que permanece está relacionada à existência da *legião do mal*, como Emmanuel nomeia, que se alastra pelo planeta, envolvendo os invigilantes e imprudentes, os que não se preocupam com a necessidade da melhoria moral, de fazer o bem, de se tornarem pessoas melhores. É preciso, pois, saber lidar com as forças do mal, cujo poder transitório causa perturbações variadas. Ensina o benfeitor espiritual como lidar com o mal na mensagem que se segue:

#### **Legião do Mal<sup>162</sup>**

*E perguntou-lhe: Qual é o seu nome? Ele diz: Legião é o meu nome, porque somos muitos (Marcos, 5:9).*

O Mestre legou inolvidável lição aos discípulos nesta passagem dos Evangelhos. Dispensador do bem e da paz, aproxima-se Jesus do Espírito perverso que o recebe em desesperação.

O Cristo não se impacienta e indaga carinhosamente de seu nome, respondendo-lhe o interpelado: “Chamo-me Legião, porque somos muitos”.

Os aprendizes que o seguiam não souberam interpretar a cena, em toda a sua expressão simbólica.

E até hoje pergunta-se pelo conteúdo da ocorrência com justificável estranheza. É que o Senhor desejava transmitir imortal ensinamento aos companheiros de tarefa redentora. À frente do Espírito delinquente e perturbado, Ele era apenas um; o interlocutor, entretanto, denominava-se “Legião”, representava maioria esmagadora, personificava a massa vastíssima das intenções inferiores e criminosas. Revelava o Mestre que, por indeterminado tempo, o bem estaria em proporção diminuta comparado ao mal em aludes<sup>\*\*\*</sup> arrasadores.

Se te encontras, pois, a serviço do Cristo na Terra, não te esqueças de perseverar no bem, dentro de todas as horas da vida, convicto de que o mal se faz sentir

---

\*\*\* Avalanches

em derredor, à maneira de legião ameaçadora, exigindo funda serenidade e grande confiança no Cristo, com trabalho e vigilância, até à vitória final.

## REFERÊNCIAS

- 147 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 4:35-41, p. 1.765
- 148 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. 4:35-41, p. 157.
- 149 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 538-a, p. 254.
- 150 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 508-509.
- 151 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 13, it. 1, p. 221.
- 152 \_\_\_\_\_. p. 221-222.
- 153 \_\_\_\_\_. cap. 18, it. 5, p. 345.
- 154 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 5:1-20, p. 1.765-1.766.
- 155 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 322.
- 156 \_\_\_\_\_. p. 520-521.
- 157 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 23, it. 237, p. 259.
- 158 \_\_\_\_\_. it. 240, p. 261-262.
- 159 \_\_\_\_\_. it. 241, p. 262.
- 160 \_\_\_\_\_. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2017. cap. 27, it. 81, p. 369.
- 161 \_\_\_\_\_. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 15, it. 34, p. 282.
- 162 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 143.



# CURA DA HEMORROÍSA E RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (MC 5:21-43)

Após o retorno de *Gadara* ou *Gerasa*, cidade onde Jesus libertou um gadareno (ou geraseno) de processo obsessivo, o evangelista Marcos relata a *cura da hemorroísa* (Mc 5:25-34) e a *ressurreição da filha de Jairo* (Mc 5:21-24 e 35-43). Em ambos os episódios, Jesus teria utilizado o mesmo processo de doação fluídica. No primeiro caso, percebemos que é a enferma quem toma a iniciativa de absorver a divina energia de Jesus, energia que foi imediatamente liberada, como assinala o versículo 30: “Imediatamente, Jesus tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: ‘Quem tocou minhas roupas’?” (Mc 5:30). No segundo caso, a filha de Jairo retorna a vida corporal, da qual estava se desligando, após receber as elevadas energias e a poderosa ordenação do Mestre Nazareno que profere em aramaico: *Thalíta kum*, que significam: “Menina, eu te digo, levanta-te”.

## 12.1 A CURA DA HEMORROÍSA (MC 5:21-34)<sup>163</sup>

<sup>21</sup>E de novo, atravessando Jesus de barco para o outro lado, uma numerosa multidão o cercou; e ele se deteve à beira mar. <sup>22</sup>Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, cujo nome era Jairo, e vendo-o, caiu aos seus pés. <sup>23</sup>Rogou-lhe insistentemente, dizendo: “Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva.” <sup>24</sup>Ele o acompanhou e numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados. <sup>25</sup>Ora, certa mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue <sup>26</sup>e que sofrera nas mãos de vários médicos, tendo gasto tudo o que possuía sem nenhum resultado, mas cada vez piorando mais, <sup>27</sup>ouvira falar de Jesus. Aproximou-se dele, por detrás, no meio da multidão, e tocou o seu manto. <sup>28</sup>Porque dizia: “Se ao menos tocar suas roupas, serei salva”. <sup>29</sup>E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade. <sup>30</sup>Imediatamente, Jesus tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: “Quem

tocou minhas roupas”?<sup>31</sup> Os discípulos disseram-lhe: “Vês a multidão que te comprime e perguntas: ‘Quem me tocou?’”<sup>32</sup> Jesus olhava em torno de si para ver quem havia feito aquilo.<sup>33</sup> Então a mulher, amedrontada e trêmula, sabendo o que lhe havia sucedido, foi e caiu-lhe aos pés e contou-lhe toda a verdade.<sup>34</sup> E ele disse-lhe: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e fique curada desse teu mal”.

Em *A gênese*, Allan Kardec fornece a explicação para a cura da mulher com fluxo hemorrágico:

Estas palavras: *conhecendo em si mesmo a virtude que dele havia saído*, são significativas. Expressam o movimento fluídico que se operava de Jesus para o doente; ambos experimentaram a ação que acabara de produzir-se. É de notar-se que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; não houve magnetização nem imposição das mãos. Bastou a irradiação fluídica normal para realizar a cura.<sup>164</sup>

Em todo processo de cura há, necessariamente, doação e recepção de fluidos salutares ou curadores. Contudo, nem sempre há intenção deliberada por parte do médium curador, visto que a energia magnética – espiritual pode ser absorvida pelo enfermo, de acordo com sua vontade ou fé. É o ponto principal enfocado na passagem evangélica, ora em estudo. Foi a enferma que, por meio da sua vigorosa fé, acessou a fonte divina; daí retirou os recursos necessários para o restabelecimento da sua saúde, como atesta Jesus: “E ele disse-lhe: ‘Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e fique curada desse teu mal’” (Mc 5:33).

Nas curas mediúnicas, com ou sem a ação direta da vontade do mediano, costuma-se dizer que, até pelo olhar, o médium produz a liberação de fluidos salutares, modernamente denominados, bioenergia. Tal fato acontece porque o organismo físico dos médiuns curadores foi assim moldado pelo perispírito. Alguns interpretadores, um tanto apressados em suas análises, inclusive espíritas, afirmam que o processo de cura é apenas um *efeito magnético*. Reflitamos, porém, nas seguintes ponderações de Kardec.

Diremos apenas que esse gênero de mediunidade consiste principalmente no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quando se examina o fenômeno com cuidado, facilmente se reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento regular, seguido e metódico. No caso que apreciamos, as coisas se passam de modo

inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que, nos médiuns curadores, a faculdade é espontânea, e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação.<sup>165</sup>

Jesus estava cercado por uma numerosa multidão, que o apertava. Então, por que a irradiação fluídica que se desprendera d'Ele se dirigiu exatamente para aquela mulher que, inclusive, não viera ao seu encontro da maneira habitual, pelo contrário, viera “por detrás” na expectativa de apenas tocar as suas vestes para ser curada? Eis a resposta:

Mas por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado pela multidão? A razão é bem simples. considerado como matéria terapêutica, o fluido tem que atingir a desordem orgânica, a fim de repará-la; pode então ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído não só pelo desejo ardente, como também pela confiança e fé do doente, em suma: com relação à corrente fluídica, o primeiro age como uma bomba premente, e o segundo, como uma bomba aspirante. Algumas vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações; de outras, basta uma só; o segundo caso foi o que ocorreu no fato de que tratamos.<sup>166</sup>

Um grande ensinamento foi, efetivamente, sintetizado nas palavras de Jesus: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz, e fique curada desse teu mal”. O desejo ardente, a confiança e a fé da doente atraiu a força que se despreendeu do Mestre para reparação da desordem orgânica que lhe afetava a saúde há doze anos.

Outro ensinamento importante está descrito nos seguintes versículos:

<sup>28</sup>Porque dizia: “Se ao menos tocar suas roupas, serei salva”. <sup>29</sup>E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade.

<sup>30</sup>Imediatamente, Jesus tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: “Quem tocou minhas roupas?” diz respeito ao medo que a enferma teve quando Jesus, em voz alta, perguntou: “Quem me tocou?” (Mc 5:28-30).

Percebe-se nessa passagem que: a) a intenção da enferma em ser curada ocorreu em surdina, sem alardes; b) ao tocar as vestes de Jesus, “ela sentiu, no corpo, que estava curada”. Ou seja, a energia curadora foi tão intensamente detectada, que lhe transmitiu a certeza de que estava curada;

c) com a pergunta de Jesus, “Quem tocou minhas roupas?” A mulher ficou amedrontada e trêmula, e, sabendo o que lhe havia sucedido, explicou ao Mestre o que pensara e fizera.

O medo da enferma tem a sua razão de ser, pois a “legislação levítica proibia esse *toque* em alguém que estivesse nas condições daquela mulher. (Lv 15:19-27). Entretanto, nem mesmo a lei pode impedi-la de receber a cura de Jesus [...]”<sup>167</sup> Mais uma vez, percebe-se que Jesus não veio destruir a Lei, mas dar-lhe entendimento, atualizá-la como orienta o Espiritismo e, em especial, no que consta no primeiro capítulo de *O evangelho segundo o espiritismo*. A posição de Jesus, diante do ocorrido, foi a de não julgar nem condenar a mulher hemorroísa que o tocou, mas a de abençoá-la.

Amélia Rodrigues fornece esclarecimentos complementares a respeito da mulher hemorroísa e do seu abençoado encontro com Jesus.

Abandonara sua cidade de nascimento, pela primeira vez, Cesareia de Felipe, na Decápole, desiludida, marcada pelo estigma humilhante.

Todos a consideravam impura e, conseqüentemente, malsinada.

Recorrera a todos os métodos curadores. Consultara os sacerdotes, os médicos locais e os alienígenas,\*\*\*\* inutilmente. A enfermidade impiedosa resistia a todos os remédios.

Deixara-se exorcizar, usara os preceitos da Lei, submetera-se a experiências que a maltrataram interminavelmente, no entanto, tudo fora inútil. Seu mal era um castigo, um sinal de desventura imposto por Deus.

Sem mais esperanças, após ter gasto tudo quanto possuía, resolvera buscar a próspera Cafarnaum na vã tentativa de conseguir um remédio não usado ou conhecer um médico ainda não consultado.

O fluxo sanguíneo, porém, não a deixava. Via-se constrangida a esconder-se, ocultando a marca da sua desdita.

Tinha, agora, pela primeira vez, a oportunidade de falar com Ele.

Seu nome, seus prodígios, conhecia-os através dos que, de suas mãos, haviam recebido a saúde como doação máxima.

E Ele ali estava, a alguns passos.

[...]

Cria n’Ele. Sentia-o invadir-lhe o íntimo, como se de todo Ele se desprendesse uma força ignota, miraculosa. Nos seus olhos, no Seu porte, em todo Ele havia uma tão grande serenidade e grandeza! ...

[...]

---

\*\*\*\* Que ou quem é natural de outro país; estrangeiro, forasteiro. No sentido figurado, é o que ou quem pertence a outros mundos.

Vencendo a agonia que a assaltava, com a visão turbada, num movimento irresistível, puxou-lhe a fímbria dos vestidos, e... Oh! ventura! O sangue estancara [...].<sup>168</sup>

## 12.2 A RESSURREIÇÃO DA FILHA DE JAIRO (MC 5:21-24 E 35-43)<sup>169</sup>

O episódio do retorno à vida da filha de Jairo está subdividido em três partes: a) Jesus retorna a Cafarnaum, vindo de Gedara, e encontra o chefe da sinagoga local, Jairo, que pede para Ele socorrer a sua filha, considerada profundamente enferma (Mc 5:21-24); b) no caminho para a residência de Jairo, Jesus realiza a cura da mulher que sangrava, estudada no item anterior (Mc 5:25-34); e c) Jesus traz a menina de volta à vida física (Mc 5:35-43), impedindo a sua desencarnação.

<sup>21</sup>E de novo, atravessando Jesus de barco para o outro lado, uma numerosa multidão o cercou; e ele se deteve à beira mar. <sup>22</sup>Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, cujo nome era Jairo, e vendo-o, caiu aos seus pés. <sup>23</sup>Rogou-lhe insistentemente, dizendo: “Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva”. <sup>24</sup>Ele o acompanhou e numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados (Mc 5:21-24).

[...]

<sup>35</sup>Ainda falava, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, dizendo: “Tua filha morreu. Por que perturbas ainda o Mestre?” <sup>36</sup>Jesus, porém, tendo ouvido a palavra que acabara de ser pronunciada, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas, crê somente”. <sup>37</sup>E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago, e João, o irmão de Tiago. <sup>38</sup>Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu um alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. <sup>39</sup>Entrando disse: “Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu, está dormindo”. <sup>40</sup>E caçoaram dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança, <sup>41</sup> Tomando a mão da criança, disse-lhe: “*Talítha kum*” – o que significa: “Menina, eu te digo, levanta-te”. <sup>42</sup>No mesmo instante a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos. E ficaram extremamente espantados. <sup>43</sup>Recomendou-lhes então expressamente que ninguém soubesse o que tinha visto. E mandou que dessem de comer a menina.” (Mc 5:35-43).

Em *A gênese*, a Allan Kardec esclarece a respeito da cura da filha de Jairo, chefe da sinagoga local.

O fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto seria totalmente contrário às leis da Natureza e, portanto, milagroso. Ora, não é preciso que se recorra a essa ordem de fatos para que se tenha a explicação

das ressurreições realizadas pelo Cristo. Se, mesmo na atualidade, as aparências às vezes enganam os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde não se tomava nenhuma precaução contra eles, e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo provável que, nos dois casos acima, apenas houvesse síncope ou letargia. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: *Esta menina, disse Ele, não está morta, está apenas adormecida.*

Considerando-se o poder fluídico que Jesus possuía, nada há de espantoso em que esse fluido vivificante, dirigido por uma vontade poderosa, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar o Espírito ao corpo, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispírico ainda não se rompeu definitivamente.<sup>170</sup>

Para um melhor entendimento da explicação de Kardec, recorreremos ao dicionário médico.

- » *Síncope*: “Perda temporária da consciência devido ao fluxo sanguíneo inadequado para o cérebro. Desfalecimento. Desmaio [...]”<sup>171</sup>
- » *Letargia*: “Condição de torpor ou de lentidão funcional; estupor.”<sup>172</sup> A letargia pode apresentar um quadro de profunda e prolongada inconsciência, semelhante ao sono profundo.
- » *Catalepsia* é uma palavra que, usualmente, está associada ao vocábulo letargia. Contudo há diferença de significado entre ambos os termos. Catalepsia é “condição observada em pacientes psicóticos em que ocorre uma diminuição generalizada da resposta (reatividade), que se caracteriza comumente por um estado similar ao de transe [...]”<sup>173</sup>

É mais provável que a filha de Jairo estivesse sob efeito do estado letárgico que, à primeira vista, apresenta quadro similar ao da morte. Mas, efetivamente, o perispírito da menina ainda estava preso ao corpo físico, como afirma Jesus, peremptoriamente:

Entrando, disse: “Por que este alvoroço e este pranto? A criança não morreu, está dormindo.” E caçoaram dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança, disse-lhe: “Talítha kum” – o que significa: “Menina, eu te digo, levanta-te.” No mesmo instante a menina se levantou, e andava, pois já tinha doze anos (Mc 5:39-42).

Importa destacar que o desespero de Jairo deveria ser enorme, pois, enquanto chefe da sinagoga, ele estava expondo-se ao escárnio e ao repúdio dos demais religiosos ao pedir auxílio a Jesus.

Possivelmente, ele buscou Jesus como último recurso, pois familiares, amigos e pessoas próximas afirmavam que a sua filha já se encontrava morta. Mesmo correndo o risco de ser repudiado pelos demais religiosos e membros da comunidade judaica, Jairo também buscou Jesus, demonstrando fé e humildade em sua intervenção, como conta no registro de Marcos: “Rogou-lhe insistentemente: ‘Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva’” (Mc 5:23).

Amélia Rodrigues destaca dois pontos muito sensíveis e úteis à nossa reflexão. No primeiro, a benfeitora espiritual traça um paralelo entre as limitações do poder temporal e o prestígio de cargos que os “Jairos” da vida ocupam transitoriamente no mundo, condições que não lhes permitem amenizar ou solucionar provações existenciais. O segundo ponto está relacionado à voz contraditória, pessimista e zombeteira dos circundantes levianos e superficiais que assim se manifestam diante do sofrimento do próximo. São Espíritos que ainda não conseguem perceber o poder do amor.

A confiança sempre fez transbordar a taça do sofrimento, renovando-lhe o conteúdo, graças ao que pode ser chamada de portal para a vitória.

Penetrando-lhe o ser arrebatado de dor, Jesus e os discípulos seguiram-no [a Jairo].

Limitados às percepções sensoriais, não podiam ir além da capacidade de análise incompleta.

Chegando à casa, defrontaram o desespero dominando a família, os tocadores de flautas e a multidão que se aglutinara à porta, pranteando a menina morta.

Percebendo que ainda não se houvera dado a ruptura total dos vínculos com o corpo, e o Espírito ali se encontrava, Jesus asseverou:

“– Retirai-vos, porque a menina não está morta: dorme!”

Diante do inusitado, os cépticos habituais puseram-se a rir, zombeteiros, ante o fato que aparentemente constatavam: a morte da criança.

Limitados às percepções sensoriais, não podiam ir além da capacidade de análise incompleta. A mofa era, então, o recurso único de que podiam dispor, dela utilizando-se com naturalidade [...].<sup>174</sup>

A rogativa do chefe da sinagoga “Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva”. (Mc 5:23), indica que, mesmo naquela época, já existia algum entendimento relacionado à transmissão de energias curadoras pela imposição das mãos, prática que o Espiritismo denomina *passé*. Emmanuel esclarece a respeito na mensagem intitulada:

**Passes**<sup>175</sup>

*E rogava-lhe muito, dizendo: – Minha filha está moribunda; rogo-te que venhas e lhe imponhas as mãos para que sare, e viva (Marcos, 5:23).*

Jesus impunha as mãos nos enfermos e transmitia-lhes os bens da saúde. Seu amoroso poder conhecia os menores desequilíbrios da Natureza e os recursos para restaurar a harmonia indispensável.

Nenhum ato do Divino Mestre é destituído de significação. Reconhecendo essa verdade, os apóstolos passaram a impor as mãos fraternas em nome do Senhor e tornavam-se instrumentos da Divina Misericórdia.

Atualmente, no Cristianismo Redivivo, temos, de novo, o movimento socorrista do plano invisível, através da imposição das mãos. Os passes, como transfusões de forças psíquicas, em que preciosas energias espirituais fluem dos mensageiros do Cristo para os doadores e beneficiários, representam a continuidade do esforço do Mestre para atenuar os sofrimentos do mundo.

Seria audácia por parte dos discípulos novos a expectativa de resultados tão sublimes quanto os obtidos por Jesus junto aos paralíticos, perturbados e agonizantes.

O Mestre sabe, enquanto nós outros estamos aprendendo a conhecer. É necessário, contudo, não lhe desprezar a lição, continuando, por nossa vez, a obra de amor, através das mãos fraternas.

Onde exista sincera atitude mental do bem, pode estender-se o serviço providencial de Jesus.

Não importa a fórmula exterior. Cumpre-nos reconhecer que o bem pode e deve ser ministrado em seu nome.

Por último, é válido enfatizar que o sono letárgico da menina nos faz refletir a respeito de outro tipo de sono que, muitas vezes, é a posição que utilizamos perante vida, pondera Amélia Rodrigues.

O episódio envolvendo a menina que *dormia* é portador de grande significado para todas as criaturas, especialmente para aquelas que estão amortalhadas no sono da indiferença ou da ignorância em torno da realidade existencial.

Há aquelas que se comprazem no letargo, distantes da responsabilidade, enquanto outras optam pelo sono da negligência para não se darem ao esforço da renovação moral.

Dormem milenarmente, e quando se lhes fala sobre a finalidade do despertar, escusam-se, rebelam-se, agridem e não cedem um passo na postura adotada. Estão inconscientes dos objetivos existenciais e preferem permanecer neles. Despertarão, sim, um dia, queiram ou não, porquanto é inevitável o fenômeno do crescimento interior na direção de Deus.

Outras, que ainda não se deram conta, por ignorância ou estupidez, já perceberam que lhes é impossível continuar dormindo, e predispõem-se a aguardar a doce-energética voz, impondo-lhes: — Desperta e anda!...<sup>176</sup>



Observação: Para aprofundamento e estudo comparativo de ambas as passagens registradas pelo evangelista Marcos, recomendamos a leitura do Tema 34, do programa O Evangelho Redivivo, Livro II (*Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*).

## REFERÊNCIAS

- 163 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos. 5:21-34, p. 1.766.
- 164 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 11, p. 269.
- 165 \_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 14, it. 175, p. 180.
- 166 \_\_\_\_\_. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 15, it. 11, p. 269.
- 167 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 5.28, p. 808.
- 168 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 14, p. 163-164.
- 169 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 5:35-43, p. 1.766-1.767.
- 170 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 39, p. 284.
- 171 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. il. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri: 2000. p. 1.614.
- 172 \_\_\_\_\_. p. 1.019.
- 173 \_\_\_\_\_. p. 285.
- 174 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 2, p. 20-21.
- 175 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 153.
- 176 FRANCO, Divaldo Pereira. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 2, p. 23.

## VISITA A NAZARÉ (MC 6:1-13)

Os dois assuntos, objetos deste estudo, indicam que os servidores sinceros do Cristo estão destinados a passar por desafios, de tipos e intensidade variáveis, na divulgação do Evangelho. Desafios que refletem valiosas oportunidades de testar-nos a capacidade de vivenciar os ensinamentos de Jesus. Nem mesmo o Cristo foi poupado de testemunho, como veremos em seguida.

### 13.1 VISITA A NAZARÉ (MC 6:1-6)<sup>177</sup>

<sup>1</sup>Saindo dali, foi para a sua pátria e os seus discípulos o seguiram. <sup>2</sup>Vindo o sábado, começou ele a ensinar na sinagoga e numerosos ouvintes ficavam maravilhados, dizendo: “De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos?” <sup>3</sup>Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?” E escandalizavam-se dele. <sup>4</sup>E Jesus lhes dizia: “Um profeta só é desprezado em sua pátria, em sua parentela e em sua casa”. <sup>5</sup>E não podia realizar ali nenhum milagre, a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos. <sup>6</sup>E admirou-se da incredulidade deles. E ele percorria os povoados circunvizinhos, ensinando.

É do conhecimento geral que “ninguém é profeta em sua terra”, como alega o Mestre Nazareno ao afirmar: “*Um profeta só é desprezado em sua pátria, em sua parentela e em sua casa*” (Mc 6:4). Quais seriam as justificativas para tal comportamento? Poderemos elencar algumas, a título de ilustração: o hábito de não reconhecer boas ideias ou ações de pessoas que guardam convivência próxima, sobretudo no ambiente familiar; ciúmes ou inveja; orgulho, despeito, ou incapacidade de admitir que outra pessoa, da intimidade ou não, possa realizar alguma coisa que desperta a atenção e elogios de terceiros. Seja qual for o motivo, a raiz do problema está na imperfeição moral que ainda é presente em todos nós. Contudo, à medida que desenvolvemos virtudes, o orgulho, a vaidade, o ciúme e a inveja escasseiam-se ou deixam de existir.

A situação aconteceu também com Jesus: os seus compatriotas não reconheceram o valor dos seus ensinamentos e atos. Ao contrário, manifestaram surpresa, perplexidade e até admiração, mas pontuadas como se fossem um escândalo, segundo consta no registro de *Marcos*, 6:2-3:

Vindo o sábado, começou ele a ensinar na sinagoga e numerosos ouvintes ficavam maravilhados, dizendo: De onde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais milagres por suas mãos? Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E as suas irmãs não estão aqui entre nós?” E escandalizavam-se dele.

Vemos que, de forma semelhante, Jesus foi também desconsiderado pelos seus conterrâneos, e de forma preconceituosa, simplesmente porque Ele era filho de um carpinteiro. O versículo de *Marcos* afirma que os habitantes da cidade *se escandalizavam d’Ele*. Assim, em Nazaré, cidade onde vivera a meninice e juventude, Jesus não realizou feitos excepcionais, denominados milagres, fato que não o impediu de curar alguns doentes: “E não podia realizar ali nenhum milagre, a não ser algumas curas de enfermos, impondo-lhes as mãos. E admirou-se da incredulidade deles. E Ele percorria os povoados circunvizinhos, ensinando” (Mc 6:5-6). Com base nessas informações, o estadunidense Craig S. Keener, professor da Universidade de Duke, Carolina do Norte/USA, tece comentários a respeito da rejeição de Jesus pelos compatriotas: “[...] O fato de que Jesus “não pôde” realizar milagres devido à descrença deles (Mc 6:5) pressupõe uma limitação não do poder de Cristo, mas de sua missão: curar sem que haja fé moralmente direcionada seria agir como os mágicos pagãos da Antiguidade [...]”.<sup>178</sup>

O comentário desse estudioso protestante é importante, porque declara que a missão de Jesus não se resumia à realização de ações consideradas milagrosas, usuais em médiuns ou em indivíduos identificados como paranormais, popularmente denominadas mágicos, feiticeiros ou bruxos. À época, era habitual a consulta aos adivinhos e magos, prática amplamente divulgada entre os povos politeístas, então denominados gentios. Assim, grande parte dos romanos via Jesus como um poderoso feiticeiro em razão dos feitos milagrosos que Ele produzia. A propósito, Irmão X (Humberto de Campos) nos transmite interessante diálogo ocorrido entre Jesus, alguns romanos e Quintiliano Agrícola – patricio ilustre, que agia e desempenhava as funções de Legado do Imperador, em trânsito na província –, os quais tinham o hábito de consultar

adivinhos. E, ao atribuírem a Jesus prodígios e sinais dos feiticeiros e magos, recebeu do Cristo os seguintes esclarecimentos:

– Romanos, em verdade há feiticeiros que fazem prodígios e magos que distraem os ócios dos homens indiferentes ao destino de sua própria alma. Eu, porém, não vos trago entretenimentos passageiros e sim a solução de interesses eternos do Espírito que nunca morre. Para diversões e prazeres inúteis, tendes os vossos circos cheios de dançarinos e gladiadores. Se desejais, contudo, a Revelação Viva de que sou portador, examinai primeiramente até onde vos comprometeréis com César, a fim de servirdes efetivamente a Deus.

Em seguida, fez longa pausa, que os circunstantes não cortaram, e concluiu:

– Em verdade, porém, vos afirmo que se cumprirdes, desde agora, os deveres referentes aos títulos com que vos apresentais, servindo conscientemente a justiça e atendendo aos interesses do bem público, na compreensão fiel das graves responsabilidades que assumistes, estareis com o Pai, desde hoje, e o Pai estará convosco.<sup>179</sup>

A vinda de Jesus, Guia e Modelo da Humanidade terrestre, ao nosso planeta teve a finalidade de transmitir a Lei de Amor, consubstanciada no seu Evangelho. A suas pregações, curas e ações excepcionais, então consideradas milagres, foram meios ou recursos utilizados para despertar a atenção para os seus ensinamentos: “Jesus preocupou-se, acima de tudo, em proporcionar a cada alma uma visão mais ampla da vida e em quinhoar cada espírito com eficientes recursos de renovação para o bem”<sup>180</sup>

## 13.2 MISSÃO DOS DOZE (MC 6:7-13)<sup>181</sup>

<sup>7</sup>Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois. E deu-lhes autoridade sobre os espíritos impuros. <sup>8</sup>Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. <sup>9</sup>Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas. <sup>10</sup>E dizia-lhes: “onde quer que entreis numa casa, nela permaneçei até vos retirardes do lugar. <sup>11</sup>E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles”. <sup>12</sup>Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem, <sup>13</sup>E expulsavam demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo.

Champlin faz as seguintes ponderações ao avaliar o contexto histórico da missão atribuída por Jesus aos doze membros do colégio apóstolar:

Obviamente, *em seu primeiro circuito* pela Galileia, Jesus foi com os quatro discípulos originais especiais. No segundo circuito, enviou à frente os *doze*, e então os seguiu a fim de confirmar a atuação deles. Talvez no terceiro circuito tenha enviado os *setenta*, para então segui-los. Não podemos, entretanto, ter nenhuma certeza sobre esses detalhes [...]. Apesar de essa ter sido uma missão genuína de Jesus e seus discípulos originais, é provável também que tenha sido usada pela igreja primitiva como “exemplo” de como a igreja deve ser envolvida, de modo eficaz e definido, na propagação do Evangelho. [...] <sup>182</sup>

A missão do Cristo poderia estar centrada na Sua pessoa, então considerado o Messias de Deus. Ele poderia, individualmente, sim, se o quisesse, realizar todas as ações e acontecimentos, como consequência natural da sua elevada hierarquia espiritual, moral e intelectual, contudo Ele nos transmite valiosa lição com a criação do colégio ou conselho apostolar. Ensina-nos que o trabalho de ascensão espiritual do ser humano é de natureza coletiva, não é, e nunca será, solitário ou centrado no indivíduo, mas obra do conjunto. Os apóstolos, em especial, ocupam posição de destaque, porque irão falar e agir em nome do Cristo.

O apóstolo é o educador por excelência. Nele reside a improvisação de trabalho e o sacrifício de si mesmo para que a mente dos discípulos se transforme e se ilumine, rumo à esfera superior.

[...]

Os apóstolos [...] são os condutores do espírito.

Em todas as grandes causas da Humanidade, são instituições vivas do exemplo revelador, respirando no mundo das causas e dos efeitos, oferecendo em si mesmos a essência do que ensinam, a verdade que demonstram e a claridade que acendem ao redor dos outros. Interferem na elaboração dos pensamentos dos sábios e dos ignorantes, dos ricos e dos pobres, dos grandes e dos humildes, renovando-lhes o modo de crer e de ser, a fim de que o mundo se engrandeça e se santifique. Neles surge a equação dos fatos e das ideias, de que se constituem pioneiros ou defensores, através da doação total de si próprios a benefício de todos. Por isso, passam na Terra, trabalhando e lutando, sofrendo e crescendo sem descanso, com etapas numerosas pelas cruzes da incompreensão e da dor [...]. <sup>183</sup>

A missão de divulgar o Evangelho, atribuída aos doze apóstolos por Jesus não dá margem a qualquer tipo de dúvida: são instruções simples, claras e precisas, no entanto, devem ser entendidas como instruções gerais, direcionadas a todos os membros do colégio apostolar, uma vez que a cada apóstolo caberia uma missão particular, que seria executada no devido tempo.

O relato de Marcos a respeito da missão dos doze apóstolos pode ser resumido nas etapas que se seguem:

### 1) Os apóstolos se deslocariam, aos pares, para divulgar o Evangelho

» *Chamou a si os Doze e começou a enviá-los dois a dois (Mc 6:7).*

Trata-se de uma excelente estratégia de divulgação do Evangelho: enviar a dupla de apóstolos para divulgar a mensagem de Jesus em localidades equidistantes. Ao mesmo tempo, surgia a oportunidade de cada apóstolo aprender como agir perante os desafios que surgiriam quando da execução da missão:

Jesus chamou a equipe dos apóstolos que lhe asseguraram cobertura à obra redentora, não para incensar-se e nem para encerrá-los em torre de marfim, mas para erguê-los à condição de amigos fiéis, capazes de abençoar, confortar, instruir e servir ao povo que, em todas as latitudes da Terra, lhe constitui a amorosa família do coração.<sup>184</sup>

### 2) Os apóstolos teriam ação sobre os Espíritos perturbados e perturbadores

» *E deu-lhe autoridade sobre os espíritos impuros. (Mc 6:7)*

A expressão “espíritos impuros” (sinônima de “espíritos imundos”), que aparece nesse e em outros versículos da Bíblia, traz o sentido de pecador, alguém que cometeu pecado, segundo a Lei e a tradição judaica. O pecador, qualificado como tal, poderia ser excluído dos ofícios nas sinagogas (o mesmo aconteceu, posteriormente, nas igrejas cristãs), como esclarece o estudioso John Davis:

A Lei fazia distinção entre o puro e o impuro, Lv 10:10 [...]. A impureza, quando não resultava de ato voluntário, não tinha caráter moral; excluía o homem do santuário. Lv 7:20-21 e da comunhão de Israel [práticas religiosas nas sinagogas ou no Templo], mas não interrompia a comunhão com Deus pela oração [...]. Além disso a impureza era símbolo do pecado [...].<sup>185</sup>

A mensagem de Jesus, porém, – cuja divulgação ora os apóstolos iriam iniciar – era dirigida especialmente aos pecadores, como afirmara o Mestre Nazareno em outro momento: “E Jesus, tendo ouvido isto, disse-lhes: Os sãos não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento” (Mc 2:17).<sup>186</sup> Jesus oferecia ao pecador arrependido a oportunidade para ele se reajustar perante a Lei de Deus que fora infringida. André Luiz recorda, de forma muito oportuna: “O arrependimento

é, porém, caminho para a regeneração e nunca passaporte direto para o Céu [...].”<sup>187</sup>

### **3) Os apóstolos levariam consigo pouca bagagem nas viagens missionárias**

- » “Recomendou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas” (Mc 6:8-9).

O trabalho missionário, do passado e do presente, dispensa comodidades e acessórios que podem impor obstáculos à boa divulgação da mensagem redentora. Daí a recomendação de Joanna de Ângelis quanto ao cuidado de agirmos com simplicidade e modéstia quando optamos por servir a Jesus e a difundir a sua mensagem, seja na categoria de futuros apóstolos, seja na de simples aprendizes (discípulos):

Ouve e lê os ensinamentos de Jesus, no entanto, aferra-se ao imediatismo da organização material, optando pela ilusão da carne, sem coragem para se desvencilhar dos seus elos redentores.

Lentamente, porém, a pedagogia de Jesus desperta-o para novo entendimento da Vida e dos objetivos existenciais, auxiliando-o a descobrir a felicidade que não se compadece com as sensações angustiantes do primarismo.

Como sábio mestre, Ele espera que os Seus aprendizes se resolvam por segui-lo, tomando a *charrua* e não mais olhando *para trás*, já que o tempo íntimo de joeirar é muito grande e a sementeira faz-se desafiadora.

Conforme prometeu, enviou posteriormente os seus mensageiros, a fim de que despertem as consciências e repitam suas lições, porque toda aprendizagem exige exercício, repetência, de forma que se fixem por definitivo nos painéis da memória, transformando-se em conduta salutar.<sup>188</sup>

### **4) Os apóstolos pregariam o Evangelho apenas a quem desejasse ouvi-los:**

- » “E dizia-lhes: ‘Onde quer que entreis numa casa, nela permanecei até vos retirardes do lugar. E se algum lugar não vos receber nem vos quiser ouvir, ao partirdes de lá, sacudi o pó de debaixo dos vossos pés em testemunho contra eles’” (Mc 6:10-11).

Em todos os momentos da sua peregrinação entre nós, Jesus jamais impôs os seus ensinamentos. Dirigia-se às multidões que o ouviam, religiosos ou não, sem demonstrar por palavras, atitudes ou gestos qualquer

forma de imposição. Concedia liberdade de escolha a todos. E assim sempre será. Naquele momento, em especial, os seus discípulos deveriam dirigir-se aos que demonstrassem simpatia pelos ensinamentos do Evangelho. Eles deveriam evitar o proselitismo, que é sempre pernicioso. Os que se revelassem desinteressados deveriam ser deixados em paz. Eis o que Allan Kardec tem a dizer:

[...] Deixar os outros em paz não é dar mostra de indiferença, mas de boa política. Chegará a vez deles, quando estiverem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa incessantemente repetida à sua volta. Aí, julgarão que aceitam a ideia voluntariamente, por impulso próprio, e não por pressão de outrem. Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar antes da estação apropriada, nem em terreno não preparado. É por isso que se deve esperar o tempo propício e cultivar primeiramente as que germinam, para não acontecer que as outras abortem, em virtude de um cultivo intenso demais.<sup>189</sup>13

##### **5) Os apóstolos deveriam transmitir a seguinte recomendação a quem os ouvissem**

» “Partindo, eles pregavam que todos se arrependessem” (Mc 6:12).

Trata-se de uma instrução atemporal, dirigida permanentemente a toda a Humanidade. O arrependimento é uma das maiores manifestações da Bondade e Misericórdia Divinas, como consta em *O céu e o inferno*: [...] O Espírito só compreende a gravidade dos seus malefícios depois que se arrepende. O arrependimento acarreta o pesar, o remorso, o sentimento doloroso, que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral [...].<sup>190</sup>

Jesus pregava o arrependimento e orientou os apóstolos a ensiná-lo aos que os escutavam como um meio para iniciar o processo de melhoria espiritual. O perdão ao erro cometido significa que, no momento oportuno, a pessoa irá repará-lo, pois, afinal, arrependido ou não, contraiu uma dívida perante a Justiça Divina. Nessas condições, o perdão é o oposto à condenação eterna imposta que, em absoluto, não reflete a Misericórdia de Deus. A interpretação religiosa dos textos sagrados, literal e equivocada, a respeito da Justiça e Misericórdia de Deus impôs a ideia das penas eternas. Tal medida determina que os pecadores estão eterna e irrevogavelmente condenados a responder por erros cometidos, mesmo que lhes ocorram o arrependimento e desejo de reparação. É algo que contraria as manifestações da Lei de Justiça, Amor e Caridade, como tão bem elucidada Kardec:



O caráter essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*. Ora, Jesus nunca disse que o arrependimento não encontraria graça diante do Pai. Ao contrário, sempre que se lhe apresentou oportunidade, Ele no-lo mostrou como um Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo que voltasse ao lar paterno; inflexível, sim, para o pecador obstinado, porém sempre disposto a trocar o castigo pelo perdão do culpado sinceramente arrependido. Este não é, por certo, o caráter de um Deus sem piedade. Também convém assinalar que Jesus nunca pronunciou contra quem quer que fosse, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.<sup>191</sup>

## 6) Os apóstolos deveriam realizar a desobsessão e curar enfermos

» “E expulsavam demônios, e curavam muitos enfermos, unguindo-os com óleo” (Mc 6:13).

Na *Bíblia* aparece com frequência a palavra *demônio* (*daimon*, do grego = Espírito), muito mais no Novo Testamento do que no Antigo Testamento. São citações que apresentam significado diferente do que era transmitido pela Mitologia e por filósofos da Antiguidade: “[...] Nos escritos clássicos, *daimon* é usado no bom sentido, para indicar um deus ou o poder divino. No NT, entretanto, *daimon* e *daimonion* [diminutivo de *daimon*] sempre se refere a seres espirituais hostis a Deus e aos homens. Belzebu (ou Belzebur) é o seu príncipe (Mc 3:22), pelo que demônios podem ser considerados seus agentes [...]”<sup>192</sup>

O professor, pesquisador e estudioso escocês J. D. Douglas prossegue em suas elucidações:

Nos evangelhos há muitas referências a pessoas possuídas pelos demônios. O resultado é a grande variedade de efeitos, tais como: surdez (Lc 11:14), epilepsia (Mc 9:17); recusa de vestir roupas e viver entre os sepulcros (Lc 8:27). Frequentemente é dito, nos tempos modernos, que possessão demoníaca era simplesmente o modo do povo do primeiro século referir-se às condições que atualmente chamamos de enfermidade ou loucura. Os relatos dos evangelhos, todavia, distinguem entre enfermidade e possessão demoníaca. Por exemplo, em Mt 4:24, lemos sobre “todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos; endemoniados, lunáticos e paralíticos. Nenhuma dessas classes parece ser semelhante ou idênticas às demais.”<sup>193</sup>

É importante essa citação do proeminente membro da Igreja Renovada, porque há, de fato, doentes do corpo e do espírito, ou de ambos. Esses últimos são os *obsidiados*, palavra espírita utilizada para referir-se aos “endemoniados”. Os obsidiados, pessoas dominadas por *obsessores*, são pessoas que sofrem *obsessão*:

[...] isto é, o domínio que alguns Espíritos exercem sobre certas pessoas. É praticada unicamente pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar, pois os Espíritos bons não impõem nenhum constrangimento. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus, ao contrário, agarram-se àqueles a quem podem aprisionar. Se chegam a dominar alguém, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança.<sup>194</sup>

Os apóstolos deveriam, portanto, praticar a *desobsessão*, isto é, libertar o obsidiado do jugo do obsessor ou do espírito mau. Eles deveriam também curar, unguindo os doentes com óleo. O óleo não deve ser entendido como algo místico ou milagroso. Trata-se de uma tradição da cultura judaica: “[...] Quanto à cura mediante “unção com óleo”, ver Tg 5:14-15. Era um costume judaico. Reputava-se o óleo dotado de valores medicinais, mas isso era também usado em cerimônias de cura, que haveriam de exceder quaisquer propriedades medicinais que tivesse o próprio azeite. A menção de “óleo de cura” figura somente aqui em *Marcos*, mas não nos seus paralelos; (de) *Mateus e Lucas* [...]”<sup>195</sup>

Os dois temas aqui analisados revelam diminuta parcela da grandiosa missão de Jesus e o seu trabalho divino de conduzir a Humanidade ao Reino de Deus, à plenitude espiritual, pela vivência da Lei do Amor. Com a palavra, Amélia Rodrigues:

— Todas as criaturas aspiram à felicidade, que se apresenta para cada uma delas de maneira diferente: para o enfermo é a cura, para o faminto é o pão, para o sedento é a água refrescante, para o necessitado é o socorro que o livre de preocupação, para o solitário é a companhia, sendo algo especial para cada grau de aflição ou de sofrimento. A felicidade, no entanto, não é a falta de sofrimento. Existem pessoas que não se encontram enfermas, que não têm carência de coisa alguma e, no entanto, vivem dominadas pelo mau-humor, pelo desinteresse em torno da vida, tristes e macambúzias...

Outras, no entanto, existem que sofrem dificuldades e são portadoras de enfermidades dilaceradoras, mas apesar disso, não se queixam, apresentam-se alegres e joviais, são fraternas e espalham bom ânimo.

A felicidade, portanto, independe do que se tem, sendo um estado interior de paz, que as questões de ordem material não conseguem perturbar.

Assim é o Reino dos Céus, que tem início no coração das criaturas, quando optam pelos valores do Bem, da justiça, do trabalho, do amor, da solidariedade. A mudança de atitude na vida, em relação à harmonia entre todas as coisas e seres, acalma interiormente o indivíduo, que passa a aspirar à compreensão entre todos e pelo espírito de solidariedade que deve existir nos sentimentos. Essa compreensão proporciona-lhe bem-estar interno, que se exterioriza em forma de júbilo e de saúde, mesmo que surjam doenças nesse percurso...<sup>196</sup>

## REFERÊNCIAS

- 177 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:1-6, p. 1767.
- 178 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 161.
- 179 XAVIER, Francisco Cândido. *Lázaro redivivo*. Pelo Espírito Irmão X. 13. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 20, p. 92.
- 180 \_\_\_\_\_. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 109, p. 235.
- 181 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:7-13, p. 1.767.
- 182 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 6:7, p. 815.
- 183 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 57, p. 131-132.
- 184 XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Estude e viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 14. ed. 7. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 39.
- 185 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampliado e atualizado. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 595.
- 186 BÍBLIA SAGRADA. Rev. e corr. Trad. João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Evangelho segundo Marcos, 2:17, p. 1300.
- 187 XAVIER, Francisco Cândido. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 3, p. 39.
- 188 FRANCO, Divaldo Pereira. *Diretrizes para o êxito*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 4. ed. Salvador: LEAL, 2016. cap. 1, p. 16-17.
- 189 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 24, it. 10, p. 295.
- 190 \_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 6, it. 4: Estudo sobre o Espírito Jacques Latour, p. 312.
- 191 \_\_\_\_\_. pt. 1, cap. 6, it. 7, p. 72.
- 192 DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. p. 325-326

193 \_\_\_\_\_. p. 326.

194 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020.

195 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 6:13, p. 817.

196 FRANCO, Divaldo Pereira. *Vivendo com Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 2012. cap. 6, p. 49.

## HERODES E JESUS (MC 6:14-29)

Os temas *Herodes e Jesus* e a *Execução de João Batista*, presentes no sexto capítulo do *Evangelho de Marcos*, proporcionam valiosas reflexões a respeito do comportamento do verdadeiro cristão cuja conduta afasta-o dos interesses particulares em detrimento do coletivo, e não se prende ao convencionalismo político-social mundano, de natureza transitória.

### 14.1 HERODES E JESUS (MC 6:14-16)<sup>197</sup>

<sup>14</sup>O rei Herodes ouviu falar dele. Com efeito, seu nome se tornara célebre, e diziam: “João Batista foi ressuscitado dos mortos, e por isso os poderes operam através dele”. <sup>15</sup>Já outros diziam: “É Elias”. E outros ainda: “É um profeta como os outros profetas.” <sup>16</sup>Herodes, ouvindo essas coisas, dizia: “É João, que eu mandei decapitar, que ressuscitou!”

Esta passagem ressalta, de certa forma, dúvidas semelhantes à pergunta que Jesus dirigiu aos seus discípulos quando se encontravam de passagem pelo território de Cesareia de Filipe: “Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?” Disseram: “uns afirmam que é João Batista, outros que é Elias, outros ainda, que é Jeremias ou um dos profetas”. Então lhes perguntou: “E vós, quem dizeis que eu sou?” Simão Pedro, respondendo, disse: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo”. (Mt 16:13-16). Há, porém, diferença significativa entre essa citação de Mateus e a de Marcos: aqui, na passagem de Mateus, Jesus afere dois pontos a respeito de quem Ele seria: primeiro, qual era o pensamento do povo; segundo, o que os seus discípulos supunham. A resposta de Pedro, que provavelmente fala em nome dos discípulos, indica, claramente, que Jesus era o Messias aguardado.

Na passagem de Marcos, ora sob análise, a voz do povo traduz a mesma ideia que tinha a respeito de Jesus. Herodes, o Tetrarca – filho de Herodes, o Grande –, entretanto, não acreditava, pelo menos aparentemente, que João Batista pudesse ser um dos profetas judeus

renascido, quando afirma: “É João, que eu mandei decapitar, que ressuscitou!” (Mc 6:16). Tal é a ideia predominante dos demais autores dos evangelhos sinóticos:

- » **Mateus, 14:1-2:** “Naquele tempo, Herodes, o tetrarca, veio a conhecer a fama de Jesus. E disse aos seus criados: ‘Este é João Batista, ressuscitou dos mortos, e, por isso, essas maravilhas operam nele’.”<sup>198</sup>
- » **Lucas, 9:7-9:** E o tetrarca Herodes ouvia tudo o que se passava e estava em dúvida, porque diziam alguns que João ressuscitara dos mortos. E outros, que Elias tinha aparecido, e outros que um profeta dos antigos havia ressuscitado. Disse Herodes: ‘A João eu mandei degolar; quem é, pois, este de quem ouço dizer tais coisas?’.”<sup>199</sup>

Para melhor compreender o pensamento de Herodes a respeito dessa questão, busquemos a explicação de Champlin.

Ignorando o ministério e a vida de Jesus, contemporâneo de João, Herodes podia ter pensado *literalmente* que Jesus era apenas o Batista ressurreto. [...] Não é que Jesus tivesse ressuscitado João, pelo que ele estaria vivo novamente; mas é que, para Herodes, Jesus e João pareciam ser uma só personalidade. Jesus seria João *redivivo*. As crenças antigas diziam que a *alma* de uma pessoa que passara por morte violenta poderia tornar-se o *controle* de um ser ainda vivo, manifestando-se assim por meio da pessoa viva. É possível que isso tenha sido o que Herodes imaginou. Ele causara a morte violenta de João; e agora, mais do que nunca, João estaria produzindo dificuldades, pois o seu espírito teria se apossado de Jesus, controlando-o, guiando-o. Nesse sentido indireto é que Herodes pode ter pensado que João ressuscitara [...].<sup>200</sup>

Para todos os cristãos, inclusive os espíritas, não há menor dúvida a respeito: Jesus e João Batista são personalidades distintas. Jesus é o Messias de Deus e João Batista a reencarnação do um dos profetas citados no Antigo Testamento. Para o Espiritismo, João Batista era a reencarnação do profeta Elias, consoante as citações que se seguem, respectivamente pelo profeta Malaquias (o último profeta citado no Antigo Testamento e que viveu muito tempo depois da desencarnação de Elias), por Jesus e por Allan Kardec:

- » **Malaquias (apêndices), 3:23-24** – Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema.<sup>201</sup>
- » **Mateus, 11:11-15 (citando Jesus)** – Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o

Batista. E, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele. Desde os dias de João, até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas, bem como a Lei, profetizaram, até João. E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir. Quem tem ouvidos, ouça!<sup>202</sup>

- » **Allan Kardec** – [...] com esta passagem alegórica, é uma afirmação positiva. — “Desde o tempo de João Batista até o presente, o Reino dos Céus é tomado pela violência”. Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir”. Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus se refere à época em que João vivia com o nome de Elias. “Até o presente, o Reino dos céus é tomado pela violência” é outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infieis para se ganhar a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, conforme a nova lei, o Céu se ganha pela caridade e pela brandura. Depois acrescenta: Ouça quem tiver ouvidos de ouvir. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, dizem claramente que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades”<sup>203</sup>

## 14.2 A EXECUÇÃO DE JOÃO BATISTA (MC 6:17-29)<sup>204</sup>

<sup>17</sup>Herodes, com efeito, mandara prender João e acorrentá-lo no cárcere, por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão Filipe, pois ele a desposara <sup>18</sup>e, na ocasião, João dissera a Herodes: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”. <sup>19</sup>Herodíades então se voltou contra ele e queria matá-lo, mas não podia, <sup>20</sup>pois Herodes tinha medo de João e, sabendo que era homem justo e santo, o protegia. E quando o ouvia, ficava muito confuso e o escutava com prazer. <sup>21</sup>Ora, chegou um dia propício: Herodes, por ocasião de seu aniversário de nascimento, ofereceu um banquete aos seus magnatas, aos oficiais e às grandes personalidades da Galileia. <sup>22</sup>E a filha de Herodíades, entrou e dançou. E agradou a Herodes e aos convivas. Então o rei disse à moça: “Pede-me o que bem quiseres, e te darei.” <sup>23</sup>E fez um juramento: “Qualquer coisa que me pedires te darei, *até a metade do meu reino!*” <sup>24</sup>Ela saiu e perguntou à mãe: “Que peço?” E ela respondeu: “A cabeça de João Batista”. <sup>25</sup>Voltando logo, apressadamente, à presença do rei, fez o pedido: “Quero que, agora mesmo, me dê num prato a cabeça de João Batista”. <sup>26</sup>O rei ficou profundamente triste. Mas, por causa do juramento que fizera e dos convivas, não quis deixar de atendê-la. <sup>27</sup>E imediatamente enviou um executor, com ordens de trazer a cabeça de João. <sup>28</sup>E saindo, ele o decapitou na prisão. E trouxe a sua cabeça num prato. Deu-a à moça, e esta a entregou a sua mãe. <sup>29</sup>Os discípulos de João souberam disso, foram lá, pegaram o corpo e o colocaram num túmulo.

As posturas comportamentais de Herodes, da sua esposa Herodíades e da enteada Salomé, ainda são comuns na sociedade, e merecem a nossa reflexão. O Batista – trabalhador da primeira hora foi, acima de tudo, um Espírito forte, pois todas as adversidades e vicissitudes que ele sofreu não lhe abateram o ânimo, permanecendo fiel a Deus e a Jesus até o término da sua jornada terrestre. Herodes revela-se como um administrador fraco e Espírito imaturo e de pouca elevação moral que é capaz de prometer *até a metade do reino* à enteada, como recompensa por uma simples manifestação artística (dança), durante uma festa, mas não hesita em ordenar um assassinato, e de forma violenta, por decapitação. Herodíades é o Espírito pouco evoluído, preso a mágoas e desejo de vinganças pela crítica de João Batista que, em nome da verdade, refletia preceitos da sociedade judaica da época. Salomé é representação da futilidade e da vaidade, dos que agem sem pensar nas consequências dos atos, mesmo que esses decorram da vontade de sua mãe. Todos atenderam a interesses pessoais e a conveniência política que, no caso, confrontava os princípios da Lei de Deus e da moralidade humana.

Humberto de Campos esclarece-nos a respeito dessas personagens da Boa-Nova:

Transcorridos alguns anos, vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à Verdade, precedendo o trabalho Divino do amor, que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

João, de fato, partiu primeiro, a fim de executar as operações iniciais para grandiosa conquista. Vestido de peles e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à Verdade, ele precedeu a lição da Misericórdia e da bondade. O Mestre dos mestres quis colocar a figura franca e áspera do seu profeta no limiar de seus gloriosos ensinamentos e, por isso, encontramos em João Batista um dos mais belos de todos os símbolos imortais do Cristianismo. Salomé representa a futilidade do mundo, Herodes e sua mulher, o convencionalismo político e o interesse particular. João era a Verdade, e a verdade, na sua tarefa de aperfeiçoamento, dilacera e magoa, deixando-se levar aos sacrifícios extremos.<sup>205</sup>

Humberto de Campos prossegue com outras importantes informações a respeito do valoroso João Batista.

[...] João Batista foi a voz clamante do deserto. Operário da primeira hora, é ele o símbolo rude da Verdade que arranca as mais fortes raízes do mundo, para que o Reino de Deus prevaleça nos corações. Exprimindo a austera disciplina que antecede a espontaneidade do amor, a luta para que se desfaçam as sombras do caminho, João é o primeiro sinal do cristão ativo, em guerra com as próprias imperfeições do seu mundo interior, a fim de estabelecer em



si mesmo o santuário de sua realização com o Cristo. Foi por essa razão que dele disse Jesus: “Dos nascidos de mulher, João Batista é o maior de todos.”<sup>206</sup>

João Batista, mesmo sendo *o maior entre os nascidos de mulher*, não pôde se abster da Lei Divina e imutável de causa e efeito, bem explicitada nas palavras de Amélia Rodrigues:

[...] A lâmina prateada cortou o ar e num baque surdo a cabeça do precursor rolou no piso de pedra...

A música voltou a soar e, rodopiando, com uma bandeja de prata na mão espalmada, Salomé entregou a Herodíades o troféu: a cabeça decepada do Batista, que fitava com olhos sem luz a consciência ultrajada dos seus algozes. Semidesvairada a infeliz mulher pôs-se a gargalhar...

Elias resgatava o crime cometido às margens do rio Quizom, quando mandara decepar a cabeça dos adoradores de Baal e, livre, tarefa cumprida, ascendia, agora, nos Cimos.

Seus discípulos rogaram a Ântipas o cadáver e o sepultaram com carinho [...].<sup>207</sup>

O apóstolo Paulo reforça esse princípio da Lei Divina em sua *Carta aos gálatas*, 6:7: “Não erreis. Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.”<sup>208</sup>

Emmanuel proporciona-nos belíssima reflexão na mensagem *na luta vulgar*, da qual extraímos esse pequeno trecho:

[...] Não é preciso morrer na carne para conhecer a lei das compensações.

Reparemos a luta vulgar.

[...] Todo dia é tempo de semear.

Todo dia é tempo de colher.

Não é preciso atravessar a sombra do túmulo para encontrar a justiça, face a face.

Nos princípios de causa e efeito, achamo-nos incessantemente sob a orientação dela, em todos os instantes de nossa vida.<sup>209</sup>

Os trabalhadores da primeira hora fizeram a sua parte à custa de sangue, suor e lágrimas. E quanto a nós que, supomos, ser os trabalhadores da última hora? A lúcida resposta à indagação vem de Emmanuel: [...] “Se te propões, desse modo, a cooperar com o Evangelho, recorda que não basta falar, aconselhar e informar. ‘Ide e ensinai’, nas palavras do Cristo, quer dizer: ‘Ide e exemplificai para que os outros aprendam como é preciso fazer’”.<sup>210</sup>

E jamais esqueçamos as exortações de Alcíone:

A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. Nesta ordem de aquisições, não basta estar informado. Um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se nos, portanto,

indispensável a cada passo da existência. Eis por que, excetuados os versículos de saudação apostólica, qualquer dos demais conterà ensinamentos grandiosos e imorredouros, que impende [*cade, compete*] conhecer e empregar, a benefício próprio.<sup>211</sup>

## REFERÊNCIAS

- 197 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:14-29, p. 1.767-1.768.
- 198 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Mateus, 14:1-2, p. 1.229.
- 199 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Lucas, 9:7-9, p. 1. 804.
- 200 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 6:14, p. 817.
- 201 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Malaquias (apêndices), 3:23-24, p. 1.685.
- 202 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Mateus, 11:11-15, p. 1.723.
- 203 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 4, it. 11, p. 64-65.
- 204 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:17-29, p. 1.767-1.768.
- 205 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 2, p. 21.
- 206 \_\_\_\_\_. p. 21-22.
- 207 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 12. ed. Salvador: LEAL, 2019. cap. 2, p. 45.
- 208 BÍBLIA SAGRADA. Revista e Corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Epístola do apóstolo Paulo aos gálatas, 6:7, p. 1.538.
- 209 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 160, p. 338 e 339.
- 210 \_\_\_\_\_. cap. 116, p. 250.
- 211 \_\_\_\_\_. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. 12. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 3, p. 328.

# PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (MC 6:30-44)

Como vimos no livro II do programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus* (Tema 44), a multiplicação dos pães e dos peixes indica mais um dos fatos extraordinários realizados por Jesus; e entendido por muitos como milagroso. Esse tema foi registrado pelos quatro evangelistas e foi reproduzido em dois momentos distintos: o primeiro se deu em um lugar deserto, nos arredores de Betsaida; o segundo em um local próximo ao território de Magdala.

Ao colocarmos em foco, a citação de Marcos, constatamos que na *primeira multiplicação* Jesus alimenta cinco mil pessoas, a partir de cinco pães e dois peixes, e ainda sobraram doze cestos com esses alimentos (Mc 6:30-44). Na segunda multiplicação havia apenas sete pães, e nenhum peixe, conforme registro de *Marcos*, 8:1-10. Não deixa de ser algo extraordinário, mesmo conhecendo as explicações para tais ocorrências.

## 15.1 PRIMEIRA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES E PEIXES (MC 6:30-44)<sup>12</sup>

<sup>30</sup>Os apóstolos reuniram-se com Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. <sup>31</sup>Ele disse: “Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco.” Com efeito, os que chegavam e os que partiram eram tantos que não tinham tempo nem de comer. <sup>32</sup>E foram de barco a um lugar deserto, afastado. <sup>33</sup>Muitos, porém, os viram partir e, sabendo disso, de todas as cidades, correram para lá a pé, e chegaram antes deles. <sup>34</sup>Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas. <sup>35</sup>Sendo a hora já muito avançada, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada. <sup>36</sup>Despede-os para que vão aos campos e povoados vizinhos e comprem para si o que comer.” <sup>37</sup>Jesus lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Disseram-lhes eles: “Iremos e compraremos trezentos denários de pão para dar-lhes de comer?” <sup>38</sup>Ele perguntou: Quantos pães tendes? Ide ver.” Tendo-se informado, responderam:

“Cinco, e dois peixes”.<sup>39</sup> Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a grama verde.<sup>40</sup> E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinquenta.<sup>41</sup> Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos aos céus, abençoou, partiu os pães e deu aos discípulos para que lhes distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos.<sup>42</sup> Todos comeram e ficaram saciados.<sup>43</sup> E ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixes.<sup>44</sup> E os que comeram dos pães eram cinco mil homens.

Há diferentes interpretações a respeito do fenômeno como, por exemplo, a que considera ter havido, efetivamente, materialização de pães e peixes para aplacar a fome fisiológica. Mas há quem defenda a possibilidade de que não ocorreu materialização dos alimentos. Teria havido, sim, alimentação espiritual por meio de doações dos fluidos magnético-espirituais do próprio Jesus, associados ao poder de sua palavra. Dessa forma, a transmissão e recepção dos fluidos teria saciado a fome do corpo físico. Vejamos o que Allan Kardec tem a dizer a respeito:

A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentaristas e, ao mesmo tempo, alimentado as zombarias dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril. Entretanto, a maioria das pessoas sérias tem visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorrer ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que seguiam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada, pois, há de espantoso em que, fascinados por sua palavra e talvez também pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, estes não tenham experimentado a necessidade material de comer. Jesus, que previa esse resultado, não teve nenhuma dificuldade para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitindo que realmente houvessem trazido pães, que estes bastariam para saciar a fome da multidão. Ao mesmo tempo, dava aos discípulos uma lição, dizendo-lhes: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Ensinava-lhes, assim, que eles também podiam alimentar por meio da palavra.

Dessa forma, a par do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, bastante poderosa para cativar a atenção de uma multidão imensa, a ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerada como alegoria. [...] <sup>213</sup>

Para Eliseu Rigonatti, é sempre importante saber extrair o ensinamento espiritual das lições transmitidas por Jesus, como o que se encontra subentendido na multiplicação dos pães e peixes, a partir do momento em que Jesus foi notificado que os alimentos existentes eram escassos (cinco pães e dois peixes) para atender uma multidão faminta. No entanto, Rigonatti considera a possibilidade de ter havido duas ações simultâneas: materialização efetiva de pães e peixes (alimento físico) e auxílio fluídico (alimento espiritual).

Nessa pequena narração temos de distinguir dois aspectos: o material e o espiritual. Materialmente falando, o fato pertence ao gênero dos fenômenos de efeitos físicos. E nas sessões espíritas de efeitos físicos, já se tem observado a formação de objetos pelos Espíritos com auxílio dos médiuns. Jesus, médium de Deus, ajudado pela mediunidade de seus doze discípulos e assistido pelos Espíritos que o secundavam nos trabalhos evangélicos, faz com que se materialize em suas mãos os bocados de pão para o povo. Interpretado o fato pelo lado espiritual, Jesus ordena a seus discípulos, que satisfaçam o ardente desejo do povo em se instruir nas coisas divinas. Realmente era em busca da palavra de Jesus e pelo conforto espiritual pelo qual ansiava que o povo que o seguia. E os discípulos, possuidores de um maior conhecimento espiritual, estavam em condições de saciarem a fome de saber espiritual da multidão. Mandando que os discípulos dessem de comer ao povo, é como se Jesus lhes dissesse: Ensinai a todos o que sabeis e vereis que ficarão fartos.<sup>214</sup>

Dessa forma, à luz da fé raciocinada, o Espiritismo explica a multiplicação dos pães e dos peixes. Pode-se pensar em uma parábola ou alegoria utilizada por Jesus ou mesmo uma materialização dos alimentos, necessária para alimentar a multidão faminta. A última hipótese é totalmente plausível, considerando-se a irrestrita capacidade de doação fluídico-magnética do Mestre e do perfeito conhecimento e domínio das leis que regem os fenômenos materiais e espirituais, entre elas o magnetismo, os fluidos, as transformações da matéria etc.

Nesse sentido, Emmanuel pondera na esclarecida mensagem que se segue, e nos conduz à reflexão, à luz do Espiritismo, da importância de as casas espíritas atenderem as multidões de Espíritos encarnados e desencarnados, que cotidianamente ali buscam auxílio espiritual.

#### **No Campo Social<sup>215</sup>**

*Ele respondeu e disse-lhes: – Dai-lhes vós de comer... (Marcos, 6:37).*

Diante da multidão fatigada e faminta, Jesus recomenda aos apóstolos: “Dai-lhes vós de comer”.

A observação do Mestre é importante, quando realmente poderia ele induzi-los a recriminar a multidão pela imprudência de uma jornada exaustiva até o monte, sem a garantia do farnel.

O Mestre desejou, porém, gravar no espírito dos aprendizes a consagração deles ao serviço popular. Ensinou que aos cooperadores do Evangelho, perante a turba necessitada, compete tão-somente um dever – o da prestação de auxílio desinteressado e fraternal.

Naquela hora do ensinamento inesquecível, a fome era naturalmente do corpo, vencido de cansaço, mas, ainda e sempre, vemos a multidão carecente de amparo, dominada pela fome de luz e de harmonia, vergastada pelos invisíveis azorragues da discórdia e da incompreensão.

Os colaboradores de Jesus são chamados, não a obscurecê-la com o pessimismo, não a perturbá-la com a indisciplina ou a imobilizá-la com o desânimo, mas sim a nutri-la de esclarecimento e paz, fortaleza moral e sublime esperança. Se te encontras diante do povo, com o anseio de ajudá-lo, se te propões contribuir na regeneração do campo social, não te percas em pregações de rebelião e desespero. Conserva a serenidade e alimenta o próximo com o teu bom exemplo e com a tua boa palavra.

Não olvides a recomendação do Senhor: “Dai-lhes vós de comer”.

Ainda em referência à saciedade da fome espiritual, necessidade evolutiva que alcança todos os seres da Criação, cedo ou tarde, Emmanuel também considera:

Ante o quadro da legião de famintos, qualquer homem experimentaria invencível desânimo, considerando a migalha de cinco pães e dois peixes.

Mas Jesus emprega o imenso poder da bondade e consegue alimentar a todos, sobejamente.

Observemos, contudo, que para isso toma os discípulos por intermediários.

O ensinamento do Mestre, nesse passo do Evangelho, é altamente simbólico.

[...]

Muitos aprendizes recuam ante a extensão da tarefa.

Entretanto, se o servidor fiel caminha para o Senhor, a migalha de suas luzes é imediatamente suprida pelo milagre da multiplicação, de vez que Jesus, considerando a oferta espontânea, abençoar-lhe-á o patrimônio pequenino, permitindo-lhe nutrir verdadeiras multidões de necessitados.

[...]

É imprescindível, no entanto, não duvidar de nossas possibilidades mínimas no bem. Nossas migalhas de boa vontade na disposição de servir santamente, quando conduzidas ao Cristo, valem mais que toda a multidão de males do mundo.<sup>216</sup>

É interessante destacar a citação de *Marcos*, 6:31, assim expressa: “Ele disse: Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco”. O convite de Jesus aos discípulos é para o descanso, ociosidade, contemplação

ou para o fortalecimento no trabalho incessante na Seara? Eis a resposta dada por Emmanuel: “[...] No precioso símbolo, temos o santuário íntimo do coração sequioso de Luz Divina. De modo algum, se referia o Senhor tão somente à soledade de sítios que favorecem a meditação, onde sempre encontramos sugestões vivas da natureza humana. Reportava-se a câmara silenciosa, situada dentro de nós mesmos.”<sup>217</sup>

Ao concluirmos o estudo desse texto de Marcos, resguardada a pretensão de ter esgotado o assunto, refletimos que a multidão carente, sentia e sente necessidade de um Pastor para guiá-la e alimentá-la com o *pão da vida*, como se constata neste versículo: “Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6:34). E o *pão da vida* é, como sabemos, o Evangelho de Jesus, nosso Messias Divino, como Ele mesmo afirmou em outra ocasião: “Jesus disse: ‘Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome; e o que crê em mim nunca mais terá sede’” (João, 6:35).<sup>218</sup>

## REFERÊNCIAS

- 212 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:30-44, p. 1.768.
- 213 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 48, p. 289-290.
- 214 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 14, it. A primeira multiplicação dos pães, p. 115
- 215 XAVIER, Francisco Candido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 131, p. 279-280.
- 216 \_\_\_\_\_. *Vinha de Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 91, p. 195 e 196.
- 217 \_\_\_\_\_. *Pão Nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 34, p. 81.
- 218 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo João, 6:35, p. 1857-1858.

# JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS (MC 6:45-56)

Na sequência do estudo dos temas do Evangelho Redivivo, concluímos o capítulo 6 do *Evangelho de Marcos* com a análise de dois assuntos: o fato extraordinário de Jesus andar sobre as águas; e as curas realizadas pelo Mestre Nazareno, muitas das quais foram definidas como milagres, em razão da severidade que as referidas enfermidades manifestavam-se.

## 16.1 JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS (MC 6:45-52)<sup>219</sup>

<sup>45</sup>Logo em seguida, forçou seus discípulos a embarcarem e seguirem antes dele para Betsaida, enquanto ele despedia a multidão. <sup>46</sup>E, deixando-os, ele foi à montanha para orar. <sup>47</sup>Ao cair da tarde, o barco estava no meio do mar e ele sozinho em terra. <sup>48</sup>Vendo que se fatigavam a remar, pois o vento lhes era contrário, pela quarta vigília da noite dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar. E queria passar adiante deles. <sup>49</sup>Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, <sup>50</sup>pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: “Tende confiança. Sou Eu. Não tendes medo”. <sup>51</sup>E subiu para junto deles no barco. E o vento amainou. Eles, porém, no seu íntimo estavam cheios de espanto, <sup>52</sup>pois não tinham entendido nada a respeito dos pães, mas o seu coração estava endurecido.

Em *A gênese*, Allan Kardec não considera miraculoso o fato de Jesus caminhar sobre as águas, pois compreende as causas geradoras do fenômeno. Eis as explicações transmitidas pelo Codificador:

Os fatos relatados no Evangelho e que foram até agora considerados miraculosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, os que têm como causa primeira as faculdades e os atributos da alma. [...] A História registra outros fatos análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram. Pode-se, é verdade, no que se refere a esse ponto, contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos



que nada têm de excepcionais. Basta o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispirítico, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da natureza. Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.<sup>220</sup>

O Codificador considera também que o fenômeno de andar sobre a água pode ser explicado, à luz do entendimento espírita, de duas formas: a) emancipação da alma ou desdobramento espiritual, seguindo de tangibilidade; b) deslocamento do corpo físico por meio de neutralização da força da gravidade ou levitação:

[...] Jesus, embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água com uma forma tangível, enquanto seu corpo permaneceu em outro lugar. É a hipótese mais provável. Pode-se mesmo reconhecer, nessa narrativa, alguns sinais característicos das aparições tangíveis. [...] Por outro lado, também pode ter sucedido que seu corpo fosse sustentado e neutralizada a sua gravidade pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem ponto de apoio. Idêntico efeito se produz muitas vezes com os corpos humanos.<sup>221</sup>

Importa fazer outras considerações espíritas para melhor entendimento do assunto. Destacamos as que se seguem.

### 16.1.1 FENÔMENO DE EMANCIPAÇÃO DA ALMA, DESDOBRAMENTO ESPIRITUAL OU SONAMBULISMO

O chamado desdobramento espiritual ou desdobramento da consciência é o mesmo que fenômeno de emancipação da alma, como consta em *O livro dos espíritos*, e faz parte das manifestações do *sonambulismo*, ainda pouco estudado mesmo entre os espíritas, mas que é assim conceituado pelo Espiritismo:

É um estado de independência da alma, mais completo que no sonho, estado em que as suas faculdades ficam mais desenvolvidas. A alma tem percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo [...]. Esse estado se manifesta principalmente durante o sono; é o momento em que o Espírito

pode abandonar provisoriamente o corpo, por se encontrar este gozando do repouso indispensável à matéria.<sup>222</sup>

Para melhor compreender o sonambulismo, assinalamos algumas das suas principais características:

- » **O sonambulismo ocorre naturalmente ou pode ser provocado.**<sup>223</sup> Hipnose provoca o sonambulismo magnético.

O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúcnica, ou melhor, são duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. Ele tira de si mesmo o que expressa. Ele tira de si mesmo o que expressa. Em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, e mais amplos os seus conhecimentos, porque sua alma está livre. [...] <sup>224</sup>

- » **O sonâmbulo apresenta graus de clarividência.** O que é explicado pelo fato de a visão ser a da alma, não a mediada pelos órgãos físicos: “[...] é a alma que vê.”<sup>225</sup> Os orientadores espirituais esclarecem que a matéria não oferece obstáculos ao Espírito que se encontra desdobrado: “Não há corpos opacos senão para os vossos órgãos grosseiros. Já não dissemos que, para o Espírito, a matéria não oferece obstáculo, pois que ele a atravessa livremente? [...] porque vós, inteiramente mergulhados na matéria, não compreendeis que ele possa ver sem o auxílio dos órgãos. [...]”<sup>226</sup>

- » **A clarividência sonambúlica não é ilimitada.** O estado de sonambulismo amplia a visão e a percepção psíquicas, mas a gradação ou limites da visão e percepções sonambúlicas estão subordinadas à evolução do Espírito:

Primeiro, não é permitido aos Espíritos imperfeitos verem tudo e tudo conhecerem. Sabes perfeitamente que eles ainda partilham dos vossos erros e preconceitos. E, depois, quando estão presos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao homem a faculdade sonambúlica com um fim útil e sério, e não para lhe ensinar o que não deve saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.<sup>227</sup>

- » **O sonâmbulo não vê a distância, ele se desloca ao local dos acontecimentos:** “A alma não se transporta durante o sono? É a mesma coisa no sonambulismo.”<sup>228</sup>
- » **O sonambulismo pode ser de natureza anímica ou mediúcnica:** como foi afirmado no item “a”, o sonambulismo pode apresentar-se

sob duas formas: o anímico e o mediúnico. O sonambulismo anímico é usualmente conhecido como fenômeno de desdobramento espiritual (ou desdobramento da consciência): O Espírito liberta-se parcialmente dos liames corporais e percebe, por si mesmo, acontecimentos e pessoas no plano extrafísico. Contudo, durante o estado de sonambulismo (desdobramento espiritual) pode acontecer que o sonâmbulo veicule manifestações de Espíritos. Nessa situação ele age, então, como médium sonambúlico.

[...] Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, ao passo que o médium expressa o pensamento de outrem. Mas o Espírito que se comunica com um médium comum também pode fazê-lo com um sonâmbulo; aliás, o estado de emancipação da alma provocada pelo sonambulismo facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir-nos o seu pensamento. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, quase sempre lhes é sugerido por outros Espíritos. [...] <sup>229</sup>

A tangibilidade do Espírito desdobrado em locais diferentes de onde o seu corpo físico se encontra é denominado, pelo Codificador, de *bicorporeidade*:

Quando isolado do corpo, o Espírito de uma pessoa viva, do mesmo modo que o Espírito de alguém que morreu, pode mostrar-se com todas as aparências da realidade. Além disso [...], pode adquirir tangibilidade momentânea. Foi esse fenômeno, designado pelo nome de *bicorporeidade*, que deu motivo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. <sup>230</sup>

Kardec analisa o episódio de *bicorporeidade* manifestado de forma admirável por Antônio de Pádua (1195–1231), padre católico português, mais tarde canonizado pela Igreja Católica: enquanto seu corpo repousava em um mosteiro na Itália (Pádua), ele se deslocou em espírito até Lisboa, materializou-se perante uma assembleia que conduzia o seu pai ao suplício, sob a falsa alegação de ter ele assassinado alguém. Antônio de Pádua, materializado, fez a defesa do pai, apresentando provas que livraram o genitor do castigo. <sup>12</sup>

O assunto pode ser concluído com as seguintes considerações do Codificador, a respeito das aparições de encarnados (sonambulismo, emancipação da alma ou bicorporeidade) e de desencarnados:

No seu estado normal, o perispírito é invisível para nós; como, porém, é formado de matéria etérea, o Espírito pode, em certos casos, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente

visível. É assim que se produzem as aparições, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das Leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário do que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível quando condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; de outras vezes, mais claramente definida; de outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível. Pode mesmo chegar até a tangibilidade real, a ponto de o observador se enganar sobre a natureza do ser que tem diante de si.<sup>231</sup>

### 16.1.2 LEVITAÇÃO OU NEUTRALIZAÇÃO DA FORÇA DA GRAVIDADE

O fato de Jesus materializar-se perante os discípulos e andar sobre as águas apresenta outra possibilidade: Ele teria se deslocado, em espírito e com o próprio corpo físico, até o local onde os discípulos se encontravam, lutando contra as adversidades do meio ambiente. Na verdade, ambas as possibilidades, desdobramento espiritual seguido de tangibilidade e levitação se encaixam na descrição do texto de *Marcos*, aqui repetido para releitura:

E, deixando-os, Ele foi à montanha para orar. Ao cair da tarde, o barco estava no meio do mar e Ele sozinho em terra. Vendo que se fatigavam a remar, pois o vento lhes era contrário, pela quarta vigília da noite dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar. E queria passar adiante deles. Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar (Mc 6:46-49).

*Levitação* é processo que permite a um objeto ou corpo físico, mais pesado do que o ar, ser suspenso e deslocar-se livremente na atmosfera por neutralização da força da gravidade. É o que acontece, de forma natural com as aves, ou tecnicamente, com os aviões e helicópteros. Em termos de fenômeno psíquico, é ocorrência incomum, com poucos casos citados na literatura espírita. Uma boa referência a respeito foi o médium escocês Daniel Dunglas Home (1833–1886), que demonstrava desenvolvida capacidade de levitação: ele conseguia deslocar-se no ar, vários metros acima do solo, entrava e saía de cômodos, mesmo localizados nos andares superiores de uma moradia; entrava e saía por janelas e portas abertas, sem tocar os pés no chão e sem o auxílio de pessoas ou de equipamentos. Allan Kardec, que presenciou algumas levitações de Daniel Home e faz referência a ele<sup>232</sup> em *O livro dos médiuns*, esclarece que a levitação pertence a uma variedade da mediunidade de efeitos físicos, cujos médiuns, conhecidos como *de translações e de suspensões* apresentam estas características básicas: “[...] Os que produzem a translação aérea e a suspensão dos corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Entre eles há os que podem elevar-se a si mesmos.

Mais ou menos raros, conforme a amplitude do fenômeno; raríssimos, no último caso.”<sup>233</sup>

O Codificador explica como ocorre o fenômeno de levitação (translações e suspensões):

Ressalta, como ponto principal, o fluido universal, onde se contém o princípio da vida, é o agente das manifestações, agente que recebe impulsão do Espírito, seja encarnado, seja errante. [...] Em algumas pessoas, em razão de suas organizações, há uma espécie de emanção desse fluido, e é isso, propriamente falando, que constitui os médiuns de efeitos físicos. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante e mais ou menos fácil a sua combinação, resultando daí médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.<sup>234</sup>

Esclarece, igualmente, que o fenômeno é similar à suspensão das mesas ou objetos pelos Espíritos que, apropriando-se dos fluidos do médium deslocam objetos pesados, os mantêm suspensos ou movimentando-se no ar. Conclui, assim, as suas argumentações sobre a levitação de pessoas:

Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode suspender uma mesa, também pode suspender qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também é capaz, se tiver força suficiente, de levantá-la com uma pessoa assentada nela. Aí está a explicação do fenômeno que o Sr. Home produziu inúmeras vezes consigo mesmo e com outras pessoas. Ele o repetiu durante uma viagem a Londres e, para provar que os espectadores não eram joguetes de uma ilusão de óptica, fez no forro da casa uma marca a lápis e deixou que passassem por baixo dele, enquanto estava suspenso no ar. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos. Naquele caso, ele era, ao mesmo tempo, a causa eficiente e o objeto.<sup>235</sup>

Reportando-se, pois, à citação do *Evangelho de Marcos*, compreende-se que Jesus poderia facilmente, por ele mesmo e sem qualquer auxílio, deslocar-se no ar e aparecer aos discípulos, quando se considera a superioridade da natureza do Cristo.

## 16.2 CURAS NA REGIÃO DE GENESARÉ (MC 6:53-56)<sup>236</sup>

Os episódios das curas, físicas e espirituais, do corpo e da mente, operadas por Jesus ao longo do período que esteve entre nós revelam, ao lado da palavra divina que transmitia, a compaixão pelos enfermos. O mestre Nazareno era procurado por multidões, vindas de diferentes localidades, como assinalam os versículos que se seguem, os quais encerram o capítulo 6 do *Evangelho de Marcos*.

<sup>53</sup>Terminada a travessia, alcançaram terra em Genesaré e aportaram. <sup>54</sup>Mal desceram do barco, os habitantes logo O reconheceram. <sup>55</sup>Percorreram toda aquela região e começaram a transportar os doentes em seus leitos, onde quer que descobrissem que Ele estava. <sup>56</sup>Em todos os lugares onde entrava, nos povoados, nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças rogando que lhes permitisse ao menos tocar na orla de sua veste. E todos os que o tocavam eram salvos.

Ao recordar as curas realizadas pelo Cristo, amplamente estudadas no livro II (*Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*), temas 27 a 35, deste programa *O Evangelho Redivivo*, André Luiz considera:

No que se refere aos poderes curativos, temo-los em Jesus nas mais altas afirmações de grandeza. Cercam-no doentes de variada expressão. Paralíticos entendem-lhe membros mirrados, obtendo socorro. Cegos recuperam a visão. Ulcerados mostram-se limpos. Alienados mentais, notadamente obsidiados diversos, recobram o equilíbrio.

É importante considerar, porém, que o grande benfeitor a todos convida para a valorização das próprias energias.

Reajustando as células enfermas da mulher hemorroísa, diz-lhe convincente: “Filha, tem bom ânimo! A tua fé te curou.” Logo após, tocando os olhos de dois cegos que lhe recorrem à caridade, exclama: “Seja feito segundo a vossa fé.”

Não salienta por simples ingredientes de natureza mística, mas sim por recurso de ajustamento dos princípios mentais, na direção da cura.”<sup>237</sup>

O que se destaca no processo doença-cura é a disposição íntima do Espírito, ora citado por André Luiz, ao recordar as admoestações que Jesus sempre fazia aos enfermos: pedia-lhes, em outras palavras, mudanças de atitudes perante o mal que lhes assaltava a existência, seja pelo cultivo da fé, pela renovação das disposições mentais ou pela prática do bem. Neste sentido, é útil reproduzir este texto que consta em *O evangelho segundo o espiritismo*:

As doenças fazem parte das provas e das vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germes malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado secretamente pelos efeitos desastrosos das paixões. [...] Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio em que nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não deve impedir-nos, enquanto esperamos tal mudança, de fazer o que dependa de nós para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, apesar dos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os nossos males passageiros.

Se Deus não quisesse que, em certos casos, os sofrimentos corpóreos fossem dissipados ou abrandados, não teria posto à nossa disposição recursos de cura. A esse respeito, a sua providente solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses recursos e aplicá-los.<sup>238</sup>

As curas realizadas na região de Genesaré – povoado situado em uma planície, nas proximidades de Cafarnaum, e do Lago de Genesaré, onde Jesus e os discípulos desembarcaram depois do episódio de caminhar sobre as águas – apresentavam uma curiosidade relatada por alguns estudiosos: Nessa região, Jesus curou muitos inválidos dessa vez. Como outros homens judeus que eram leais à Lei, em cada extremidade da sua roupa externa Jesus tinha um cordão azul (Nm 15:37, 38; Dt 22:12), e muitos foram curados ao expressarem sua fé por meio do ato de tocarem um desses cordões”, como atesta o versículo 56: “Em todos os lugares onde entrava, nos povoados, nas cidades ou nos campos, colocavam os doentes nas praças rogando que lhes permitisse ao menos tocar na orla de sua veste. E todos os que o tocavam eram salvos”.

Nunca é demais destacarmos o poder da fé e nas mudanças das disposições mentais ante as possibilidades da cura das doenças. Daí Jesus sempre destacar: a tua fé te curou ou salvou.

Jesus tinha, pois, razão para dizer: “Tua fé te salvou”. Compreende-se que a fé a que Ele se referia não é uma virtude mística, qual a entendem muitas pessoas, mas uma verdadeira *força atrativa*, de sorte que aquele que não a possui opõe à corrente fluídica uma força repulsiva, ou, pelo menos, uma força de inércia, que paralisa a ação. Assim sendo, é fácil compreender-se que, apresentando-se ao curador dois doentes com a mesma enfermidade, um possa ser curado e outro não. [...] <sup>239</sup>

Jesus procurava, pelos seus ensinamentos, demonstrar que a cura real das imperfeições espirituais promove a verdadeira cura. A cura moral, pela transformação no Bem, era o que Jesus mais incentivava nos enfermos. A propósito, afirma Emmanuel categórico: “Não basta fazer do Cristo Jesus o benfeitor que cura e protege. É indispensável transformá-lo em padrão permanente da vida, tomando-o por exemplo e modelo de cada dia”<sup>240</sup>

Ciente de que nem todos os doentes podem se beneficiar com as curas, provocando a devida transformação moral, como assinala Emmanuel, Amélia Rodrigues nos transmite diálogo ocorrido entre Simão Pedro e Jesus, depois de o apóstolo ter ouvido o Senhor afirmar a respeito de uma cura aplicada a um hanseniano, que, possivelmente, não lhe acrescentou melhoria espiritual: “A cura mais importante não a experimentou: é aquela

que não se restringe à forma, e sim, ao Espírito. Lavada a morfeia, ele continua leproso. Acautelai-vos do contágio das misérias que os olhos não veem, mas que entenebrecem a razão e perturbam o coração...”<sup>241</sup>

Tais palavras do Mestre faz o apóstolo Simão Pedro indagar-lhe com respeito: “Rabi, se o doente não se pôde beneficiar com a cura, ter-lhe-ia sido esta de utilidade?”<sup>242</sup> E Jesus, prontamente, esclarece ao valoroso discípulo:

— Simão — respondeu, bondoso, Jesus —, o Reino dos Céus é uma mensagem de amor para todos: desalentados e sofredores, atormentados e enfermos, todos receberão o convite de acordo com as suas necessidades. A nós compete espalhar as dádivas de luz e bênçãos, sem a preocupação imediata de como serão recebidas ou utilizadas. Cada coração é responsável pelas sementes que recolhe. Fruindo a dádiva de luz, pode escolher onde entesourar as esperanças. O Sol espalha vida em todo lugar, indistintamente e, embora o pântano continue pútrido, o astro-rei insiste sobre o seu dorso, semeando a esperança onde a peste e a morte se agasalham...”<sup>243</sup>

## REFERÊNCIAS

- 219 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:45-52, p. 1.768.
- 220 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 1, p. 263-264
- 221 \_\_\_\_\_. it. 42, p. 286.
- 222 \_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 425, p. 216.
- 223 \_\_\_\_\_. q. 426, p. 217.
- 224 \_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 14. it. 172, p. 178.
- 225 \_\_\_\_\_. q. 428, p. 217.
- 226 \_\_\_\_\_. q. 429, p. 217.
- 227 \_\_\_\_\_. q. 430, p. 218.
- 228 \_\_\_\_\_. q. 432, p. 219.
- 229 \_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 14, it. 172, p. 179.
- 230 \_\_\_\_\_. cap. 7, it. 119, p. 129.
- 231 \_\_\_\_\_. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 14, it. 35, p. 252-253.



- 232 \_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 1, cap. 2, it. 16, p. 28.
- 233 \_\_\_\_\_. pt. 2, cap. 16, it. 189, p. 192.
- 234 \_\_\_\_\_. pt. 1, cap. 4, it. 75, p. 82-83.
- 235 \_\_\_\_\_. it. 80, p. 85.
- 236 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 6:45-52, p. 1.768-1.769.
- 237 XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 21, it. Mediunidade curativa, p. 165-166.
- 238 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 28, it. 77, p. 368.
- 239 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. As curas realizadas por Jesus em Genesaré, p. 1.113.
- 240 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 11, p. 270.
- 241 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 100, p. 214.
- 242 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 13, p. 149.
- 243 \_\_\_\_\_. p. 149-150.

## DISCUSSÃO SOBRE AS TRADIÇÕES FARISAICAS (MC 7:1-23)

Após as evidências dos fenômenos impactantes provocados por Jesus, registrados nos capítulos anteriores do *Evangelho de Marcos*, vamos encontrar os ânimos acirrados, sobretudo de escribas e fariseus, que articulavam tramas ardilosas para impedir o ministério de Jesus. Enquanto a pregação e curas realizadas pelo Mestre Nazareno se mantinham restritas ao território da Galileia, os religiosos não se preocupavam tanto. Contudo, a partir do momento que a sua fama faz-se notória, transpôs distâncias e alcançou a capital Jerusalém, tudo mudou de figura. Os religiosos perguntavam perplexos: Como entender e aceitar *um revolucionário transgressor da Lei* que, com seu discurso afiado e ações incontestáveis enfraquecia a imponência e a autoridade dos doutores da Lei?

Nesse cenário de conflitos é que se descortina o capítulo 7 do *Evangelho de Marcos*, sobretudo os versículos 1 a 23, objeto deste estudo, em que representantes do clero judaico enviam espiões para conhecer de perto o *herege da Galileia*, aquele que *ameaçava a segurança da própria nação*,<sup>244</sup> segundo o limitado entendimento deles, como afirma o estudioso Russell Champlin, que prossegue em suas análises do pensamento e ações dos religiosos:

Pois ele era ainda mais poderoso que João Batista, e conforme diziam, facilmente poderia tornar-se o ponto focal de uma revolução que fariam os romanos enviarem suas legiões sem misericórdia. Outrossim, que direito tinha aquele fanático de furtar a imponência deles e de enfraquecer a autoridade deles, com aquela conversa de “Reino de Deus”, do qual ele se declarava ser rei? [...] A situação podia ser controlada enquanto as disputas de Jesus se limitassem à Galileia. Agora, porém, a própria capital ficara envolvida, e a situação ficara muito mais séria e perigosa. [...] <sup>245</sup>

Animados por esse tipo de retórica, alguns doutores da lei e membros do sinédrio decidiram conhecer de perto o autor das polêmicas e discussões,

deslocando-se do planalto da Judeia, onde fica Jerusalém, para as regiões rochosas da Galileia, onde a fama de Jesus imperava por toda circunvizinhança. Observava e julgava Jesus, segundo as próprias concepções, como relata Marcos no texto de sua autoria que se segue.

## 17.1 DISCUSSÃO SOBRE AS TRADIÇÕES FARISAICAS (MC 7:1-13)<sup>246</sup>

<sup>1</sup>Ora, os fariseus e alguns escribas vindos de Jerusalém se reúnem em volta dele. <sup>2</sup>Vendo que alguns dos seus discípulos comiam os pães com mãos impuras, isto é, sem lavá-las — <sup>3</sup>os fariseus, com efeito, e todos os judeus, conforme a tradição dos antigos, não comem sem lavar o braço até o cotovelo, <sup>4</sup>e, ao voltarem da praça pública, não comem sem antes se aspergir, e muitos outros costumes que observam por tradição: lavagem de copos, de jarros, de vasos de metal — <sup>5</sup>os fariseus e os escribas o interrogaram: “Por que não se comportam os teus discípulos segundo a tradição dos antigos, mas comem o pão com mãos impuras?” <sup>6</sup>Ele, então, disse-lhes: “Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. <sup>7</sup>Em vão me prestam culto; as doutrinas que ensinam são mandamentos humanos. <sup>8</sup>Abandonais o mandamento de Deus, apegando-vos à tradição dos homens”. <sup>9</sup>E dizia-lhes: “Sabeis muito bem desprezar o mandamento de Deus para observar a vossa tradição. <sup>10</sup>Com efeito, Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe, e: Aquele que maldisser pai ou mãe, certamente deve morrer. <sup>11</sup>Vós, porém, dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: os bens com que eu poderia te ajudar são Corban, — isto é, oferta sagrada — <sup>12</sup>vós não o deixareis fazer mais nada por seu pai ou por sua mãe. <sup>13</sup>Assim, invalidais a Palavra de Deus pela tradição que transmitistes. E fazei muitas outras desse gênero.”

Vemos nesse texto um nítido confronto entre a antiga tradição, alimentada por práticas ortodoxas, obsoletas em sua maioria, visto que não refletiam a essência dos ensinamentos divinos que os profetas transmitiram, com a mensagem de Jesus que se revelava mais livre quanto às práticas religiosas, orientando a multidão a extrair o espírito da letra, a fim de pudessem vivenciar a Lei de Deus.

Ao nos determos no questionamento dos fariseus e escribas sobre o fato de alguns discípulos comerem com mãos impuras, sem antes terem submetidos ao ritual de “lavagens cerimoniais”. Prescritas pela antiga Lei, – anunciadas nos versículos 1 e 2 –, abre-se a discussão em torno das antigas práticas que sufocavam a espiritualidade em prol dos costumeiros rituais

de purificação. Tais rituais incluíam, não somente a limpeza do corpo, mas também de todo serviço de alimentação, o uso dos vasilhames, metais e baixelas utilizados nas refeições comuns e diárias.

Ao relermos as prescrições anunciadas nos versículos três e quatro do registro, percebemos o quanto era importante para os religiosos, mesmo os considerados mais esclarecidos, a manutenção de rituais de culto externo que pouco, ou nada, estimulavam a melhoria moral das pessoas. Neste sentido, salienta o dicionarista bíblico John Davis, que os hábitos culturais aplicados às refeições, possivelmente decorrentes de processos de higiene e a forma de ingestão de alimentos preparados (importa lembrar que ainda não havia prática do uso de talhares), foram transformados em rituais religiosos considerados artigos de fé.

Os israelitas comiam duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde. [...] Esse costume não impedia que se comesse mais vezes, nos intervalos dessas refeições. Os servos tomavam refeições ao meio-dia [...]. Os ascetas essênios tinham duas refeições ao dia. [...] Nos dias de sábado, as refeições não deviam ser tomadas antes do meio-dia, quando terminava o culto na sinagoga. [...] Quanto ao modo de sentarem à mesa, os antigos hebreus, à semelhança dos egípcios e dos gregos [...] e dos modernos árabes, costumavam assentar-se, provavelmente, em capachos estendidos no chão. [...] Mais tarde reclinavam-se em leitos [...].<sup>247</sup>

Esse texto de Davis foi inserido como simples ilustração do assunto. Contudo, na citação original, o estudioso discorre a respeito de detalhes ritualísticos que poderiam, perfeitamente, serem banidos se não estivessem envolvidos no aspecto religioso. Citemos outros exemplos: era religiosamente definido o número de pessoas que deveriam sentar no leito (até cinco, mas em geral eram duas); como deveriam sentar-se no leito (corpo mantido em diagonal); o espaço para os servos servirem as iguarias era exclusivo; era definido previamente, assim como quem deveria ficar à direita ou à esquerda do servo; as pessoas só podiam alimentar tendo a cabeça coberta; a quantidade de água misturada ao vinho atendia a certas especificidades, e mais: o vinho a ser ingerido deveria sempre ser diluído em água. Enfim, eram muitos os detalhes sempre interpretados segundo referências da lei antiga.<sup>248</sup> Entendemos que as normas do cerimonial ou da etiqueta não constituem um problema em si, mas o fato delas serem utilizadas como prática religiosa.

O que Jesus condenou não foi o bom hábito da higienização das mãos, é obvio. Mas o exagero no cumprimento das tradições das “lavagens

cerimoniais” que, corrompidas pelo exagero do culto externo, afastaram os judeus da verdade moral, como ressaltam os versículos 6,7,8 e 9, em que Jesus reproduz uma citação do profeta Isaías. Eis a análise de Allan Kardec a respeito do assunto:

Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se apegarem à prática dos regulamentos estabelecidos pelos homens e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. O fundo, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como era mais fácil observar atos exteriores do que se reformar moralmente, *lavar as mãos do que limpar o coração*, os homens iludiram-se a si próprios, julgando-se quites para com Deus por se conformarem com aquelas práticas, mantendo-se tais quais eram, já que lhes haviam ensinado que Deus não exigia mais do que isso. Esta a razão de haver dito o profeta: É em vão que esse povo me honra com os lábios, ensinando máximas e ordenações humanas.<sup>249</sup>

O Codificador prossegue em sua judiciosa análise interpretativa do pensamento do Cristo ao recordar que o mesmo comportamento ritualístico, utilizado pelos judeus em suas manifestações de fé religiosa, foi reproduzido, séculos mais tarde, na constituição das igrejas cristãs, cuja visão míope quanto aos valores da crença e da religiosidade ainda vigoram:

Assim também aconteceu com a doutrina moral do Cristo, que acabou sendo relegada a segundo plano, o que tem levado muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, a considerarem mais garantida a salvação por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral. [...]

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus. Ora, o homem só chega a Deus quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna melhor o homem, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falseada em seu princípio. Tal é o resultado de todas as religiões em que a forma supera o fundo. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula, se não impede que se cometam assassinios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem dano ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas e fanáticos; nunca, porém, homens de bem.

Não basta, pois, ter as aparências da pureza; é preciso, acima de tudo, ter a pureza do coração.<sup>250</sup>

Nos versículos dez ao treze constam advertências do Cristo quanto à falta de zelo no cumprimento do dever filial de honrar pai e mãe, mandamento estipulado por Moisés, o grande legislador judeu, que, com o passar do tempo, passou a ser representado simbolicamente na forma de simples oferta sagrada, o *Corban*. Repetimos a citação dos versículos para maior reflexão:

Com efeito, Moisés disse: Honra teu pai e tua mãe, e: Aquele que maldisser pai ou mãe, certamente deve morrer. Vós, porém, dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: os bens com que eu poderia te ajudar são Corban, — isto é, oferta sagrada — vós não o deixareis fazer mais nada por seu pai ou por sua mãe. Assim, invalidais a Palavra de Deus pela tradição que transmitistes. E fizeti muitas outras desse gênero (Mc 7:10-13).

O Mestre, com esta citação, chama os presentes à análise do comportamento negligente daqueles que ignoravam as responsabilidades morais para com Deus, e cita o exemplo dos que pouco ou nada honram os pais. Champlin apresenta-nos as seguintes considerações relacionadas às advertências de Jesus aos seus críticos:

Nem toda tradição religiosa é má e contradiz necessariamente a verdade divina. [...] As tradições humanas, entretanto, tornam-se prejudiciais quando ocupam o lugar das ordens divinas [...]. Jesus contradisse esse tipo de tradição, e, sem dúvida, nem toda e qualquer tradição. Ele conclamou a batalha contra o farisaísmo opressivo. Os mandamentos de Deus são eternos e fora do tempo, mas os preceitos da tradição não podem adquirir, para si mesmos, aquelas características. Jesus repudiou a subtração farisaica da verdade e a sua distorção da mesma. Ele objetou vigorosamente contra a elevação das tradições a uma falsa autoridade, as quais, ao mesmo tempo, repeliam o que é moralmente importante.<sup>251</sup>

A questão das práticas ritualistas da ortodoxia religiosas ainda representa um dos maiores entraves ao progresso do Espírito, pois anestesiam a capacidade de racionar, inerente ao ser humano. O embotamento mental pode conduzir ao radicalismo ou ao fanatismo, sempre de consequências infelizes, como lembra Joanna de Ângelis: “Fanáticos e idólatras de qualquer procedência são membros carcomidos do organismo enfermo da ignorância. Mergulhados em densa treva mental, negam-se às bênçãos da luz do discernimento, fechados nos corredores estreitos da intolerância renitente ou pavor inexplicável.”<sup>252</sup>

Ao discorrer a respeito do assunto, Emmanuel nos apresenta bela e sábia página espírita que inserimos em seguida:

#### **Honras vãs**<sup>253</sup>

*Em vão, porém, me honram, ensinando doutrinas que são mandamentos de homens. – JESUS (Marcos, 7:7).*

A atualidade do Cristianismo oferece-nos lições profundas, relativamente à declaração acima mencionada.

Ninguém duvida do sopro cristão que anima a civilização do Ocidente. Cumpre notar, contudo, que a essência cristã, em seus institutos, não passou de sopro,

sem renovações substanciais, porque, logo após o ministério divino do Mestre, vieram os homens e lavraram ordenações e decretos na presunção de honrar o Cristo, semeando, em verdade, separatismo e destruição.

Os últimos séculos estão cheios de figuras notáveis de reis, de religiosos e políticos que se afirmaram defensores do Cristianismo e apóstolos de suas luzes.

Todos eles escreveram ou ensinaram em nome de Jesus.

Os príncipes expediram mandamentos famosos, os clérigos publicaram bulas e compêndios, os administradores organizaram leis célebres. No entanto, em vão procuraram honrar o Salvador, ensinando doutrinas que são caprichos humanos, porquanto o mundo de agora ainda é campo de batalha das ideias, qual no tempo em que o Cristo veio pessoalmente a nós, apenas com a diferença de que o farisaísmo, o templo, o sinédrio, o pretório e a corte de César possuem hoje outros nomes. Importa reconhecer, desse modo, que, sobre o esforço de tantos anos, é necessário renovar a compreensão geral e servir ao Senhor, não segundo os homens, mas de acordo com os seus próprios ensinamentos.

Honrar pai e mãe não se resume a mera ordenação da lei humana. É reflexo da assertiva divina para o correto exercício *da Lei de Sociedade*<sup>254</sup> *e da Lei de Justiça, Amor e Caridade*.<sup>255</sup> Daí o Codificador esclarecer porque o mandamento “Honrai vosso pai e a vossa mãe” *é o corolário da caridade*:

O mandamento: “Honrai a vosso pai e a vossa mãe” é uma consequência da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que não pode amar o seu próximo aquele que não ama a seu pai e a sua mãe, mas o termo honrai encerra um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus, desta forma, quis mostrar que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a condescendência, o que implica a obrigação de cumprir-se para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo que a caridade ordena em relação ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem as vezes de pai e de mãe, e que têm tanto mais mérito, quanto menos obrigatório é o seu devotamento. [...] <sup>256</sup>

## 17.2 ENSINAMENTO SOBRE O PURO E O IMPURO (MC 7:14-23)<sup>257</sup>

Jesus faz um chamamento à multidão que é o que sai do homem (pensamentos, palavras e ações) que o torna impuro. Colocação que nos leva a fazer intercessão com a importância da linguagem sã e irrepreensível que sempre favorece o bem e a paz. Se as palavras forem enobrecidas por ações de respeito e amor ao próximo, o indivíduo passa a vivenciar, em espírito

e verdade, as lições imorredouras do Evangelho. Essa é a maior lição que o seguinte registro de Marcos nos transmite.

<sup>14</sup>E, chamando de novo para junto de Si a multidão, disse-lhes: “Ouvi-me todos, e entendei! <sup>15</sup>Nada há no exterior do homem que, penetrando nele, o possa tornar impuro; mas o que sai do homem, isso é o que o torna impuro. <sup>16</sup>Se alguém tem ouvido para ouvir, ouça!” <sup>17</sup>E quando, ao deixar a multidão, entrou numa casa, seus discípulos o interrogaram sobre a parábola. <sup>18</sup>E ele disse-lhes: “Então, nem vós tendes inteligência? Não entendeis que tudo o que vem de fora, entrando no homem, não pode torná-lo impuro, <sup>19</sup>porque nada disso entra no coração, mas no ventre, e vai para a fossa?” (Assim, ele declara puros todos os alimentos.) <sup>20</sup>Ele dizia: “O que sai do homem. É isso que o torna impuro. <sup>21</sup>Com efeito, é de dentro, do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassinios, <sup>22</sup>adultérios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. <sup>23</sup>Todas essas coisas más saem de dentro do homem e o tornam impuro.

Fica explícito, pois, que as palavras exprimem, em geral, o nível de entendimento ou de sentimentos de quem as expressa. O fato da pessoa não ter tido acesso à educação formal pode dificultar-lhe as manifestações verbais, mas são os sentimentos associados às suas palavras que indicam o nível da educação moral do Espírito. Nesse sentido, Emmanuel nos convida ao aprendizado de saber identificar o que é puro e impuro que se revelam por trás das palavras:

Encontrarás a frase brilhante, repontando de toda a parte.

Empregam-na cientistas eméritos, articulando as interpretações que lhes vêm à cabeça, tomam-na filósofos variados para a exaltação dos princípios que esposam, usam-na os sofistas de todas as procedências para expressarem as ideias que lhes são próprias, apossam-se dela artistas diversos, colorindo as criações que lhes fluem da alma; entretanto, é preciso recebê-la na pauta do discernimento justo.

Há frases seguras e primorosas, ocultando imagens repelentes, assim como tecidos de ouro e pérolas, escondendo o monturo.

Examina o campo que te fornece alimento verbal.

Seja na escrita de mãos hábeis ou na fala de pessoas distintas, assinala o que recolhes.

A inspiração do Alto nasce na fonte dos sentimentos puros.

Busca a edificação da paz, através do equilíbrio e da afabilidade para com todos, manifesta-se no veículo da compreensão fraternal, exprimindo misericórdia, e produz bons frutos onde esteja.

Não te enganes com discursos preciosos, muita vez desprovidos de qualquer sinal construtivo. É possível não consigas identificar, de pronto, as intenções



de quem fala; entretanto, podes observar os resultados positivos da ação de cada conversador. E pelos frutos que pendem na árvore da vida de cada um, sabes perfeitamente a escolha que te convém.<sup>258</sup>

De conformidade com o que consta em *Marcos*, 7:21-23 “Com efeito, é de dentro, do coração dos homens que saem as intenções malignas: prostituições, roubos, assassinios, adultérios, ambições desmedidas, maldades, malícia, devassidão, inveja, difamação, arrogância, insensatez. Todas essas coisas más saem de dentro do homem e o tornam impuro” Não são os alimentos que caracterizam a índole boa ou má da pessoa. É a sua inferioridade moral que revela o teor das impurezas presentes no íntimo do ser manifestadas na forma de más tendências.

Necessário, portanto, o cultivo de virtudes a fim de que seja forjado o caráter íntegro do homem de bem:

O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, perguntará a si mesmo se não violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que gostaria que lhe fizessem.<sup>259</sup>

## REFERÊNCIAS

- 244 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, cap. 7, 7.1, p. 830.
- 245 \_\_\_\_\_. Id.
- 246 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 7:1-13, p. 1.769.
- 247 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Ampliado e atualizado. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. it. Refeições, p. 1.045-1.046.
- 248 \_\_\_\_\_. p. 1.046-1.047.
- 249 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 8, it. 10, p. 121.
- 250 \_\_\_\_\_. p. 121-122.
- 251 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 7.8, p. 833.

- 252 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dimensões da verdade*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 5. ed. Salvador: LEAL, 2000. cap. Idolatria e fanatismo, p. 146.
- 253 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 37, p. 89-90.
- 254 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 773 a 775, p. 395-396.
- 255 \_\_\_\_\_. q. 892, p. 382.
- 256 \_\_\_\_\_. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 14, it. 3, p. 191.
- 257 BÍBLIA BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 7:14-23, p. 1769.
- 258 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras da vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 41. ed. Uberaba: CEC, 2017. cap. 87, p. 190-191.
- 259 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 17, it. 3, p. 226.





## PARTE III

### **Viagens de Jesus Fora da Galileia**

## CURA DA FILHA DE UMA SIRO-FENÍCIA (MC 7:24-37)

As duas curas relatadas no *Evangelho de Marcos*, 7:24-37 – e também por *Mateus*, 15:21-28 – integram os acontecimentos da viagem de Jesus fora da Galileia, na região denominada *siro-fenícia*, habitada por povos gentílicos, de tradições e costumes muito diferentes dos judeus, inclusive e principalmente, pelo fato de serem politeístas. Os judeus evitavam qualquer tipo de contato com os gentios, desprezados e julgados inferiores por eles. A viagem de Jesus e de seus seguidores à siro-fenícia deve ter sido considerada pelos religiosos como uma provocação, fato que mais agravaria a perseguição imposta ao Mestre Nazareno, sobretudo pelos fariseus e agentes do sinédrio.

É importante resgatarmos algumas informações históricas relacionadas à região e aos seus habitantes. Assim sendo, compreenderemos melhor o diálogo que Jesus manteve com a mulher gentílica, também conhecida como cananea, quando, prostrada aos pés do Mestre, pediu-lhe que curasse a sua filha psiquicamente enferma, em decorrência de obsessão. Esta passagem evangélica, *a cura da filha da mulher siro-fenícia*, se interpretada literalmente estimula o preconceito para quem pensa e segue tradições diferentes.

### 18.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL

*Fenícia.* A palavra grega *phoinix*, a partir da qual a região geográfica da Fenícia parece ser chamada, significa literalmente, “roxo vermelho”. Assim, o nome deriva de um produto da região, a tintura vermelha, pela qual a Fenícia era famosa em todo o mundo antigo. [...]

O território habitado por esse povo, semítico de origem e mediterrâneo em atitude e atividade, foi a estreita planície litorânea que estende do rio Eleutero no norte à cadeia de montanhas Carmelo no sul, uma distância de cerca de 260 Km ao todo. [...] Desde tempos antigos, reis governaram a região centrados em cidades como Búblus, Beritus (Beirute), Sidônia e Tiro.

[...]

As relações da Fenícia com o reino norte de Israel eram geralmente estreitas, como ilustra o casamento entre Acab e Jezebel, a filha de Etbaal, rei de Tiro. [...]

[...]

Foi durante esse período de relativa autonomia que os vários Estados fenícios conseguiram um grau mais elevado de harmonia entre si, e foi formada uma confederação de Tiro, Sidônia e Arvad [...]. De acordo com a política helenística posterior, contudo, essas cidades, bem como Arco/Ptolemaida, mais perto do território judaico, foram restabelecidas como cidades-estado gregas e tornaram-se importantes centros da difusão da cultura grega na Palestina e na Síria [...].<sup>260</sup>

Com o advento do domínio romano, “[...] as várias cidades do território fenício continuaram a ser como antes, mas agora integrando uma rede de centros urbanos que Roma utilizava para o controle do Oriente. [...]”<sup>261</sup> Por esses relatos, percebe-se que havia uma significativa miscigenação étnica e cultural dos povos que habitavam a região:

Em consonância com o processo de helenização que se produzia em outras partes do mundo antigo, a cultura emergente foi uma mistura do velho e do novo. Particularmente na esfera da religião, várias divindades cultuadas nos tempos helenísticos, como Zeus ou Hércules, eram as divindades fenícias mais antigas, como Baal Shamem (Senhor dos Céus) e Melqart em roupagem grega. Ambas estavam estreitamente associadas com as divindades cananeias mais antigas, como El, conhecido por nós a partir das descobertas feitas Ra’s Chamra, o que sugere vínculos antigos e estreitos entre os fenícios e os cananeus [...].<sup>262</sup>

A região siro-fenícia era constituída de povos *semitas*, de um lado, e por *judeus*, propriamente dito, de outro. Ambos traziam em comum, porém, a mesma origem *genética*, pois a palavra *semita* é “[...] relativo ao grupo étnico e linguístico ao qual se atribui *Sem* [ou Sam, um dos filhos de Noé] como ancestral, e que compreende, os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes, como membros desse grupo.”<sup>263</sup> Quanto ao nome *judeu*, originalmente foi atribuído aos filhos da tribo de *Judá* que, etnicamente são descendentes dos antigos hebreus, um dos povos semíticos, a exemplo do patriarca Abraão, do seu filho Isaac e outros. A questão de ser ou não ser judeu passou a ser considerada, em determinado momento da história, apenas como a pessoa que professava a religião judaica, o que suscitou, já à época do Cristo, separatismos e desentendimentos, os quais ainda persistem. Atualmente, há uma forte tendência para considerar como judeu não só a pessoa que professa a religião judaica, mas também os que têm ascendência

judaica materna, mas que se converteu ao judaísmo, mesmo que não seja, efetivamente, praticante dessa religião.

**Judeu.** A palavra é derivada do hebraico *yehudi* (feminino *yehudit*, “Judite”), através do grego *ioudaios* e do latim *judaesus*. O termo é usado pela primeira vez com relação aos cidadãos do reino do sul de Judá em II Reis, 16:6; anteriormente, os habitantes do sexo masculino do reino, ou membros da tribo de Judá de que o reino tomou seu nome, eram referidos como *yehuda*, literalmente, homem [homens] de Judá. [...]

A questão de como definir um judeu [...] engendrou muita discussão através das eras. Devem os judeus serem compreendidos como uma comunidade social, religiosa, nacional ou étnica? Basicamente, a resposta dada pela tradição judaica, a *halaca*, foi que uma pessoa que nasceu de mãe judia e se converteu ao judaísmo é um judeu. [...] <sup>264</sup>

Discussões à parte, o certo é que havia, e há, um parentesco genético marcante entre os povos semíticos. Conhecedor dessas e muitas outras verdades, o Cristo demonstra em seu Evangelho que, na verdade, todos nós, os habitantes do planeta, somos filhos de Deus, como afirma o apóstolo e evangelista João: “Mas a todos que o receberam, deu o poder de se tornarem filhos de Deus; aos que creram em seu nome, eles, que não foram gerados nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus” (João, 1:12-13). <sup>265</sup>

## 18.2 CURA DA FILHA DE UMA SIRO-FENÍCIA (MC 7:24-30) <sup>266</sup>

O texto do *Evangelho de Marcos* transcreve duas curas realizadas por Jesus: a da filha de uma mulher cananeia (ou siro-fenícia) e de um homem surdo e gago. O registro que se segue refere-se à primeira cura.

<sup>24</sup>Saindo dali, foi para o território de Tiro. Entrou numa casa e não queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu permanecer oculto. <sup>25</sup>Pois logo em seguida, uma mulher cuja filha tinha um espírito impuro ouviu falar dele, veio e atirou-se a seus pés. <sup>26</sup>A mulher era grega, siro-fenícia de nascimento, e lhe rogava que expulsasse o demônio de sua filha. <sup>27</sup>Ele dizia: “Deixa que primeiro os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”. <sup>28</sup>Ela, porém, lhe respondeu: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas das crianças!” <sup>29</sup>E Ele disse-lhe: “Pelo que disseste, vai: o demônio saiu da tua filha”. <sup>30</sup>Ela voltou para casa e encontrou a criança atirada sobre a cama. E o demônio tinha ido embora.

A mulher que suplica auxílio ao Mestre Nazareno para a filha, psicologicamente enferma por ação obsessiva, é o exemplo da miscigenação racial que existia naquela região, como destaca *Marcos*, 27:26: “A mulher era grega,

siro-fenícia de nascimento.” Os habitantes da Fenícia descendiam dos que vivia em Canaã, e, com o tempo, Canaã passou a referir-se primariamente à Fenícia (Mt 15:22). Mas ela foi também chamada de grega, provavelmente porque tinha descendência grega.

No entanto, a despeito do diálogo incomum que se estabelece entre Jesus e a suplicante, o episódio como um todo mostra também a diversidade histórico-étnica e cultural que existia naquela época e localidade geográfica do Planeta, basicamente constituído de dois grupos: o dos dominadores e o dos dominados. Ora, sabemos que os judeus desprezavam os gentios e os consideravam inferiores, mas entre os povos gentílicos, a situação não era diferente, haviam os que subjuguavam e os que eram subjogados: “Os membros da classe dominante sírio-fenícia exploravam o trabalho dos sírios e de alguns colonos judeus na região rural circunvizinha; a mulher pertence a um grupo que, em certo sentido, tem tomado o pão dos filhos dos outros grupos. [...]”<sup>267</sup>

Então, ante o pedido de socorro de uma mãe aflita, Jesus responde-lhe: “Deixa que primeiro os filhos se saciem porque não é bom tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7:27). “cachorrinhos” é palavra que faz referência aos indivíduos colocados no ponto mais inferior da escala social; os que recebiam “restos” ou migalhas do que sobrava da mesa dos ricos, como usualmente se faz com os cães: “Não era costume entre os judeus chamar os gentios de “cães”, como afirmaram certos comentaristas. Na verdade, Jesus está ensinando por meio da ilustração, como os mestres da época faziam. A comida sem valor era lançada aos cães (cf. Êx 22:31) [...]”<sup>8</sup> Quer isso dizer que, extraindo do simbolismo a lição, Jesus deixa claro que não diferenciava judeus de gentios, ricos de pobres ou o nível espiritual em que a pessoa se encontrava. Para Ele, o que importava naquele momento era a fé que aquela mãe demonstrou em seu poder de cura, aliada ao imenso amor à filha obsessa.

A cananeaia, contudo, responde a Jesus, plena de convicção: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos comem, debaixo da mesa, as migalhas das crianças!” (Mc 7:28). Ou seja, ainda que as crianças precisem ser alimentadas antes dos considerados “cãezinhos”, ambos, entretanto, estão juntos.

À primeira vista, parece que Jesus não tinha se apiedado da mulher cananeaia, cuja filha estava obsidiada. Tal não era, porém, o pensamento do Mestre, cujo coração pulsava em uníssono com os corações dos sofredores que o clamavam. Com sua palavra, que parece envolver uma recusa, quis Jesus provar se aquela mulher tinha fé suficiente para merecer a graça que pedia. Pela sua resposta, a



mulher demonstrou a grande fé que possuía. Jesus, então, sentiu-se à vontade para curar-lhe a filha, isto é, para afastar o Espírito obsessivo que a atormentava. É digno de notar-se, mais uma vez, que Jesus procura pacientemente despertar a fé nos corações dos que recorriam a Ele; porque a fé é uma prova de regeneração e obediência às Leis Divinas.<sup>268</sup>

O Espírito Amélia Rodrigues transmite comentários elucidativos a respeito do encontro de Jesus com a cananeia, das lições que o diálogo estabelecido entre ambos oferece e, sobretudo, o valor da fé. Assim, a cura da enferma, que é realizada a distância por Jesus, passa a ocupar espaço secundário no relato do evangelista: é consequência natural. Destacamos, em seguida, um resumo das ideias da benfeitora espiritual:

### 18.2.1 JESUS VAI TER COM OS GENTIOS<sup>269</sup>

O Seu nome já atravessara os limites estreitos da Galileia e muitos foram ouvi-lo, informados por viajantes e caravaneiros que venceram as distâncias [...]. Os discípulos, embora silenciosos, inquiriam-se, mentalmente, sobre os objetivos que os levavam àquelas cidades pagãs e *gentias*, impenitentes. [...] Os cultos execrands dos pagãos respiravam sordidez. Que vieram ali fazer? O Judaísmo era a revelação, e o Mestre representava a resposta de Deus aos aflitivos apelos dos homens, sabiam-no. Seria justo que se mesclassem aos desafortunados adoradores de ídolos?

### 18.2.2 ENCONTRO E DIÁLOGO ENTRE JESUS E A MULHER SIRO-FENÍCIA (CANANEIA)<sup>270</sup>

Uma [...] voz aflita se levantou, vendo-os passar e seguindo-os de perto, exclamando:

“Senhor, filho de Davi, tem piedade de mim, pois que minha filha está miseravelmente possuída de espírito demoníaco”.

Alguns dos companheiros voltaram-se e contemplaram a mulher aflita que rogava socorro. Era, porém, uma estrangeira... Mesmo que fosse descendente de Israel, pois que ela o identificava como “Filho de Davi”, professava, naqueles termos, religião execrável, abjeta. Não lhe deram importância. [...]

A mulher, num átimo, recuou mentalmente e recapitulou a vida. A filha era o seu tesouro, fortuna que lutava por preservar. [...] Não se recordava de uma falta contra os Céus. Refez-se, na sua condição de humildade e, reconsiderando suplicou: “Senhor, socorre-me!”

A dor e a extrema confiança eram-lhe patentes. Jesus fitou-a demoradamente, como se ponderasse o que iria argumentar. Sabia do alto quilate de fé que vitalizava aquele coração, conhecia, porém, o orgulho israelita e o desprezo que se votava ao estrangeiro.

### 18.2.3 O DIÁLOGO ENTRE JESUS E A MULHER SIRO-FENÍCIA (CANANEIA)<sup>271</sup>

Desejando aplicar severo corretivo naqueles que o seguiam de perto, exclamou com ironia:

“Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. Cães, eram aqueles que não participavam da eleição israelense”.

A expressão *cachorrinhos* soava como terna admoestação. A imagem forte falava por si mesma. A cananeia entendeu que a sua condição não lhe ensinaria outra oportunidade. Sofria e resignava-se. Vencendo-se a si mesma e dominada pelo amor maternal, retrucou, confiada: “Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores”.

A mensagem d’Ele destinava-se a Israel, sem dúvida, onde a dureza da lei e o orgulho preponderavam; mas o seu Reino abrangeria a Terra toda... Desejava, através daquele diálogo, lecionar o poder da humildade, como ensinamento que se insculpissem no Espírito dos discípulos.

### 18.2.4 O PODER DA FÉ<sup>272</sup>

Exultante com a firme confiança da cananeia e com a sua elevada simplicidade, o Mestre não lhe inquiriu a crença nem a raça, não lhe reprocha a vida nem lhe censura o alarido, diz-lhe somente e com amor: “Oh! Mulher, Grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo, como tu desejas”.

### 18.2.5 CURA DA FILHA DE UMA MULHER SIRO-FENÍCIA<sup>273</sup>

Era estranhável a atitude inicial do Justo, ignorando a aflição de quem lhe rogava socorro. Naquele gesto de aparente indiferença, Ele anelava tocar o coração dos amigos que, todavia, não intercederam a favor da sofredora, hábito infeliz, aliás, que pareciam cultivar.

A doçura, porém, a fraqueza e a desproteção daquela mãe tocaram o Senhor. Exalando misericórdia, o Rabi, a distância, expulsou o Espírito obsessivo da jovem mediunizada em processo de longo curso e prosseguiu impertérrito.

[...]

E chegando à casa, a mulher, encontrou refeita, em gozo de saúde, a filha amada.

A semente da esperança que o Rabi depositou no seu coração transformou-se em lâmpada radiosa que a clareou intimamente a vida inteira.

## 18.3 CURA DE UM SURDO-GAGO (MC 7:31-37)<sup>274</sup>

<sup>31</sup>Saindo, de novo do território de Tiro, seguiu em direção do mar da Galileia, passando por Sidônia e atravessando a região da Decápole. <sup>32</sup>Trouxeram-lhe um surdo que gaguejava, e rogaram que impusesse as mãos sobre ele. <sup>33</sup>Levando-o

a sós para longe da multidão, colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua. <sup>34</sup>Depois, levantando os olhos para o céu, gemeu, e disse *Effatha*, que quer dizer “Abre-te!” <sup>35</sup>Imediatamente abriram-se lhe os ouvidos e a língua se lhe desprendeu, e falava corretamente. <sup>36</sup>Jesus os proibiu de contar o que acontecera; quanto mais o proibia, tanto mais eles o proclamavam. <sup>37</sup>Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: “Ele tem feito tudo bem; faz tanto os surdos ouvirem como os mudos falarem.”

A cura de uma pessoa surda e gaga, registrada nessa passagem evangélica, apresenta uma forma inusitada: Jesus usa a própria saliva para tocar as orelhas e a língua do enfermo, seguida do comando enérgico *abre-te*. Em geral, o Cristo realizava as curas por imposição de mãos, que podia ser acompanhada, ou não, de ordenações. Eis alguns exemplos:

- » Ressuscitação de Lázaro: “Então Jesus ordenou, em voz muito forte: ‘Lázaro, sai!’” (Jo 11:43).
- » Cura da sogra de Pedro: “[...] A sogra de Simão estava com febre alta, e pediram por ela. Jesus em favor dela ele se inclinou para ela, conjurou severamente a febre, e esta a deixou, imediatamente [...]” (Lc 4:38-39).
- » Cura de um paralítico: “[...] Disse então ao paralítico: levanta-te, toma a tua cama e vai para casa [...]” (Mt 9:6).
- » Cura de um obsidiado: “E repreendeu-o Jesus, dizendo: ‘Cala-te, e sai dele’. Então o espírito imundo, convulsionando-o, e clamando com grande voz, saiu dele” (Mc 1:25-26).

Quanto ao uso de saliva no processo de cura, localizamos a ocorrência em duas outras ocasiões, além da citada, aqui, no estudo:

- » O Cego de Betsaida: cura relatada apenas por *Marcos*, 8:23 (e que será objeto de estudo posterior): “E, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia; e, cuspendo-lhe nos olhos, e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe se via alguma coisa;
- » O cego de nascença. Então, cuspiu no chão e, fazendo lama com saliva, espalhou-a sobre os olhos do cego. E disse-lhe: “Vai lavar-te ao tanque de Siloé!” (Siloé significa “enviado”). O homem assim fez e depois de se lavar voltou, vendo (Jo 9:6).

O comando verbal que acompanhava algumas curas realizadas por Jesus, nada tem de estranho. Explicamos: é comum a mudança do estado de ânimo do enfermo durante a manifestação de enfermidades. Raras são as pessoas,

sobretudo as portadoras de doenças graves, crônicas ou degenerativas, que não se deixam levar por alterações emocionais, quais sejam: ansiedades variadas, sentimentos de vulnerabilidade, desânimo, medo, alterações do sono, crises depressivas e ideias suicidas. Nessa situação, se a pessoa não recebe auxílio externo ou se não tem o hábito da oração, ela passa a ser envolvida por fluidos deletérios, próprios ou absorvidos de mentes que se encontram na mesma frequência vibratória, e com as quais sintoniza, mantendo ou agravando a alteração emocional pré-existente. Allan Kardec esclarece a respeito:

A ação dos Espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de importância capital e direta para os encarnados. Sendo esses fluidos o veículo do pensamento e podendo estes lhes modificar as propriedades, é evidente que eles devem achar-se impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os fazem vibrar, modificando-se pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que envolvem os Espíritos maus, ou que estes projetam, são, portanto, viciados, ao passo que os que recebem a influência dos Espíritos bons são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral destes.<sup>275</sup>

A pessoa que se encontra em um estado de desarmonia, decorrente de doenças físicas e/ou psíquicas, ou por outros motivos (mágoa, tristeza, raiva, desejo de vingança, ciúme, inveja, etc.) estão mergulhadas em uma atmosfera fluídica hipnotizante, que a conduz ao estado de ideia fixa. Nessas condições, entendemos por que Jesus usava de comandos verbais durante algumas curas operada por Ele: era a forma de despertar ou libertar o enfermo do estado de hipnose e de monoidéismo em que ele se encontrava: as vibrações celestiais da voz do Mestre, varavam as camadas de fluidos inferiores que mantinham o doente enclausurado. Ato contínuo, Jesus substituía os maus fluidos, emitidos pelo próprio enfermo ou por outros Espíritos, no caso das obsessões, por fluidos superiores, curadores, como Kardec explica:

Os fluidos espirituais atuam sobre o perispírito e este, por sua vez, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo ressente uma impressão salutar; se forem maus, a impressão será penosa. Se os eflúvios maus forem permanentes e enérgicos, poderão ocasionar desordens físicas; certas enfermidades não têm outra causa.

Os meios onde predominam os Espíritos maus são, pois, impregnados de fluidos deletérios que o encarnado absorve pelos poros perispíricos, como absorve pelos poros do corpo os miasmas pestilenciais.<sup>276</sup>

Quanto a utilização da saliva no processo de cura desconhecemos os verdadeiros motivos para Jesus utilizar essa secreção biológica; ou até

mesmo a saliva misturada com lama (Jo 9:6). Podemos, como mera suposição, considerar que os elementos constitutivos da saliva forneceram o substrato necessário para que a cura do surdo-gago, objeto de estudo, ou da cegueira se processassem.

Quanto ao meio empregado para o curar, é evidente que aquela espécie de lama feita de saliva e terra não podia encerrar nenhuma virtude, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as substâncias mais insignificantes, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de *reservatório*.<sup>277</sup>

Em termos biológicos, a saliva é o líquido produzido pelas glândulas salivares da mucosa oral: “Normalmente a saliva é insulsa [sem sabor], incolor, inodora, viscosa e fracamente alcalina [não é ácida].”<sup>278</sup> Quanto à constituição, a saliva possui elementos inorgânicos e orgânicos, assim especificados:

- » Inorgânicos: 99,5% de água; sais (cloretos, carbonatos, fosfatos e sulfatos) e gases dissolvidos (nitrogênio, oxigênio e gás carbônico), e íons minerais, como de cálcio e de ferro;
- » Orgânicos: enzimas digestivas (ptialina, maltase e lisozima), proteínas (albumina, globulina e mucina), aminoácidos e outras substâncias orgânicas, assim como células (epiteliais e leucócitos).

As funções básicas da saliva são: umidificar os alimentos, facilitando a mastigação e a deglutição; umedecer e lubrificar a cavidade oral; atuar como solvente para iniciar a digestão de amidos e favorecer excreção de produtos metabólicos; auxiliar a manutenção do equilíbrio hídrico; representa barreira inicial quanto a invasão de microrganismos.<sup>279</sup> Na atualidade, a saliva é muito utilizada para análise genética dos genes que se encontram no DNA.

A cura do homem surdo e gago é mais uma referência a tantas outras realizadas pelo Mestre dos mestres. “[...] Ele queria provar, dessa forma, que o verdadeiro poder é o daquele que faz o bem; que o seu objetivo era ser útil e não satisfazer à curiosidade dos indiferentes, por meio de coisas extraordinárias”.<sup>280</sup>

Em *Reformador*, dezembro 1964, consta uma mensagem de Emmanuel, denominada *Ouçamos também*, que faz referência a cura do surdo e gago, destacando a palavra *effatha* (ou *ephphatá*), que significa “abre-te”, como um apelo divino a todos nós, ao longo dos tempos.

**Ouçamos também**<sup>281</sup>

*Depois, erguendo os olhos ao céu, Jesus disse: effatha, que quer dizer: Abre-te. (Marcos, 7:34.)*

A palavra do Cristo, ao surdo e gago, intimava-lhe as faculdades do espírito a se abrirem para a vida.

Quantos de nós precisamos hoje consagrar atenção ao divino apelo? Quantos problemas nos cruciam a alma, por trancá-la às sendas libertadoras que a experiência oferece?

Encerrados, quase sempre, no poço do eu, nada mais lobrigamos que a sombra das ilusões a que nos afazemos, esbanjando tempo e força em lamentáveis reclamações.

O Senhor nos solicita a descerrar passagens no mundo íntimo, a fim de que os dons inefáveis da Espiritualidade Superior nos enriqueçam de alegria e de luz. Necessário verificar se carregamos sentimentos e raciocínios, olhos e ouvidos, lábios e mãos fechados ao entendimento e ao serviço.

Indispensável abrir o coração à bondade, o cérebro à compreensão, a existência ao trabalho, o passo ao bem, o verbo à fraternidade...

Não só isso.

Imperioso abrir igualmente o livro edificante ao estudo, a bolsa à beneficência, a capacidade à cooperação e o caminho à hospitalidade.

O Sol, para sustentar o mundo, pede horizontes abertos.

Diante do enfermo de espírito, encarcerado em si próprio, disse Jesus: “Abre-te”.

Saibamos acolher a advertência sublime e, perante a luz do Infinito Amor de Deus, rompamos a clausura do eu e ouçamo-la também.

**REFERÊNCIAS**

- 260 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, it. Fenícia, p. 89-90.
- 261 \_\_\_\_\_. p. 91.
- 262 \_\_\_\_\_. p. 90-91.
- 263 HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. it. Semita, p. 1.727.
- 264 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, it. Judeu, p. 175.
- 265 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos

- tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo João, 1:12 e13, p. 1.843.
- 266 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 7:24- 30, p. 1.770.
- 267 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. A fé de uma mulher gentia, p. 166.
- 268 RIGONATTI, Eliseu. *O evangelho dos humildes: evangelho de Mateus e atos dos apóstolos explicados à luz do espiritismo*. São Paulo: Pensamento, 2018. cap. 15, it. A mulher cananea, p. 121.
- 269 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 8, p. 104-105.
- 270 \_\_\_\_\_. p. 106-107.
- 271 \_\_\_\_\_. p. 107.
- 272 \_\_\_\_\_. p. 107-108.
- 273 \_\_\_\_\_. p. 108.
- 274 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 7:31-37, p. 1.770.
- 275 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 17, it. 16, p. 242.
- 276 \_\_\_\_\_. it. 18, p. 244.
- 277 \_\_\_\_\_. cap. 15, it. 25, p. 278.
- 278 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. ilustrada. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri, it. Saliva, p. 1.570.
- 279 \_\_\_\_\_. Id.
- 280 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 27, p. 278.
- 281 XAVIER, Francisco Cândido. Ouçamos nós. Pelo Espírito Emmanuel. *In: Reformador*, Rio de Janeiro, p. 270, dez. 1964.

## SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (MC 8:1-21)

Nesse estudo destacam-se três passagens do *Evangelho de Marcos* – Segunda multiplicação dos pães; Os fariseus pedem um sinal no Céu e o (fermento); fermento dos fariseus e de Herodes. Tais passagens bíblicas foram analisadas de forma geral no Livro II, temas 45 e 46, do programa O Evangelho Redivivo.

A *multiplicação dos pães* por Jesus aconteceu em duas oportunidades. A primeira foi narrada pelos quatro evangelistas, enquanto a segunda é citada apenas por *Mateus*, 15:29-39 e *Marcos*, 8:1-10.<sup>282</sup> “Enquanto a primeira multiplicação dos pães (Mc 6:31-34) fora feita em benefício dos judeus, a segunda é feita para os pagãos (Mt 14:13) [...]”<sup>283</sup> Ocorreu na região de Decápole ou Decápolis, uma liga de dez cidades, fundada por Alexandre, o Grande, cerca de 323 a.C. “As cidades eram: Citópolis/Betsã, Hipos, Filadélfia (atual Aman), Gérasa (Jerash) Gádara, Péla, Dion, Cãnata, Ráfana e Damasco”<sup>284</sup> Decápole/Decápolis é palavra de origem grega que significa dez cidades (*deca*=dez; *polis*= cidade).

[O general e cônsul na Judeia] Pompeu fez de Citópolis/Betsã a capital da liga, a sede do tribunal regional (o sínédrio) e utilizou outras cidades na região de maneira similar [...]. Várias línguas eram usadas (grego, hebraico e aramaico), templos e monumentos erguiam-se quase lado a lado com sinagogas e igrejas primitivas, e o comércio e a cultura locais tinham lugar no contexto mais amplo da hegemonia militar e econômica de Roma.<sup>3</sup>

Quando Jesus concluiu a multiplicação dos pães e percebeu que a multidão que o cercava tinha saciado a fome, Ele e os discípulos saíram, pegaram um barco e viajaram em direção a *Dalmanuta*. Entre os estudiosos dos textos evangélicos há controvérsias a respeito do nome desse local que, até o momento ainda não foi localizado: “Supõe-se que Dalmanuta era uma vila a leste do mar da Galileia e perto de Magdala.”<sup>285</sup> Há quem acredite que a palavra Dalmanuta teria sido um registro incorreto do aramaico.<sup>286</sup>



O pedido de um sinal no Céu pelos fariseus trazia a falsa justificativa de Jesus provar-lhes que era o Messias aguardado pelo povo judeu. O Cristo logo percebeu que havia má intenção no pedido, até porque esses mesmos fariseus e outros religiosos mancomunavam entre si para condenar Jesus. Afirmavam, inclusive, que os prodígios por Ele executados eram de origem demoníaca: “Podemos estar certos, seja como for, de que tiveram alguma espécie de motivo malicioso em seu pedido e por essa e outras razões, esse pedido foi negado. [...]”<sup>287</sup>

O fermento dos fariseus e de Herodes revelam as más intenções e a falsidade dos religiosos e do governador da Judeia em relação a Jesus: “O fermento dos fariseus era a *hipocrisia*, uma religiosidade exterior e inútil. O dos herodianos era o *mundanismo*: a *política*. O dos saduceus (Mt 16:6), *incredulidade e materialismo*. Todos os três são males que se alastram, corrompendo a massa toda.”<sup>288</sup>

## 19.1 SEGUNDA MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES (MC 8:1-10)<sup>289</sup>

<sup>1</sup>Naqueles dias, novamente uma grande multidão se ajuntou e não tinha o que comer, por isso Ele chamou os discípulos e disse-lhes: <sup>2</sup>“Tenho compaixão da multidão, porque já faz três dias que está comigo e não tem o que comer. <sup>3</sup>Se os mandar em jejum para casa, desfalecerão pelo caminho, pois muitos vieram de longe”. <sup>4</sup>Seus discípulos lhe responderam: “Como poderia alguém, aqui num deserto, saciar com pão a tanta gente?” <sup>5</sup>Ele perguntou: “Quantos pães tendes?” Responderam: “Sete” <sup>6</sup>Mandou que a multidão se assentasse pelo chão e, tomando os sete pães, deu graças, partiu-os e deu-os aos seus discípulos para que eles os distribuíssem. E eles os distribuíram à multidão. <sup>7</sup>Tinham ainda alguns peixinhos. Depois de os ter abençoado, mandou que os distribuíssem também. <sup>8</sup>Eles comeram e ficaram saciados. Dos pedaços que sobraram, recolheram sete cestos. <sup>9</sup>E eram cerca de quatro mil. E então os despediu. <sup>10</sup>Imediatamente, subindo para o barco com seus discípulos, partiu para a região de Dalmanuta.

Na segunda multiplicação dos pães, realizada em território de povos gentílicos, uma enorme multidão seguia Jesus, fascinada pelos seus ensinamentos, curas e outros prodígios realizados pelo Senhor, abstraída do cansaço e da fome. O Amigo Divino, porém, revela compaixão porque já se completavam três dias que a multidão estava com Ele, sem ingerir alimentos. Muitos dos presentes vieram de longe e Ele temia que desfalecessem pelos caminhos, como registram os versículos 2 e 3 do texto de *Marcos*. A compaixão pela multidão que não se queixa de nada para segui-Lo toma conta do coração do Mestre Nazareno, condição que revela a Sua grandeza espiritual. Surge, então, o impulso de aliviar

ou minorar o sofrimento do próximo. É possível, inclusive, que tenha sido a primeira vez que aquelas pessoas, usualmente desprezadas e exploradas pelos poderosos, depreciativamente chamadas “pagãs” ou gentios, ouviam a voz e o chamamento do amor sem mácula, como pondera Emmanuel:

Em geral, o mordomo das possibilidades terrestres, meramente instruído na cultura do mundo, esquivava-se da massa comum, ao invés de ajudá-la. Explora-lhe as paixões, mantém-lhe a ignorância e costuma roubar-lhe o ensejo de progresso. Traça leis para que ela pague os impostos mais pesados, cria guerras de extermínio, em que deva concorrer com os mais elevados tributos de sangue. O sacerdócio organizado, quase sempre, impõe-lhe sombras, enquanto a Filosofia e a Ciência lhes oferecem sorrisos escarnecedores.

Em todos os tempos e situações políticas, conta o povo com escassos amigos e adversários em legiões.

Acima de todas as possibilidades humanas, entretanto, a multidão dispõe do Amigo Divino.

Jesus prossegue trabalhando.

[...]

Lembra-te, meu amigo, de que és parte integrante da multidão terrestre.

O Senhor observa o que fazes.

Não roubes o pão da vida; procura multiplicá-lo.<sup>290</sup>

Ante a voz do Amor Imortal, as necessidades fisiológicas deixaram de existir. Não havia cansaço ou medo. Queriam apenas seguir a Jesus. O Mestre Amado, porém, mantinha-se vigilante: oferecia à multidão o pão do espírito, é certo, mas sabia também que o pão do corpo era necessário naquelas condições. Ambas as fomes precisavam ser saciadas.

A preocupação de Jesus pela multidão necessitada continua viva, através do tempo.

[...]

Jesus manifesta invariável preocupação em nutrir o espírito dos tutelados, através de mil modos diferentes, desde a taba do indígena às catedrais das grandes metrópoles.

[...]

Inclina-se o Mestre ao bem de todos os homens. Cheio de abnegação e amor sabe alimentar, com recursos específicos, o ignorante e o sábio, o indagador e o crente, o revoltado e o infeliz. Mais que ninguém, compreende Jesus que, de outro modo, as criaturas cairiam, exaustas, nos imensos despenhadeiros que marginam a senda evolutiva.<sup>291</sup>

Os discípulos de Jesus, contudo, a despeito de terem testemunhado ou ouvirem falar da primeira multiplicação dos pães; ou mesmo depois de terem presenciado inúmeras curas e outros acontecimentos insólitos, se revelaram perplexos ante a preocupação de Jesus em alimentar a multidão e perguntam-lhe: “Como poderia alguém, aqui num deserto, saciar com pão a tanta gente?” (Mc 8:4). O Senhor replica com outra pergunta: “Quantos pães tendes? Responderam: Sete” (Mc 8:5). Emmanuel interpreta com sabedoria o diálogo entre o Mestre e os discípulos:

Quando Jesus, à frente da multidão faminta, indagou das possibilidades dos discípulos para atendê-la, decerto procurava uma base, a fim de materializar o socorro preciso.

“Quantos pães tendes?”

A pergunta denuncia a necessidade de algum concurso para o serviço da multiplicação.

Conta-nos o evangelista Marcos que os companheiros apresentaram-lhe sete pãezinhos, dos quais se alimentaram mais de quatro mil pessoas, sobrando apreciável quantidade.

Teria o Mestre conseguido tanto se não pudesse contar com recurso algum?

A imagem compele-nos a meditar quanto ao impositivo de nossa cooperação, para que o Celeste Benfeitor nos felicite com os seus dons de vida abundante.

Poderá o Cristo edificar o santuário da felicidade em nós e para nós, se não puder contar com os alicerces da boa-vontade em nosso coração?

[...]

Muitos esperam o milagre da manifestação do Senhor, a fim de que se lhes sacie a fome de paz e reconforto, mas a voz do Mestre, no monte, continua ressoando, inesquecível:

— Que tendes?

Infinita é a Bondade de Deus, todavia, algo deve surgir de nosso “eu”, em nosso favor.<sup>292</sup>

O *Evangelho de Marcos* relata que Jesus pediu à multidão, composta de cerca de quatro mil pessoas, que se assentasse no chão e, ali, à frente de todos, multiplicou os sete pães e alguns peixinhos em quantidade suficiente para produzir saciedade. Ainda sobraram alguns pedaços dos alimentos que foram recolhidos em sete cestos (Mc 8:6-9). Na mensagem que se segue, ainda é o benfeitor espiritual Emmanuel que nos apresenta aspectos da interpretação espírita do registro do evangelista, ao fazer correlação com as súplicas que dirigimos ao Senhor pela oração:

**Socorro e Concurso**<sup>293</sup>

*Quantos pães tendes?* – JESUS (*Marcos*, 8:5).

Observemos que o Senhor, diante da multidão faminta, não pergunta aos companheiros: “De quantos pães necessitamos?” mas, sim, “Quantos pães tendes?”

A passagem denota a precaução de Jesus no sentido de alertar os discípulos para a necessidade de algo apresentar a Providência Divina como base para o socorro que suplicamos.

Em verdade, o Mestre conseguiu alimentar milhares de pessoas, mas não prescindiu das migalhas que os apóstolos lhe ofereciam.

O ensinamento é precioso para a nossa experiência de oração.

Não vale rogar as concessões do Céu, alongando mãos vazias, com palavras brilhantes e comoventes, mas sim pedir a proteção de que carecemos, apresentando, em nosso favor, as possibilidades ainda que diminutas de nosso esforço próprio.

Não adianta solicitar as bênçãos do pão immobilizando os braços no gelo da preguiça, como é de todo impróprio rogar aos talentos do amor, calcinando o coração no fogo do ódio.

Decerto, o Senhor operará maravilhas, no amparo a todos aqueles que te partilham a marcha... Dispensará socorro aos que amas, transformará o quadro social em que te situas e exaltará o templo doméstico em que respiras...

Contudo, para isso, é necessário lhe ofereças os recursos que já conseguiste amontoar em ti mesmo para a extensão do progresso e para a vitória do bem. Não te esqueças, pois, de que no auxílio aos outros não prescindirá o Senhor do auxílio, pequenino embora, que deve encontrar em ti.

## 19.2 OS FARISEUS PEDEM UM SINAL NO CÉU (MC 8:11-13)<sup>294</sup>

<sup>11</sup>Saíram os fariseus e começaram a discutir com ele. Para pô-lo à prova, pediam-lhe um sinal vindo do céu. <sup>12</sup>Suspirando profundamente em seu espírito, ele disse: “Por que esta geração procura um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração nenhum sinal será dado”. <sup>13</sup>E deixando-os, embarcou de novo e foi para a outra margem.

Os fariseus e demais religiosos estavam, na verdade, preocupados em colocar Jesus em uma armadilha. E Jesus percebeu a farsa que estava por trás daquele pedido de sinal do Céu, aparentemente proferido de forma ingênua para comprovar que Jesus era o Messias. Na frente das pessoas “[...] davam a entender que, recebendo esse sinal, criam nas reivindicações messiânicas de Jesus. O Messias que esperavam era operador de milagres. Jesus cumpriu amplamente essa expectativa, mas estava convencido de

que não queriam saber sinceramente a verdade, mas fingiam apenas para enlaçá-lo. [...]”<sup>295</sup>

Emmanuel analisa na mensagem *Demonstrações* que, por incrível que pareça, passados mais de dois milênios que Jesus nos transmitiu o *Evangelho*, permanecem solicitações de sinais do Céu por parte dos religiosos e adeptos de diferentes procedências, inclusive no meio espírita.

No Espiritismo cristão, de quando em quando aparecem aprendizes do Evangelho sumamente interessados em atender a certas requisições, no capítulo da fenomenologia psíquica.

Exigem sinais do Céu, tangíveis, incontestáveis.

Na maioria das vezes, porém, a movimentação não passa de simples repetição do gesto dos fariseus antigos.

Médiuns e companheiros outros, em grande número, não se precavam de que os pedidos de demonstrações celestes são formulados, quase que invariavelmente, em obediência a propósitos inferiores.

[...]

Ao invés disso, aliás, os aprendizes fiéis devem estar preparados para o trabalho demonstrativo de Jesus na Terra.

[...]

Quem reclama sinais do Céu será talvez ignorante ou portador de má-fé; contudo, o seguidor da Boa-Nova que procura satisfazer o insensato é distraído ou louco.

Se te requisitam demonstrações exóticas, replica, resoluto, que não foste designado para a produção de maravilhas e esclarece a teu irmão que permaneces determinado a aprender com o Mestre a ciência da Vida Abundante, a fim de ofereceres à Terra o teu sinal de amor e luz, inquebrantável na fé, para não sucumbir às tentações.<sup>296</sup>

Amélia Rodrigues acrescenta outras importantes informações, transmitindo-nos uma boa interpretação da citada passagem de *Marcos*, 8:11-13.

Logo que se dispôs a falar, os *fariseus começaram a disputar com Ele, solicitando-Lhe um sinal do Céu, para O experimentarem.*

Nenhum sinal serve para quem não deseja crer.

Medindo os demais pela própria pequena estatura, esses indivíduos estão sempre contra, pedindo sinais, atacando.

Todos os grandes homens têm sido vítimas desses homens grandes e perturbadores.

*Donos da verdade*, enxovalham os demais, porque não se podem a eles se igualar. Mesquinhos e venais, disfarçam-se de defensores da verdade, que conspiram, para impedir que se destaquem os *filhos da luz*.

Mas eles não merecem consideração nem apreço; não são dignos de atenção. Discutidores, buscam sempre confundir, por serem incapazes de ensinar corretamente.

Sempre enxergam os erros alheios ou o que supõem como tal, porque errar é o seu cotidiano, facilmente projetando sombra nos outros e logo a identificando... Jesus os conhecia e não lhes retribuía atenção; nunca os valorizou, destituídos que eram de valor.

Porque estivessem em quase todos os lugares, *Jesus, suspirando profundamente, disse: – Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo: sinal algum lhe será concedido.*

Ele era o *sinal*. Sua vida, seus ditos e feitos eram o sinal.

Desde que *ninguém falava como Ele falava*, nem fazia o que Ele realizava, essa era a Presença.

Mas eles não queriam ver.

Cegos, viviam às apalpadelas, buscando o que desprezavam e desejando o que rejeitavam.

Dalmanuta, naquela tarde, não teve Jesus.

A multidão correu noutra direção, aquela para onde Ele foi, porque, *deixando-os, embarcou de novo, e foi para outra margem.*

[...] Eles, os fariseus, não o mereciam.<sup>297</sup>

### 19.3 O FERMENTO DOS FARISEUS E DE HERODES (MC 8:14-21)<sup>298</sup>

<sup>14</sup>Eles haviam se esquecido de levar pães e tinham apenas um pão no barco. <sup>15</sup>Ele recomendou então: “Cuidado! Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”. <sup>16</sup>Eles, no entanto, refletiam entre si, porque não tinham pães. <sup>17</sup>Mas, percebendo, Ele disse: “Por que pensais que é por não terdes pães? Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? <sup>18</sup>*Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?* Não vos lembrais <sup>19</sup>de quando parti os cinco pães para cinco mil homens, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?” Disseram-lhe: “Doze”. <sup>20</sup>“E dos sete para quatro mil, quantos cestos de pedaços recolhestes?” Disseram: “Sete”. <sup>21</sup>Então lhes disse: “Nem assim compreendeis?”

O *fermento* dos fariseus era de conhecimento público: a hipocrisia. O que é muito triste, sobretudo por se tratar de religiosos, que supostamente interpretavam e divulgavam a palavra de Deus. Os fariseus eram o principal grupo religioso que mais combatia Jesus. Eles exerciam poderosa influência sobre os demais religiosos (saduceus e membros do sinédrio), manipulando-os: “Os fariseus (*perushim*= separados) eram considerados independentes economicamente, constituindo a classe média; criam-se mais “judeus que os judeus”, sendo

os continuadores da severa exigência ortodoxa, na prática religiosa, inicialmente instituída pelos Macabeus<sup>299</sup> [integrantes de um exército rebelde judeu que assumiu o controle de algumas localidades em Israel]. Cultores ardorosos da *Torá*, os fariseus não se preocupavam em penetrar-lhe os esclarecimentos espirituais. Ao contrário, eram mestres em práticas ritualistas e manifestações de culto externo:

Para sobreviverem, em face das circunstâncias, os judeus dividiam-se em partidos, dentre os, quais se destacou o dos fariseus, que era o mais tenaz e intolerante, contra o qual, inúmeras vezes levantou-se Jesus.

Caracterizados pela exagerada observância da Lei, chegavam a manter 600 deveres, que lhes pareciam indispensáveis para uma vida rígida em relação a Deus e ao país.

Na impossibilidade de se desobrigarem de tal exagero, fugiam para a astúcia e hipocrisia de conduta, sempre preocupados com o exterior, em detrimento do valor intrínseco dos fatos e das coisas.<sup>300</sup>

A conduta dos fariseus e de Herodes, então governador da Judeia, era marcada pela bajulação e hipocrisia. Daí Jesus alertar os discípulos: “Cuidado! Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes” (Mc 8:15).

Ao ser mencionada a “fermentação”, está em foco a “corrupção”. Os herodianos não eram corruptos do mesmo modo que eram os fariseus, exceto pelo fato de ambos os grupos se oporem a Jesus. [...] Jesus advertiu seus discípulos contra a “infecção” do espírito de falsidade, de hipocrisia e dos dogmas destrutivos. Os críticos de Jesus eram culpados de negligenciarem a verdade, de ignorarem os preceitos espirituais, de hipocrisia e mundanismo, de externalismo e de violência. E qualquer dessas más atitudes pode ser simbolizada pelo “fermento”, o espírito pervertedor. Os herodianos mencionados por Marcos (mas não mencionados por Mateus) estavam infectados com a prática do mundanismo e do serviço em proveito próprio, da mistura com um vergonhoso secularismo [princípio da separação entre instituições governamentais e instituições religiosas]. Eles se ajustavam a qualquer poder político mau, e encontravam um modo de servirem a si mesmos, vivendo de luxo em meio à turbulência de Israel [...]. Tendiam por frisar a superficialidade no campo espiritual, embora se mostrassem intensamente religiosos, e ocultavam sua hipocrisia com as externalidades que eram por eles enfatizadas.<sup>301</sup>

As seguintes admoestações do Messias Divino, registradas por *Marcos*, 8:16-21 – e repetidas aqui para releitura – viajaram ao longo dos séculos e nos chegam na forma de poderoso alerta. Deve, portanto, merecer detida reflexão:

Eles, no entanto, refletiam entre si, porque não tinham pães. Mas, percebendo, Ele disse: “Por que pensais que é por não terdes pães? Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? *Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?* Não vos lembrais de quando parti os cinco pães para cinco mil homens, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?” Disseram-lhe:

“Doze”. — “E dos sete para quatro mil, quantos cestos de pedaços recolhestes?”  
Disseram: “Sete”. Então lhes disse: “Nem assim compreendeis?”

Relendo o texto, somos tomados por um sentimento de perplexidade, ao perceber que os discípulos estavam mais preocupados em ter o que comer. Sobretudo porque, em tempo muito recente, eles presenciaram a segunda multiplicação de pães pelo Cristo, que alimentou uma multidão de aproximadamente quatro mil pessoas:

[...] Poder-se-ia esperar que os fariseus ignorassem as grandes obras e palavras de Jesus, devido aos preconceitos que desenvolviam. Poder-se-ia esperar que multidões ignorassem Jesus ou avaliassem deficientemente seus atos, devido à falta de treinamento. Os apóstolos, porém, não tinham desculpas, pois embora tivessem fé, em contraste com os outros, o que já tinham visto com os próprios olhos e ouvido com os próprios ouvidos não lhes permitia serem cegos e surdos, espiritualmente falando. [...] <sup>302</sup>

As indagações do Cristo calam fundo em nosso ser. A nossa imperfeição espiritual, faz-nos manter o coração endurecido e alheio às verdades imortais ou cegos e surdos à mensagem de Amor do Evangelho. Rebeldes e de lenta evolução, ainda detemo-nos mais com o que é passageiro e de interesse material. Coração endurecido, cegueira e surdez espirituais são sinais indicativos do egoísmo, do orgulho e da ignorância. Tais imperfeições, ainda acalentadas, assinaladas por Amélia Rodrigues como *inimigos morais*, estão presentes no seguinte diálogo ocorrido entre Simão Pedro e Jesus. Observemos:

– E quais são, então, esses inimigos íntimos, os que estão dentro de nós?

Jesus olhou ternamente o discípulo inquieto, e redarguiu:

– Há três inimigos ferozes no imo do ser humano, que respondem por todas as misérias que assolam a sociedade, dilacerando os tecidos sutis da alma. Trata-se do egoísmo, do orgulho e da ignorância.

O egoísmo é algoz impiedoso, que junte a sua vítima ao eito da escravidão, tornando-a infeliz.

Graças a ele predominam os preconceitos sociais, as dificuldades econômicas, os problemas de relacionamento humano... Qual uma moléstia devoradora, instala-se nos sentimentos e os estrangula com força da própria loucura.

O egoísmo é responsável pelos males incontáveis, que devastam a Humanidade [...].

Por sua vez, o orgulho é tóxico que cega e destrói os valores morais do indivíduo, levando-o a desconsiderar as demais criaturas que o cercam. Acreditando-se excepcional e portador de valores que pensa possuir, subestima tudo para sobressair onde se encontra, exibindo a fragilidade moral e as distonias nervosas de que se torna vítima indefesa.



A ignorância igualmente escraviza e torna o ser déspota, indiferente a tudo quanto não lhe diz respeito diretamente, esquecido de que todas as pessoas são membros importantes e interdependentes do organismo social.

[...]

– E como extirpá-los da alma? Haverá, por acaso, antídotos para esses inimigos soezes?

Jesus relanceou o olhar pela noite serena, dilatando nos amigos silenciosos e atentos, logo respondendo:

– Ao egoísmo se deve sobrepor a solidariedade, que abre os braços à gentileza e ao altruísmo.

[...]

O orgulho cede ante a humildade, que dimensiona a pessoa com medida exata, descobrindo-lhe o significado, a realidade,

[...]

À ignorância facultem-se o conhecimento e o dileto filho do sentimento maior, que é o hálito do Pai vivificando tudo e todos, origem e finalidade do Universo: o amor!<sup>303</sup>

## REFERÊNCIAS

- 282 MCNAIR, S. E. *Bíblia de estudo aplicado. Dicionário harpa cristã*. (Com texto bíblico Almeida Revista e Corrigida, edição 1995). Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Evangelho de Marcos, cap. 8, nota: A segunda multiplicação dos pães, p. 1096.
- 283 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:1-10. Nota de rodapé “d” p. 1770.
- 284 METZGER, Bruce M e COOGAN, Michael D. *Dicionário da bíblia*. Trad. Maria Luiza X. de A Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1. As pessoas e os lugares, it. Decápolis, p. 55.
- 285 MCNAIR, S. E. *Bíblia de estudo aplicado. Dicionário harpa cristã*. (Com texto bíblico Almeida Revista e Corrigida, edição 1995). Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Evangelho de Marcos, cap. 8, nota: As partes de Dalmanuta, p. 1096.
- 286 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:10. Nota “e” p. 1770.
- 287 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 8 a 11, p. 843.

- 288 MCNAIR, S. E. *Bíblia de estudo aplicado. Dicionário harpa cristã*. (Com texto bíblico Almeida Revista e Corrigida, edição 1995). Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Evangelho de Marcos, cap. 8, nota: O fermento dos fariseus e de Herodes, p. 1096.
- 289 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:1-10, p. 1770.
- 290 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 6, p. 25 e 26.
- 291 \_\_\_\_\_. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 124, p. 261 e 262.
- 292 \_\_\_\_\_. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 133, p. 283 e 284.
- 293 \_\_\_\_\_. *Palavras da vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 41. ed. Uberaba: CEC, 2017. cap. 9, p. 31-32.
- 294 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova Edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:11-13, p. 1770-1771.
- 295 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 8.12, p. 843.
- 296 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 145, p. 303 e 304.
- 297 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 6, p. 46-47.
- 298 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:12-21, p. 1771.
- 299 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. it. Respingos históricos, p. 27.
- 300 \_\_\_\_\_. *Pelos caminhos de Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2015. it. Síntese histórica, p. 14.
- 301 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 8.15, p. 844.
- 302 \_\_\_\_\_. it. 8.17, p. 845.
- 303 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 14, p. 99, 100 e 101.

## CURA DE UM CEGO EM BETSAIDA (MC 8:22-38)

Na sequência da narrativa do capítulo 8 do *Evangelho de Marcos*, vemos que Jesus e os discípulos prosseguem em suas viagens fora da Galileia e chegam a Betsaida. Nessa cidade, para onde o Senhor se dirigiu quando recebeu a notícia da morte de João Batista (Lc 9:10; Mt 14:13; Jo 6:1), Jesus realizou vários prodígios, tais como: multiplicação dos pães e peixes e o caminhar sobre as ondas revoltas do mar da Galileia.<sup>304</sup>

Essa cidade ficava nas praias do norte do mar da Galileia, próximo do rio Jordão. O nome da cidade se deriva de uma palavra aramaica que significa “casa de pesca”. Filipe, o tetrarca, foi quem a reedificou, tendo-a denominado “Júlias”, em homenagem à Júlia, filha do imperador César Augusto. [...] Cafarnaum [...] não ficava longe dali. Betsaida era cidade natal de Filipe, de André e de Pedro. [...]<sup>305</sup>

Em Betsaida, Jesus cura um cego, Pedro faz a sua profissão de fé, fato que seria considerado marco inicial do movimento cristão, sobretudo porque, logo em seguida, o Senhor apresenta as principais condições para segui-lo, condição que, até os dias atuais, ainda representa um desafio para a maioria dos cristãos.

### 20.1 CURA DE UM CEGO DE BETSAIDA (MC 8:22-26)<sup>306</sup>

<sup>22</sup>E chegaram a Betsaida. Trouxeram-lhe então um cego, rogando que Ele o tocasse. <sup>23</sup>Tomando o cego pela mão, levou-o para fora do povoado e, cuspido-lhe aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: “Percebes alguma coisa?” <sup>24</sup>E ele, começando a ver, disse: “Vejo as pessoas como se fossem árvores andando”. <sup>25</sup>Em seguida, Ele colocou novamente as mãos sobre os olhos do cego, que viu distintamente e ficou restabelecido e podia ver tudo nitidamente e de longe. <sup>26</sup>E mandou-o para casa, dizendo: “Não entres no povoado!”

O cego foi levado até Jesus pela multidão. Ante a rogativa de que o tocasse, Jesus atende a solicitação, mas leva o homem para fora da

aldeia, buscando um ambiente mais tranquilo, afastado da multidão. O Mestre Nazareno realiza o processo terapêutico em duas etapas, no qual associa o uso de saliva à imposição de mãos.

Cairbar Schutel comenta o procedimento do Cristo, no que diz respeito à ação curativa:

Assim, “fora da aldeia”, o Divino Médico, tirando dos seus próprios lábios o remédio que deveria vitalizar as células componentes do aparelho óptico, aplicou-o aos olhos do cego, impôs depois sobre ele suas puríssimas mãos portadoras do veículo magnético do Amor, e perguntou-lhe: “Vês alguma coisa?”

Como sói acontecer a todos os cegos que recuperam repentinamente a vista, os objetos lhe pareceram muito maiores e ele viu os homens andando, mas de tamanho desmesurado; pelo que respondeu: “Vejo os homens como as árvores e os percebo andando”.

Jesus então, desta vez, pôs novamente suas mãos nele, mas sobre os olhos, e, restabelecido, o oprimido disse distinguir tudo com clareza.<sup>307</sup>

Em *A gênese*, Allan Kardec interpreta a cura como consequência da ação magnética, sabiamente aplicada por Jesus:

Aqui, é evidente o efeito magnético; a cura não foi instantânea, mas gradual consequente a uma ação prolongada e reiterada, embora mais rápida do que na magnetização ordinária. A primeira sensação que o homem teve foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrem a vista. Por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de tamanho exagerado.<sup>308</sup>

O que há de incomum nessa cura foi a aplicação de saliva, pois a imposição de mãos era empregada usualmente por Jesus. Para melhor compreender o assunto, pedimos ao leitor reveja as explicações a respeito da constituição biológica da saliva, que constam do tema 19, Livro II (*Evangelho segundo Mateus*). A saliva é uma substância biológica rica em elementos *inorgânicos* sobretudo a água, e *orgânicos*, como enzimas, proteínas, células e anticorpos etc., os quais contribuem para a manutenção do metabolismo corporal.

Supõe-se que a necessidade da aplicação da saliva decorra da necessidade de utilizar algo mais material para eliminar aquela cegueira. Alguma razão houve. Fica, porém, aqui, a advertência: não foi qualquer saliva! Foi a do Cristo, obviamente portadora de extrema pureza que, associada aos poderosos fluidos reparadores do Mestre, produziram a cura.

Após realizada a cura, Jesus recomenda ao beneficiado ir para casa e disse-lhe: “Não entres no povoado!” (Mc 8:26) Tal orientação de Jesus é de suma importância, pois seria necessário que o ex-cego se habituasse à nova realidade, sobretudo aprender a harmonizar os sentimentos, as emoções e ações que a cura lhe proporcionar. Trata-se, portanto, um período de adaptação, necessário à plena convalescença. Em outro sentido, pode-se entender que a recomendação do Cristo é uma forma de orientar o beneficiário a se desvincular das causas que geraram a cegueira, a manter uma conduta no bem para não ter de repetir a expiação.

O Espiritismo orienta que as causas das enfermidades estão relacionadas a ações praticadas em existências anteriores ou na atual, em razão do uso incorreto do livre arbítrio. Enquanto Espírito imperfeito e invigilante, trazemos vícios morais que podem ser expressos na forma de doenças, do corpo e da mente. Somente quando essas matrizes comportamentais e atávicas forem modificadas para melhor, acontece, então, o exitoso processo curativo. Emmanuel adverte a respeito:

Todas as criaturas humanas adoecem, todavia, são raros aqueles que cogitam de cura real.

Se te encontras enfermo, não acredites que a ação medicamentosa, através da boca ou dos poros, te possa restaurar integralmente.

O comprimido ajuda, a injeção melhora, entretanto, nunca te esqueças de que os verdadeiros males procedem do coração.

A mente é fonte criadora.

A vida, pouco a pouco, plasma em torno de teus passos aquilo que desejas.

De que vale a medicação exterior, se prossegues triste, acabrunhado ou insubmisso?

[...]

Como regenerar a saúde, se perdes longas horas na posição da cólera ou do desânimo? [...]

O desalento, por sua vez, é clima anestésico, que entorpece e destrói.

E que falar da maledicência ou da inutilidade, com as quais despendes tempo valioso e longo em conversação infrutífera, extinguindo as tuas forças?

[...]

Por mais se apressem socorristas da Terra e do Plano Espiritual, em teu favor, devoras as próprias energias, vítima imprevidente do suicídio indireto.

Se estás doente, meu amigo, acima de qualquer medicação, aprende a orar e a entender, a auxiliar e a preparar o coração para a Grande Mudança.

[...]

Não manches teu caminho.

Serve sempre.

Trabalha na extensão do bem.

Guarda lealdade ao ideal superior que te ilumina o coração e permanece convicto de que se cultivas a oração da fé viva, em todos os teus passos, aqui ou além, o Senhor te levantará.<sup>309</sup>

## 20.2 PROFISSÃO DE FÉ DE PEDRO (MC 8:27-30)<sup>310</sup>

<sup>27</sup>Jesus partiu, com seus discípulos para os povoados de Cesareia de Felipe e, no caminho, perguntou a seus discípulos: “Quem dizem os homens que Eu sou?” <sup>28</sup>Responderam-lhe: “João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas”. <sup>29</sup>E vós, perguntou Ele, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”. <sup>30</sup>Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito.

Jesus continua a viagem pelas aldeotas da Galileia e chega a Cesareia de Felipe, a cidade central da área, situada cerca de 40 km do lago de Genesaré (também denominado mar da Galileia), que era cercada por aldeias menores. Naquele local, Jesus faz aferição a respeito do que pensavam, o povo e os próprios discípulos, a respeito de quem Ele seria. A resposta dos discípulos à indagação, de que o Mestre seria João Batista ou um dos profetas, demonstra que havia entre eles alguma noção a respeito da reencarnação, mas muito imperfeita. Sobretudo ao dizer que Ele seria João Batista que, até pouco tempo vivia entre eles. João Batista foi, inclusive quem batizou Jesus. Allan Kardec esclarece a respeito:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias reencarnado, mas não ressuscitado.<sup>311</sup>

O que mais se destaca nessa passagem de Marcos foi a resposta de Pedro que faz a identificação de Jesus como o Messias Divino: “Tu és o Cristo” (Mc 8:29). Essa resposta de Pedro, que age como o porta-voz do grupo, queria dizer, em outras palavras: “[...] Tu és o Messias, o Salvador apontado por Deus para o seu povo, cujo advento foi predito nas nossas Escrituras Sagradas” [...].<sup>312</sup>

Após a inspiração de Simão Pedro, Jesus, Marcos informa: *Então proibiu-os severamente de falar a alguém a seu respeito* (Mc 8:30). A pergunta que se faz é: Por que Jesus proferiu essa proibição? Há algumas possibilidades, como esta: “[...] A razão de Jesus proibi-los de difundir a verdade (v. 30) foi que Ele não quis que as pessoas integrassem essa identificação no conceito “político” da sua posição de Messias que muitos deles defendiam e imaginassem, por consequência, que Jesus estava destinado a expulsar as legiões romanas da Palestina.”<sup>9</sup>

Ele era, e é, o Messias, não temos dúvidas. Os seus ensinamentos, a sua conduta, os sacrifícios, a compaixão e perdão irrestritos foram a expressão do mais puro amor para com a Humanidade terrestre. Ele é “[...] o tipo mais perfeito que Deus já ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo [...]”<sup>313</sup>

Para o homem, Jesus representa o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque, sendo Jesus o ser mais puro que já apareceu na Terra, o Espírito Divino o animava. Se alguns dos que pretenderam instruir o homem na Lei de Deus algumas vezes o transviaram por meio de falsos princípios, foi porque se deixaram dominar por sentimentos demasiado terrenos e porque confundiram as leis que regulam as condições da vida da alma com as que regem a vida do corpo. Muitos deles apresentaram como Leis Divinas o que eram simples leis humanas, criadas para servir às paixões e para dominar os homens.<sup>314</sup>

### 20.3 PRIMEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (MC 8:31-33)<sup>315</sup>

<sup>31</sup>E começou a ensinar-lhes: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias ressuscitar”. <sup>32</sup>Dizia isso abertamente. Pedro, chamando-o de lado, começou a recriminá-lo. <sup>33</sup>Ele, porém, voltando-se e vendo seus discípulos, recriminou a Pedro, dizendo: “Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”

Após a inspiração mediúnica de Pedro de que Jesus era o Messias anunciado pelos profetas, o Mestre Nazareno começa a preparar os discípulos

para os seus momentos finais na Terra, denominados Paixão pelas tradições cristãs. O termo *paixão* vem do latim *passio*, que significa *sofrimento*. Ante ao anunciado dos futuros sofrimentos e ressurreição subsequente, Amélia Rodrigues recorda:

Ele deixara as paragens da querida Galileia para, transpondo as fronteiras, atingir a Judeia onde sabia estarem reservadas muitas dores.

Os companheiros seguiam-no, animados, desejosos de penetrar-lhe todas as lições e integralmente o ministério, que, às vezes, lhes parecia complexo demais para suas mentes desacostumadas a incursões mais profundas no raciocínio.

Deslumbravam-se sempre, logicavam raramente. [...] Ele era capaz de tudo, e o demonstrara vezes sem conta. No entanto, falava também do Pai, e das suas dores, lutas e a paixão. A que paixão, se referia, não o compreendiam.<sup>316</sup>

Ato contínuo, Jesus anuncia abertamente que Ele, o Filho do homem iria *ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias ressuscitar* (Mc 8:31). Ante tais informações, Pedro repreende o Senhor em particular, por não compreender o que Ele queria dizer. Em resposta, Jesus replica de forma incisiva ao apóstolo: “Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens!”

Essa passagem do *Evangelho* demonstra claramente que a mediunidade é faculdade neutra, em si mesma, de acordo com a sintonia mental do médium. Em Mc 8:29 Pedro se revela como instrumento dos Espíritos superiores ao anunciar que Jesus é o Cristo (Messias). Já em Mc 8:32, o apóstolo intermedia o pensamento de Espíritos perturbadores – simbolizados na expressão *satanás*, proferida por Jesus. Os dois fatos demonstram a necessidade de vigilância por parte dos médiuns. É oportuno, então, reproduzir aqui informações de Humberto de Campos a respeito dos acontecimentos futuros, anunciados pelo Cristo, e a reação do dedicado apóstolo:

Foi aí que Simão Pedro, modificando a atitude mental do primeiro momento e deixando-se conduzir na esteira das concepções falíveis do seu sentimento de homem, aproximou-se do Messias e lhe falou em particular:

– Mestre, convém não exagerardes as vossas palavras. Não podemos acreditar que tereis de sofrer semelhantes martírios... Onde estaria Deus, então, com a justiça dos céus? Os fatos que nos deixais entrever viriam demonstrar que o Pai não é tão justo!...

– Pedro, retira estas palavras! – Exclamou Jesus com serenidade enérgica. Queres também tentar-me, como os adversários do Evangelho? Será que também não me entendes, compreendendo as coisas dos homens, longe das revelações de Deus?! Aparta-te de mim, pois, neste instante, falas pelo espírito do mal!...



Verificando que o pescador se emocionara até às lágrimas, o Mestre preparou-se para a retirada e disse aos companheiros:

– Se alguém vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga os meus passos.<sup>317</sup>

## 20.4 CONDIÇÕES PARA SEGUIR A JESUS (MC 8:34-37)<sup>318</sup>

<sup>34</sup>Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. <sup>35</sup>Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá; mas, o que perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, a salvará. <sup>36</sup>Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar sua própria vida? <sup>37</sup>Pois que daria o homem em troca da sua vida? <sup>38</sup>De fato, aquele que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e de minhas palavras, também O Filho do Homem, se envergonhará dele quando vier na glória do seu Pai com os santos anjos”.

Essa perícope (passagem bíblica) do *Evangelho de Marcos* é também citada pelos demais evangelistas: *Mateus*, 10:38-39; *Lucas*, 9:23-25 e *João*, 12:24-25. Jesus explica o que é necessário para seguir os seus passos:

- » *Negar a si mesmo* é libertar-se de paixões que prendem a criatura às ilusões materiais, pois estas de nada servem, a não ser para escravizá-la à transitoriedade das coisas e acontecimentos da vida.
- » *Tomar a própria cruz* é manter-se atento aos sinais do caminho, aceitando e superando as provações existenciais por entender que elas são meios para alcançar o progresso espiritual.
- » *Seguir ao Evangelho*, é rota luminosa que conduz o Espírito aos píncaros da evolução moral e intelectual.

A seguinte página de Emmanuel esclarece a respeito desta orientação do Cristo: “Chamando a multidão, juntamente com seus discípulos, disse-lhes: ‘Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me’” (Mc 8:34).

### **Nossa Cruz**<sup>319</sup>

*Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.*  
– JESUS (*Marcos*, 8:34).

Ninguém se queixe inutilmente.

A dor é processo.

A perfeição é fim.

Assim sendo, caminheiros da evolução ou da redenção têm, cada qual, a sua cruz.

Esse almeja, aquele deve. E para realizar ou ressarcir, a vida pede preço  
Ninguém conquista algo, sem esforçar-se de algum modo; e ninguém resgata esse ou aquele débito, sem sofrimento.

Enquanto a criatura não adquire consciência da própria responsabilidade, movimenta-se no mundo à feição de semirracional, amontoando problemas sobre a própria cabeça.

Entretanto, acordando para a necessidade da paz consigo mesma, descobre de imediato a cruz que lhe cabe ao próprio burilamento.

Encarnados e desencarnados, jungidos à Terra, vinculam-se todos ao mesmo impositivo de progresso e resgate.

No círculo carnal, a cruz é a dificuldade orgânica, o degrau social, o parente infeliz...

No plano espiritual, é a vergonha do defeito íntimo não vencido, a expiação da culpa, o débito não pago...

Tenhamos, pois, a coragem precisa de seguir o Senhor em nosso anseio de ressurreição e vitória.

Para isso, porém, não nos esqueçamos de que será preciso olvidar o egoísmo enquistante e tomar a nossa cruz.

Jesus indaga e responde ao mesmo tempo: “Com efeito, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e arruinar sua própria vida? <sup>37</sup>Pois que daria o homem em troca da sua vida? Não há proveito em ganhar o mundo e perder a alma” (Mc 8:36-37). Emmanuel analisa com propriedade as afirmativas do Cristo:

Enquanto a criatura permanecer no corpo terrestre, é natural que se preocupe com o problema da própria manutenção.

Vigilância não exclui providência.

Mas não podemos olvidar que o apego ao supérfluo será sempre introdução à loucura.

Tudo aquilo que o homem ajunta abusivamente, no campo exterior, é motivo para aflição ou inutilidade.

[...]

Observa, assim, o material que amontoas.

Tudo o que está fora de ti representa caminho em que transitas.

Agarrar-se, pois, ao efêmero é prender-se à ilusão.

Mas todos os bens espirituais que ajuntares em ti mesmo, como sejam virtude e educação, constituem valores inalienáveis a brilharem contigo, aqui ou alhures, sublimação para a vida eterna.<sup>320</sup>

Despertar para as verdades eternas é o chamamento para a renovação interior. Reconhecer o Cristo é a porta para vida nova, novos rumos. Mas para tal é importante que nos libertemos da condição de geração “adúltera” e “pecadora”, que se envergonha do Cristo e dos seus ensinamentos: “Torna-se indispensável não se envergonhar o aprendiz de Jesus, não em perlangas calorosas, das quais cada contendor regressa mais exasperado, mas sim perante as situações, aparentemente insignificantes ou eminentemente expressivas, em que se pede ao crente o exemplo de amor, renúncia e sacrifício pessoal que o Senhor demonstrou em sua trajetória sublime.”<sup>321</sup>

Como fechamento do capítulo 9 do *Evangelho segundo Marcos* e dos estudos deste item 21, sigamos Allan Kardec em suas sábias ponderações:

O homem pode amenizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme a maneira pela qual encare a vida terrena. Tanto mais sofre, quanto mais longa ele considera a duração do sofrimento. Ora, aquele que se coloca do ponto de vista da vida espiritual, abarca a vida corpórea num piscar de olhos. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende a sua brevidade e reconhece que esse momento penoso passará bem depressa. A certeza de um futuro próximo mais feliz o sustenta e encoraja e, em vez de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Para aquele, ao contrário, que apenas vê a vida corpórea, esta lhe parece interminável e a dor o oprime com todo o seu peso. O resultado daquela maneira de encarar a vida nos leva a dar menos importância às coisas deste mundo, compelindo o homem a moderar seus desejos e a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, atenuando a impressão moral dos reveses e das decepções que experimenta. Daí ele haure uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, se entrega voluntariamente à tortura e aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência.<sup>322</sup>

## REFERÊNCIAS

- 304 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbetes Betsaida, p. 187.
- 305 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 8:22, p. 846.
- 306 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:22 a 26, p. 1.771.
- 307 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. cap. 62, p. 319.

- 308 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 13, p. 270.
- 309 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 86, p. 187, 188 e 189.
- 310 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:27-30, p. 1.771.
- 311 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 4, it. 4, p. 62.
- 312 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Evangelho de Marcos, it. Pedro reconhece Jesus como Messias, p. 1.115.
- 313 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 625, p. 286.
- 314 \_\_\_\_\_. q. 625 – Comentários, p. 286.
- 315 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:31-35, p. 1.771.
- 316 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 1989. cap. 9, p. 60.
- 317 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 21.
- 318 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 8:34-38, p. 1.771-1.772.
- 319 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras da vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 41. ed. Uberaba: CEC, 2017. cap. 74, p. 165-166.
- 320 \_\_\_\_\_. cap. 73, p. 163 e 164.
- 321 \_\_\_\_\_. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 51, p. 116.
- 322 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 5, it. 13, p. 81-82.

## A TRANSFIGURAÇÃO (MC 9:1-13)

O presente tema convida-nos à reflexão sobre a imortalidade da alma, a realidade do intercâmbio com o mundo espiritual e a reencarnação. As citações evangélicas registradas no texto de *Marcos*, 9:1-13, são narradas também por em *Mateus*, 17:1-13 e *Lucas*, 9:28-36.

Os ensinamentos de Jesus e sua conduta perante as Leis Divinas, cujo intuito é fazer cumprir a Lei de Justiça, Amor e Caridade, a qualquer tempo, revela a autoridade da qual se encontrava investido por Deus. Ele surge como um Sol ao iluminar consciências e ao despertar nos corações a esperança de uma permanente felicidade futura, como assevera a benfeitora Amélia Rodrigues:

Jesus chamava a atenção e demonstrava a sua autoridade, pouco a pouco. A revelação tem que ser progressiva. As criaturas não podem alimentar-se do que não têm condição para digerir, por isso a Verdade é desvelada, a pouco e pouco, a fim de não afligir ou não ser identificada. O Deus de vivos trabalha pelo crescimento dos seres e não pelo seu aniquilamento.<sup>323</sup>

Como apresentado pela benfeitora, a revelação é progressiva e cada pessoa acessa a Verdade de acordo com a sua capacidade de sentir e compreender, assimilando-a pouco a pouco. Daí Allan Kardec destacar qual o verdadeiro papel de Jesus no concerto da evolução espiritual do planeta Terra:

Mas o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio dar cumprimento às profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra, e sim no Reino dos Céus; veio ensinar-lhes o caminho que conduz a esse Reino, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. [...] <sup>324</sup>

## 21.1 A TRANSFIGURAÇÃO (MC 9:2-8)<sup>325</sup>

<sup>2</sup>Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou, sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha. Ali foi transfigurado diante deles. <sup>3</sup>Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar. <sup>4</sup>E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus. <sup>5</sup>Então Pedro, tomando a palavra, diz a Jesus: “Rabi, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”. <sup>6</sup>Pois não sabiam o que dizer, porque estavam atemorizados. <sup>7</sup>E uma nuvem desceu, cobrindo-os com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: “Este é o meu Filho amado, ouvi-o”. <sup>8</sup>E de repente, olhando ao redor, não viram mais ninguém: Jesus estava sozinho com eles.

Os fenômenos verificados no alto do Monte Tabor constituem-se em profundas lições acerca da comunhão entre o mundo terreno e o Mundo Espiritual. Esses fenômenos se caracterizam por efeitos físicos, de ordem anímica e mediúnica, e somente com a chave da Doutrina Espírita podemos compreendê-los em toda a sua extensão.

Após decorridos seis dias dos memoráveis momentos vivenciados nas cercanias de Cesareia de Filipe, Jesus “[...] levou-os, sozinhos, para um lugar retirado sobre uma alta montanha”. O movimento de subir à alta montanha encerra nos evangelhos a simbologia do acesso às partes mais nobres de nossa alma a fim de obtermos a comunhão com o Plano Superior. Para tanto, tornam-se necessárias a concentração e a elevação dos pensamentos, a partir dos bons e sinceros sentimentos. Quanto ao local dessa ocorrência, embora os historiadores se dividam entre o Monte Tabor e o Monte Hermon, os autores espirituais Emmanuel, Humberto de Campos e Amélia Rodrigues, são unânimes em afirmar que a transfiguração ocorreu, de fato, no Monte Tabor. Destacamos, a seguir, o que diz Emmanuel: “[...] durante três anos sucessivos, Simão presenciou acontecimentos assombrosos. Viu leprosos limpos, cegos que voltavam a ver, loucos que recuperavam a razão; deslumbrara-se com a visão do Messias transfigurado no Tabor, assistira a saída de Lázaro da escuridão do sepulcro, e, no entanto, ainda não estava convertido.”<sup>326</sup>

Destaca-se também da citação evangélica, o convite de Jesus dirigido apenas a Pedro e aos filhos de Zebedeu, Tiago (maior) e João. Por que eles e somente eles? Para melhor compreensão, busquemos o esclarecimento de Emmanuel:

### **Nem Todos**<sup>327</sup>

*E aconteceu que, quase oito dias depois destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar (Lucas, 9:28).*

Digna de notar-se a atitude do Mestre, convidando apenas Simão e os filhos de Zebedeu para presenciarem a sublime manifestação do monte, quando Moisés e outro emissário divino estariam em contacto direto com Jesus, aos olhos dos discípulos.

Por que não convocou os demais companheiros?

Acaso Filipe ou André não teriam prazer na sublime revelação? Não era Tomé um companheiro indagador, ansioso por equações espirituais? No entanto, o Mestre sabia a causa de suas decisões e somente Ele poderia dosar, convenientemente, as dádivas do conhecimento superior.

O fato deve ser lembrado por quantos desejem forçar a porta do Plano Espiritual.

Certo, o intercâmbio com esse ou aquele núcleo de entidades do Além é possível, mas nem todos estão preparados, a um só tempo, para a recepção de responsabilidades ou benefícios.

Não se confia, imprudentemente, um aparelho de produção preciosa, cujo manejo dependa de competência prévia, ao primeiro homem que surja, tomado de bons desejos. Não se traiçoa impunemente a ordem natural. Nem todos os aprendizes e estudiosos receberão do Além, num pronto, as grandes revelações. Cada núcleo de atividade espiritualizante deve ser presidido pelo melhor senso de harmonia, esforço e afinidade.

Nesse mister, além das boas intenções é indispensável a apresentação da ficha de bons trabalhos pessoais. E, no mundo, toda gente permanece disposta a querer isso ou aquilo, mas raríssimas criaturas se prontificam a servir e a educar-se!

Ainda sobre a citação do *Evangelho de Marcos*, 9:2-3 temos: “[...] Ali foi transfigurado diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas, de alvura tal como nenhum lavadeiro na terra as poderia alvejar”.

A palavra *transfigurar* significa transformar, sofrer uma metamorfose. Consiste em alterar a figura, a feição, a aparência ou a forma. “[...] Consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo”<sup>328</sup> esclarece Allan Kardec, que acrescenta:

Em alguns casos, a transfiguração pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia uma expressão muito diferente da habitual, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Já o observamos diversas vezes com alguns sonâmbulos, mas, nesse caso, a transformação não é radical. Uma mulher poderá aparecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre uma mulher e, sobretudo, seu peso não aumentará, nem diminuirá. [...] A teoria do perispírito vai nos esclarecer.

Admite-se, em princípio, que o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências; que, mediante uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, por conseguinte, a opacidade; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, é passível das mesmas transformações; e que essa mudança de estado se opera pela combinação dos

fluidos. Imaginemos, agora, o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando-se em volta do corpo, de maneira a envolvê-lo numa espécie de vapor. Nesse estado, o perispírito pode sofrer as mesmas modificações que sofreria, caso estivesse separado do corpo. Se perder a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar velado, como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Poderá mesmo mudar de aspecto, fazer-se brilhante, se tal for a vontade ou o poder do Espírito. Um outro Espírito, combinando seus próprios fluidos com os do primeiro, poderá imprimir a aparência que lhe é própria, de tal sorte que o corpo real desaparecerá sob o envoltório fluídico exterior, cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Esta parece ser a verdadeira causa do estranho e raro fenômeno da transfiguração.<sup>329</sup>

Ao finalizar os seus comentários a respeito do tema, Kardec conclui:

De todas as faculdades que Jesus revelou, nenhuma se encontra fora das condições da humanidade e que não se ache comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Porém, pela superioridade de sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, aquelas faculdades atingiram nele proporções acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, Ele nos exibia a condição dos Espíritos puros.<sup>330</sup>

A par da condição evolutiva ímpar de Jesus, e guardadas as devidas proporções, identificamos nas reuniões mediúnicas sérias, percepções semelhantes: bons sentimentos e retidão. O Espírito Superior, quando comparece a essas reuniões, é percebido, por médiuns videntes, envolvido de intensa luminosidade, a irradiar-lhe do perispírito. Essa condição, naturalmente, não é igual a todos os Espíritos, pois guarda proporção ao seu adiantamento moral. Por sua vez, também são percebidos Espíritos em condição oposta. Alguns apresentam o perispírito denso e obscuro, denotando sua real condição evolutiva. A respeito dessas questões, localizamos interessante relato da lavra psicográfica de Francisco Cândido Xavier. Trata-se do intenso júbilo sentido pelo Espírito André Luiz quando, a caminho da crosta terrestre, em companhia do instrutor Aniceto e do colaborador Vicente, narra o seguinte acontecimento:

— Estamos penetrando a esfera de vibrações mais fortes da mente humana. Achemo-nos a grande distância da crosta; entretanto já podemos identificar, desde logo, a influência mental da Humanidade encarnada. Grandes lutas se desenrolam nestes planos e milhares de irmãos aqui se votam à missão de ensinar e consolar os que sofrem. Em parte alguma escasseia o amparo divino.  
[...]

Nesse momento, ó Deus de Bondade, alguma coisa imprevista me felicitava o coração. Contrastando as sombras, raios de luz desprendiam-se intensamente de nossos corpos. Extraordinária comoção apossou-se-me da alma. Vicente e



eu ajoelhamo-nos a um só tempo, banhados em lágrimas, enviando ao Eterno os nossos profundos agradecimentos, em votos de júbilo fervoroso. Estávamos embriagados de ventura. Era a primeira vez que me vestia de luz, luz que se irradiava de todas as células do meu corpo espiritual. Aniceto, que se mantinha de pé, a contemplar-nos com expressão de alegria, falou comovidamente: — Muito bem, meus amigos! Agradeçamos a Deus os dons de amor, sabedoria e misericórdia. Saibamos manifestar ao Pai o nosso reconhecimento. Quem não sabe agradecer não sabe receber e, muito menos, pedir.

Durante muito tempo, Vicente e eu mantivemo-nos em prece repleta de alegria e de lágrimas... Em seguida, retomamos a marcha, como se estivéssemos vestidos em sublime luminosidade. [...] <sup>331</sup>

Salientamos, pois, à narrativa de *Marcos*, 9:4: [...] “E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus. Então Pedro, tomando a palavra, diz a Jesus: ‘Rabi, é bom estarmos aqui. Façamos, pois, três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias’. Pois não sabia o que dizer, porque estavam atemorizados”.

A par da sublime luminosidade irradiada pelo Cristo, eis que surgem Moisés e Elias, ilustres profetas ladeando o Messias, diante dos discípulos atônitos. A benfeitora Joanna de Ângelis detalha e esclarece esse memorável momento:

[...] Naquela oportunidade, Moisés, o legislador do povo hebreu, e Elias, o profeta das venerandas tradições, apresentaram-se desvestidos de matéria, em todo o esplendor da sua glória para o saudarem, rompendo a sombra que pairava em torno da imortalidade do Espírito e da sua comunicabilidade com as criaturas humanas. O primeiro, mediante o diálogo que veio manter com o Mestre, liberou as criaturas, a partir de então, da proibição que exarara no passado, quando o povo, em libertinagem, evocava os Espíritos para com eles se imiscuírem nos comportamentos reprováveis a que se entregavam. Estabelecendo leis que se deveriam caracterizar pela severidade, em razão do nível moral em que se encontrava o hebreu recém-saído da escravidão no Egito, coibiu o abuso decorrente da insensata comunhão com o mundo espiritual, atendendo aos seus apelos infantis e perversos, que lhes bloqueavam a capacidade de pensar, de decidir os conflitos e as condutas, transferindo-os para aqueles que, desenfaixados da matéria, se lhes deveriam submeter aos caprichos. Naquele momento de magnitude, ele próprio viera exaltar o Homem de Nazaré, confirmando a sua ascendência moral sobre a Humanidade, a quem ele próprio se submetia. O segundo, que lhe profetizara a vinda por diversas vezes, retornava da Espiritualidade para confirmar ser Ele aquele Messias aguardado, a quem se reportara, o portador das excelentes qualidades para conduzir o pensamento na direção de Deus e facultar a vitória de cada um sobre si mesmo. Apresentava-se como o discípulo que vem glorificar o Mestre, que então assume toda a sua pujança, momentaneamente submersa na forma

humana limitada, como se tornava necessária para o processo de iluminação das vidas mergulhadas nas trevas do mundo.<sup>332</sup>

Conforme assevera a benfeitora espiritual, o inolvidável encontro no Tabor consiste na inequívoca confirmação da imortalidade da alma, na existência dos vivos do Além e a abençoada possibilidade do intercâmbio entre os dois mundos. Nas palavras de Emmanuel, encontramos um firme posicionamento diante daqueles que permanecem iludidos, acreditando que toda manifestação espiritual seja obra do demônio:

Aliás, em diversas circunstâncias encontramos o Cristo em contato com almas perturbadas ou perversas, aliviando os padecimentos de infortunados perseguidos. Todavia, a mentalidade dogmática encontrou aí a manifestação de Satanás, inimigo eterno e insaciável.

Aqui, porém, trata-se de sublime acontecimento no Tabor. Não vemos qualquer demonstração diabólica e sim dois espíritos gloriosos em conversação íntima com o Salvador. E não podemos situar o fenômeno em associação de generalidades, porquanto os “amigos do outro mundo”, que falaram com Jesus sobre o monte, foram devidamente identificados. Não se registrou o fato, declarando-se, por exemplo, que se tratava da visita de um anjo, mas de Moisés e do companheiro, dando-se a entender claramente que os “mortos” voltam de sua nova vida.<sup>333</sup>

O certo é que aquele momento marcou profundamente a alma dos dedicados discípulos, que teriam ainda algum tempo durante a existência terrestre para melhor compreender o que presenciaram e sentiram, como lembra Amélia:

A partir daquele momento, no monte Tabor, fora inaugurado conscientemente, por Jesus, o intercâmbio entre os homens e os Espíritos, demonstrando a sobrevivência da vida à morte.

O Reino dos Céus, que está no íntimo de cada criatura, ali esplendeu, grandioso, e Jesus, superando os visitantes do Além, em beleza, poder e glória, transfigurou-se diante dos amigos deslumbrados.

Nunca mais as criaturas perderiam o contato com o mundo transcendente onde se originam a vida, os seres, a realidade, e se reencontram os que mergulham na carne para o processo de evolução, quando cessa o fenômeno biológico.

O Tabor e a imortalidade permaneceram como símbolo da Nova Era.<sup>334</sup>

## 21.2 A QUESTÃO SOBRE ELIAS (MC 9:9-13)<sup>335</sup>

<sup>9</sup>Ao descerem da montanha, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até quando o filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos.

<sup>10</sup>Eles observaram a recomendação perguntando-se que significaria “ressuscitar dos mortos”. <sup>11</sup>E perguntaram-lhe: “Por que motivo os escribas dizem

que é preciso que Elias venha primeiro?”<sup>12</sup> Ele respondeu: “Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo. Mas como está escrito a respeito do Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado?<sup>13</sup> Eu, porém, vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como dele está escrito”.

Após aqueles momentos de incomparável beleza, em que o Mestre se revelou resplandecente, eis que os profetas desaparecem e Jesus volta a ficar a sós com os discípulos. A descida da montanha produz reflexões importantes nos três apóstolos. A benfeitora Amélia Rodrigues esclarece a respeito:

Deslumbrados, ainda, após a transfiguração do Mestre, no ímpar diálogo com Moisés e Elias em recolhimento todos descerem o Tabor.

Lá em cima, ficaram as esplêndidas paisagens espirituais, a comunhão plenificadora com Deus, o silêncio e o êxtase.

Era necessário, porém, por enquanto, retornarem ao torvelinho, ao cotidiano, às mesquinhas do imediatismo, às criaturas humanas apaixonadas, sem rumo...

O planalto, onde haviam comungado com o Pensamento Divino, cedia lugar à planície das lutas e disputas pessoais.

Eles, os discípulos, eram criaturas frágeis, que se iam fortalecendo nos sucessivos embates, com os olhos postos no futuro.<sup>336</sup>

Esse recolhimento verificado durante a descida da montanha é rompido por Jesus, ao dizer enfaticamente: “[...] ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até quando o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos” (Mc 9:9). Ainda sobre o assunto, prossegue Amélia Rodrigues em seus esclarecimentos:

O exuberante fenômeno mediúnic, que trouxera de além da morte os ilustres líderes da raça, Moisés e Elias, deveria ficar ignorado pelas massas, que não o podiam compreender. Somente as pessoas preparadas emocional e psiquicamente dispunham da percepção necessária para entender que, ali, Moisés *revogava a proibição de se falar com os mortos*, vindo, ele próprio demonstrar a possibilidade, ora tornada real. A sua proibição, *quanto à evocação dos mortos*, justificava-se, para evitar o abuso em voga; porque nem todos os mortos podem retornar, atendendo aos reclamos dos vivos, e sendo, não raro, substituídos pelos frívolos e mentirosos, que lhes usam os nomes, para impor ao homem a liberdade de ação com responsabilidade e o uso do livre-arbítrio; pelo respeito que devem merecer aqueles que aos outros precedem na viagem de volta...

Agora estava derogada a interdição; porém, o povo não deveria sabê-lo, senão quando Ele próprio, ressurto e vivo, retornasse após a tragédia que todos conheceriam.<sup>337</sup>

No prosseguimento da narrativa evangélica temos essas outras anotações de Marcos: “E perguntaram-lhe: ‘Por que motivo os escribas dizem que é

preciso que Elias venha primeiro?’ Ele respondeu: ‘Elias certamente virá primeiro, para restaurar tudo. Mas como está escrito a respeito do Filho do Homem que deverá sofrer muito e ser desprezado? Eu, porém, vos digo: Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como dele está escrito’ (Mc 9:11-13).

O diálogo estabelecido na descida do Monte Tabor tem especial significado: os discípulos ainda se encontravam sob o impacto dos acontecimentos, e, como seria natural, traziam intimas indagações a respeito. Tal estado de ânimo foi ampliado com o conselho de Jesus de não relatarem a ninguém os fatos que presenciaram, senão após o “Filho do Homem” haver ressuscitado. Imediatamente se recordaram dos escribas, os quais diziam que Elias viria primeiro, conforme a previsão do profeta *Malaquias*, 3:22-24: “Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a quem eu prescrevi, no Horeb, para todo Israel, estatutos e normas. Eis que vos enviarei Elias, o profeta, antes que chegue o dia de Iahweh, grande e terrível. Ele fará voltar o coração dos pais para os filhos e o coração dos filhos para os pais, para que eu não venha ferir a terra com anátema”.

Cumpriu-se, então, a profecia de Malaquias, que foi confirmada por Jesus de que Elias retornara na personalidade de João Batista, e que não fora reconhecido pelos judeus. Allan Kardec, em *O evangelho segundo o espiritismo*, tece considerações que elucidam essa questão. Diz o ilustre Codificador:

A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se encontra em muitas passagens do Evangelho [...]. Se fosse errônea essa crença, Jesus não teria deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Longe disso, Ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo. E insiste, acrescentando: “Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo”.<sup>338</sup>

Após o inesquecível encontro entre os dois planos da vida, onde os líderes do povo hebreu que, naquele momento, se encontravam no mundo espiritual, materializam-se; e Jesus, então no mundo corpóreo, se desmaterializa. Logo após vem a descida do Tabor que nos transmite outra preciosa lição, assim interpretada por Emmanuel:

[...] Todas as expressões do Evangelho possuem uma significação divina e, no Tabor, contemplamos a grande lição de que o homem deve viver a sua existência, no mundo, sabendo que pertence ao Céu, por sua sagrada origem, sendo indispensável, desse modo, que se desmaterialize, a todos os instantes, para que se desenvolva em amor e sabedoria, na sagrada exteriorização da virtude celeste, cujos germens lhe dormitam no coração.<sup>339</sup>

## REFERÊNCIAS

- 323 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 7, p. 51.
- 324 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 1, it. 4, p. 39.
- 325 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:2-8, p. 1.772.
- 326 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 15, p. 45 e 46.
- 327 \_\_\_\_\_. cap. 105, p. 225-226.
- 328 KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 7, it. 122, p. 132.
- 329 \_\_\_\_\_. it. 123, p. 132 e 133.
- 330 \_\_\_\_\_. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 15, it. 44, p. 287.
- 331 XAVIER, Francisco Cândido. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 47. ed. 14. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 15.
- 332 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o evangelho à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador: LEAL, 2000. cap. 26, p. 166 e 167.
- 333 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 67.
- 334 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador: LEAL, 2014. cap. 23, p. 145.
- 335 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 9:9-13, p. 1.772.
- 336 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador: LEAL, 2014. cap. 23, p. 143.
- 337 \_\_\_\_\_. p. 144.
- 338 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 4, it. 6, p. 63.
- 339 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 310, p. 208.

# O EPILÉPTICO ENDEMONINHADO (MC 9:14-37)

Os três assuntos desse tema foram estudados no Livro II: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus* (Mt 17:14-23 e Mt 18:1-4), temas 47 e 48, respectivamente. Sugerimos nova releitura.

## 22.1 O EPILÉPTICO ENDEMONINHADO (MC 9:14-29)<sup>340</sup>

<sup>14</sup>E, chegando junto aos outros discípulos, viram uma grande multidão em torno deles e os escribas discutindo com eles. <sup>15</sup>E logo que toda a multidão o viu, ficou admirada e correu para saudá-lo. <sup>16</sup>Ele perguntou-lhes: “Que discutíeis com eles?” <sup>17</sup>Alguém da multidão respondeu: “Mestre, eu te trouxe meu filho que tem um espírito mudo. <sup>18</sup>Quando ele o toma, atira-o pelo chão, e ele espuma, range os dentes e fica ressequido. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas não conseguiram”. <sup>19</sup>Ele, porém, respondeu: “Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o a mim”. <sup>20</sup>Levaram-no até ele. O espírito, vendo a Jesus, imediatamente agitou com violência o menino que, caindo por terra, rolava espumando. <sup>21</sup>Jesus perguntou ao pai: “Há quanto tempo lhe sucede isto?” — “Desde pequenino, respondeu; <sup>22</sup>e muitas vezes o atira ao fogo ou na água para fazê-lo morrer. Mas, se tu podes, ajuda-nos, tem compaixão de nós”. <sup>23</sup>Então Jesus lhe disse: “Se tu podes! ... Tudo é possível àquele que crê!” <sup>24</sup>Imediatamente, o pai do menino gritou: “Eu creio! ajuda a minha incredulidade!” <sup>25</sup>Vendo Jesus que a multidão afluía, conjurou severamente o espírito impuro, dizendo-lhe: “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: deixa-o e nunca mais entres nele!” <sup>26</sup>E, gritando e agitando-o violentamente, saiu. E o menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos diziam que ele tinha morrido. <sup>27</sup>Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele se levantou. <sup>28</sup>Ao entrar em casa, perguntaram-lhe os seus discípulos, a sós: “Por que não pudemos expulsá-lo?” <sup>29</sup>Ele respondeu: “Essa espécie não pode sair a não ser com oração”.

O evangelista Marcos relata a história de uma pessoa que, além de apresentar enfermidade neurológica (epilepsia), era também portador de processo obsessivo (“endemoniado”). É importante analisar esses dois aspectos.

A *epilepsia* é considerada um “[...] distúrbio paroxístico [= convulsão ou espasmo] recorrente da função cerebral, caracterizado por ataques súbitos e breves de alteração da consciência, atividade motora ou fenômenos sensoriais. Os ataques convulsivos são os que mais ocorrem mais comumente [...]”<sup>341</sup> É, pois, uma doença que causa alguma perturbação no cérebro, especificamente nas atividades das células nervosas ou neurônios, e que provoca convulsões. Segundo a Medicina, há vários tipos de epilepsia, cujas causas nem sempre são identificadas ou explicadas para a súbita descarga ocorrida nos neurônios cerebrais: “[...] Em alguns casos, tumor cerebral, um tecido cicatricial que restou de um trauma ou uma doença neurológica progressiva podem ser os responsáveis. Mas, na grande maioria dos casos, não fica evidente uma base patológica para as convulsões, durante a vida do paciente ou por ocasião da autópsia. [...]”<sup>342</sup> Em geral, porém, a epilepsia pode ser classificada em “pequeno mal” e em “grande mal”. No primeiro caso, a epilepsia caracteriza-se por breve ausência ou alheamento, nem sempre perceptível pelos circundantes. No “grande mal”, a situação é mais dramática, pois ocorre “[...] perda da consciência, um grito, queda, convulsões tônico-clônicas [espasmos musculares] de todas as extremidades, incontinência urinária e fecal e amnésia para o evento. [...]”<sup>343</sup>

*Endemoniado*, palavra comum nos textos bíblicos e recorrente na linguagem popular. No sentido etimológico, a palavra demônio não trazia o sentido negativo, significando, apenas, espírito (do grego *daimôn*). Com o advento da ortodoxia católica, ainda muito presa a algumas expressões da mitologia, aparece a doutrina dos seres criados por Deus, à parte da Criação: os anjos e os demônios. Os anjos são “[...] seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. [...] A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja”<sup>344</sup> A luta incessante entre o bem e o mal ao surgimento da teoria da existência dos demônios, entidades maléficas, e inconcebível serem criadas por Deus: “[...] Suas ocupações consistem, pois, em atormentar *as almas que seduziram*. Assim, não se encarregam de punir as que são culpadas de faltas livres e voluntariamente cometidas, mas das que eles próprios provocaram. São ao mesmo tempo *a causa do erro e o instrumento do castigo*.”<sup>345</sup>

Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte, já que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses

seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os espaços. Deus os criou *perfectíveis* e deu-lhes por meta a perfeição, com a felicidade que dela resulta, mas *não lhes deu a perfeição*. [...]

Disso resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham na escala do progresso. Por conseguinte, em todos os graus existe saber e ignorância, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e que nele se comprazem. A estes se pode denominar *demônios*, caso se queira, pois são capazes de todos os malefícios atribuídos aos últimos. O Espiritismo não lhes dá tal nome porque o termo demônio se prende à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de progredir para o bem.<sup>346</sup>

O texto evangélico de *Marcos*, 9:17-18 destaca a aflição de um pai que buscava ansiosamente a cura da epilepsia do filho que, segundo o relato, se manifestava sempre que era tomado por um Espírito mudo: “Alguém da multidão respondeu: ‘Mestre, eu te trouxe meu filho que tem um espírito mudo. Quando ele o toma, atira-o pelo chão, e ele espuma, range os dentes e fica ressequido. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas não conseguiram’”.

Percebe-se, nitidamente, que a epilepsia e as consequentes convulsões caracterizam o “grande mal”, e eram, na verdade, provocadas pelo Espírito obsessivo que, mantinha-se mudo durante a sua ação de domínio. Aliás, seria praticamente impossível ele, o obsessivo manifestar-se verbalmente, pois a forma intensa como a crise convulsiva ocorria – o enfermo era atirado no chão, salivava excessivamente e rangia os dentes – não permitia qualquer articulação vocal, talvez um ou outro ruído, e nada mais. Um grande sofrimento, sem dúvida.

Outro ponto que se destaca nos dois versículos citados é o zelo paternal: o pai se preocupava com o filho, não se revelava indiferente à dolorosa provação que o seu filho era submetido. Inclusive, tinha buscado auxílio junto aos discípulos de Jesus, que ao saber disso, exclama: “[...] Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Trazei-o a mim” (Mc 9:19-20). Os apóstolos e demais discípulos de Jesus ainda teriam um longo caminho a trilhar para desenvolver e fortalecer a fé, ainda que, intrinsecamente, possuíssem os recursos fluídicos curativos para doar. Além do mais, eles não sabiam como lidar com obsessores, por desconhecerem que tal categoria de Espíritos somente se curvam perante



o poder da oração. É o que se deduz com a pergunta que endereçaram ao Mestre, após Ele ter realizado a cura e a resposta dada pelo Senhor: Ao entrar em casa, perguntaram-lhe os seus discípulos, a sós: “Por que não podemos expulsá-lo?” Ele respondeu: “Essa espécie não pode sair a não ser com oração”. (Mc 9:29) O devido aprendizado sobre esse e outros assuntos aconteceria ao longo dos anos que os discípulos de Jesus teriam pela frente, muitas vezes manifestado na forma de ásperos testemunhos.

Quanto ao Espírito obsessor, por muito mal que seja, deve ser tratado com severidade, mas, ao mesmo tempo, com benevolência e vencê-lo pelo bom comportamento, orando por ele. Se for realmente perverso, a princípio zombará desses meios; porém, moralizado com perseverança, acabará por emendar-se. É uma conversão a empreender, tarefa muitas vezes penosa, ingrata, desagradável mesmo, mas cujo mérito está na dificuldade que oferece e que, se bem realizada, dá sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e, quase sempre, a de se haver reconduzido ao bom caminho uma alma transviada.<sup>347</sup>

Os processos obsessivos quando intensos são denominados subjugação. Nessa situação, o obsidiado é totalmente dominado pelo obsessor e, com o agravamento do domínio, ocorre descontroles da parte cognitiva e emocional, assinalados pelas contínuas descargas nos nobres tecidos da estrutura nervosa do subjugado, como assinala Manoel Philomeno de Miranda: “Tendo-se em vista que o obsidiado é sempre um Espírito enfermo, que se encontra incurso em graves comprometimentos em relação às Soberanas Leis da Vida, as aflições que lhe são impostas por aqueles que o perseguem podem dar lugar a processos de lesões orgânicas, assim como de ocorrências psicossomáticas, sem a presença de danos físicos.”<sup>348</sup>

À medida que se prolonga a ação danosa, em contínuas cargas de energia deletéria, os complexos e delicados *tecidos da envoltura perispiritual* se desestruturam no campo em que se encontram, passando a dar lugar a dilacerações orgânicas ou abrindo espaço para a instalação de agentes microbianos degenerativos... Surgem então as doenças reais, porém de gênese espiritual, que exigem cuidadosa terapia espírita e médica.

A ação perturbadora dos adversários desencarnados é muito persistente, porque esses Espíritos se comprazem em praticar o mal, revoltados uns por se encontrarem fora da matéria, outros por inveja, diversos mais por ignorância, e expressivo número pelo prazer de perturbar, conforme se encontram nesse estágio de miséria moral...<sup>349</sup>

A cura realizada por Jesus beneficiou não apenas o enfermo encarnado, mas também o desencarnado, que se mantinham envolvidos nesse processo

de grave perturbação há muito tempo naquela reencarnação (“desde pequenino”, Mc 9:21). Independentemente dos processos de causa e efeito que os mantinham vinculados, ambos se libertaram após a ação amorosa e benfeitora do Mestre Nazareno. Contudo, importa destacar que, antes de ser informado a respeito da forma e do período de tempo que a enfermidade obsessiva se manifestava, Jesus ouve a súplica de um pai desesperado: “Mas, se tu podes, ajuda-nos, tem compaixão de nós.” (Mc 9:22) Salientamos que o pedido do genitor aflito é de compaixão. (para nós, destacamos.) Essa fala espontânea indica que de forma hábil, o Cristo testa o nível de compromisso moral do pai com a enfermidade do filho, possivelmente porque ele, o genitor, era o elemento de ligação entre as causas que geraram a perseguição do obsessor, e a consequente subjugação do seu filho, visto que nada escapa à manifestação de Lei de Causa e Efeito.

Diante desse quadro, a resposta de Jesus é admirável: “Então Jesus lhe disse: Se tu podes! ... Tudo é possível àquele que crê!” (Mc 9: 23) E a resposta que Jesus recebeu foi decisiva para o processo de cura e de libertação espiritual dos envolvidos, obsessor, obsidiado e o pai do doente, elemento de ligação do processo obsessivo.

Emmanuel analisa, com muita propriedade, na mensagem *Condição Comum*<sup>350</sup> a resposta do genitor do epilético obsidiado: “Imediatamente, o pai do menino gritou: ‘Eu creio! ajuda a minha incredulidade!’” (Mc 9:24).

Aquele homem da multidão, em se aproximando de Jesus com o filho enfermo, constitui expressão representativa do espírito comum da Humanidade terrestre. Os círculos religiosos comentam excessivamente a fé em Deus, todavia, nos instantes da tempestade, são escassos os devotos que permanecem firmes na confiança.

Revelam-se as massas muito atentas aos cerimoniais do culto exterior, participam das edificações alusivas à crença, contudo, ante as dificuldades do escândalo, quase toda gente resvala no despenhadeiro das acusações recíprocas.

Se falha um missionário, verifica-se a debandada. A comunidade dos crentes poussa os olhos nos homens falíveis, cegos às finalidades ou indiferentes às instituições. Em tal movimento de insegurança espiritual, sem paradoxo, as criaturas humanas creem e descreem, confiando hoje e desfalecendo amanhã.

Somos defrontados, ainda, pelo regime de incerteza de espíritos infantis que mal começam a conceber noções de responsabilidade.

Felizes, pois, aqueles que, à maneira do pai necessitado, se acercarem do Cristo, confessando a precariedade da posição íntima. Assim, em afirmando a crença com a boca, pedirão, ao mesmo tempo, ajuda para a sua falta de fé, atestando com lágrimas a própria miserabilidade.

A cura foi realizada com êxito por Jesus, como era o esperado. Mas o enfermo revela acentuada fraqueza, “como se estivesse morto”, decorrente do longo período de tempo mantido sob subjugação espiritual. Jesus transfunde-lhe de energias renovadoras ao segurá-lo pelas mãos, fazendo-o retornar à vida cotidiana, como bem expressam estes registros de *Marcos*, 9:25-28: “Vendo Jesus que a multidão afluía, conjurou severamente o espírito impuro, dizendo-lhe: ‘Espírito mudo e surdo, Eu te ordeno: deixa-o e nunca mais entres nele!’” E, gritando e agitando-o violentamente, saiu. E o menino ficou como se estivesse morto, de modo que muitos diziam que ele tinha morrido. Jesus, porém, tomando-o pela mão, ergueu-o, e ele se levantou.”

## 22.2 SEGUNDO ANÚNCIO DA PAIXÃO (MC 9:30-32)<sup>351</sup>

<sup>30</sup>Tendo partindo dali, caminhava através da Galileia, mas não queria que ninguém soubesse, <sup>31</sup>pois ensinava aos seus discípulos e dizia-lhes: “O Filho do Homem é entregue às mãos dos homens e eles O matarão e, morto, depois de três dias Ele ressuscitará”. <sup>32</sup>Eles, porém, não compreendiam essa palavra e tinham medo de interrogá-lo.

Os anúncios das dolorosas provações que o Mestre escolheu submeter-se tiveram a finalidade de preparar o espírito dos apóstolos e demais discípulos para os acontecimentos futuros que lhes marcariam a vida para sempre. O primeiro aviso consta em *Mateus*, 16:21-23; *Marcos*, 8:31-33 e *Lucas*, 9:22. O segundo anúncio, objeto deste estudo, também foi registrado pelos quatro evangelistas: *Mateus*, 17:22 e 23; *Lucas*, 9:43 e 46 *João*, 7:1. A respeito do assunto, o médium português Fernando de Lacerda (6/8/1865–6/8/1918) nos transmite importante síntese do que representa os anúncios da paixão do Cristo, extraída da mensagem mediúnica do Espírito Alves Mendes que, passados mais de cem anos, ainda permanece atual:

Paixão do Cristo Rememora mais uma vez a Humanidade o ato culminante da grande tragédia divina, em que o Justo, subindo o serro escaldado do Calvário, deixou lá o exemplo da sua vida terrena a alumiar as gerações de que haviam de vir.

Nessa vida de Jesus, tão humilde, tão pobre, tão grande, tão generosa; votada ao amor, votada ao sacrifício, pôs Deus todos os tons da luz que pudessem ficar servindo de farol ao cérebro, ao coração e à ação de todos os homens. E como se não fosse bastante o exemplo que em cada ato dele surge, a lição que vem de cada palavra, a luz que irradia de cada ideia, o conforto que se colhe de cada uma das suas consolações, a paz que encontra em cada um dos seus conselhos, a felicidade que se bebe em cada uma das suas esperanças, a certeza que nos vem de cada uma das suas afirmações, a verdade que irrompe de toda

a sua ação, ainda da sua morte nos vem lição preciosa de resignação à dor, de submissão à vontade de Deus, de abnegação às grandezas e às doçuras da vida e de piedade e de perdão para todos os que neste mundo, cegos de paixão, inveterados de ódios, cortejando a injustiça, martirizando a inocência e cometendo, jubilosos e felizes de altivez, o supremo ato de ingratidão, fazendo só o mal a quem lhes fez o bem.<sup>352</sup>

Os apóstolos, mesmo os que sempre se mantinham próximos do Senhor, não conseguiam atender-se para o verdadeiro sentido dos anúncios do Cristo, como bem assinala o texto de *Marcos*: “Eles, porém, não compreendiam essa palavra e tinham medo de interrogá-lo” (Mc 9:32). Emmanuel pontua a respeito:

Jesus nunca prometeu aos discípulos qualquer isenção de dificuldades, mas com frequência reclamava-lhes o coração para a confiança.

No cenáculo, descerrando, afetuoso, o coração para os aprendizes, dentre muitas palavras de esperança e de amor, asseverou com firmeza: “Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize”. Pacificava o ânimo dos companheiros timoratos, entre quatro paredes, sabendo que, em derredor, se agigantava a trama das sombras.

[...]

Jesus, percuciente, não desconhecia a conspiração das trevas...<sup>353</sup>

As previsões anunciadas por Jesus a respeito dos árduos e injustos sofrimentos que Ele deveria passar, em nome do Pai e por Amor à Humanidade, surgiam na tela mental do Mestre Nazareno durante aqueles breves colóquios com os discípulos. Fazia-se necessário preparar-lhes o espírito e o bom ânimo, oferecendo-lhes o exemplo do sacrifício no Bem: “Prevendo as consequências políticas, sociais e espirituais da sua mensagem na História dos tempos, podia divisar, desde já, as legiões dos que se deixariam sacrificar e seviar, permanecendo fieis aos postulados da Verdade até a morte infamante”.<sup>354</sup>

## 22.3 QUEM É MAIOR (MC 9:33-37)<sup>355</sup>

<sup>33</sup>E chegaram a Cafarnaum. Em casa, Ele lhes perguntou: “Sobre o que discutíeis no caminho?” <sup>34</sup>Ficaram em silêncio, porque pelo caminho vinham discutindo sobre qual era o maior. <sup>35</sup>Então Ele, sentando-se, chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”. <sup>36</sup>Depois tomou uma criança, colocou-a no meio deles e, pegando-a nos braços, disse-lhes: <sup>37</sup>“Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim, mas sim Àquele que me enviou”.

De retorno a Cafarnaum, após viagem pela Galileia (Mc 9:30), Jesus pergunta aos discípulos o que eles discutiam pelo caminho. A resposta transmitida foi que discutiam sobre qual deles seria o maior. Vê-se aqui uma situação que persiste atualmente e que sempre conduz a disputas: o querer saber quem, em uma equipe ou grupamento humano, deve ser considerado o mais importante, o maior. A disputa provoca, por sua vez, ciúmes e invejas, condições que revelam a nossa inferioridade moral, visto que, o importante não é saber quem é o maior ou quem deva sê-lo. Na verdade, o foco das nossas ideias deveria ser qual dentre nós mais pratica a lei de amor. Champlin analisa a questão:

A lei de amor *governa* o mundo espiritual, embora o ódio e o orgulho governem o mundo terreno. Este [o amor] consiste de desejarmos aos outros o que naturalmente desejamos para nós mesmos. Se alguém ama, servirá. E o serviço de amor é benéfico para o próprio homem e é o caminho mais rápido de volta para Deus. Todos os demais dons são inúteis sem o amor, segundo nos diz *I Coríntios*, 13. [...] A experiência humana, porém, confirma para nós que a verdadeira grandeza consiste de servirmos ao próximo, e não a nós mesmos, como quer que isso seja feito. O serviço ao próximo não meramente conduz à grandeza; é ser grande, pois é ser mais semelhante ao Mestre, que foi por toda parte fazendo o bem (ver At 10:38). Os homens em posições elevadas só são realmente grandes quando usam seu poder para servir a outros. [...]<sup>356</sup>

Ante a seriedade das conseqüências que poderiam surgir no presente e no futuro, Jesus reúne o colégio apostolar (a) para uma conversa mais próxima, como registra o evangelista *Marcos*: “Então Ele, sentando-se, chamou os Doze e disse: “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos”.<sup>36</sup>Depois tomou uma criança, colocou-a no meio deles e, pegando-a nos braços, disse-lhes: <sup>37</sup>Aquele que receber uma destas crianças por causa do meu nome, a mim recebe; e aquele que me recebe, não é a mim, mas sim aquele que me enviou” (Mc 9:35-37).

Emmanuel nos oferece esclarecedora página que aqui incluímos como ilustração do assunto:

#### **Maiorais**<sup>357</sup>

*E Ele, assentando-se, chamou os doze e disse-lhes: Se alguém quiser ser o primeiro, será o último de todos e servo de todos (Marcos, 9:35).*

Ser dos primeiros na Terra não é problema de solução complicada.

Há maiorais no mundo em todas as situações.

A ciência, a filosofia, o sacerdócio, tanto quanto a política, o comércio e as finanças podem exibi-los, facilmente.

Os homens principais da ciência, com legítimas exceções, costumam ser grandes presunçosos; os da filosofia, argutos sofistas do pensamento; os do sacerdócio, fanáticos sem compreensão da verdadeira fé. Em política, muitos dos maiores são tiranos; no comércio, inúmeros são exploradores e, nas finanças, muitos deles não passam de associados das sombras contra os interesses coletivos.

Ser dos primeiros, no entanto, nas esferas de Jesus sobre a Terra, não é questão de fácil acesso à criatura vulgar.

Nos departamentos do mundo materializado, os principais devem ser os primeiros a serem servidos e contam com a obediência compulsória de todos.

Em Cristianismo puro, os espíritos dominantes são os últimos na recepção dos benefícios, porquanto são servos reais de quantos lhes procuram a colaboração fraterna.

É por isto que em todas as escolas cristãs há numerosos pregadores, muitos mordomos, turbas de operários, cooperadores do culto, polemistas valiosos, doutores da letra, intérpretes competentes, reformistas apaixonados, mas raríssimos apóstolos.

De modo geral, quase todos os crentes se dispõem ao ensino e ao conselho, prontos ao combate espetaculoso e à advertência humilhante ou vaidosa, poucos surgindo com o desejo de servir, em silêncio, convencidos de que toda a glória pertence a Deus.

## REFERÊNCIAS

- 340 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:14-29, p. 1.772-1.773.
- 341 THOMAS, Clayton L. (Coord.). *Dicionário médico enciclopédico Taber*. 17. ed. il. Trad. Fernando Gomes do Nascimento. 1. ed. brasileira. Barueri: 2000. it. Epilepsia, p. 609.
- 342 \_\_\_\_\_. Id.
- 343 \_\_\_\_\_. Id.
- 344 KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 1, cap. 8, it. 1, p. 99
- 345 \_\_\_\_\_. cap. 9, it. 14, p. 120.
- 346 \_\_\_\_\_. it. 20, p. 124.
- 347 \_\_\_\_\_. *O livro dos médiuns*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 2, cap. 23, it. 249, p. 268.

- 348 FRANCO, Divaldo Pereira. *Mediunidade: desafios e bênçãos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 1. ed. 5. imp. Salvador: LEAL, 2019. cap. 17, p. 163.
- 349 \_\_\_\_\_. p. 164.
- 350 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 123, p. 259-260.
- 351 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:30-32, p. 1773.
- 352 LACERDA, Fernando. *Do país da luz*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. v. 4, cap. 5 (mensagem do Espírito Alves Mendes), p. 31.
- 353 XAVIER, Francisco Cândido. *Palavras de vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 41. ed. Uberaba: CEC, 2017. cap. 56, p. 129.
- 354 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 20, p. 216.
- 355 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:33-37, p. 1.773.
- 356 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 9:35, p. 861.
- 357 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 56, p. 125-126.

## USO DO NOME DE JESUS (MC 9:38-50)

No tema anterior analisamos o processo obsessivo do epilético endemoniado, o segundo anúncio do Cristo a respeito da sua condenação e morte, além da discussão entre os discípulos de quem seria o maior entre eles. Prosseguindo no estudo, trazemos, aqui, os registros de *Marcos*, 9:38-50, que nos conduzem, naturalmente, a reflexões mais aprofundadas.

### 23.1 USO DO NOME DE JESUS (MC 9:38-40)<sup>358</sup>

<sup>38</sup>Disse-lhe João: “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia”. <sup>39</sup>Jesus, porém, disse: “Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu Nome e logo depois possa falar mal de mim. <sup>40</sup>Porque quem não é contra nós é por nós”.

Essa passagem de Marcos, que será retomada em *Lucas*, 9:48-50, lembra fato semelhante ocorrido com Moisés, citada em *Números*, 11:27-29, quando um jovem corre e anuncia ao legislador hebreu que, enquanto ele atendia a recomendações de *Iahweh* junto aos anciãos, dois homens (Eldad e Medad), que permaneceram no acampamento, passaram a profetizar. Ao saber do ocorrido, “Josué, filho de Nun, que desde a sua juventude servia a Moisés, tomou a palavra e disse: Moisés, meu senhor, proíbe-os!”. Respondeu-lhe Moisés: “Estás ciumento por minha causa? Oxalá todo o povo de *Iahweh* fosse profeta, dando-lhe *Iahweh* o seu Espírito”.<sup>359</sup>

Jesus, ao ser abordado pelo apóstolo João que se revelou incomodado com a ação de alguém que, apesar de não ser seguidor, estava também expulsando demônios (obsessores), em nome do próprio Cristo, ouviu do Senhor a admoestação de não impedir quem agia em seu nome, pois, ao fazê-lo, não estava contra, mas a favor dele. Com as suas palavras, Jesus demonstra, mais uma vez, a necessidade de tolerância e amor ao



próximo, ainda que esse próximo não pensasse ou aceitasse os ensinamentos que o Mestre Nazareno pregava, como ensina Emmanuel: “Vive a tolerância na base de todo progresso efetivo. [...] Tolerância, porém, não é conselho de superficialidade. É reflexo vivo da compreensão que nasce, límpida, na fonte da alma, plasmando a esperança, a paciência e o perdão com o esquecimento de todo o mal. [...]”<sup>360</sup>

Nesse contexto, são admiráveis as palavras do estudioso protestante, Russell Norman Champlin:

[...] Quando nos defrontamos com aquilo em que Jesus se regozijava, como a misericórdia, a justiça, a integridade, a reverência e a fé, então lhe demos boa acolhida. Não lhe façamos amargo e cético antagonismo. Façamos conforme Ele fez [...]. Essas palavras de Jesus, pois, são uma reprimenda contra todo o nosso exclusivismo cego, nossas arrogantes suposições de que as ações de Deus no mundo se limitam às formas com as quais estamos familiarizados [...]. A igreja tem sofrido terrivelmente devido ao seu frenesi por construir cercas. Se uma décima parte do tempo que os crentes têm gasto na instituição de cercas se tivesse devotado a construir o caminho de Deus, o mundo seria um lugar muito melhor hoje em dia [...].<sup>361</sup>

A atitude do Mestre de evitar impedimentos ou críticas contra os que agem em seu nome, independentemente do rótulo religioso que trazem, envolve preciosa lição: necessidade da tolerância nos relacionamentos interpessoais que permite enxergar as boas intenções nos atos do próximo. A tolerância auxilia a construção de pontes de entendimento a que nos devamos ater ao valor das obras, independentemente de quem as pratica, como esclarece Vinícius (Pedro Camargo):

O valor das obras não está nas suas grandes proporções, mas na pureza de intenção com que são executadas e no esforço empregado para sua consecução [...]. Segundo o critério da soberana justiça, o que tem valia não é o mais que se vê, que se exterioriza, mas é o mais que se não vê, que permanece oculto nos meandros inescrutáveis do coração.

A sinceridade com que agimos, os motivos menos egoístas que determinam nosso proceder, tais são os elementos que estabelecem o valor maior ou menor dos nossos feitos. Há muita gente, cujas obras o mundo ignora, de alto merecimento aos olhos de Deus. Outros há, aos quais o século rende loas, cujo mérito pesa pouco, quase nada na balança da justiça indefectível do Senhor. Nossos atos são como os metais. Não é a quantidade, mas a qualidade que estabelece sua valia. Não é o volume, nem o peso, é o quilate que dá a excelência e a superioridade. Quanto mais puro é o ouro, mais pesa, porque maior é o seu valor. A gema sem liga, o diamante sem jaça, são preciosidades de subido preço, precisamente por não ter liga nem jaça, isto é, pela pureza intrínseca de suas constituições.<sup>362</sup>

## 23.2 CARIDADE PARA COM OS DISCÍPULOS (MC 9:41)<sup>363</sup>

Nesse único versículo do subtema 23.2 consta o seguinte registro: “De fato, quem vos der a beber um copo d’água por serdes de Cristo, em verdade vos digo não perderá a sua recompensa”. Trata-se de orientação básica a respeito da prática do bem, que começa pela realização de coisas simples, pequenas ações denominadas *servicinhos*, inseridos no dia a dia da existência.

Tais atitudes predis põem a pessoa ao desprendimento espiritual, que lhe permite focar menos em si mesmo e mais nas inúmeras bênçãos advindas diariamente de Deus, por intermédio do próximo. Esse exercício contínuo no bem, no pensar, falar e agir, cria uma aura de vibrações positivas e harmônicas que envolve quem as emite. Vibrações que, por serem favorecedoras da paz, permitem a sintonia com os benfeitores da Humanidade terrestre, os quais suprem as deficiências da pessoa que, efetivamente, esforça-se para praticar o bem. Oferecer um copo de água em nome do Cristo, como assinala o versículo, reflete poderoso valor educativo, pois prepara o Espírito para a prática da caridade, um dos fundamentos da mensagem cristã, imprescindível à evolução moral do Espírito.

É a lição que Amélia Rodrigues nos transmite ao recordar a evolução do processo da prática do bem desenvolvido pelo apóstolo Simão Pedro que, ao acudir um jovem deformado por ulcerações, sente-se, de um lado, profundamente compadecido do imenso sofrimento do enfermo e, de outro, o devotado apóstolo se sente incapaz de auxiliar. Contudo, ao recordar o Mestre Nazareno, a Ele endereça fervorosa prece que é, de imediato, atendida pelo venerável Espírito Estevão, enviado do Senhor, que fala com ternura ao coração do discípulo fiel:

Pedro – falou o visitante iluminado –, o amor e a caridade são asas que nos elevam o ser a Deus, quando o conhecimento da verdade sustenta-lhe o pensamento e vitaliza-lhe o coração. Socorramos o pobre irmão, que corre pelo apertado espaço das sombras, no qual se encontra, para que reconquiste a saída para a luz libertadora. É da Divina Lei que retribuamos com o bem todo o mal que recebermos. Assim, não há alternativa, senão amar e ajudar.

As feridas que cobrem o corpo do enfermo são as energias negativas que o intoxicavam e agora são expelidas. O seu arrependimento e os propósitos para tornar-se melhor secarão o poço da peçonha. Mas nós lhe devemos cicatrizar as chagas externas com o bálsamo da compaixão.<sup>364</sup>

Emmanuel oferece-nos simples e brilhante interpretação das palavras de Jesus que se encontram no registro de *Marcos*, 9:41:

### **Bilhete Fraterno**<sup>365</sup>

*Qualquer que vos der a beber um copo d'água em meu nome, em verdade vos digo que não perderá o seu galardão. – JESUS (Marcos, 9:41).*

Meu amigo, ninguém te pede a santidade dum dia para outro.

Ninguém reclama de tua alma espetáculos de grandeza.

Todos sabemos que a jornada humana é inçada de sombras e aflições criadas por nós mesmos. Lembra-te, porém, de que o Céu nos pede solidariedade, compreensão, amor...

Planta uma árvore benfeitora, à beira do caminho.

Escreve algumas frases amigas que consolem o irmão infelizmente.

Traça pequenina explicação para a ignorância. Oferece a roupa que se fez inútil agora ao teu corpo ao companheiro necessitado, que segue à retaguarda.

Divide, sem alarde, as sobras de teu pão com o faminto.

Sorri para os infelizes.

Dá uma prece ao agonizante.

Acende a luz de um bom pensamento para aquele que te precedeu na longa viagem da morte. Estende o braço à criancinha enferma.

Leva um remédio ou uma flor ao doente.

Improvisa um pouco de entusiasmo para os que trabalham contigo.

Emita uma palavra amorosa e consoladora onde a candeia do bem estiver apagada.

Conduze uma xícara de leite ao recém-nascido que o mundo acolheu sem um berço enfeitado. Concede alguns minutos de palestra reconfortante ao colega abatido.

O rio é um conjunto de gotas preciosas.

A fraternidade é um sol composto de raios divinos, emitidos por nossa capacidade de amar e servir.

Quantos raios libertaste hoje do astro vivo que é teu próprio ser imortal?

Recorda o Divino mestre que teceu lições inesquecíveis, em torno do vintém de uma viúva pobre, de uma semente de mostarda, de uma dracma perdida...

Faze o bem que puderes.

Ninguém espera que apagues sozinho o incêndio da maldade.

Dá o teu copo de água fria.

### **23.3 O ESCÂNDALO (MC 9:42-50)**<sup>366</sup>

<sup>42</sup>Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem, melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao

mar. <sup>43</sup>E se tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entreres mutilado par a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível. <sup>[44]</sup> <sup>45</sup> E se teu olho te escandalizar, arranca-o: melhor é entrardes com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena. <sup>[46]</sup> <sup>47</sup>E se teu olho te escandalizar, arranca-o: melhor é entreres com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena, <sup>48</sup>onde o verme não morre e onde o fogo não se extingue. <sup>49</sup>Pois todos serão salgados com fogo. <sup>50</sup>O sal é bom. Mas se o sal se tornar insípido, como retemperá-lo? Tende sal em vós mesmos e vivei em paz uns com os outros.

Observação: Na *Bíblia de Jerusalém*, nessa passagem evangélica, a numeração dos versículos, no original, está incompleta: foram omitidos os versículos 44 e o 46, que se encontram referenciados entre colchetes. A justificativa em rodapé é que os versículos 44 e 46 são “simples repetições do versículo 48”.

Allan Kardec, analisa o sentido da palavra escândalo com propriedade, tendo em vista a importância que se deve dar à interpretação dos ensinamentos da mensagem cristã que, para a Doutrina Espírita, deve-se atentar sempre para o espírito da letra, não à letra em si.

» Escândalo – sentido geral

No sentido vulgar, *escândalo* se diz de toda ação que de modo ostensivo choca a moral ou a decência. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra escândalo implica sempre a ideia de um certo arruído [=ruído]. Muitas pessoas se contentam em evitar o *escândalo*, porque seu orgulho sofreria com ele e a consideração de que desfrutavam ficaria diminuída entre os homens. Desde que as suas torpezas fiquem ignoradas, é quanto lhes basta para que sua consciência permaneça em paz. São, segundo as palavras de Jesus: “Sepulcros brancos por fora, mas cheios de podridão por dentro; vasos limpos no exterior e sujos no interior”.<sup>367</sup>

» Escândalo – sentido evangélico

No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tão frequentemente empregada, é muito mais geral. Em razão pela qual, em certos casos, não se compreende o seu significado. Já não é somente o que choca a consciência alheia, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições dos homens, toda reação má de indivíduo a indivíduo, com ou sem repercussão. *O escândalo, neste caso, é o resultado efetivo do mal moral.*<sup>368</sup>

Esses esclarecimentos do Codificador são de suma importância porque, considerando-se o nível moral que ainda predomina nos habitantes do planeta Terra, o escândalo é acontecimento comum, algo com qual tem de se lidar corriqueiramente. Contudo, os provocadores do escândalo devem aceitar as consequências dos próprios atos, como alerta o Cristo:

Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar. E se tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado para a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível. E se teu olho te escandalizar, arranca-o: melhor é entrardes com um só olho no Reino de Deus do que, tendo os dois olhos, seres atirado na geena (Mc 9:42-45).

Essa passagem traz uma curiosidade no versículo 42 que merece ser destacada. Repetimos, aqui, a fala de Jesus: “Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar”. Essa pedra, a mó, também conhecida como *pedra de moenda* ou *pedra de moinho*, acompanha a história da civilização humana. *Mó* (do *latim mola*) é cada um do par de pedras duras, redondas e planas com as quais se trituram grãos nos moinhos, como de trigo, cevada, milho etc., até os reduzirem a farinha. Acredita-se que a pedra de moenda tenha surgido 15 mil anos antes de Cristo: “O método mais antigo e o mais comum de moer o cereal consistia em espalhá-lo sobre uma pedra chata e fixa e esfregá-lo com outra pedra superior móvel. Tais moinhos de pedra têm sido encontrados na antiga cidade neolítica de Jericó, juntamente com pilões de pedra. [...]”<sup>369</sup>

Faz-se necessário, porém, entender o real significado das palavras pronunciadas por Jesus, abstraindo-se do simbolismo. O escândalo, enquanto imperfeição moral, pode gerar pequenos e grandes males, de acordo com a sua natureza, no presente e no futuro:

É preciso que haja escândalo no mundo, disse Jesus, porque os homens, em razão de sua imperfeição, se mostram inclinados a praticar o mal, e porque as más árvores dão maus frutos. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens e não que haja, para estes, obrigação de praticá-lo.<sup>370</sup>

Ainda que seja necessário a existência do escândalo, em decorrência da imperfeição humana, com o escândalo, uma ideia ou acontecimento é analisado com mais detalhe por diferentes interpretadores, cultos e incultos, bons ou maus. E, a despeito do escândalo provocar debates, dissidências e desarmonias variadas, é também oportunidade do bem manifestar-se em toda plenitude. Com o passar do tempo, porém, os resultados negativos e positivos do escândalo serão aferidos pela lei de causa e efeito. Em suma, o escândalo é uma forma de reajuste educativo doloroso, por estabelecer a relação ofensor-ofendido, como lembra o Codificador:

É necessário que o escândalo venha, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, buscarão o remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal Deus faz emergir o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou sem valor.<sup>371</sup>

Permanece, portanto, a necessidade de aprendermos a administrar nossas manifestações, sobretudo as relacionadas ao julgamento das ações do próximo, uma vez que dificilmente conhecemos todos os ângulos de um assunto. É prudente, pois, seguir esta orientação do apóstolo Paulo: “Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas não me deixarei escravizar por coisa alguma (I Co 6:12).

O homem, ao se tornar culpado em razão do uso indevido do livre-arbítrio, provoca o mal que é manifestado na forma de escândalo, segundo a linguagem evangélica. A lei de ação e reação e efeito que é permanentemente acionada gera, em consequência, os efeitos compatíveis com os atos executados, muitos dos quais serão reparados na feira das reencarnações. Daí a sentença de Jesus:

<sup>42</sup>Se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem, melhor seria que lhe prendessem ao pescoço a mó que os jumentos movem e o atirassem ao mar. <sup>43</sup>E se tua mão te escandalizar, corta-a: melhor é entrares mutilado par a Vida do que, tendo as duas mãos, ires para a geena, para o fogo inextinguível (Mc 9:42-43).

*Geena* é outra palavra citada no texto de Marcos, cujo significado merece ser esclarecido:

*Geena* [é no] hebraico, *vale do Hinom*. Era um vale a sudoeste de Jerusalém, onde, antigamente, era praticada a adoração a Maloque (II Rs 23:10). Com o tempo, o local tornou-se o monturo da cidade, onde havia fogo a queimar continuamente o lixo. Esse nome, pois, tornou-se, símbolo de punição futura (I Esdra, 27:3; II Esdras, 7:36). [...] Além disso, a palavra *Geena* tem sido traduzida por *inferno* [...]. Também podemos supor que a *Geena* equivale ao *lago de fogo* [...]. As pessoas que insistem que as chamadas devem ser entendidas literalmente, também insistem que os vermes do texto do nono do capítulo de *Marcos* também são literais.<sup>372</sup>

É importante interpretar a palavra *geena*, utilizada como figura enérgica, no seu legítimo sentido espiritual. Para o Espiritismo, *geena* indica apenas que cada um deve destruir em si toda causa de *escândalo*, isto é, do mal. Deve-se arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência

viciosa. Não representa um local de dor e de profundo sofrimento. O mesmo significado serve para refletirmos que mais vale ter cortada uma das mãos, do que usá-la como instrumento de uma má ação; que é preferível ficar privado da visão, do que *ver o que não se deve*. Jesus nada disse de inverossímil para quem deseja apreender o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Muitas coisas, requer tempo e amadurecimento espiritual, moral e intelectual. Hoje, à luz do entendimento espírita, temos a chave que nos auxilia decifrar os ensinamentos do Evangelho e das demais Escrituras Sagradas.

O *discurso sobre o sal* (versículo 50), recorrente nas alegorias de Jesus, reconhece as propriedades especialíssimas desse mineral que se encontra espalhado pelo globo, sempre de acordo com as necessidades da Natureza. O sal indica o ponto de equilíbrio, que deve ser utilizado de forma balanceada. Abaixo de determinada quantidade torna o alimento insípido, inosso; usado em doses elevadas torna-o salgado, desagradável ao paladar e prejudicial à saúde. O significado espiritual é que, em todas as situações da vida, deve-se temperar as palavras e as ações com o o sal da prudência, da calma e do discernimento. O tempero da vida é aprender viver em paz, ensina Emmanuel:

#### **Viver em Paz**<sup>373</sup>

*Vivei em paz*– Paulo (*II Coríntios*, 13:11).

Mantém-te em paz.

É provável que os outros te guerreiem gratuitamente, hostilizando-te a maneira de viver; entretanto, podes avançar em teu roteiro, sem guerrear a ninguém.

Para isso, contudo – para que a tranquilidade te banhe o pensamento –, é necessário que a compaixão e a bondade te sigam todos os passos.

Assume contigo mesmo o compromisso de evitar a exasperação.

Junto da serenidade, poderás analisar cada acontecimento e cada pessoa no lugar e na posição que lhes dizem respeito.

Repara, carinhosamente, os que te procuram no caminho...

Todos os que surgem, aflitos ou desesperados, coléricos ou desabridos, trazem chagas ou ilusões. Prisioneiros da vaidade ou da ignorância, não souberam tolerar a luz da Verdade e clamam irritadiços... Unge-te de piedade e penetra-lhes os recessos do ser, e identificarás em todos eles crianças espirituais que se sentem ultrajadas ou contundidas.

Uns acusam, outros choram.

Ajuda-os, enquanto podes.

Pacificando-lhes a alma, harmonizarás, ainda mais, a tua vida.

Aprendamos a compreender cada mente em seu problema.

Recorda-te de que a Natureza, sempre divina em seus fundamentos, respeita a lei do equilíbrio e conserva-a sem cessar.

Ainda mesmo quando os homens se mostram desvairados, nos conflitos abertos, a Terra é sempre firme e o Sol fulgura sempre.

Viver de qualquer modo é de todos, mas viver em paz consigo mesmo é serviço de poucos.

## REFERÊNCIAS

- 358 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:38-40, p. 1.773.
- 359 \_\_\_\_\_. Números, 11:28-29, p. 220.
- 360 XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 19. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 25, p. 103.
- 361 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*: Mateus/Marcos. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 9.38, p. 862.
- 362 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Em torno do mestre*. 9. ed. 6. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. O valor das obras, p. 371-372.
- 363 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:41, p. 1.773.
- 364 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 19, p. 129-130.
- 365 XAVIER, Francisco Cândido. *Nosso livro*. Por diversos espíritos. 3. ed. São Paulo: LAKE, 1999. cap. Bilhete fraterno, p. 69-70.
- 366 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 9:42-50, p. 1.773.
- 367 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 8, it. 12, p. 122-123.
- 368 \_\_\_\_\_. p. 123.



- 369 DOUGLAS, J. D. (Org.) *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. verbete Moinho, Pedra de Moinho, p. 886.
- 370 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 8, it. 13, p. 123.
- 371 \_\_\_\_\_. it. 14, p. 123.
- 372 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin*. Ampliado e atualizado. São Paulo: Hagnos, 2018. Verbetes Geena, p. 665.
- 373 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 123, p. 263-264.

## DISCUSSÃO SOBRE O DIVÓRCIO (MC 10:1-31)

Depois de encerrado o seu ministério na Galileia, Jesus inicia o caminho que o conduzirá, cada vez mais, para o momento final, da sua crucificação, em Jerusalém. Enquanto não chega a hora dos anúncios previstos, o Mestre prossegue em sua missão de pregar a Lei de Amor, anunciando a vinda do Reino de Deus. Nesse sentido, o estudo atual tem como escopo quatro registros de Marcos: Discussão sobre o divórcio; Jesus e as crianças; O homem rico; e Recompensa prometida pelo desprendimento.

### 24.1 DISCUSSÃO SOBRE O DIVÓRCIO (MC 10:1-12)<sup>374</sup>

<sup>1</sup>Partindo dali ele foi para o território da Judeia e além do Jordão, e outra vez as multidões se reuniram em torno dele, E, como de costume, de novo as ensinava. <sup>2</sup>Alguns fariseus aproximaram-se dele e, para pô-lo à prova, perguntaram-Lhe: “É lícito a um marido repudiar sua mulher?” <sup>3</sup>Ele respondeu: “Que vos ordenou Moisés?” <sup>4</sup>Eles disseram: “Moisés permitiu escrever carta de divórcio e depois repudiar”. <sup>5</sup>Jesus, então, lhes disse: “Por causa da dureza dos vossos corações ele escreveu para vós esse mandamento. <sup>6</sup>Mas desde o princípio da criação Ele os fez homem e mulher. <sup>7</sup>Por isso o homem deixará o seu pai e a sua mãe, e os dois serão uma só carne. <sup>8</sup>De modo que já não são dois, mas uma só carne. <sup>9</sup>Portanto, o que Deus uniu o homem não separe”. <sup>10</sup>E, em casa, os discípulos voltaram a interrogá-lo sobre esse ponto. <sup>11</sup>E ele disse: “Todo aquele que repudiar a sua mulher e desposar outra, comete adultério contra a primeira; <sup>12</sup>e se essa repudiar o seu marido e desposar outro, comete adultério”.

Mais uma vez, para provocar e testar Jesus, alguns fariseus lhe dirigem estas duas perguntas: “É lícito a um marido repudiar sua mulher?” (Mc 10:3) e por que, então, “Moisés permitiu escrever carta de divórcio e depois repudiar sua mulher?” (Mc 10:4). Jesus analisa a questão do casamento de um ponto de vista mais elevado, indicando que o assunto

deva ser considerado não apenas em função das regras religiosas e legais existentes, mas segundo um código de moralidade superior que tem como princípio referencial a união definida por Deus, como consta na *Bíblia de Estudo Explicada*, da Sociedade Bíblica do Brasil: “[...] Notemos que Jesus considera o matrimônio no seu aspecto mais nobre e sublime: como união feita pelo propósito e vontade de Deus. [...]”<sup>375</sup>

O estudioso Russell Norman Champlin apresenta a análise comparativa do registro de Mateus e Paulo quanto à questão do divórcio, ao se deter, mais especificamente na citação de Mc 10:9: “Portanto, o que Deus uniu o homem não separe”:

[...] Em *Marcos*, Jesus não permite nenhuma exceção e é provável que esse seja o seu ensino original. Mateus abre exceção para os casos de adultério; e Paulo adiciona sua exceção, quando há casamento entre crentes e incrédulos. Todas as exceções, como aquela de Moisés, têm algo a ver com alguma “concessão”, que respeita o presente nível humano de espiritualidade; mas isso fica aquém do ideal divino.<sup>376</sup>

A visão espírita do casamento e do divórcio enfatiza a orientação de Jesus a respeito do assunto. O Espiritismo destaca que o casamento é sempre de ordem divina e que as uniões matrimoniais não deveriam ser definidas por interesses e conveniências sociais, econômicos, comerciais, políticos, entre outros. Nessas condições, o divórcio passa a ser consequência natural, sempre que o amor não é cogitado.

Em consonância com as orientações do Mestre, Allan Kardec faz as seguintes considerações:

#### » **Indissolubilidade do casamento**

Só o que vem de Deus é imutável. Tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudanças. As Leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem, mas as condições que regulam essa união são de tal modo humanas que não há no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente as mesmas, e nenhuma onde não haja sofrido mudanças, com o passar do tempo. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época é adultério em outro país e em outra época, uma vez que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, e esses interesses variam segundo os costumes e as necessidades locais. [...]”<sup>377</sup>

» **O divórcio**

O divórcio é lei humana que tem por fim separar legalmente o que já está, de fato, separado. Não é contrário à Lei de Deus, pois apenas reforma o que os homens fizeram e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a Lei Divina. [...]

Porém, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse Ele: “Foi por causa da dureza dos vossos corações que Moisés permitiu que despedísseis as vossas mulheres?”. Isso significa que, desde o tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única finalidade do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: “No princípio, não foi assim”, isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a Lei de Deus, as uniões, baseadas na simpatia, e não na vaidade e na ambição, não davam motivo ao repúdio.<sup>378</sup>

» **A lei de amor**

Mas, na união dos sexos, ao lado da Lei Divina material, comum a todos os seres vivos, há outra Lei Divina, imutável como todas as Leis de Deus, exclusivamente moral: a Lei de Amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se transmitisse aos filhos, e que fossem dois, e não somente um, a amá-los, a cuidá-los e a fazê-los progredir. [...]<sup>379</sup>

24.2 JESUS E AS CRIANÇAS (MC 10:13-16)<sup>380</sup>

<sup>13</sup>Traziam-Lhe crianças para que as tocasse, mas os discípulos as repreendiam.

<sup>14</sup>Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. <sup>15</sup>Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele”. <sup>16</sup>Então, abraçando-as, abençoou-as, impondo as mãos sobre elas.

Como ilustração desse texto evangélico, destacamos a narrativa do colóquio ocorrido entre os personagens do livro de Emmanuel *Há dois mil anos*, psicografia de Francisco Cândido, Ana e Livia — cuja filhinha estava muito doente —, como uma referência à inocência e à pureza das crianças, assim como o amoroso apreço de Jesus pelos que sofrem:

— Ah! Senhora — exclamava a serva, com sincero carinho a lhe transparecer dos olhos e dos gestos —, guardo no coração profunda fé nos milagres do Mestre, acreditando mesmo que, se levássemos esta criança para receber as bênçãos de suas mãos, sarariam as chagas e ela ressurgiria para o seu amor maternal... Quem sabe?

[...]

— Ainda no último sábado, senhora [...], o profeta de Nazaré recebeu nos braços numerosas crianças.

Ao sair da barca de Simão, nós os esperávamos em massa, para lhe beber os ensinamentos consoladores. Precipitamo-nos para ele, ansiosos todos de receber ao mesmo tempo os sagrados eflúvios da sua presença confortadora, mas, nesse dia, muitas mães compareceram à prédica, conduzindo os filhinhos que se confundiam em algazarra ensurdecadora, como um bando de passarinhos inconscientes. Simão e mais alguns discípulos começaram a repreender severamente os meninos, a fim de que não perdêssemos o encanto suave e doce das palavras do Mestre. Mas, quando menos esperávamos, sentou-se Ele na pedra costureira e exclamou com indizível ternura: “Deixai vir a mim os pequeninos, porque o Reino dos Céus lhes pertence”. Houve, então, prodigioso silêncio entre os ouvintes de Cafarnaum e os peregrinos que haviam chegado de Corazim e de Magdala, enquanto aqueles petizes trêfegos acorriam ao regaço amoroso, beijando-lhe a túnica com indefinível alegria.<sup>381</sup>

O Espírito Emmanuel analisa na mensagem *Companheiros Mudos*, o significado da palavra *crianças* (ou *pequeninos* de outras traduções do Evangelho), a seguinte repreensão de Jesus aos discípulos, quando eles tentaram afastar as crianças (ou pequeninos) que correram e o cercaram: “Vendo isso, Jesus ficou indignado e disse: ‘Deixai as crianças virem a mim, não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus’” (Mc 10:14). Eis alguns trechos da mensagem do benfeitor espiritual:

Entretanto, nesta nota simples, vimos rogar-te apoio e consolação para aqueles companheiros a quem a nossa destreza vocabular não consegue servir em sentido direto.

Comparecem, às centenas, aqui e ali...

Jazem famintos e não comentam a carência de pão.

Amargam dolorosa nudez e não reclamam contra o frio.

Experimentam agoniadas depressões morais, sem pedirem qualquer reconforto à ideia religiosa.

Sofrem prolongados suplícios orgânicos, incapazes de recorrer voluntariamente ao amparo da medicina.

Pensa neles e, de coração enternecido, quanto puderes, oferece-lhes algo de teu amor, através da peça de roupa ou da xícara de leite, da poção medicamentosa ou do minuto de atenção e carinho, porque esses companheiros mudos e expectantes que nos rodeiam são as crianças necessitadas e padecentes que não podem falar.<sup>382</sup>

## 24.3 O HOMEM RICO (MC 10:17-22)<sup>383</sup> E O PERIGO DAS RIQUEZAS (MC 10:23 -27)<sup>384</sup>

Temos aqui dois subitens que estão citados separadamente na *Bíblia de Jerusalém*, mas que, no âmbito do nosso estudo vamos analisá-los em conjunto devido à similaridade que há entre ambos.

### 24.3.1 O HOMEM RICO

<sup>17</sup>Ao retomar o seu cominho, alguém correu e ajoelhou-se diante dele, perguntado: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” <sup>18</sup>Jesus respondeu: “Por que me chamas bom”? Ninguém é bom senão só Deus. <sup>19</sup>Tu conheces os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunhos, não defraudes ninguém, hora teu pai e tua mãe”. <sup>20</sup>Então ele replicou: “Mestre, tudo isso eu tenho guardado desde minha juventude”. <sup>21</sup>Fitando-o, Jesus o amou e disse: “Uma só coisa te falta: vai, vende o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me”. <sup>22</sup>Ele, porém, contristado com essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.

### 24.3.2 O PERIGO DAS RIQUEZAS

<sup>23</sup>Então Jesus, olhando em torno, disse a seus discípulos: “Como é difícil a quem tem riquezas entrar no Reino de Deus!” <sup>24</sup>Os discípulos ficaram admirados com essas palavras, Jesus, porém, continuou a dizer: “Filhos, como é difícil entrar no Reino de Deus! <sup>25</sup>É mais fácil um camelo passar pelo fundo da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!” <sup>26</sup>Eles ficaram muito espantados e disseram uns aos outros: “Então, quem pode ser salvo?” <sup>27</sup>Jesus, fitando-os, disse: “Aos homens é impossível, mas não a Deus, pois para Deus tudo é possível”.

Ainda que haja pequenas divergências dessas duas passagens em relação aos registros dos demais autores dos evangelhos sinópticos, não são, porém, relevantes. Allan Kardec analisa o assunto com propriedade no capítulo 10 de *O evangelho segundo o espiritismo*, de onde retiramos algumas citações com o intuito de nos conduzir a reflexões mais aprofundadas, sobretudo em relação ao binômio apego-desapego às riquezas.

#### » **A riqueza não é obstáculo à salvação do Espírito**<sup>385</sup>

Se a riqueza houvesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia deduzir de certas palavras de Jesus, interpretadas segundo a letra, e não conforme o espírito, Deus, que a concede, teria posto nas mãos de alguns um instrumento de perdição, sem apelação nenhuma, ideia que repugna à razão. Sem dúvida a riqueza é uma prova muito arriscada,

mais perigosa do que a miséria, em virtude dos arrastamentos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais poderoso que prende o homem à Terra e lhe desvia do Céu o pensamento. [...]

» **O apego aos bens materiais é obstáculo à salvação<sup>12</sup>**

Quando Jesus disse ao jovem que o interrogava sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me”, não pretendeu estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só se obtém por esse preço, mas apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele jovem, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recuava à ideia de abandonar seus bens. Seu desejo de conquistar a vida eterna não chegava até esse sacrifício.

O que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a descobrir o âmago do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer o próximo, não ser vão nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe, mas não tinha a verdadeira caridade, pois sua virtude não chegava até a abnegação. Foi isso que Jesus quis demonstrar. Era uma aplicação do princípio: Fora da caridade não há salvação.

» **O depositário dos bens materiais tem como missão amenizar as misérias do mundo<sup>386</sup>**

Sendo o homem o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe pôs nas mãos, ser-lhe-ão pedidas severas contas do emprego que ele lhes haja dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em os aplicar exclusivamente na sua satisfação pessoal. Ao contrário, o emprego é bom todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para outrem. O mérito é proporcional ao sacrifício que a criatura se impõe. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela alivia a miséria atual, aplaca a fome, preserva do frio e proporciona abrigo a quem não o tem. Há, porém, um dever igualmente imperioso e meritório: o de prevenir a miséria. Esta é a missão das grandes fortunas, mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. [...]

A posse de bens materiais pode exercer efetivo fascínio ao Espírito que, sob a ação dos prazeres e regalias que as riquezas proporcionam, pode retardar a sua evolução moral pela aquisição e desenvolvimento de paixões inferiores. Nos dias atuais, mais do que nunca, presenciamos que as duas chagas da Humanidade: o orgulho e o egoísmo são visíveis e latentes em decorrência do excessivo apego às posses transitórias da vida material. A dificuldade dos homens em relação ao desapego ainda é imensa. Daí Emmanuel fazer algumas considerações a respeito do risco do apego às posses materiais à real felicidade do Espírito imortal:

**Propriedade**<sup>387</sup>

*E o mancebo, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades (Mateus, 19:22).*

O instinto de propriedade tem provocado grandes revoluções, ensanguentando os povos. Nas mais diversas regiões do planeta, respiram homens inquietos pela posse material, ciosos de suas expressões temporárias e dispostos a morrer em sua defesa.

Isto demonstra que o homem ainda não aprendeu a possuir.

Com essa argumentação, não desejamos induzir a criatura a esquecer a formiga previdente, adotando por modelo a cigarra descuidosa. Apenas convidamos, a quem nos lê, a examinar a precariedade das posses efêmeras.

Cada conquista terrestre deveria ser aproveitada pela alma, como força de elevação.

O homem ganhará impulso santificante, compreendendo que só possui verdadeiramente aquilo que se encontra dentro dele, no conteúdo espiritual de sua vida. Tudo o que se relaciona com o exterior – como sejam: criaturas, paisagens e bens transitórios – pertencem a Deus, que lhe concederá de acordo com os seus méritos.

Essa realidade sentida e vivida constitui brilhante luz no caminho, ensinando ao discípulo a sublime lei do uso, para que a propriedade não represente fonte de inquietações e tristeza, como aconteceu ao jovem dos ensinamentos de Jesus.

## 24.4 RECOMPENSA PROMETIDA PELO DESPRENDIMENTO (MC 10:28-31)<sup>388</sup>

<sup>28</sup>Pedro começou a dizer-lhe: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos”.

<sup>29</sup>Jesus declarou: “Em verdade vos digo que não há quem tenha deixado casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras por minha causa ou por causa do Evangelho, <sup>30</sup>que não receba cem vezes mais desde agora, neste tempo, casas, irmãos e irmãs, mãe e filhos e terras, com perseguições; e no mundo futuro, a vida eterna. <sup>31</sup>Muitos dos primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros”.

Concluimos o nosso estudo com algumas reflexões de Amélia Rodrigues que nos reporta à indagação do moço rico (“Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”), mas, sobretudo, as implicações da pergunta-afirmativa de Pedro: “E nós que deixamos tudo e te seguimos?” (Mc 10:28).

Na sinfonia dos acontecimentos, porque também se estivesse dedicado com extremados zelo e abnegação, Pedro indagou-lhe na primeira oportunidade: “E nós que deixamos tudo e te seguimos?”

Havia sede de ternura e de recompensa.



Quando ainda não se sabe amar verdadeiramente, sempre se aguarda retribuição.

“O amor, porém, se basta a si mesmo”.

Preenche o coração de quem doa e vitaliza o daquele a quem é oferecido

Autossuficiente, enriquece e justifica-se.

[...]

Na primeira fase de sua expressão, quando ainda frágil, o amor pede resposta, espera compensação.

Ao fortalecer-se, renuncia aos interesses menores e prossegue amando.

Jesus recordou-se de quando propusera aos seus seguidores a opção entre os familiares e Ele, os bens transitórios e os eternos.

A interrogação do amigo, que falava pelos demais, levou-o a retorquir:

— “Em verdade vos digo: quem tiver deixado a casa, irmãos, mãe, pai, os filhos ou campos por minha causa e por causa da Boa-Nova, receberá cem vezes mais agora, no tempo presente, em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, juntamente com perseguições e, no tempo futuro, a vida eterna”.

A resposta, contendo toda uma promessa de ventura, não omitia as lutas, nem testemunhos.

A opção por Cristo é decisão de largo tempo, sem o entusiasmo da primeira hora, que passa e leva à desistência, nem a reflexão muito demorada, que perde a oportunidade.

Há um momento de escolha, de decisão.

Tomada a resolução, é indispensável abraçar a cruz, não olhar para trás e seguir.<sup>389</sup>

## REFERÊNCIAS

- 374 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 10:1-12, p. 1.774.
- 375 MCNAIR, S. E. *Bíblia de estudo aplicado. Dicionário harpa cristã*. (Com texto bíblico Almeida rev. e corr. ed. 1995). Rio de Janeiro: CPAD, 2014. Nota explicativa: Acerca do divórcio (1-12), p. 1.060.
- 376 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 10:9, p. 869.
- 377 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 22, it. 2, p. 277-278.

- 378 \_\_\_\_\_. it. 5, p. 279.
- 379 \_\_\_\_\_. it. 3, p. 278.
- 380 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 10:13-16, p. 1.774.
- 381 XAVIER, Francisco Cândido. *Há dois mil anos*. Pelo Espírito Emmanuel. 49. ed. 18. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 1, cap. 4.
- 382 \_\_\_\_\_. *Livro da esperança*. Pelo Espírito Emmanuel. 22. ed. Uberaba/MG: Comunhão Espírita Cristã, 2012. cap. 19, p. 65.
- 383 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 10:17-22, p. 1.774.
- 384 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 10:23-27, p. 1.774.
- 385 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noletto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 10, it. 7, p. 2.013.
- 386 \_\_\_\_\_. it. 13, p. 219.
- 387 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 149.
- 388 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho segundo Marcos*, 10:28-31, p. 1774.
- 389 FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelos caminhos de Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. 1. imp. Salvador: LEAL, 2018. cap. 7, p. 52-54.

## TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (MC 10:32-52)

No final do capítulo 10 do *Evangelho de Marcos* consta que Jesus, ao completar o seu ministério na Galileia, inicia a viagem para Jerusalém onde acontecimentos de grande significância se dariam: Ele seria apri-sonado, julgado, condenado, crucificado e ressuscitado. Em todos os episódios, o Mestre oferece lições inesquecíveis, sempre assinaladas pela continua prática do bem e amor ao próximo.

### 25.1 TERCEIRO ANÚNCIO DA PAIXÃO (MC 10:32-34)<sup>390</sup>

<sup>32</sup>Estavam no caminho, subindo para Jerusalém, Jesus ia à frente deles. Estavam assustados e acompanhavam-no com medo. Tomando-os os Doze novamente consigo, começou a dizer o que estava para lhe acontecer: <sup>33</sup>“Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas; eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios, <sup>34</sup>zombarão dele e cuspirão nele, o açoitarão e o matarão, e três dias depois ele ressuscitará”.

O terceiro anúncio da paixão de Jesus consta nesse registro de *Marcos*, que também é relatada por *Mateus* (20:17-19) e *Lucas* (18:31-33). Indica, mais uma vez, a necessidade de preparar os discípulos para os próximos acontecimentos que, por certo, lhes marcariam o espírito para sempre. Caminhando junto com o Mestre Nazareno na estrada para Jerusalém, é possível que os discípulos não tivessem ideia precisa dos fatos ou como esses iriam ocorrer, sobretudo em relação ao item ressurreição que, como assinala *Lucas*, 18:34, eles não tinham uma boa compreensão do assunto: “Mas eles não entenderam nada. Essa palavra era obscura para eles e não compreendiam o que ele dizia”.<sup>391</sup>

O estudioso estadunidense F. F. Bruce informa a respeito desse outro anúncio dos sofrimentos futuros: “[...] Essa terceira predição de Sua Paixão iminente que Ele então fez para eles foi mais abrangente que

as anteriores e incluía os fatos adicionais de que os líderes dos judeus iriam entregá-lo para ser morto nas mãos dos *gentios* (v. 33), que, antes de executá-lo, iriam zombar dele, cuspir nele e açoitá-lo (v. 34).<sup>392</sup>

Movidos por sentimentos antagônicos, de alegria e medo, os discípulos se revelam assustados (v. 32), pois pressentem que nada de bom os aguardaria em Jerusalém, como lembra outro estudioso Craig Keener:

Apesar de terem a expectativa do Reino vindouro, os discípulos percebem o perigo de irem a Jerusalém e confrontar a aristocracia dos sumos sacerdotes (talvez com base em experiências anteriores, como as discussões entre Jesus e os fariseus, ou as experiências de festas religiosas passadas). É possível que os discípulos tenham consciência das tradições judaicas de que o estabelecimento final do Reino do Messias seria precedido por uma guerra terrível – guerra em que, segundo alguns grupos marginalizados, a aristocracia de Jerusalém agiria de forma ímpia quanto os próprios romanos [...]. Ou talvez o temor dos discípulos esteja relacionado principalmente à guarnição romana em Jerusalém.<sup>393</sup>

Amélia Rodrigues comenta a respeito do momento específico de chegada em Jerusalém:

As estradas estavam movimentadas pois que as festas logo mais começariam em Jerusalém, dadivosas.

Ele deixara as paragens da querida Galileia para, transpondo as fronteiras, atingir a Judeia onde sabia estarem reservadas muitas dores...

Os companheiros seguiam-nos animados, desejosos de penetrar-lhe todas as lições e integralmente o ministério, que, às vezes, lhes parecia complexo demais para suas mentes desacostumadas a incursões mais profundas no raciocínio.

Deslumbravam-se sempre, logicavam raramente. O pão que dos seus lábios caía na boca dos seus corações se apresentava em algumas circunstâncias azedo, desagradável. Estar com Ele era vibrar de felicidade e sofrer de ansiedades incontrolláveis. Ele era capaz de tudo, e o demonstrara vezes sem conta. No entanto, falava também do Pai, e das suas dores, lutas e a paixão... A que paixão, se referia, não o compreendiam.<sup>394</sup>

Tais cogitações demonstram que o reinado do bem em nosso planeta será estabelecido sim, cedo ou tarde, mas, até que isso aconteça, muitos desafios nos aguardam. O serviço cristão triunfará, não restam dúvidas, mas, para tanto, não dispensa a dedicação de servidores sinceros e esclarecidos, dispostos a superar os obstáculos consoante este conselho de Emmanuel: “Quanto maior, porém, a incompreensão do mundo, mais se deverá intensificar naqueles as noções da responsabilidade.”<sup>395</sup>

## 25.2 O PEDIDO DOS FILHOS DE ZEBEDEU (MC 10:35-40)<sup>396</sup>

<sup>35</sup>Tiago e João, os filhos de Zebedeu, foram até Ele e disseram-lhe: “Mestre, queremos que nos faças o que te pedimos”. <sup>36</sup>Ele perguntou: “Que quereis que vos faça?” <sup>37</sup>Disseram: “Concede-nos, na Tua glória, sentarmo-nos, um à tua direita, outro à tua esquerda”. <sup>38</sup>Jesus respondeu: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que Eu vou beber e ser batizado com o batismo com que serei batizado?” <sup>39</sup>Eles disseram-lhe: “Podemos”. Jesus replicou-lhes “Do cálice que Eu beber, vós bebereis, e com o batismo com que Eu for batizado, sereis batizados. <sup>40</sup>Todavia, o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim concedê-lo, mas é para aquele aos quais isso foi destinado”.

É passagem evangélica também relatada por *Mateus*, 20:20-23. No entanto, esse evangelista anota que o pedido feito a Jesus fora realizado por Salomé, a mãe de Tiago e João. Para nós, espiritas, a questão fica esclarecida a partir dos relatos do Espírito Humberto de Campos, na obra *Boa nova*, na qual ele informa que, após Jesus haver convidado os filhos de Zebedeu, às margens do Tiberíades, ambos retornaram à casa com o espírito arrebatado e relataram à sua mãe o que se passara. Segue a narrativa do autor espiritual:

Salomé, esposa de Zebedeu, apesar de bondosa e sensível, recebeu a notícia com certo cuidado. Também ela ouvira o profeta de Nazaré nas suas gloriosas afirmativas da véspera. Pôs-se então a ponderar consigo mesma: Não estaria próximo aquele Reino prometido por Jesus? Quem sabe se o filho de Maria não falava na cidade em nome de algum príncipe? Ah! O Cristo deveria ser o intérprete de algum desconhecido ilustre que recrutava adeptos entre os homens trabalhadores e mais fortes [...]. O novo reinado estaria próximo e, alucinada pelos sonhos maternais, Salomé procurou o Messias no círculo dos primeiros discípulos.

– Senhor – disse atenciosa – logo após a instituição do teu Reino, eu desejaria que os meus filhos se sentassem um à tua direita e outro à tua esquerda, como as duas figuras mais nobres do teu trono.

Jesus sorriu e obtemperou com gesto bondoso:

– Antes de tudo, é preciso saber se eles quererão beber do meu cálice!...

A progenitora dos dois jovens embarçou-se. Além disso, o grupo que rodeava o Messias a observava com indiscrição e manifesta curiosidade. Reconhecendo que o instante não lhe permitia mais amplas explicações, retirou-se apressada, colocando o seu velho esposo ao corrente dos fatos.<sup>397</sup>

Se o pedido foi feito pelos dois apóstolos, irmãos consanguíneos, ou pela mãe de ambos, é fato secundário. O que se destaca é o pedido e a resposta que Jesus transmitiu. Aí se encontra o foco da verdadeira lição para todos os aprendizes e estudiosos dos textos evangélicos. Na essência, o pedido dirigido a Jesus, tal como é apresentado em *Marcos*, 10:37: “Concede-nos,

na Tua glória, sentarmo-nos, um à tua direita, outro à tua esquerda”, indica um certo grau de imaturidade ou ingenuidade espiritual de quem dirigiu ao Senhor a pergunta. Ingenuidade que se justifica, pois ainda não se delineava com clareza o significado e as consequências da mensagem cristã, para os discípulos em geral, para João e Tiago Boanerges (“filhos do trovão”, como Jesus os denominou), ou para a mãe de ambos. Extrai-se do diálogo, contudo, poderosa lição: a necessidade de aprendermos o que pedir. É capacidade que se desenvolve com o tempo e persistência no bem.

Confiavam em que Jesus lhes pudesse dar *o que queriam*, apesar da grandiosidade do que pediram. Não nos devemos olvidar do lado “positivo” da história. Jesus os atendeu gentilmente, muito mais do que mereciam. Faremos bem em seguir o seu exemplo de “gentileza humana”, até mesmo em circunstâncias difíceis.

[...] Como é humano isso! E quanto tempo nos custa aprender a “pedir direito”. Nossas orações, além de fazerem exigências a Deus, deveriam também impor-nos exigências, em termos de retidão moral, de fixidez de propósito, de pureza de motivos, de altruísmo de desígnio. Se essas “exigências” existirem em nossa vida, então as nossas orações serão divinamente respondidas.<sup>398</sup>

O Espírito Emmanuel analisa o pedido e a resposta dada por Jesus na mensagem que se segue, tendo como referência a citação do evangelista *Mateus*.

#### **Pedir**<sup>399</sup>

*Jesus, porém, respondendo, disse: – Não sabeis o que pedis (Mateus, 20:22).*

A maioria dos crentes dirige-se às casas de oração, no propósito de pedir alguma coisa.

Raros os que aí comparecem, na verdadeira atitude dos filhos de Deus, interessados nos sublimes desejos do Senhor, quanto à melhoria de conhecimentos, à renovação de valores íntimos, ao aproveitamento espiritual das oportunidades recebidas de Mais Alto.

A rigor, os homens deviam reconhecer nos templos o lugar sagrado do Altíssimo, onde deveriam aprender a fraternidade, o amor, a cooperação no seu programa divino. Quase todos, porém, preferem o ato de insistir, de teimar, de se imporem ao paternal carinho de Deus, no sentido de lhe subornarem o Poder Infinito. Pedinchões inveterados, abandonam, na maior parte das vezes, o traçado reto de suas vidas, em virtude da rebeldia suprema nas relações com o Pai. Tanto reclamam, que lhes é concedida a experiência desejada.

Sobrevêm desastres. Surgem as dores. Em seguida, aparece o tédio, que é sempre filho da incompreensão dos nossos deveres.

Provocamos certas dádivas no caminho, adiantamo-nos na solicitação da herança que nos cabe, exigindo prematuras concessões do Pai, à maneira do filho pródigo, mas o desencanto constitui-se em veneno da imprevidência e da irresponsabilidade.

O tédio representará sempre o fruto amargo da precipitação de quantos se atiram a patrimônios que lhes não competem.

Tenhamos, pois, cuidado em pedir, porque, acima de tudo, devemos solicitar a compreensão da vontade de Jesus a nosso respeito.

### 25.3 OS CHEFES DEVEM SERVIR (MC 10:41-45)<sup>400</sup>

<sup>41</sup>Ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João.

<sup>42</sup>Chamando-os, Jesus lhes disse: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. <sup>43</sup>Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser grande, seja o vosso servidor, <sup>44</sup>e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. <sup>45</sup>Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”.

Em relação à temática destacada nesse trecho do Evangelho, assinamos que existem, basicamente, duas categorias de pessoas no mundo: a que se habitua a ser sempre servida e a que serve. A primeira mantém-se estacionada quanto ao próprio desenvolvimento espiritual, a segunda evolui e aprende que o verdadeiro líder serve a todos. É o que ensina Emmanuel na mensagem intitulada *quem serve, prossegue*, de onde extraímos este trecho:

A pessoa que se habitua a ser invariavelmente servida em todas as situações, não sabe agir sozinha em situação alguma.

A criatura que serve pelo prazer de ser útil progride sempre e encontra mil recursos dentro de si mesma, na solução de todos os problemas.

A primeira cristaliza-se.

A segunda desenvolve-se.

[...]

Aprendiz do Evangelho que não improvisa a alegria de auxiliar os semelhantes permanece muito longe do verdadeiro discipulado, porquanto companheiro fiel da Boa-Nova está informado de que Jesus veio para servir, e desvela-se, a benefício de todos, até o fim da luta.

Se há mais alegria em dar que em receber, há mais felicidade em servir que em ser servido.

Quem serve, prossegue...<sup>401</sup>

Jesus prega e orienta em todas as oportunidades que todos os indivíduos, chefes ou subalternos, poderosos ou não, seguirão, um dia, a regra divina: servir. E servir com dedicação e sinceridade, sem interesses secundários da obtenção de vantagens transitórias. O cristão sincero é, acima de tudo, um servidor fiel, que age por amor ao próximo. Sintonizada com essas ideias,

Amélia Rodrigues orienta a grandiosidade da mudança que se opera no íntimo da pessoa que, conscientemente, assume o compromisso de servir, não de ser servido. É decisão madura que não surge por acaso nem se revela como fruto da precipitação, sobretudo se opção é servir em nome de Jesus Cristo:

A opção por Cristo é uma decisão de largo tempo, sem o entusiasmo da primeira hora, que passa e leva à desistência, sem reflexão muito demorada, que perde a oportunidade.

Há um momento de escolha, de decisão.

Tomada a resolução, é indispensável abraçar a cruz, não olhar para trás e seguir.

Toda opção conduz ao contributo de esforços.

Mesmo as estradas aplainadas, apenas são vencidas pelos candidatos que se movimentam, buscando vencer as distâncias.

As decisões morais superiores, não raro, atraem flagelos para o corpo, a emoção, a alma...

Escolher Jesus e renunciar ao mundo permanece um grande desafio para quem esteja saturado das ilusões e das mentiras, não para aquele que sonha e chafurda nos prazeres.<sup>402</sup>

## 25.4 O CEGO À SAÍDA DE JERICÓ (MC 10:46-52)<sup>403</sup>

<sup>46</sup>Chegaram a Jericó. Ao sair de Jericó com os seus discípulos e grande multidão, estava sentada à beira do caminho, mendigando, o cego Bartimeu, filho de Timeu.

<sup>47</sup>Quando percebeu que era Jesus, o Nazareno, que passava, começou a gritar: “Filho de Davi, Jesus, tem compaixão de mim!” <sup>48</sup>E muitos, o repreendiam para que se calasse. Ele, porém, gritava mais ainda: “Filho de Davi, tem compaixão de mim!” <sup>49</sup>Detendo-se, Jesus disse: “Chamai-o!” Chamaram o cego, dizendo-lhe: “Coragem! Ele te chama. levanta-te”. <sup>50</sup>Deixando a sua capa, levantando-se e foi até Jesus. <sup>51</sup>Então Jesus lhe disse: “Que queres que Eu te faça?” O cego respondeu: “*Rabbuni!* Que eu possa ver novamente!” <sup>52</sup>Jesus lhe disse: “Vai, a tua fé te salvou”. No mesmo instante ele recuperou a vista e seguia-o no caminho.

O texto evangélico descreve a história de um cego, Bartimeu, que, impossibilitado de realizar atividades que lhe garantiriam o próprio sustento, vivia de mendicância, à beira de uma estrada movimentada, em Jericó: “[...] Para o judaísmo, ajudar essas pessoas era uma boa obra. Jericó era uma cidade próspera, com bom clima, e o filho de Timeu sem dúvida recebia a ajuda de que precisava ali. “Bartimeu” significa “filho de Timeu” (*bar* é o termo aramaico para *filho*). [...]”<sup>404</sup>

Amélia Rodrigues informa que havia uma conexão entre o cego Bartimeu e Zaqueu, o chefe dos cobradores de impostos: ambos viviam na mesma cidade, cada um trazia, em si, um tipo de cegueira e eram objeto de



desprezo pelos poderosos, religiosos e administradores. O cego Bartimeu por que vivia em permanente estado de miserabilidade, Zaqueu pelo ofício que exercia na sociedade. Os dois, porém, foram profunda e irremediavelmente tocados pelo amor de Cristo, que lhes concedeu a legítima capacidade de ver.

Bartimeu, o cego, vivia em Jericó desde quando Zaqueu se recordava.

Com a escudela miserável, mendigava pelas ruas e pelas estradas.

Na Alfandega, com frequência, Zaqueu o socorria. Gostava de atender a miséria, amenizar a dor, ele que sabia o travo da soledade. Esses os sofrendores, não lhe denegavam a moeda amiga, que os puritanos e zelosos da Lei recusavam ofertar, guardando o semblante de falsa pureza a expressão constante de asco...

Bartimeu, cego e desprezado, tinha algo em comum com ele, Zaqueu: a soledade em que caminhavam ambos, no meio do povo.<sup>405</sup>

A cegueira de Bartimeu estava refletida na indumentária física, em decorrência da lei de causa e efeito. Zaqueu trazia a cegueira espiritual, manifestada no íntimo da sua alma. Ambos sofriam profundamente, mas por se acharem favoráveis ao esforço de renovação íntima foram curados pelo Cristo. A pergunta que nos deve fazer refletir é: quantos de nós permanecemos cegos aos apelos que a vida faz de melhoria íntima? Ou, até quando manteremos a situação de apelarmos ao Messias Divino, sem evidenciarmos a intenção ou ação efetiva de renovação espiritual? Nessa situação, nos assemelhamos aos cegos que não querem ver, como esclarece Amélia Rodrigues:

Bartimeu é símbolo dos cegos espiritualmente, em todos os tempos.

Jericó é ainda o mundo moderno.

Pede-lhe que cure e recusa-se a saúde que Ele oferece.

Anela-se pela sua presença. Enquanto Ele é repellido pela astúcia e ambição humana.

Buscando a paz que Ele representa, os homens fomentam a guerra em que se consomem.

São os mesmos cegos espirituais que têm Jesus e, porque sem fé, não o buscam, ou, quando Ele chega rejeitam-no.

Essa é a cegueira maior e pior, porque da alma rebelde, ingrata e insatisfeita.<sup>406</sup>

A pergunta de Jesus endereçada ao cego de Jericó é bastante expressiva, ecoa ao longo dos séculos e permanece atualmente: “Que queres que eu faça?” Indagação que Emmanuel analisa com sabedoria na seguinte mensagem:

#### **Em nossa marcha<sup>407</sup>**

*Perguntou-lhe Jesus: - Que queres que eu faça? (Marcos, 10:51)*

Cada aprendiz em sua lição.

Cada trabalhador na tarefa que lhe foi cometida.

Cada vaso em sua utilidade.

Cada lutador com a prova necessária.

Assim, cada um de nós tem o testemunho individual no caminho da vida.

Por vezes, falhamos aos compromissos assumidos e nos endividamos infinitamente. No serviço reparador, todavia, clamamos pela misericórdia do Senhor, rogando-lhe compaixão e socorro.

A pergunta endereçada pelo Mestre ao cego de Jericó é, porém, bastante expressiva.

“Que queres que eu faça?”

A indagação deixa perceber que a posição melindrosa do interessado se ajustava aos imperativos da Lei.

Nada ocorre à revelia dos Divinos Desígnios.

Bartimeu, o cego, soube responder, solicitando visão. Entretanto, quanta gente roga acesso à presença do Salvador e, quando por Ele interpelada, responde em prejuízo próprio?

Lembre-mos de que, por vezes, perdemos a casa terrestre a fim de aprendermos o caminho da casa celeste; em muitas ocasiões, somos abandonados pelos mais agradáveis laços humanos, de maneira a retornarmos aos vínculos divinos; há épocas em que as feridas do corpo são chamadas a curar as chagas da alma, e situações em que a paralisia ensina a preciosidade do movimento.

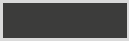
É natural peçamos o auxílio do Mestre em nossas dificuldades e dissabores; entretantes, não nos esqueçamos de trabalhar pelo bem, nas mais afletivas passagens da retificação e da ascensão, convictos de que nos encontramos invariavelmente na mais justa e proveitosa oportunidade de trabalho que merecemos, e que talvez não saibamos, de pronto, escolher outra melhor.

Observação: Para estudo comparativo entre texto *Marcos*, objeto do estudo atual, e o semelhante, mas de *Mateus*, recomendamos ao leitor a leitura do tema 50, do livro II do programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*.

## REFERÊNCIAS

- 390 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 10:32-34, p. 1.775.
- 391 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Lucas, 18:34, p. 1.822.
- 392 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Marcos: a terceira predição da paixão, p. 1.119.

- 393 KEENER, Craig F. *Comentário histórico-cultural da bíblia. V. Novo Testamento.* Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 10:32-34, p. 176-177.
- 394 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo.* Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 1989. cap. 9, p. 60.
- 395 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 69, p. 151.
- 396 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 10:35-40, p. 1.775.
- 397 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova.* Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 4, p. 30-31.
- 398 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos.* Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 10:36, p. 878.
- 399 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 65.
- 400 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 10:41-43, p. 1.775.
- 401 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 82, p. 179-180.
- 402 FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelos caminhos de Jesus.* Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 7, p. 53-54.
- 403 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 10:46-52, p. 1.775.
- 404 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia. V. Novo Testamento.* Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 10:46, p. 178.
- 405 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino.* Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 15, p. 162-163.
- 406 \_\_\_\_\_. *Pelos caminhos de Jesus.* Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 11, p. 79.
- 407 XAVIER, Francisco Cândido. *Fonte viva.* Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 16. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 89, p. 195-196.



## PARTE IV

### **O Ministério de Jesus em Jerusalém**

# ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM (MC 11:1-11) QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS (MC 27-33)

Na *Bíblia de Jerusalém*, o capítulo 11 do *Evangelho segundo Marcos* apresenta uma ordem sequencial caracterizada por cinco itens: 1) Entrada messiânica em Jerusalém. 2) A figueira estéril. 3) Os vendedores expulsos do Templo. 4) A figueira seca e Fé e oração. 5) Questão dos judeus sobre a autoridade de Jesus. Entretanto, com o intuito de facilitar o nosso estudo, optamos por não seguir essa sequência, mas, sim, agruparmos ideias afins. Dessa forma, analisaremos no tema atual, os itens um e cinco, respectivamente. No próximo tema, o 27, estudaremos os itens 2) A figueira estéril. 3) Os vendedores expulsos do Templo. 4) A figueira seca e Fé e oração

## 26.1 ENTRADA MESSIÂNICA EM JERUSALÉM (MC 11:1-11)<sup>408</sup>

<sup>1</sup>Ao se aproximarem de Jerusalém, diante de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras, enviou dois dos seus discípulos. <sup>2</sup>dizendo-lhes: “Ide ao povoado que está à vossa frente. Entrando nele, encontrareis imediatamente um jumentinho amarrado, que ninguém montou ainda. Soltai-o e trazei-o. <sup>3</sup>E se alguém vos disser, ‘Por que fazei isso?’, dizei: ‘O Senhor precisa dele, e logo o mandará de volta’” <sup>4</sup>Foram, e acharam um jumentinho amarrado na rua junto a uma porta, e o soltaram. <sup>5</sup>Alguns dos que ali se encontravam disseram: “Por que soltais o jumentinho?” <sup>6</sup>Responderam como Jesus havia dito, e eles os deixaram partir. <sup>7</sup>Levaram a Jesus o jumentinho, sobre o qual puseram suas vestes. E Ele o montou. <sup>8</sup>Muitos estenderam suas vestes pelo caminho, outros puseram ramos que haviam apanhado nos campos. <sup>9</sup>Os que iam à frente dele e os que o seguiam clamavam: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!” <sup>10</sup>Bendito o Reino que vem, do nosso pai Davi! Hosana no mais

alto dos céus!”<sup>11</sup> Entrou no Templo, em Jerusalém e, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os Doze.

Tal passagem do *Evangelho de Marcos* traz à nossa reflexão o cumprimento de uma das profecias do Antigo Testamento, com previsão para acontecer em Jerusalém, cujas consequências definiriam, para sempre, as diretrizes da vida na comunidade planetária, sobretudo no aspecto religioso e moral. Antes, porém, de analisarmos algumas ideias do texto evangélico, apresentamos algumas informações a respeito de Jerusalém e das outras duas cidades citadas:

- » Jerusalém “(no hebraico é *Y<sup>e</sup>rûshalem*, “lugar de paz”, “cidade de paz”) – nome da cidade sagrada, a bem conhecida capital de Judá, da Judeia, da Palestina e dos judeus espalhados por todo o mundo. [...]”<sup>409</sup>

[Jerusalém] é uma das cidades mais famosas do mundo. Data do segundo milênio a.C., no mínimo; e atualmente é considerada sagrada pelos aderentes das três grandes fés monoteístas: o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. A cidade está estabelecida bem alto, nas colinas de Judá, a mais de 48 km do Mediterrâneo, e mais de 32 km do extremo norte do mar morto. Repousa sobre um platô não muito plano, que se inclina notavelmente para o sueste. A leste fica o monte das Oliveiras. [...]”<sup>410</sup>

- » Betfagé: esta palavra origina-se do aramaico, “figos verdes”; no hebraico e grego, “casa dos figos verdes” é o nome de uma aldeia que fica perto de Betânia, na estrada que vai de Jericó a Jerusalém.<sup>411</sup>
- » Betânia: significa, em hebraico, “casa das tâmaras”; e no Talmude representa “casa das tâmaras verdes”.<sup>412</sup> Betânia, que atualmente é habitada por cerca de 17.000 pessoas, é um vilarejo, situado no outro lado do monte das oliveiras. Fica a

[...] cerca de 15 estágios de Jerusalém, na estrada para Jericó. É pela primeira vez mencionada nos Evangelhos, especialmente como terra dos amigos amados por Jesus, Maria, Marta e Lázaro [...]. Seu papel central na história evangélica é que foi o local da unção de Jesus (Mc 14:3-9). Fora dos evangélicos ela figura com frequência nos itinerários, tradições e lendas cristãos.<sup>413</sup>

A entrada de Jesus em Jerusalém foi marcada por acontecimentos nos quais destacam-se não só aspectos das previsões proféticas relacionadas à própria história do povo de Israel, mas também as preleções que Ele sempre fazia alusão, direta ou indiretamente, quanto aos registros do Antigo Testamento ou das tradições dos judeus. Era comum também o Senhor proferir esta frase: “Não vim destruir a Lei e nem os Profetas, mas dar-lhes cumprimento”. Com base nessas considerações, Jesus preparou uma entrada solene em Jerusalém, indicando que cumpria a seguinte profecia de *Zacarias*, 9:9 e 10:

Exulta muito filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho filho de jumenta. Ele eliminará os carros de Efraim e os cavalos de Jerusalém; o arco de guerra será eliminado. Ele anunciará paz às nações. O seu domínio irá de mar a mar e do Rio às extremidades da terra.<sup>414</sup>

A visão e a localização do jumento por Jesus, são interpretadas por Allan Kardec em *A gênese* como um fenômeno de dupla vista,<sup>415</sup> também conhecida como segunda vista, assim explicado em *O livro dos espíritos*: “[...] A segunda vista é a vista da alma”.<sup>416</sup> Nos primórdios do Espiritismo, acreditava-se que a dupla vista estava diretamente relacionada ao estado de sonambulismo. Mais tarde verificou-se que nem sempre assim acontece, pois há indivíduos que podem afastar-se naturalmente do corpo físico, ver acontecimentos, pessoas, coisas etc., mas cuja percepção não indica transe nem reflete qualquer alteração no corpo físico. Na situação de Jesus, a dupla vista era naturalmente completa e usual, em razão da superioridade do seu Espírito. Eis o que afirma o Codificador do Espiritismo em *Obras póstumas*:

[...] Ora, nem sempre o estado sonambúlico é condição indispensável a essa manifestação. As faculdades que se revelam nesse estado desenvolvem-se algumas vezes espontaneamente, no estado normal, em certos indivíduos. Resulta-lhes daí a faculdade de verem além do limite dos sentidos; de perceberem as coisas ausentes, por onde quer que a alma estenda a sua ação; veem, se nos podemos servir desta expressão, através da vista ordinária, apresentando-se os quadros que descrevem e os fatos que narram como efeitos de uma miragem. É o fenômeno a que se dá o nome de segunda vista. No sonambulismo, a clarividência resulta da mesma causa; a diferença está em que, nesse estado, ela é isolada, independe da vista corporal, ao passo que é simultânea nos que são dotados dessa faculdade em estado de vigília. [...]<sup>417</sup>

Por meio da visão a distância, Jesus orientou os apóstolos sobre o local onde estaria o animal, do qual se serviria para a sua entrada messiânica em Jerusalém. As cenas que se seguiram, relatadas no texto de *Marcos*, mostram não só o cumprimento da profecia de *Zacarias*, mas revelam também que, naquele momento, o povo reconheceu Jesus como o Messias aguardado e, ao acompanhá-lo pelas ruas da cidade até o Templo de Jerusalém, clamava: “Hosana! Bendito O que vem em nome do Senhor! Bendito o Reino que vem, do nosso pai Davi! *Hosana* no mais alto dos céus!” (Mc 11:10-11). De outra forma, sabemos que Jesus, por três vezes, já havia anunciado aos discípulos os dolorosos sofrimentos que Ele, em especial, iria se submeter na cidade de Jerusalém. Sofrimentos esses, conhecidos na História como a Paixão do Cristo.

Parece-nos válido destacar alguns aspectos relacionados ao clima social, político e religioso que pairava no ar naquele momento específico de festividades para a comemoração da Páscoa judaica:

Aproximava-se a Páscoa no ano 33. [...] Peregrinos incontáveis, de todas as regiões da província, dirigiam-se para Jerusalém, a participar dos grandes festejos, oferecendo, simultaneamente, os tributos de sua fé, no suntuoso templo. A nobreza indígena também se fazia notar ali, em tais circunstâncias, através de seus elementos mais representativos. Todos os partidos políticos se arregimentavam para os serviços extraordinários das solenidades que reuniam as maiores massas do Judaísmo, encaminhando-se para lá os homens mais importantes do tempo. As autoridades romanas, por sua vez, concentravam-se, igualmente, em Jerusalém, na mesma ocasião, reunindo-se na cidade quase todos os centuriões e legionários, de destacados a serviço do Império, nas paragens mais remotas da província.

[...]

As vésperas da Páscoa chegaram com a volumosa preamar de peregrinos de todas as classes e de todas as localidades provinciais. Interessante observar-se, naqueles blocos heterogêneos de povo, os hábitos mais díspares entre si.

Caravanas sem conto, revelando os mais esquisitos costumes, atravessavam as portas da cidade, patrulhadas por numerosos soldados pretorianos.<sup>418</sup>

Jesus entrou no Templo de Jerusalém, observou tudo e todos, e, como já era tarde, saiu para Betânia com os Doze. Desse momento em diante seriam desencadeadas uma série de acontecimentos que O conduziria à crucificação. Contudo o Mestre daria a Sua última mensagem de amor e esperança na Ressurreição.

As impressões da chegada do Messias em Jerusalém estão relatadas no diálogo entre Ana, a serva da família Lentulus e Lívia, esposa do Senador Publius Lentulus, no romance histórico *Há dois mil anos*, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier:

E ao passo que o senador fazia comparações de ordem econômica, social e política, observando as massas de povo que afluíam às ruas movimentadas, vamos encontrar Lívia em palestra íntima com a serva de sua amizade e confiança.

— Sabeis, senhora, que também o Messias chegou ontem à cidade? — exclamava Ana com um raio de alegria nos grandes olhos.

— Verdade? — perguntou Lívia surpresa.

— Sim, desde ontem, chegou Jesus a Jerusalém, saudado por grandes manifestações populares. A ressurreição de Lázaro, em Betânia, confirmou suas divinas virtudes de Filho de Deus, entre os homens mais descrentes desta cidade, e acabo de saber que sua chegada foi objeto de imensas alegrias da parte do povo. Todas as janelas se enfeitaram de flores para a sua passagem



triumfal, as crianças espalharam palmas verdes e perfumadas no caminho, em homenagem a Ele e aos seus discípulos!... Muita gente acompanhou o Mestre desde as margens do lago de Genesaré, seguindo-o até aqui, através de todas as localidades.<sup>419</sup>

Destacamos que os versículos 9 e 10 registram a palavra usada para saudar Jesus quando Ele entrou em Jerusalém, montado em um jumentinho: “Hosana! Bendito O que vem em nome do Senhor! Bendito o Reino que vem, do nosso pai Davi! Hosana no mais alto dos céus!” (Mc 11:9-10).

Essa palavra [hosana] portuguesa passou pelo grego, derivado do hebraico *hoshá'na*. *Hosha* significa “salvar”; *na* significa “rogar”, “orar”. Portanto, temos aí uma exclamação ou invocação, dirigida a Deus: “Ó, salva-nos, ou então: “Ó, salva agora”.

Seria um pedido de assistência divina. Encontra-se em *Salmos*, 118:25. Posteriormente, porém, veio a tornar-se uma jubilosa exclamação, cujo intuito é louvar a Deus. Em *Marcos*, 11:9,10 e seus paralelos em *Lucas* e *Mateus*, é uma exclamação é usada dessa maneira. Talvez pudéssemos dizer que o povo de Israel desejava que o Filho de Davi fosse preservado e se firmasse em sua missão. Mais provavelmente ainda, seria uma exclamação de júbilo, acolhimento e honra, sem qualquer alusão ao sentido original. Ver *Jeremias*, 31:7, quanto a esse uso posterior.

Essa exclamação fazia parte da festa dos Tabernáculos. O sétimo dia dessa festa veio a ser conhecido como o Grande Hosana, ou Dia de Hosana. O povo levava palmas, murta etc. [...]

Para os cristãos, essas palavras são melhor conhecidas por causa de sua associação com a entrada triunfal de Cristo em Jerusalém. [...]<sup>420</sup>

## 26.2 QUESTÃO DOS JUDEUS SOBRE A AUTORIDADE DE JESUS (MC 11:27-33)<sup>421</sup>

<sup>27</sup>Foram de novo a Jerusalém, e enquanto Ele circulava no Templo, aproximaram-se os chefes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos, <sup>28</sup>e lhe perguntavam: “Com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem te concedeu esta autoridade para fazê-las?” <sup>29</sup>Jesus respondeu: “Eu vos proporei uma só questão. Respondei-me, e eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. <sup>30</sup>O batismo de João era do Céu ou dos homens? respondi-me”. <sup>31</sup>Eles arrazoavam uns com os outros, dizendo: “Se respondermos ‘Do Céu’, ele dirá: ‘Por que então não crestes nele?’ Mas se respondermos ‘Dos homens?’” <sup>32</sup>Temiam a multidão, pois todos pensavam que João era de fato profeta, <sup>33</sup>Diante disso, responderam a Jesus: “Não sabemos”. Jesus então lhes disse: “Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas”.

Encontramos essa passagem registrada também por *Mateus*, 21:23-27 e *Lucas* 20:1-8. Em *João*, 2:18 encontramos algum paralelo com os registros

dos sinópticos. De qualquer forma, trazem à reflexão mais uma profecia, anunciada por *Zacarias*, 14:21, que faz referência ao esplendor, à queda e à ascensão de Jerusalém na construção da unidade do Reino de Deus, com a ampliação do monoteísmo, característica que marcou a era messiânica.

Com a esclarecedora mensagem transmitida nos versículos 27 ao 33, do capítulo 11 do *Evangelho de Marcos*, acredita-se, que o Templo de Jerusalém foi purificado, naquele momento, pela augusta e enérgica presença de Jesus. Na verdade, a autoridade moral do Cristo teria abalado a ordem vigente, atingindo diretamente os chefes dos sacerdotes, os escribas e membros do colégio dos anciãos que compunham os níveis hierárquicos da organização religiosa de Israel. Russell Norman Champlin cometa a respeito:

Conforme são designados aqui, provavelmente os “anciãos” eram os “demais membros do Sinédrio”, além dos “principais sacerdotes e escribas”, que são especificamente mencionados como os cabeças do grupo que se opunha a Jesus. O termo *ancião* era usado com frequência para designar qualquer membro do Sinédrio, ou líder de qualquer tipo de hierarquia eclesiástica. (Ver Mc 14:51 e 15:1, onde os anciãos figuram como membros do Sinédrio).<sup>422</sup>

Champlin prossegue em sua análise ao destacar qual era a real intenção daqueles membros da hierarquia religiosa do Judaísmo: “Eles vieram afrontar a Jesus, fazendo-o “parar” de qualquer demonstração de poder ou ação, que aumentasse seu favor diante do povo.[...]”<sup>423</sup> Ora, a resposta de Jesus, manifestada na forma de diálogo deixa-os tão confusos que, para não ceder terreno e demonstrar que estavam equivocados, preferiram dizer: “Não sabemos” (Mc 11:33) .

A resposta transmitida pelos membros do clero a Jesus representa, sem dúvidas, uma forma deles se safarem da resposta verdadeira, mas, efetivamente, revela o quanto eles desconheciam a Lei de Deus, intencionalmente ou não, a fim de atender aos imperativos da vida material. Ao mesmo tempo, o “não sabemos” indica também outro ponto: “Marcos lançou mão desse incidente para dar a entender que a autoridade de Jesus vinha diretamente de Deus, tal como a autoridade investida em João; e deixou de lado, por assim dizer, as formas eclesiásticas da época, já que essas tinham apostatado nos pontos principais da antiga revelação divina. [...]”<sup>424</sup>

Allan Kardec discorre sobre a autoridade, palavras e atos de Jesus ao nos lembrar quais eram as razões da Sua passagem entre nós:

Jesus não veio destruir a Lei, isto é, a Lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento

dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, Ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical, do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e acrescentando: “aí estão toda a lei e os profetas”.<sup>425</sup>

Habilidoso no diálogo e no debate, Jesus utilizava métodos rabínicos que confundiam até os mais argutos. Incomodados, os opositores se perdiam em seus preconceitos e não admitiam que lhes apontassem os equívocos. Mas Jesus, e somente Jesus, detinha a autoridade moral para lhes mostrar a vida de hipocrisia em que viviam. A questão básica não era o batismo realizado por João. O assunto foi trazido à tona como poder de argumentação, para fazer os membros do clero refletirem sobre os verdadeiros compromissos que eles deveriam assumir perante Deus e o povo. Assevera Caibar Schutel a respeito:

A autoridade de Jesus era, de fato, a autoridade de quem possui a Verdade e rege-se pelos ditames da Verdade. O Mestre não se limitava a dizer que tinha autoridade e que essa autoridade Ele a havia recebido de Deus. A sua palavra doutrinária, as suas ações edificantes eram o melhor testemunho da sua autoridade, que o povo, em geral, não deixou de reconhecer, pois, como se viu noutro capítulo, o Senhor efetuou com a maior facilidade o expurgo do templo, coisa que os principais sacerdotes, os fariseus e os escribas não puderam fazer. A verdadeira autoridade é a autoridade moral, por que é a única que merece a sanção divina, e, portanto, o auxílio dos Mensageiros de Deus.<sup>426</sup>

## REFERÊNCIAS

- 408 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva, Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos: 11:1-11, p. 1.775-1.776.
- 409 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005.
- 410 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete Jerusalém, p. 667.
- 411 \_\_\_\_\_. Id.
- 412 \_\_\_\_\_. Verbete Batânia, p. 179.
- 413 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbete Betânia, p. 162.

- 414 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. *Zacarias*, 9:9-10, p. 1.675-1.676.
- 415 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 15, it. 5, p. 266.
- 416 \_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 447, p. 221.
- 417 \_\_\_\_\_. *Obras póstumas*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 4. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 1, it. A segunda vista – conhecimento do futuro – previsões, p. 91.
- 418 XAVIER Francisco Cândido. *Há dois mil anos*. Pelo Espírito Emmanuel. 49. ed. 18. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 1, cap. 8.
- 419 \_\_\_\_\_. p. 105.
- 420 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin. Ampliado e atualizado*. São Paulo: Hagnos, 2018. Verbete Hosana, p. 756.
- 421 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos: 11:27-33, p. 1.776 e 1.777.
- 422 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo*: Mateus/Marcos. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 11:27, p. 889.
- 423 \_\_\_\_\_. Id.
- 424 \_\_\_\_\_. it. 11:28, p. 889.
- 425 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 1, it. 3, p. 38.
- 426 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. cap. 34, p. 190-191.

# A FIGUEIRA ESTÉRIL (MC 11:12-14) A FIGUEIRA SECA FÉ E ORAÇÃO (MC 11:20-25) OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO (MC 15-19)

Os três assuntos que caracterizam esse tema 28 são recorrentes nos evangelhos sinópticos, de *Mateus*, *Marcos* e *Lucas*, sendo, inclusive, estudados no tema 51, Livro II (*Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*), deste programa O Evangelho Redivivo. O *evangelho segundo João*, registra apenas o subitem os *vendedores expulsos do Templo*. Vemos, assim, que é importante estudarmos, no momento apropriado, os registros de cada escritor das escrituras sagradas para melhor compreendermos o pensamento de cada um.

- » Observação: Reproduzimos aqui o lembrete inserido no tema anterior, o 27: não estamos seguindo a sequência de assuntos que constam da *Bíblia de Jerusalém* em relação ao capítulo 11 de *O evangelho segundo Marcos*: optamos por agrupar assuntos similares para facilitar o estudo.

## 27.1 A FIGUEIRA ESTÉRIL (MC 11:12-14). A FIGUEIRA SECA, FÉ E A ORAÇÃO (MC 11:20-25)

<sup>12</sup>No dia seguinte, quando saíam de Betânia, teve fome. <sup>13</sup>Ao ver, a distância, uma figueira coberta de folhagem, foi ver se acharia algum fruto. Mas nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos. <sup>14</sup>Dirigindo-se à árvore, disse: “Ninguém jamais coma do teu fruto”. E os seus discípulos o ouviram. [...] <sup>427</sup>

<sup>20</sup>Passando por ali de manhã, viram a figueira seca até as raízes. <sup>21</sup>Pedro se lembrou e disse-lhe: “Rabi, olha a figueira que amaldiçoaste: secou”. <sup>22</sup>Jesus respondeu-lhe:

“Tende fé em Deus. <sup>23</sup>Em verdade vos digo, se alguém disser a esta montanha: Ergue-te e lança-te ao mar, e não duvidar no coração, mas crer que o que diz se realiza, assim acontecerá. <sup>24</sup>Por isso vos digo: tudo quanto suplicardes e pedirdes, crede que recebestes, e assim será para vós. <sup>25</sup>E quando estiverdes orando, se tiverdes alguma coisa contra alguém, perdoai-lhes, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas”<sup>428</sup>

A interpretação literal dos dois registros do Evangelho, A figueira estéril e a figueira seca, tem sido motivo de análise crítica entre estudiosos dos tempos atuais que, não querem admitir que sendo Jesus a personificação do Amor, teria destruído uma árvore devido a impossibilidade dela produzir frutos. É preciso, pois, resgatar o ensinamento espiritual encoberto pelo véu do simbolismo, o que significa dizer que falar do bem ou ensinar a respeito nem sempre se traduz como uma vivência. “A verdade central da alegoria acima é a seguinte: ninguém deve, inutilmente, ocupar lugar na sociedade. Estamos na Terra, como as árvores, para produzir frutos. Em tal importa o motivo da nossa encarnação”<sup>429</sup> ensina Vinícius (Pedro Camargo), que complementa:

Cada indivíduo é uma célula do grande organismo chamado Humanidade; portanto, mister se faz que ele, semelhantemente às células do nosso corpo, desempenhe sua função. O parasitismo consiste em consumir, sem produzir. Todos consomem: todos têm obrigação de produzir. Aquele que foge ao cumprimento desse dever é indigno da coletividade de que faz parte.

[...]

O fruto, portanto, que o homem deve apresentar é a melhoria própria, é o aperfeiçoamento do seu caráter, é o desenvolvimento de todos os atributos e faculdades de seu Espírito, de modo que, ao sair deste orbe, se mostre aos olhos de sua consciência — esse juiz impoluto —, melhor do que quando para aqui veio.<sup>430</sup>

Tais ideias estão fundamentadas nas seguintes ponderações de Allan Kardec:

A figueira que secou é o símbolo das pessoas que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada produzem de bom; dos oradores, que têm mais brilho do que solidez; suas palavras trazem o verniz superficial, de modo que agradam aos ouvidos, sem, no entanto, revelarem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. Depois de proferidas, é de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas vazios, todas as doutrinas sem base sólida. O que falta na maioria das vezes é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, numa palavra, a fé que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, mas carentes de frutos. É por isso que Jesus as condena à esterilidade, porque dia virá em que se acharão secas até a raiz. Significa dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não houverem produzido nenhum bem para a

Humanidade, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.<sup>431</sup>

Após o retorno de Betânia, no dia seguinte, *Marcos*, 11:20-25 relata que os apóstolos constataram que a figueira secou, fato que mereceu de Simão Pedro este comentário: “Rabi, olha a figueira que amaldiçoaste: secou”. Jesus, no entanto, sempre focado na educação do Espírito imortal, pronuncia-se a respeito da fé, do uso da vontade na realização de coisas consideradas impossíveis. No primeiro momento, parece não haver conexão entre a fala de Pedro e a resposta dada pelo Mestre Nazareno. Mas, a verdade é bem outra quando se considera a implicação moral do acontecimento. Assim, na interpretação espírita do texto evangélico nos deparamos com duas ordens de ideias que devem merecer nossa atenção:

- 1º) A história da figueira nos traz a imagem de uma árvore de bela aparência e de farta folhagem, fato que transmite ao observador comum a expectativa de abundante produção de frutos. A verdade, porém, é que se tratava de uma árvore estéril. Da mesma forma, há pessoas que apresentam apenas a aparência do bem, mas que, essencialmente, não são boas. Por serem portadoras de significativo magnetismo pessoal e de grande poder de convencimento, conseguem envolver muitas pessoas em suas artimanhas, induzindo-as a executar sérios equívocos na vida. Indivíduos assim, aparentemente bons, são identificados como falsos profetas que, ao serem desmascarados, serão “secos até a raiz”.
- 2º) Ao revelar a esterilidade da figueira, sob véu do símbolo, Jesus demonstra o poder da sua prodigiosa vontade ao secá-la. Ao mesmo tempo, ensina aos discípulos que por intermédio da fé e da oração, associadas à capacidade de perdoar ofensas, o mal pode ser eliminado definitivamente da vida. Contudo, a primeira providência é saber identificar o mal.

A primeira grande lição transmitida pelo texto evangélico refere-se ao desenvolvimento da prudência, a fim de não sermos enganados pelas falsas aparências, comuns aos falsos profetas. Diante dos fatos da vida, mesmo nos corriqueiros, devemos aprender a ponderar com lucidez, analisando-se os “prós” e os “contras”, para fazer o uso correto do livre-arbítrio. Fazer escolhas sensatas, implica o desenvolvimento da capacidade de análise, avaliando-se o todo e as suas partes. Muitas vezes adotamos comportamentos equivocados porque não nos concedemos um tempo para reflexões. A figueira de bela aparência era, na essência estéril. Representava apenas a promessa de algo bom, mas que, na

realidade, jamais se concretizaria. Ora, se o bem não se concretiza é porque o mal está instalado no íntimo. Eis o que diz Cairbar Schutel:

A figueira não dava fruto porque sua organização celular era insuficiente ou deficiente, e Jesus, conhecendo o mal, quis dar uma lição a seus discípulos, não só para lhes ensinar a terem fé, mas também para lhes fazer ver que os homens e as instituições infrutíferas, como aquela árvore, sofreriam as mesmas consequências.

Pelo lado filosófico, realça da parábola a necessidade indispensável da prática das boas obras, não só pelas Instituições, como pelos homens. Um indivíduo, por mais bem vestido e mais rico que seja encaramujado no seu egoísmo, é semelhante a uma figueira, da qual, em nos aproximando, não vemos mais que folhas.

Uma instituição, ou uma associação religiosa, onde se faça questão de estatuto, de cultos, de dogmas, de mistérios, de ritos, de exterioridades, mas que não pratique a caridade, não exerça a misericórdia [...] não passa de uma “figueira enfolhada, mas sem frutos”.

O de que precisamos da árvore são os frutos. O de que precisamos da religião são as boas obras.<sup>432</sup>

A outra excelente lição revelada pelos ensinamentos de Jesus, expressos no texto de *Marcos*, é que, à semelhança da figueira estéril, o mal será destruído até as raízes, devido à sua existência transitória entre nós. Com a Lei do Progresso, o reinado do bem se estabelecerá na Terra. Para tanto, é preciso que nos empenhemos em exercitar o bem, sustentando-o por meio da vontade sólida e perseverantemente edificada. Nesse contexto, a interpretação espiritual do texto indica que não precisamos nos digladiar com as manifestações do mal nem com os seus emissários. A batalha é conosco mesmo, operada na intimidade do ser. Para a erradicação do mal, ainda existente na intimidade do ser, contamos com dois medicamentos poderosos, prescritos pelo Médico Divino: a fé e a oração, como ensina o Senhor: “Tende fé em Deus. Em verdade vos digo, se alguém disser a esta montanha: Ergue-te e lança-te ao mar, e não duvidar no coração, mas crer que o que diz se realiza, assim acontecerá. Por isso vos digo: tudo quanto suplicardes e pedirdes, crede que recebestes, e assim será para vós. [...]” (Mc 11:22-24).

Jesus prossegue em suas orientações iluminativas e sabiamente nos ensina que, mesmo tendo a fé e a oração como aliados, nem sempre é possível eliminarmos o mal que persiste em nosso coração. A prática do bem implica, também, perdoar as ofensas. Esta é a lição final que Ele nos transmite, assim registrada por *Marcos*: “E quando estiverdes orando, se tiverdes



alguma coisa contra alguém, perdoai-lhes, para que também o vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas” (Mc 11:25).

Emmanuel esclarece a respeito:

#### **Orar e Perdoar<sup>433</sup>**

*E quando estiverdes orando, perdoai... – JESUS (Marcos, 11:25).*

Como poderá alguém manter a própria consciência tranquila sem intenções sinceras?

De igual modo, poderemos indagar:

– Como sustentar o coração sereno durante a prece, sem análise real de si mesmo?

A oração, para surtir resultados essenciais de conforto, exige enfrentemos a consciência em todas as circunstâncias.

Intenções estranhas e sentimentos propositadamente viciados não se conciliam com o clima favorável à segurança de espírito.

A coexistência do mal e do bem no íntimo do ser impossibilita o estabelecimento da paz. Sentimentos odiosos e vindicativos impedem a floração da espiritualidade superior.

A Deus não se ilude.

E a oração exterioriza a nossa emoção real.

Dessa maneira, sem a luz da harmonia e do amor, não perceberemos a resposta celeste às nossas necessidades.

A Lei não se dobra às nossas fraquezas, porque a Vontade Divina não pode errar com a vontade humana, competindo-nos o dever de adaptarmo-nos aos Excelsos Desígnios.

Atenta, pois, para as diretrizes que imprimes às tuas preces, na certeza de que o perdão deve ter presença invariável em todos os nossos atos para que as nossas petições encontrem livre curso, na direção de Deus.

## **27.2 OS VENDEDORES EXPULSOS DO TEMPLO (MC 11:15-19)<sup>434</sup>**

<sup>15</sup>Chegaram a Jerusalém. E entraram no Templo, Ele começou a expulsar os vendedores e os compradores que lá estavam: virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, <sup>16</sup>e não permitia que ninguém carregasse objetos através do Templo. <sup>17</sup>E ensinava-lhes, dizendo: “Não está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* Vós, porém, fizestes dela *um covil de ladrões!*”. <sup>18</sup>Os chefes dos sacerdotes e os escribas ouviram isso e procuravam como fazê-lo perecer; eles o temiam, pois toda a multidão estava maravilhada com seu ensinamento. Ao entardecer, Ele se dirigiu para fora da cidade.

À entrada do Templo, Jesus presencia cenas deprimentes do comercialismo, fato que o conduz a tomar medidas enérgicas referentes a expulsão dos vendedores e compradores; de derrubar as mesas dos cambistas e as cadeiras dos vendedores de pombas que seriam utilizadas nos sacrifícios religiosos; e de impedir que qualquer objeto fosse conduzido para o interior do santuário religioso (Mc 11:15-6). Justifica as suas ações ao evocar o ensinamento do profeta Isaías: “Não está escrito: [...] *Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* (Is 56:7). Vós, porém, fizestes dela *um covil de ladrões!*” (Mc 11: 17).

O teólogo protestante Champlin justifica as ações de Jesus ao prestar estas ponderações:

O comercialismo busca vantagens pessoais. Quase toda atividade comercial é egoísta por natureza. Jesus ensinava que o templo deveria estar acima desse tipo de motivação, porquanto esse [o templo] era símbolo do princípio espiritual. O templo deveria ser o local onde o amor de Deus atinge os homens, e onde estes aprendem o altruísmo.<sup>435</sup>

Amélia Rodrigues destaca que as atividades comerciais à entrada do Templo refletiam a degradação que envolvia a religião judaica, alimentada pelas práticas e manifestações de cultos externos. A benfeitora fornece-nos visão panorâmica da realidade presenciada pelo Cristo:

Multiplicavam-se, então, a hediondez, o suborno de consciências, as intrigas palacianas e as traições de todo porte.

A busca do poder e da sobrevivência assumira papel preponderante no comportamento hebreu, e os indivíduos se haviam transformados em lobos que se devoravam reciprocamente, insaciáveis e cruéis.

A rapina e a desconfiança faziam parte do dia a dia de Jerusalém, que se orgulhava do templo majestoso, ora transformado em covil de raposas políticas e hienas astutas, sempre famélicas. Adorava-se ao Deus Único, enquanto se arquitetavam planos maquiavélicos em seu nome, sob a máscara da sordidez.

A pureza de sentimento que deve caracterizar o indivíduo de fé, cedera espaço para a hipocrisia religiosa, sem lugar para a verdadeira fraternidade, a irrestrita confiança em Deus.

Descaracterizava-se de tal forma a conduta, que todo exemplo de dedicação era tomado como postura falsa, e toda seriedade no cumprimento da Lei Antiga era tida como ilegítima. [...] <sup>436</sup>

Os mercadores expulsos do templo é acontecimento que demonstra ser preciso muita atenção quanto ao seu real significado. Chegando ao templo, Jesus presenciou um amplo, livre e imoral tráfico religioso, assinalado pelas

negociatas que ali aconteciam, contrariando frontalmente os preceitos da Lei de Amor. A reação do Cristo foi enérgica, mas não cruel, pois quem segue a Verdade Divina, é contra a mentira e a impostura, como nos lembra João Moutinho:

Importa admitir que, sendo Jesus a fonte inesgotável da bondade e do amor universal, dele não se devem admitir gestos que denunciem violência, ou que de sua boca proceda palavra torpe, ou ainda que seja visto evocando piedade diante da cruz.

Admitida por metáfora, é possível emprestar melhor compreensão à frase, por modificar o significado atribuído aos verbos “expulsar” e “derrubar”, e entender por que Jesus ter vencido o mundo, se foi crucificado (*João*, 16:3).<sup>437</sup>

A despeito do domínio romano e das diferentes etnias envolvidas em suas práticas religiosas, gentílicas ou não, “Jerusalém era uma cidade esplêndida, que ostentava o seu suntuoso templo no Monte Moriá. Tratava-se de uma edificação imponente, representando o orgulho da raça hebreia, que homenageava o Deus Único, o mais poderoso de todos os deuses, revelado pela profecia ancestral”.<sup>438</sup> Entretanto, o local de devoção ao Criador Supremo foi transformado em local de disputas de poder, de intrigas políticas, de negociatas impostas desde às simples manifestações de culto externos, reservadas ao povo, até as luxuosas vestimentas e aquisições para os seus sacerdotes e agentes da administração pública. Por ali transitavam diferentes representantes da sociedade da época em busca de interesses variados, menos de servir a Deus. Amélia Rodrigues, fala-nos um pouco mais a respeito:

Sacerdotes, levitas, fariseus, comerciantes, vendedores de todo tipo, cobradores de impostos, agiotas, religiosos, vadios e aventureiros misturavam-se ao alarido constante, discutindo-se câmbios, interesses chãos [frutos de interesse pessoal], negócios de alto preço, oferendas sagradas, em dialetos variados, que tornavam o ambiente, desde as suas portas externas até a sala de orações, um verdadeiro mercado de ambições humanas. Simultaneamente era considerado como a *entrada do paraíso*, por onde transitavam os zelosos fiéis que almejavam a convivência com Jehová.

[...]

Rico de aparência, o monumento vivia vazio de fé e repleto de orgulho vão daqueles que o frequentavam. Dentro e fora ostentava poder e glória, fortuna e vaidade, mas também intrigas infinitas, rudes disputas, afrontas e misérias numerosas, porque onde se encontram as criaturas, aí vicejam as suas paixões, particularmente se não são vigiadas pela observância do equilíbrio moral.<sup>439</sup>

**Meditemos a respeito!**

## REFERÊNCIAS

- 427 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos: 11:12-14, p. 1.776.
- 428 \_\_\_\_\_. Evangelho segundo Marcos, 11:20-25, p. 1.776.
- 429 VINÍCIUS (Pedro Camargo). *Nas pegadas do mestre*. 12. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. A Figueira Estéril, p. 79.
- 430 \_\_\_\_\_. p. 79 e 80.
- 431 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 19, it. 9, p. 254-255.
- 432 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão: O Clarim, 2016. cap. Parábola da Figueira estéril, p. 63.
- 433 XAVIER, Francisco Cândido. *Ideal espírita*. Por diversos Espíritos. 11. ed. Uberaba: CEC, 1991. cap. 90 (mensagem de Emmanuel), p. 213-214.
- 434 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos: 11:15-19, p. 1.776.
- 435 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 11:17, p. 886.
- 436 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. Prólogo, p. 7-8.
- 437 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 21, p. 91.
- 438 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 10, p. 69.
- 439 \_\_\_\_\_. p. 70.

# PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MC 12:1-17)

## 28.1 PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS (MC 12:1-12)<sup>440</sup>

<sup>1</sup>Começou a falar-lhes em parábolas: “Um homem plantou uma vinha, cercou-a de uma sebe, abriu um lagar, construiu uma torre. Depois disso, arrendou-a a alguns vinhateiros e partiu de viagem. <sup>2</sup>No tempo oportuno, enviou um servo aos vinhateiros para que recebesse uma parte dos frutos da vinha. <sup>3</sup>Eles, porém, o agarraram e espancaram, e mandaram-no de volta sem nada. <sup>4</sup>Enviou-lhes de novo outro servo. Mas bateram-lhe na cabeça e o insultaram. <sup>5</sup>Enviou ainda um outro, e a esse mataram. Depois mandou muitos outros. Bateram nuns, mataram os outros. <sup>6</sup>Restava-lhe ainda alguém: o filho amado. Enviou-o por último, dizendo: ‘Eles respeitarão meu filho’. <sup>7</sup>Aqueles vinhateiros, porém, disseram entre si: ‘Este é o herdeiro. Vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.’ <sup>8</sup>E agarrando-o, mataram-no e o lançaram fora da vinha. <sup>9</sup>Que fará o dono da vinha? Virá e destruirá os vinhateiros e dará a vinha a outros. <sup>10</sup>Não leste esta Escritura: *A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; <sup>11</sup>isso é obra do Senhor, e é maravilha aos nossos olhos?* <sup>12</sup>Procuravam prendê-lo, mas ficaram com medo da multidão, pois perceberam que ele contara a parábola a respeito deles. E deixando-o, foram embora.

Em termos históricos, o estudioso Craig Keener informa que a parábola de Jesus reflete o hábito que existia de os donos das terras contratarem arrendatários. Destaca que grande “[...] parte da área rural do Império Romano, incluindo regiões da Galileia, era controlada por agricultores ricos cujas terras eram cultivadas por arrendatários. Os proprietários tinham posição importante na sociedade, ao passo que os arrendatários desfrutavam de pouco prestígio social, a não ser, talvez, entre os seus pares.”<sup>441</sup>

Para melhor compreender a parábola dos vinhateiros homicidas é de fundamental importância ter alguma ideia do contexto histórico que

envolve os principais personagens citados: os donos das terras e os seus arrendatários. Tratava-se de um sistema muito organizado que caracterizava o arrendamento das terras, a forma de plantação das videiras e o pagamento aos proprietários, após a colheita das uvas. Entretanto, nem sempre se seguia corretamente o que fora estabelecido: havia abusos de ambas as partes. Keeler prossegue em suas informações:

Nas vinhas, diferentemente dos campos de cereais, era comum haver cercas para que os frutos fossem protegidos dos intrusos e dos animais. Segundo as reconstruções mais prováveis, a “cerca” era uma firme sebe feita de pedra, e o tanque era um poço para o qual afluía a polpa dos frutos quando os trabalhadores pisavam nas uvas recém-colhidas. O topo da torre era um posto de vigia para avistar intrusos [...].

O pagamento costumava ser feito no período da colheita e consistia, muitas vezes, em um quarto ou até a metade da produção (seria possível dizer, tecnicamente, que os proprietários da terra eram os donos de todo o produto até que os arrendatários pagassem o aluguel) [...].

Os antigos apreciavam a ideia de um dono de terras benevolente, mas sabiam também que ele sempre tinha o poder social e legal para impor sua vontade aos arrendatários; segundo relatos, alguns proprietários chegavam a contratar assassinos de aluguel para lidar com arrendatários problemáticos. Os líderes de Israel podiam, se desejassem, retirar de suas terras os agricultores contratados. Aqui [na parábola], os agricultores contratados agem como se fossem eles os detentores do poder, que exploram de maneira impiedosa e sem pensar nas consequências. O comportamento desses agricultores corresponde à atitude de Israel na tradição judaica, que martirizou grande parte dos profetas enviados por Deus à nação.<sup>442</sup>

Sabemos que todos os atos dos judeus estavam fundamentados nos preceitos da Lei de Moisés, de sorte que os detalhes da plantação de videiras, o tanque, a torre, etc., traziam uma representação simbólica. Assim, a vinha com sua cerca, torre e lagar – oficina onde estão os equipamentos para espremer as uvas – simbolizam o Sião [do hebraico *tzion/tsion* = cume, é fortaleza do que cerca Jerusalém], indicando Israel, com seu altar e santuário.<sup>443</sup> “O dono da vinha é Deus, a vinha é o seu povo, os arrendatários são os líderes de Israel [...], os servos são os profetas e o filho “amado” é Jesus. O filho é o último a ser enviado, e isso apenas deixa transparecer o viés escatologicamente culminante de todo o relato de Marcos.”<sup>4</sup>

A citação de Jesus, possivelmente de *Salmos*, 118:22-23, está também envolvido por uma simbologia da história e práticas do Judaísmo, assim registrada por *Marcos*, 12:10-12: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso é obra do Senhor, e é maravilha aos nossos

olhos?” Indica que “[...] a *pedra* era entendida também por como uma referência a Abraão, Jacó, José e Israel [...], e *construtores* é muitas vezes um termo aplicado a *estudiosos* ou *líderes religiosos* [...]”<sup>4</sup> Em outras palavras, hoje entendemos perfeitamente: Jesus se revelava como a pedra fundamental, e que lamentavelmente não foi compreendido pelos judeus. Eis o que nos diz Chapman, outro destacado estudioso dos textos sagrados:

Até mesmo agora a *grande estatura* de Cristo tem feito dele a cabeça da esquina, a pedra do alicerce. Ele é o grande Mestre. Ele é o Senhor espiritual sem rival. Ele encabeça nossas escolhas e nossos estados, embora o seu senhorio não seja oficialmente reconhecido. Todavia nada escapa ao seu poder, e todas as coisas são preservadas por sua vontade benigna. Aqueles que o rejeitam dividem a casa humana contra si mesmo. Algum dia, entretanto, Ele fará a unidade tornar-se fato, para que se coadune com a unidade ideal.

Na profecia a pedra original era *Israel* [= os hebreus]. Exilada e despedaçada, ainda assim foi restaurada, e ainda seria a cabeça da esquina na comunidade das nações. Cristo, porém, é o Pai de Israel, pelo que atravessou a mesma experiência. O salmo, pois, sem dúvida é *messiânico*. Provavelmente, esse salmo foi entoado por Israel ao retornar do exílio, e algum dia o Cristo rejeitado emergirá do seu exílio a fim de fazer avanço espiritual à terra inteira.<sup>444</sup>

Como assinala Cairbar Schutel, a parábola “[...] é a prova da inigualável presciência do Filho de Deus, assim como é a magistral sentença que se havia de cumprir no nosso século contra os “rendeiros infieis”, que têm devastado a nossa seara.”<sup>445</sup> E acrescenta estes outros esclarecimentos:

A seara é a Humanidade; o proprietário é Deus; a vinha que ele plantou é a religião; o lagar são os meios de purificação espiritual que Ele concede; a casa que edificou é o mundo, os *lavradores* que arrendaram a lavoura são os sacerdotes de todos os tempos, desde os antigos que sacrificavam o sangue dos animais, até os nossos contemporâneos.

Os primeiros servos que foram feridos, apedrejados e sacrificados são os profetas da Antiguidade, que passaram por duras provações: Elias, Eliseu, Daniel, que foi posto na cova dos leões; o próprio Moisés, que sofreu com os sacerdotes do Faraó e com os israelitas fanatizados que chegaram a fundir um bezerro de ouro para adorar, contra a Lei do Senhor; depois veio João Batista, que foi degolado; e depois outros servos, que passaram pelos mesmos sofrimentos dos primeiros – apóstolos e profetas como Estêvão, que foi lapidado; Paulo, Pedro, João, Tiago, que sofreram martírios, e todos os demais que não têm acompanhado as concepções sacerdotais. O filho do proprietário, que foi morto pelos rendeiros que se apossaram da sua herança, é Jesus Cristo, Senhor Nosso, que sofreu o martírio ignominioso da cruz. E, de acordo com as previsões da parábola, os tais sacerdotes se apossaram da herança com a

qual se locupletam fartamente, deixando a *seara* abandonada e a *vinha* sem frutos para o proprietário.

Nas condições em que se acha a seara, poderá o Senhor deixar a sua *vinha* entregue a essa gente, a esses rendeiros inescrupulosos e maus?

Estamos certos de que se cumprirá brevemente a última previsão da parábola: “O Senhor tomará a *vinha* desses malvados e a arrendará a outros, que lhe darão os frutos no tempo próprio.”<sup>446</sup>

## 28.2 O IMPOSTO A CÉSAR (MC 12:13-17)<sup>447</sup>

<sup>13</sup>Enviaram-lhe, então, alguns dos fariseus e dos herodianos para enredá-lo com alguma palavra. <sup>14</sup>Vindo eles, disseram-lhe: “Mestre, sabemos que és verdadeiro e não dás preferência a ninguém, pois não consideras os homens pelas aparências, mas ensinas, de fato, o caminho de Deus. É lícito pagar imposto a César ou não? Pagamos ou não pagamos?” <sup>15</sup>Ele, porém, conhecendo a sua hipocrisia, disse: “Por que me pondes à prova? Trazei-me um denário para que o veja”. <sup>16</sup>Eles trouxeram. E Ele disse: “De quem é esta imagem e a inscrição?” Responderam-lhe: “De César”. <sup>17</sup>Então Jesus disse-lhes: “O que é de César, dai a César; o que é de Deus, a Deus”. E ficaram muito admirados a respeito dele.

A questão do pagamento de imposto sempre foi motivo de muitas insatisfações entre os judeus, causa de muitas discussões e rebeliões. A verdade é que o povo era muito penalizado com cotas de tributos e de taxas que deveria pagar: aos romanos para a própria manutenção do *status* de invasores; aos religiosos para garantir os serviços das sinagogas e do Templo de Jerusalém; e aos agentes da administração de Herodes para os serviços de Estado. Procuremos entender um pouco mais do assunto, segundo alguns relatos históricos:

Tributo no sentido de um imposto pago por um estado a outro, como sinal de subjugação, é uma característica comum das relações internacionais no antigo mundo semítico. O tributo poderia ser [de] um estado hostil ou [de] um aliado. À semelhança da deportação, o seu propósito era enfraquecer um estado hostil [...]. O alvo do tributo era provavelmente duplo: empobrecer o estado subjogado e, ao mesmo tempo, aumentar as próprias rendas do conquistador e adquirir mercadorias em falta em sua própria terra. [...] <sup>448</sup>

Além desses aspectos de natureza político-administrativa, existiam outras taxas referentes aos serviços religiosos que também apresentavam caráter punitivo a quem não cumprisse com as obrigações: denúncia pública, expulsão da sinagoga ou do templo, entre outras.

No tempo dos juízes [Antigo Testamento] as contribuições eram regulares e obrigatórias destinavam-se ao culto de Jeová. Nesse tempo ainda não tinham



exércitos nem gastos com a manutenção da corte, mas havia um tabernáculo e um sacerdócio, mantidos pelos dízimos e pelas ofertas e pelas terras à disposição permanente dos levitas. Depois de estabelecido o reno, as rendas públicas provinham de várias fontes: Contribuições em espécie para a corte do rei, consistindo em produtos dos campos e dos rebanhos [...]. Ofertas especiais recebidas por Saul logo no início do seu reinado [...] ou em tempos de guerra [...]. Tributos pagos que pagavam aos povos vencidos. [...]. Os comerciantes e agentes do comércio pagavam impostos de acordo com a natureza de seus lucros. [...] A essa contribuição chamavam o pão do governador. Os governadores de Judá oprimiam o povo cobrando dele, todos os dias, 40 siclos em pão, vinho e dinheiro [...]. Os sacerdotes, os levitas e os *netinins* [servidores do Templo] não pagavam impostos [...]; todo o peso das contribuições caía sobre a massa do povo, que igualmente era sujeita às despesas do santuário. [...] <sup>449</sup>

O registro de *Marcos*, 12:13-37, ora em estudo, faz referência ao imposto que o judeu e os povos gentílicos tinham obrigação de pagar ao invasor romano. Por isso mesmo, tal taxação era considerada o tributo da vergonha, da opressão ou da subjugação. Contudo, os fariseus e funcionários de Herodes, ao procurarem Jesus, queriam apenas fazer intrigas, visto que eles não procuravam a Jesus para serem esclarecidos a respeito do assunto. O Mestre Nazareno percebeu, de imediato, a má intenção deles, e, por meio de uma sábia resposta, diz-lhes: *Ele, porém, conhecendo a sua hipocrisia, disse: “[...] Por que me pondeis à prova? Trazei-me um denário para que o veja”*. Eles trouxeram. E Ele disse: “De quem é esta imagem e a inscrição?” Responderam-lhe: “De César”. Então Jesus disse-lhes: “O que é de César, dai a César; o que é de Deus, a Deus”. E ficaram muito admirados a respeito dele (Mc 12:15-17).

No texto citado, dois personagens se destacam: os fariseus e os herodianos. Os primeiros eram sacerdotes, os segundos agentes do governo local, administrado por Herodes. Mas é importante também considerar:

Os rabinos lidavam com questões relacionadas a assuntos legais, morais e exegéticos [exegese: interpretação profunda de um texto bíblico, jurídico ou literário] [...]. Os fariseus se inclinavam ao nacionalismo, enquanto os herodianos eram clientes de Herodes, o vassalo romano, esses dois grupos só trabalhavam juntos em situações extraordinárias. Os fariseus se preocupavam com a exigência da lei judaica de testemunhas para embasar uma acusação, mas estariam prontos a investigar acusações sobre a deslealdade de Jesus para com a Lei. Não surpreende o fato de tentarem colocar à prova os ensinamentos de Jesus aqui. Os herodianos, que ansiavam pela restauração do governo de Herodes na Judeia (governada naquele momento por Pilatos), sentiam-se naturalmente incomodados com as figuras messiânicas que se opunham ao governo de seu soberano e poderiam levar a Roma a reforçar seu controle direto naquela região. [...] <sup>450</sup>

Servir a César e a Deus é tema comum, e permanece até os dias atuais. A despeito de todas as conquistas adquiridas no campo da ciência e sobretudo no da tecnologia, somos seres retardatários que ainda caminhamos a passos lentos quando a referência é de natureza moral. Somos prisioneiros dos interesses e atrações da vida que transcorre no plano físico, os quais têm subtraído lições preciosas da nossa educação quando se pesa os valores morais destinados ao Espírito imortal. Na mensagem que se segue, o benfeitor Emmanuel analisa o termo *tentação*, recorrendo a uma citação do apóstolo Tiago, sob um enfoque muito oportuno e atual.

### **Resiste à Tentação**<sup>451</sup>

*Bem-aventurado o homem que sofre a tentação (Tiago, 1:12).*

Enquanto nosso barco espiritual navega nas águas da inferioridade, não podemos aguardar isenção de ásperos conflitos interiores. Mormente na esfera carnal, toda vez que empreendemos a melhoria da alma, utilizando os trabalhos e obstáculos do mundo, devemos esperar a multiplicação das dificuldades que se nos deparam, em pleno caminho do conhecimento iluminativo.

Contra o nosso anseio de claridade, temos milênios de sombra. Antepondo-se-nos a mais humilde aspiração de crescer no bem, vigoram os séculos em que nos comprazíamos no mal.

É por isto que, de permeio com as bênçãos do Alto, sobram na senda dos discípulos as tentações de todos os matizes.

Por vezes, o aprendiz acredita-se preparado a vencer os dragões da animalidade que lhe rondam as portas; todavia, quando menos espera, eis que as sugestões degradantes o espreitam de novo, compelindo-o a porfiada batalha.

Claro, portanto, que nem mesmo a sepultura nos exonera dos atritos com as trevas, cujas raízes se nos alastram na própria organização espiritual. Só a morte da imperfeição em nós livrar-nos-á delas.

Haja, pois, tolerância construtiva em derredor da caminhada humana, porque as insinuações malignas nos cercarão em toda parte, enquanto nos demoramos na realização parcial do bem. Somente alcançaremos libertação, quando atingirmos plena luz.

Entendendo a transcendência do assunto, o apóstolo proclama bem-aventurado aquele “que sofre a tentação”. Impossível, por agora, qualquer referência ao triunfo absoluto, porque vivemos ainda muito distantes da condição angélica; entretanto, bem-aventurados seremos se bem sofremos esse gênero de lutas, controlando os impulsos do sentimento menos aprimorado e aperfeiçoando-o, pouco a pouco, à custa do esforço próprio, a fim de que não nos entreguemos inermes às sugestões inferiores que procuram converter-nos em vivos instrumentos do mal.

## REFERÊNCIAS

- 440 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos: 12:1-12, p. 1.777.
- 441 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 12:1-12, p. 181.
- 442 \_\_\_\_\_. Itens 12.1, 12.2 e 12.3-5, p. 182.
- 443 BEALE, G. K. E. e CARSON, D.A. (orgs.). *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. Trad. C. E. Lopes, E. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014. it. 12, 10:11, p. 266.
- 444 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, 12:10, p. 892.
- 445 SCHUTEL, Cairbar. *Parábolas e ensinios de Jesus*. 28. ed. Matão: O Clarim, 2016. cap. Parábola dos lavradores maus ou dos rendeiros infieis, p. 72.
- 446 \_\_\_\_\_. p. 73-74.
- 447 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos: 12:13-17, p. 1.777.
- 448 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete Tributo, p. 1.354.
- 449 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbete Taxas, p. 1.134.
- 450 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 12:13-17, p. 182-183.
- 451 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 101.

## A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS (MC 12:18-34)

Jesus prossegue incansável em seu ministério, e as repercussões dos seus ensinamentos percorrem toda Israel. Em Jerusalém, os inimigos e adversários do Senhor se revelam, um após outro. Religiosos questionam Jesus a respeito da aplicação da lei judaica. A vida prossegue inevitável. Junto com os fatos cotidianos, a missão do Senhor aproxima-se, cada vez mais, do seu final.

No estudo anterior, vimos que fariseus e herodianos levantaram a questão de o tributo ser pago a César (Mc 12:13-17). Neste estudo, ao analisar mais um trecho do *Evangelho segundo Marcos*, vemos que é a vez dos saduceus se manifestarem sobre o quesito ressurreição que, diga-se de passagem, eles pouco ou nada compreendiam do assunto.

### 29.1 A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS (MC 12:18-27)<sup>452</sup>

<sup>18</sup>Então foram até Ele alguns saduceus — os quais dizem não existir ressurreição — e o interrogavam: <sup>19</sup>“Mestre, Moisés deixou-nos escrito: Se alguém tiver irmão que morra deixando mulher sem filhos, tomará ele a viúva e suscitará descendência para o seu irmão. <sup>20</sup>Havia sete irmãos. O primeiro tomou mulher e morreu sem deixar descendência. <sup>21</sup>O segundo tomou-a e morreu sem deixar descendência. E o mesmo sucedeu ao terceiro. <sup>22</sup>E os sete não deixaram descendência. Depois de todos também a mulher morreu. <sup>23</sup>Na ressurreição, quando ressuscitarem, de qual deles será a mulher? Pois que os sete a tiveram por mulher?” <sup>24</sup>Jesus disse-lhes: “Não estais errados, desconhecendo tanto as Escrituras como o poder de Deus? <sup>25</sup>Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas serão como os anjos nos céus. <sup>26</sup>Quanto aos mortos que hão de ressurgir, não lestes no livro de Moisés, no trecho sobre a sarça, como Deus lhe disse: *Eu Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó?* <sup>27</sup>Ora, Ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos. Estais muito errados!”

Sabemos que os saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos, apenas buscavam colocar Jesus em uma situação difícil frente à multidão ao mencionarem a chamada *Lei do Levirato* (em hebraico: *yibum*), assim citada em *Deuteronômio*, 25:5-10:

Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre, sem deixar filhos, a mulher do morto não sairá para casar-se com um estranho à família; seu cunhado virá até ela e a tomará, cumprindo seu dever de cunhado. O primogênito que ela der à luz tomará o nome do irmão morto, para que o nome deste não se apague em Israel. Contudo, se o cunhado recusa desposar a cunhada, esta irá aos anciãos, e dirá: “Meu cunhado está recusando suscitar um nome para seu irmão em Israel! Não quer cumprir seu dever de cunhado para comigo! Os anciãos da cidade o convocarão e conversarão com ele. Se ele persiste, dizendo: “Não quero desposá-la!”, então a cunhada se aproximará dele na presença dos anciãos, tirar-lhe-á a sandália do pé, cuspirá em seu rosto e fará esta declaração:” É isto que se deve fazer a um homem que não edifica a casa do seu irmão, e em Israel o chamará com o apelido de “casa do descalçado”.

Dessa forma, a Lei do Levirato definia as condições do matrimônio no caso da viuvez feminina sem filhos: “Esse nome deriva do termo latino *levir*, que significa “irmão do marido”. Quando um homem casado morria sem filhos, esperava-se que o seu irmão solteiro se casasse com sua cunhada viúva. Os filhos desse segundo casamento eram reputados filhos do primeiro marido. Esse costume se encontra entre outros países além dos hebreus.”<sup>453</sup> Quanto aos saduceus, afirma Carlos Torres Pastorino, “já no tempo de Jesus estava bem firmado o partido político-religioso dos saduceus, que constituíam a aristocracia sacerdotal entre os judeus, dificilmente “descendo” a discutir com a plebe: os doutores, fariseus e anciãos é que agitadamente tomavam a si essa tarefa”.<sup>454</sup> Pastorino prossegue na análise do assunto:

A questão proposta ao Rabi Nazareno era, provavelmente, velha objeção jamais solucionada, e argumento irrespondível, quando apresentado aos fariseus e doutores para combater a “ressurreição”.

[...]

A questão foi proposta, e a resposta aguardada ansiosamente.

Sem alterar-se, diz-lhes Jesus que “não conhecem as Escrituras, pois quando os espíritos se erguem (ressurgem) abandonando os corpos cadaverizados, são como os anjos do céu: nem (os homens) se casam, nem (as mulheres) se dão em casamento”. Essa resposta, porém, constituía uma afirmativa teórica, que podia ser aceita ou recusada de plano. Sabendo disso, Jesus traz um argumento irrespondível, citando exatamente uma frase do *Êxodo*, 3:6, pois os saduceus só aceitavam o Pentateuco como divinamente inspirado. Aí se encontra a palavra de YHWH: “Eu sou o deus de Abraão, o deus de Isaac, o deus de Jacob”. Ora,

os três já haviam morrido, para a Terra. No entanto, YHWH - afirma Jesus de acordo com a crença dos fariseus — não é um deus de mortos, mas de vivos. A resposta foi tão inesperada e tão fantasticamente irretrucável, que os próprios escribas não puderam conter-se e elogiaram de público o adversário: “Mestre, falaste bem!”<sup>3</sup>

## 29.2 ENSINAMENTOS ESPÍRITAS

### » Ressurreição dos mortos

Ressureição, do grego *anástasis*, *égersis*, que tem o significado de levantar, erguer, surgir, sair de um local ou de uma situação para outra. No latim, escreve-se *resurrectio*, que é o ato de ressurgir, voltar à vida, reanimar-se.<sup>455</sup> “[...] Biblicamente, entende-se o termo ressurreição como o mesmo que ressurgir dos mortos, Mt 22:28, 30, 31. A ressurreição dos mortos ou do corpo é doutrina expressa na revelação bíblica [...]”<sup>4</sup>

Para o Espiritismo a palavra ressurreição é equivalente ao termo reencarnação, como esclarece Allan Kardec no texto que se segue:

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas porque só tinham noções vagas e incompletas acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* pressupõe o retorno à vida do corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo, novamente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era, Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, mas não *ressuscitado*.<sup>456</sup>

### » Anjos

Jesus faz alusão aos *anjos do Céu*: “Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento, mas serão como os anjos nos Céus” (Mc 12:25). Para o Espiritismo, *anjo* não é um ser mítico, especialmente criado por Deus, à margem da espécie humana. Na verdade,

anjos são Espíritos que ascenderam a escala da evolução por esforço próprio. Em *O céu e o inferno*, encontramos as seguintes considerações de Allan Kardec:

– Não se pode pôr em dúvida a existência de seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos. Neste ponto, a revelação espírita confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer, ao mesmo tempo, a origem e a natureza de tais seres. As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento nem consciência do bem e do mal, porém aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim, que é a perfeição, é o mesmo para todos. Alcançam-no mais ou menos rapidamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a transpor, o mesmo trabalho a concluir. [...] <sup>457</sup>

– Nas primeiras fases de sua existência, a alma é qual criança, isto é, inexperiente e, portanto, falível. Deus não lhe dá essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Cada passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua custa o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até chegar ao estado de *Espírito puro* ou *anjo*. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, gozando, em sua plenitude, da felicidade prometida [...]. <sup>458</sup>

Em *O livro dos espíritos*, os orientadores espirituais já afirmavam: <sup>459,460</sup>

Pergunta 128: *Os seres que chamamos anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente de outros Espíritos?*

Resposta: “Não, são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições”.

*Comentários de Allan Kardec:*

A palavra *anjo* desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes a todos os seres, bons e maus, que estão fora da Humanidade. Diz-se o anjo bom e o anjo mau, o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, ele é sinônimo de Espírito ou de gênio. Nós o tomamos aqui na sua melhor acepção.

Pergunta 129: *Os anjos percorreram todos os graus da escala?*

Resposta: “Percorreram todos os graus, mas, como já dissemos, uns aceitaram sua missão sem murmurar e chegaram mais depressa; outros gastaram um tempo mais ou menos longo para chegar à perfeição”.

» Ele é Deus dos vivos, não dos mortos

O evangelista *Marcos* registra as seguintes palavras de Jesus, as quais tiveram o poder de causar profunda admiração aos saduceus: “Ora, Ele não é Deus de mortos, mas sim de vivos. Estais muito errados!” (Mc 12:27).

A respeito dessas sábias palavras de Jesus, Emmanuel transmite-nos os seguintes ensinamentos:

### Sempre vivos<sup>461</sup>

*Ora, Deus não é de mortos, mas sim de vivos. Por isso, vós errais muito. –JESUS (Marcos, 12:27).*

Considerando as convenções estabelecidas em nosso trato com os amigos encarnados, de quando em quando nos referimos à vida espiritual utilizando a palavra “morte” nessa ou naquela sentença de conversação usual. No entanto, é imprescindível entendê-la, não por cessação e sim por atividade transformadora da vida.

Espiritualmente falando, apenas conhecemos um gênero temível de morte – a da consciência denegrida no mal, torturada de remorso ou parálitica nos despenhadeiros que marginam a estrada da insensatez e do crime.

É chegada a época de reconhecermos que todos somos vivos na Criação eterna.

Em virtude de tardar semelhante conhecimento nos homens, é que se verificam grandes erros. Em razão disso, a Igreja Católica Romana criou, em sua teologia, um céu e um inferno artificiais; diversas coletividades das organizações evangélicas protestantes apegam-se à letra, crenes de que o corpo, vestimenta material do Espírito, ressurgirá um dia dos sepulcros, violando os princípios da Natureza, e inúmeros spiritistas nos têm como fantasmas de laboratório ou formas esvoaçantes, vagas e aéreas, errando indefinidamente.

Quem passa pela sepultura prossegue trabalhando e, aqui, quanto aí, só existe desordem para o desordeiro. Na crosta da Terra ou além de seus círculos, permanecemos vivos invariavelmente. Não te esqueças, pois, de que os desencarnados não são magos, nem adivinhos. São irmãos que continuam na luta de aprimoramento. Encontramos a morte tão somente nos caminhos do mal, onde as sombras impedem a visão gloriosa da vida.

Guardemos a lição do Evangelho e jamais esqueçamos que Nosso Pai é Deus dos vivos imortais.

## 29.3 O PRIMEIRO MANDAMENTO (MC 12:28-34)<sup>462</sup>

<sup>28</sup>Um dos escribas que ouvira a discussão, reconhecendo que respondera muito bem, perguntou-lhe: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” <sup>29</sup>Jesus respondeu: “O primeiro é: ‘Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor, <sup>30</sup>e amarás o Senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu entendimento, e com toda a tua força.’ <sup>31</sup>O segundo é este: ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo.’ Não existe outro mandamento maior do que este”. <sup>32</sup>O escriba disse-lhe: “Muito bem, Mestre, tens razão de dizer que *ele é o único e não existe outro além dele, <sup>33</sup>e amá-lo de todo o coração, de toda a inteligência com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo* é mais do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios”. <sup>34</sup>Jesus, vendo que ele respondera



com inteligência, disse-lhe: “Tu não estás longe do Reino de Deus”. E ninguém mais ousava interrogá-lo.

Jesus apresenta uma síntese do Decálogo ou Dez Mandamentos da Lei Judaica, anunciado por Moisés, reduzindo-os a dois, assim expressos: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*. Esses dois mandamentos resumem todos os deveres do homem para com Deus e para com o próximo – instrumento para a evolução espiritual. Sintonizada com tais ideias, Amélia Rodrigues oferece-nos belas e profundas considerações registradas no livro *Dias venturosos*, de onde extraímos os seguintes trechos para a nossa reflexão:

– *Qual é o primeiro de todos os mandamentos?*

A pergunta ecoou nos ouvidos da multidão, que mais dele se acercou, a fim de ouvir-lhe a resposta.

Aquele era momento máximo do Ministério até então vivido.

Toda a preparação anterior era para aquele instante.

[...]

A indagação direta exigia uma resposta concisa e clara.

*Ame teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças.*

[...]

Ele, Jesus, então ripostou, tranquilo:

– “O primeiro é: ‘Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus é o único Senhor; amarás o Senhor’”,

prosseguiu, suave e canoro:

O segundo é este: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não existe outro mandamento maior do que esses”.

Ante o silêncio da multidão extasiada, podia-se perceber que a sua revolução igualava os seres no amor: vencedores e vencidos, poderosos e escravos, ricos e pobres, nobres e plebeus, cultos e incivilizados possuíam no amor ao seu próximo um lugar comum, nivelador...<sup>463</sup>

Emmanuel traça considerações a respeito do anunciado pelo Senhor em *Marcos, 12:29*: – *Jesus respondeu*: “O primeiro é: Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor”.

Replicando ao escriba que o interpelou, com relação ao primeiro de todos os mandamentos, Jesus precede o artigo inicial do Decálogo de observação original que merece destacada.

Antes de todos os programas de Moisés, das revelações dos profetas e de suas próprias bênçãos redentoras no Evangelho, o Mestre

coloca uma declaração enérgica de princípios, conclamando todos os espíritos ao plano da unidade substancial. Alicerçando o serviço salvador que Ele mesmo trazia das esferas mais altas, proclama o Cristo à Humanidade que só existe um Senhor Todo-Poderoso – o Pai de Infinita Misericórdia. [...] <sup>464</sup>

Allan Kardec, por sua vez, pondera e explica o que significa, à luz do pensamento espírita, amar o próximo como a si mesmo.

“Amar o próximo como a si mesmo; fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós” é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, do que tomar, como medida do que devemos fazer aos outros, aquilo que desejamos para nós mesmos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhores proceder, mais indulgência, mais benevolência e devotamento, do que os temos para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem como regra de conduta e como base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles reinem a paz e a justiça. Não mais haverá ódios nem dissensões, mas apenas união, concórdia e benevolência mútua. <sup>465</sup>

A autoridade de Jesus era inquestionável, os líderes religiosos sabiam que não poderiam vencê-lo com as armas do conhecimento equivocado sobre a Lei, aplicado segundo as suas conveniências, mas, prisioneiros das facilidades que a vida transitória lhes proporcionava, e delas não queriam abrir mão. Assim, chegaram a uma terrível constatação: a vitória que eles acreditavam só poderia ser alcançada com as armas da violência. Para tanto é preciso afastar Jesus. Contudo, o Mestre Nazareno prossegue firme, ao afirmar que o mal deve ser retribuído com o bem, e que, cedo ou tarde, o Espírito aprenderá amar a Deus, amando o próximo como ama a si mesmo. Esse ensinamento merece maiores reflexões, a fim de que não venhamos a seguir o caminho do cultivo do egoísmo.

Indagado a respeito, de como colocar em prática tal mandamento, Emmanuel no traz preciosos esclarecimentos, em *O consolador*:

Pergunta 351: *Como entender o “amor a nós mesmos”, segundo a fórmula do Evangelho?*

Resposta:

– O amor a nós mesmos deve ser interpretado como a necessidade de oração e de vigilância, que todos os homens são obrigados a observar.

Amar a nós mesmos não será a vulgarização de uma nova teoria de auto adoração. Para nós outros, a egolatria já teve o seu fim, porque o nosso problema

é de iluminação íntima, na marcha para Deus. Esse amor, portanto, deve traduzir-se em esforço próprio, em autoeducação, em observação do dever, em obediência às leis de realização e de trabalho, em perseverança na fé, em desejo sincero de aprender com o único Mestre, que é Jesus Cristo.

Quem se ilumina, cumpre a missão da luz sobre a Terra. E a luz não necessita de outros processos para revelar a verdade, senão o de irradiar espontaneamente o tesouro de si mesma. Necessitamos encarar essa nova fórmula de amor a nós mesmos, conscientes de que todo bem conseguido por nós, em proveito do próximo, não é senão o bem de nossa própria alma, em virtude da realidade de uma só lei, que é a do amor, e um só dispensador dos bens, que é Deus.<sup>466</sup>

Observação: Para ter um entendimento mais amplo do estudo, recomendamos a leitura do tema 51 do livro II do programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*.

## REFERÊNCIAS

- 452 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 12:18-27, p. 1.777 e 1.778.
- 453 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete A lei do Levirato, p. 848.
- 454 PASTORINO, Carlos Torres. *Sabedoria do evangelho*. V. 7. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1964. cap. 11, p. 40.
- 455 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbete Ressureição, p. 1.053.
- 456 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 4, it. 4, p. 62.
- 457 \_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 1, cap. 8, it. 12, p. 108.
- 458 \_\_\_\_\_. it. 13, p. 108.
- 459 \_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 128, p. 100.
- 460 \_\_\_\_\_. q. 129, p. 100.
- 461 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 42, p. 97-98.
- 462 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos

- tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 12:28-34, p. 1.778.
- 463 FRANCO, Divaldo Pereira. *Dias venturosos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 7, p. 52.
- 464 XAVIER, Francisco Cândido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 105, p. 223.
- 465 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 11, it. 4, p. 148.
- 466 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. pt. 3 3, it. 3.3, q. 351, p. 298.

# O CRISTO, FILHO E SENHOR DE DAVI (MC 12:35-44)

Marcos prossegue em sua narrativa sobre o ministério de Jesus em Jerusalém, e, ao finalizar o capítulo 12, apresenta-nos três assuntos que devem merecer um estudo reflexivo: as concepções rabínicas relacionadas à vinda do Messias; o distanciamento moral dos preceitos ensinados pela lei judaica, pela maioria dos religiosos; e a segura e sábia orientação de Jesus de como deve ser o comportamento do crente sincero perante Deus e o próximo, ilustrado com sabedoria no exemplo do óbolo da viúva, pobre de recursos materiais, mas rica de valores morais.

## 30.1 O CRISTO FILHO E SENHOR DE DAVI (MC 12:35-37)<sup>467</sup>

<sup>35</sup>E prosseguiu Jesus ensinando no Templo, dizendo: “Como podem os escribas dizer que o Messias é filho de Davi? <sup>36</sup>Se o próprio Davi disse, pelo Espírito Santo: ‘O senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que Eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.’ <sup>37</sup>O próprio Davi o chama Senhor; como pode, então, ser seu filho?” E a numerosa multidão o escutava com prazer!

Em sua pregação próximo ou no Templo Jesus lança aos ouvintes a seguinte indagação, para fazê-los pensar com mais lucidez a respeito do assunto: “Como podem os escribas dizer que o Messias é filho de Davi? [...] Se o próprio Davi o chama Senhor; como pode, então, ser seu filho?” (Mc 12:35 e 37). Há controvérsias entre os evangelistas quanto aos destinatários dessa pergunta, pois, de acordo com a narrativa de Marcos, a pergunta fora endereçada ao povo; segundo Mateus, destinada aos fariseus e na narrativa de Lucas, aos seus adversários, sem identificá-los diretamente. É irrelevante identificar a quem Jesus dirigia a pergunta. O que importa é o teor da pergunta em si que, por ser capaz de conduzir o ouvinte à reflexão, dá-lhe a oportunidade para pensar com clareza e comparar o próprio comportamento e o dos religiosos quanto às práticas do judaísmo. Ora, é obvio que Jesus sabia que Ele era filho (descendente) de Davi

e o Messias enviado por Deus, mas era preciso que todos analisassem a questão. Para Tanto, cita um Salmo de Davi como recurso interpretativo.

E mais, destacam os estudiosos Beale e Carson: “[...] Com palavras organizadas na forma de quiasmo [*quiasmo* ou *quiasma* é uma figura de linguagem ou uma figura de música em que elementos são dispostos de forma cruzada], em torno da citação de *Salmos*, 110:1 [...], e partindo da premissa de que Davi está falando profeticamente [...], Jesus desafia o conceito do Messias sustentado pelos escribas [...]”<sup>468</sup> Foi assim que Jesus teve a iniciativa de discutir o assunto junto aos escribas, religiosos e adeptos do judaísmo, com o intuito de fazê-los compreender quem era o verdadeiro Messias:

[...] O propósito da pergunta foi mostrar que o título messiânico *Filho de Deus* [...], usado tão comumente pelos *mestres da lei*, por correto que fosse, não expressava toda a verdade acerca da pessoa do Messias. Prova desse fato, como Jesus destacou, era que, quando o próprio Davi escreveu acerca do Messias em *Salmos*, 110:1, Ele caracterizou o Messias não como se poderia esperar, como “meu filho”, mas como *meu Senhor* (v. 36), com a implicação de que o Messias possuía não somente uma natureza humana (como filho de Davi), mas também uma natureza divina. Jesus tocou nesse ponto claramente com a esperança de que os seus ouvintes pudessem ser induzidos a associá-lo a Ele.<sup>469</sup>

Para o Espiritismo, a interpretação é bem mais simples: Davi foi um dos construtores da sociedade, cultura e religião judaicas, mas não era o Messias aguardado. O verdadeiro Messias está identificado na figura excelsa de Jesus de Nazaré, como bem ensina a benfeitora Joanna de Ângelis:

E Ele veio!

Multissecularmente aguardado como a esperança de Israel, ei-lo que surge no período em que a História repete as glórias de Péricles e o pensamento cultiva as belezas, conquanto a barbaria comandasse homens e governos, estabelecendo um marco novo para a contagem das Idades em relação ao porvir.

[...]

E Ele veio!

A sua presença assinalou de paz o período da nova Era. Não a paz externa, lavrada pelos audaciosos conciliábulos e sustentada pela usurpação do crime. Era uma aragem de ventura que penetrava os Espíritos e os pacificava interiormente, predispondo-os ao amor.

Seu verbo manso e ameno, marchetado da severidade que dimana do conhecimento da Vida e da Verdade, modificou a estrutura do pensamento filosófico e social, desde então traçando nova pauta para as criaturas do porvir.

[...]

Ainda hoje Jesus é a esperança que se tornou realidade [...].<sup>470</sup>

## 30.2 OS ESCRIBAS JULGADOS POR JESUS (MC 12:38-40)<sup>471</sup>

<sup>38</sup>E dizia no seu ensinamento: “Guardai-vos dos escribas que gostam de circular de toga, de ser saudados nas praças públicas, <sup>39</sup>e de ocupar os primeiros lugares nas sinagogas e os lugares de honra nos banquetes; <sup>40</sup>mas devoram as casas das viúvas e simulam fazer longas preces. Esses receberão condenação mais severa”.

É necessária muita autoridade moral para se referir dessa maneira aos homens responsáveis pelos ensinamentos e práticas religiosas. Os líderes religiosos, em geral, agiam segundo antiga máxima popular: “Façam o que eu digo, mas não façam o que eu faço”.

Vemos nesse trecho do *Evangelho segundo Marcos* a descrição do comportamento usual das autoridades religiosas que, vaidosos, procuravam sempre se destacar dos demais, chamando a atenção para si, pela forma como vestiam ou como se portavam em público ou em particular.

[...] Jesus acabara de mostrar “defeitos” nos ensinamentos dos líderes religiosos. Agora, ele demonstra que havia crassos defeitos na moralidade deles, pois não viviam á altura de suas palavras. O ensinamento deles era inadequados; e as práticas religiosas eram hipócritas.

Eles traziam *vestes talares* dos dignitários e cobiçavam ser conhecidos como tais. Os ricos também tinham “vestes longas e luxuosas”, e os dignitários religiosos gostavam de acompanhá-los. De fato, segundo se sabe, os saduceus provinham das classes abastadas, e facilmente podiam cumprir esses desejos. É indubitável, porém, que até mesmo os fariseus, que vinham das classes comuns, gostavam da ostentação, tanto quanto os saduceus.

[Quanto às saudações] *Mateus*, 23:7-10 traz uma descrição mais longa, além de vários dos títulos que eles apreciavam. Podemos estar certos que cada “título” que gostavam de ouvir visava a fomentar o seu orgulho humano. Para eles, a religião se tornara uma exaltação carnal, um autosserviço, quando a verdadeira religião consiste em servir ao próximo.<sup>472</sup>

O julgamento das atitudes dos escribas e dos demais membros do clero judaico nos calam fundo, pois, muitas vezes presenciamos comportamentos semelhantes nos representantes das religiões, e, infelizmente, mesmo entre espíritas. Emmanuel, no entanto, amplia a extensão do entendimento das palavras do Cristo, assinaladas em *Marcos*, 12:38, sem limitá-las apenas ao comportamento de religiosos, na página que se segue:

### Escritores<sup>473</sup>

*Guardai-vos dos escribas que gostam de andar com vestes compridas.* – JESUS (*Marcos*, 12:38).

As letras do mundo sempre estiveram cheias de “escribas que gostam de andar com vestes compridas”.

Jesus referia-se não só aos intelectuais ambiciosos, mas também aos escritores excêntricos que, a pretexto de novidade, envenenam os espíritos com as suas concepções doentias, oriundas da excessiva preocupação de originalidade.

É preciso fugir aos que matam a vida simples.

O tóxico intelectual costuma arruinar numerosas existências.

Há livros cuja função útil é a de manter aceso o archote da vigilância nas almas de carácter solidificado nos ideais mais nobres da vida. Ainda agora, quando atravessamos tempos perturbados e difíceis para o homem, o mercado de ideias apresenta-se repleto de artigos deteriorados, pedindo a intervenção dos postos de “higiene espiritual”.

Podereis alimentar o corpo com substâncias apodrecidas?

Vossa alma, igualmente, não poderá nutrir-se de ideais inferiores, na base da irreligião, do desrespeito, da desordem, da indisciplina.

Observai os modelos de decadência intelectual e refleti com sinceridade na paz que desejeis intimamente. Isso constituirá um auxílio forte, em favor da extinção dos desvios da inteligência.

### 30.3 O ÓBOLO DA VIÚVA (MC 12:41-44)<sup>474</sup>

<sup>41</sup>E, sentado frente ao Tesouro do Templo, observava, como a multidão lançava pequenas moedas no Tesouro, e muitos ricos lançavam muitas moedas.

<sup>42</sup>Vindo uma pobre viúva, lançou duas moedinhas, isto é, um quadrante. <sup>43</sup>E chamando a si os discípulos, disse-lhes: “Em verdade eu vos digo que esta viúva que é pobre lançou mais do que todos os que ofereceram moedas ao Tesouro.

<sup>44</sup>Pois todos os outros deram do que lhes sobrava. Ela, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que tinha, tudo o que possuía para viver”.

A passagem evangélica nos reporta a um género de prática religiosa que se mantém nos dias atuais: as doações dos adeptos. Muitos abusos foram cometidos por meio do processo de doações, como enriquecimentos ilícitos. Tais práticas, perderam o carácter voluntário com o passar do tempo, definindo-se obrigações dos fiéis, a fim de que os serviços religiosos do templo ou igreja fossem garantidos. Não haveria maiores problemas nessas doações, caso não ocorressem desvios, alguns graves, relatados pela história. A propósito Emmanuel lembra: “O mundo antigo não compreendia as relações com o Altíssimo, senão através de suntuosas oferendas e pesados holocaustos. Certos povos primitivos atingiram requintada extravagância religiosa, conduzindo sangue humano aos altares. Tais manifestações infelizes vão se atenuando no cadinho dos séculos; no



entanto, ainda hoje se verificam lastimáveis pruridos de excentricidade nos votos dessa natureza.”<sup>475</sup>

Prosseguindo em suas elucidações, Emmanuel complementa:

O Cristianismo operou completa renovação no entendimento das verdades divinas; contudo, ainda em suas fileiras costumam surgir absurdas promessas, que apenas favorecem a intromissão da ignorância e do vício.

A mais elevada concepção de Deus que podemos abrigar no santuário do espírito é aquela que Jesus nos apresentou, em no-lo revelando Pai amoroso e justo, à espera dos nossos testemunhos de compreensão e de amor.

Na própria crosta da Terra, qualquer chefe de família consciencioso e reto não deseja os filhos em constantes movimentação de ofertas inúteis, no propósito de arrefecer-lhe a vigilância afetuosa. Se tais iniciativas não agradam aos progenitores humanos, caprichosos e falíveis, como atribuir semelhante falha ao Todo-Misericordioso, no pressuposto de conquistar a benemerência celeste? É indispensável trabalhar contra o criminoso engano.

[...] <sup>476</sup>

Muitas pessoas acreditam não poder fazer todo o bem que desejariam por falta de recursos. Outros, tentam negociar com Deus em suas rogativas, por exemplo: “Senhor, caso eu ganhe uma boa quantia, fruto de algum jogo ou herança, com certeza darei a ela uma boa aplicação, ajudarei os meus parentes, amigos e até mesmo o meu próximo”. Sem entrar no mérito da verdadeira intenção que tais palavras representam importa considerar, como nos ensina Jesus no óbolo da viúva, que fazer o bem não implica, necessariamente, possuir recursos amoadados. Allan Kardec pondera a respeito desse tipo de atitude:

Muitas pessoas lamentam não poder fazer todo o bem que gostariam, por falta de recursos suficientes, e, se desejam possuir riquezas, dizem, é para lhes dar boa aplicação. É sem dúvida louvável a intenção e pode até ser sincera em alguns. Será, porém, completamente desinteressada em todos? Não haverá quem, desejando fazer o bem aos outros, prefira poder começar por fazê-lo a si próprio, proporcionar a si mesmo alguns gozos mais, usufruir de um pouco do supérfluo que lhe falta, destinando aos pobres o resto? Esta segunda intenção, que talvez dissimulem, mas que encontrariam no fundo dos seus corações, se os procurassem cuidadosamente, anula o mérito do intento, porque a verdadeira caridade pensa nos outros antes de pensar em si. O sublime da caridade, nesse caso, estaria em procurar o homem no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos que lhe faltam para realizar seus generosos propósitos.

[...]

Aqueles, cuja intenção está isenta de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se encontram de fazer todo o bem que desejariam,

lembrando-se de que o óbolo do pobre, do que dá privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de coisa alguma. A satisfação seria grande, sem dúvida, em poder socorrer em larga escala a indigência, mas, se essa satisfação lhe é negada, submeta-se e se limite a fazer o que possa.<sup>477</sup>

Movidos por atavismos seculares, nem sempre compreendemos o que Deus realmente espera de nós na prática da caridade, como expressa o roteiro ilustrado na doação da viúva pobre. Roteiro que define renúncia, desapego e combate ao egoísmo. Rodolfo Calligaris nos esclarece, porém, que a caridade independe de possuímos bens materiais, como recursos financeiros abundantes:

Sem dúvida, toda doação é meritória, quando feita sem orgulho nem ostentação, sem outro propósito senão o de ajudar uma causa nobre. Todavia, entre a dádiva do abastado que, mesmo dando bastante, de nada se priva, e a de outro que, com sacrifício do que lhe é indispensável, cede o pouco que tem sem favor do próximo, esta a que se reveste de mérito maior.

O ensino do Mestre no episódio em tela é válido também para outras circunstâncias em que não é o dinheiro que intervém, mas as qualidades morais, as virtudes do coração.

Muitos dos que, aqui na Terra, foram aclamados por seus feitos como “heróis” ou “grandes vultos da Humanidade”, talvez se encontrem agora, nos planos da espiritualidade, atormentados abrasados de remorsos, enquanto criaturas simples, cujas existências transcorreram no anonimato, mas que foram virtuosas, gozam as bênçãos da paz e da alegria na comunhão das almas bem-aventuradas [...].<sup>478</sup>

Observação: Recomendamos leitura dos temas 52 e 53 do livro II do programa O Evangelho Redivivo: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*.

## REFERÊNCIAS

- 467 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 12:35-37, p. 1.778.
- 468 BEALE, G. K. E. e CARSON, D.A. (orgs.). *Comentário do uso do antigo testamento no novo testamento*. Trad. C. E. Lopes, E. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014. it. A: O contexto do NT: Filho de Davi, Senhor de Davi, p. 275.

- 469 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. A pergunta de Jesus acerca do filho de Davi, p. 1.122.
- 470 FRANCO, Divaldo Pereira. *Florações evangélicas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 2. ed. Salvador: LEAL, 1975. cap. 2, p. 16-17.
- 471 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 12:38-40, p. 1.778.
- 472 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Mc 12:38, p. 900.
- 473 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 28.
- 474 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 12:41-44, p. 1.778.
- 475 XAVIER, Francisco Candido. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 48, p. 109.
- 476 \_\_\_\_\_. p. 109-110.
- 477 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 13, it. 6, p. 175-176.
- 478 CALLIGARIS, Rodolfo. *Parábolas evangélicas*. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010. cap. 43, p. 147-148.

# DISCURSO ESCATOLÓGICO (MC 13:1-27)

O *discurso escatológico* ou *pequeno apocalipse* é mais conhecido como *Sermão Profético*. Refere-se, especificamente, a uma série de tribulações, previstas por Jesus, às quais a Humanidade terrestre se submeterá durante um período de tempo denominado, no meio espírita, como Era da Transição ou de Era de Transição Planetária. Ao final dessas tribulações a Humanidade inicia uma época de paz, a da regeneração.

O discurso escatológico encontra-se relatado nos evangelhos sinópticos, em *Mateus*, 24:1-31 e em *Lucas*, 21:5-24. Já foi objeto de estudo neste programa, O Evangelho Redivivo, Livro II: *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*, no tema 54. Seria útil, então, rever os esclarecimentos que se encontram, focados nos registros do evangelista Mateus.

Para muitas escolas ou igrejas cristãs as ideias escatológicas suscitadas pelo sermão de Jesus merecem atenção especial, daí ser importante conhecê-las, a fim de ser possível compará-las como o pensamento espírita.

*Escatologia*. Tradicionalmente, definida como a doutrina das “últimas coisas” (gr. *Eschata*), com relação aos indivíduos (no tocante a morte, ressurreição, julgamento e vida do porvir). Neste último aspecto, a escatologia, às vezes, é restrita ao fim total do mundo, excluindo muita coisa comumente abrangida pelo escopo do termo. Esta restrição não é justificada pelo uso linguístico bíblico: o hebraico [...] pode denotar o fim de ordem presente ou mesmo, de modo mais geral, “o porvir”.

O conceito bíblico de tempo não é cíclico (caso em que a escatologia poderia referir-se à conclusão de um ciclo) nem puramente linear (neste caso, escatologia poderia referir-se somente ao ponto final da linha; ele contempla, pelo contrário, um padrão recorrente em que o julgamento e redenção divinos interagem, até que esse padrão chegue à manifestação definitiva. A escatologia, portanto, pode denotar a consumação do

propósito de Deus, que coincida com o fim do mundo (ou da História) quer não, quer seja totalmente final, que marque uma etapa do desdobrar do padrão do Seu propósito.<sup>479</sup>

Para a Doutrina Espírita, não existe “fim do mundo”, propriamente dito. Esclarece que o processo evolutivo da Humanidade passa por etapas ascensionais bem caracterizadas, impondo-se desafios, maiores ou menores, consoante a Lei de Progresso que se manifesta, mais ou menos intensa, conforme as circunstâncias ou períodos, como afirmam os Espíritos orientadores: “Há o progresso regular e lento que resulta da força das coisas. Quando, porém, um povo não progride tão depressa quanto deveria, Deus o sujeita, de tempos em tempos, a um abalo físico ou moral, que o transforma.”<sup>480</sup>

O discurso escatológico ou sermão profético transmitido por Jesus, e em seguida analisado, encontra-se subdividido em quatro partes essenciais, assim especificadas: a) anúncio da destruição do Templo de Jerusalém (ou introdução ao sermão profético); b) previsão das primeiras tribulações para a Humanidade; c) anúncio de maiores desafios e sofrimentos aos habitantes do planeta; d) início de uma era de paz.

## 31.1 DISCURSO ESCATOLÓGICO. INTRODUÇÃO (MC 13: 1-4)<sup>481</sup>

<sup>1</sup>Ao sair do Templo, disse-lhe um dos seus discípulos: “Mestre, vê que pedras e que construções!” <sup>2</sup>Disse-lhe Jesus: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra que não seja demolida”. <sup>3</sup>Sentado no monte das Oliveiras, frente ao Templo, Pedro, Tiago, João e André lhe perguntavam em particular: <sup>4</sup>Dize-nos: quando será isso e qual o sinal de que todas essas coisas estarão para acontecer?”

A destruição do Templo de Jerusalém não aconteceu de imediato, mas no ano 70 d.C., sob o comando de Tito, general romano. Contudo, é importante fazer uma contextualização histórica, ainda que breve, a respeito da importância desse santuário para a religião judaica e para a história do Cristianismo. A palavra templo apresentava diferentes significados entre os judeus e os não-judeus), que utilizavam diferentes denominações. De qualquer forma, quando se refere ao Templo de Jerusalém, surge à mente uma monumental obra arquitetônica erguida no alto do monte Moriá, situado entre os vales do Cedrom e do Tiropeom, local considerado sagrado porque, provavelmente, foi onde Abraão construiu um altar para sacrificar o seu filho Isaque.<sup>482</sup> A historicidade da construção do Templo de Jerusalém apresenta algumas informações que merecem ser conhecidas.

### 31.1.1 TABERNÁCULO: LOCAL DA MORADIA DE YAHWEH

Segundo a história do judaísmo, antes da construção do Templo de Jerusalém, Moisés construiu um local provisório, então denominado *tabernáculo* ou *tenda*, onde o Senhor Deus falaria ao seu povo (cf. Ex 33:7-10). Refere-se a um local provisório, uma construção portátil onde estavam depositadas as tábuas da lei. Esse local provisório, ou tabernáculo, era denominado Casa do Senhor.<sup>483</sup> Na construção do tabernáculo foram usados materiais diversos: madeiras das florestas do deserto, metais variados, como prata e cobre, tecidos de linho, peles de carneiro e cabra, ônix e outras pedras preciosas foram usadas nas vestes dos sacerdotes.<sup>484</sup> Além disso, consta que o “Senhor deu a Moisés *instruções* minuciosas para a edificação do Tabernáculo, a começar pela arca, que era o ponto central para o encontro de Jeová com o seu povo [...]”

### 31.1.2 TEMPLO: NOMES E TERMINOLOGIA

A palavra hebraica é *hekal*, termo derivado de um vocábulo sumério que significa “casa grande”, que em uso de modo geral significa “casa de uma deidade”. Havia também o termo *bayith*, que significa “casa”; *godesh*, que significa, estritamente, “santuário”, talvez em referência ao templo que se tornou local sagrado de louvor e culto a Deus ou a um deus. Em conexão com o *yahwismo* [religião da tribo de Judá], temos Beth YHWH, “a casa de Yahweh”. A palavra grega [língua utilizada nos textos neotestamentais] *nãos* é usada comumente no Novo Testamento para “templo” [...]. *Ieron*, “local sagrado” é ainda outro termo empregado para um templo como *local sagrado*. Essa palavra é usada com muita frequência no Novo Testamento. O monte do templo era chamado de *a montanha da casa do Senhor* (Is 2:2) ou a “montanha da casa” (Jr 26:18; Mq 3:12) [monte Moriá].<sup>485</sup>

### 31.1.3 HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DE JERUSALÉM

A ideia de que o tabernáculo “[...] deveria ser substituído por uma estrutura permanente, mais magnífica, foi de Davi, sem dúvida segundo a sugestão do Espírito [de Deus], que moveu seu coração e sua mente para ser generoso com os cultos de *Iahweh* [...]. Mas Davi era um rei guerreiro, sangrento [...]. Portanto, não era a pessoa certa para construir o templo. [...]”<sup>486</sup>

A tarefa foi deixada para o filho de David, o “homem de paz”, significado do nome Salomão. Davi contribuiu muito para o projeto com materiais de construção e objetos valiosos (I Cr 28:9 ss). Salomão iniciou a época áurea de Israel e parte disso foi a construção de um magnífico templo. Os israelitas eram um povo de grandes produções literárias [...]. Mas eles nunca foram um

povo de ciências e não tinham conhecimento nem mão de obra especializada para construir um templo. Salomão teve de contratar os fenícios para essa tarefa [...]. (Ver I Rs 5:16). [...] O trabalho levou sete anos e meio para ser construído (949 a.C.).<sup>487</sup>

O Templo de Salomão foi atacado diversas vezes, até que foi destruído por Nabucodonosor, rei da Babilônia, em 587-586 a.C. (Ver II Rs 25:8-17; Jr 52:12-23) que subjugou os hebreus.<sup>488</sup> Posteriormente, com o retorno dos judeus do cativeiro babilônico, um segundo templo foi construído, denominado *Templo de Zorobabel*. Devido ao estado de recém-libertos do cativeiro e encontrando a Jerusalém destruída, o segundo templo era uma construção muito humilde. O início da construção é relatado por *Esdras*, 3, mas esta não foi possível ser levada adiante, sendo reiniciada no ano 520 a.C., com incentivo dos profetas Ageu e Zacarias. O trabalho foi concluído em 12 de março de 515 a.C. Era uma construção simples, muito pobre se comparado ao primeiro templo, ainda que seguisse o plano arquitetônico geral da obra anterior. Nesse templo não constava mais a Arca da Aliança nem o fogo sagrado, destruídos na invasão dos babilônios. Mais tarde, já com Herodes, o Grande, esse templo foi reformado, ampliado e ficou altamente luxuoso, maior que o Templo de Salomão.<sup>489</sup>

O terceiro templo de Jerusalém foi, portanto, um trabalho de Herodes que, sem destruir a antiga construção reformou-a e a ampliou, enormemente, erguendo um santuário luxuoso em todos os aspectos: “[...] Herodes, o Grande, tinha um ego enorme e não havia como deixar o segundo templo humilde como era. De fato, ele ultrapassou a glória até mesmo do Templo de Salomão [...]” Foi um trabalho árduo, de muito luxo, representando uma espécie de cidadela onde Herodes reinava: “[...] O trabalho começou no 18º ano do reino de Herodes (em torno de 20 ou 21 a.C.). Levou cerca de um ano e meio para terminar o próprio templo, mas para terminar as cortes foram necessários outros oito anos. Prédios subsidiários foram então adicionados e o trabalho estendeu-se pelos reinos dos sucessores de Herodes [...]”<sup>490</sup>

Há quem acredite que o Período de Transição da Humanidade terrestre tenha como marco inicial a destruição do Templo de Jerusalém, no ano 70 d. C.

## 31.2 O PRINCÍPIO DAS DORES (MC 13:5-13)<sup>491</sup>

<sup>5</sup>Então Jesus começou a dizer-lhes: “Atenção para que ninguém vos engane.

<sup>6</sup>Muitos virão em meu nome, dizendo ‘Sou Eu’; e enganarão a muitos. <sup>7</sup>Quando

ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos alarmeis: é preciso que aconteçam, mas ainda não é o fim. <sup>8</sup>Pois levantar-se-á nação contra nação e reino contra reino. E haverá terremotos em todos os lugares, e haverá fome. Isso é o princípio das dores do parto. <sup>9</sup>Ficai de sobreaviso. Entregar-vos-ão aos sinédrios e as sinagogas, e sereis açoitados, e vos conduzirão perante governadores e reis por minha causa, para dardes testemunho perante eles. <sup>10</sup>É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações. <sup>11</sup>Quando, pois vos levarem para vos entregar, não vos preocupeis com o que haveis de dizer; mas, o que for indicado naquela hora, isso falarei; pois não sereis vós que falareis, mas o Espírito Santo. <sup>12</sup>O irmão entregará o irmão à morte, o pai entregará o filho. Os filhos se levantarão contra os pais e os farão morrer. <sup>13</sup>E sereis odiados por todos por causa do meu nome. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.

Um ponto que se destaca nessa passagem do Evangelho é que, antes de Jesus anunciar as primeiras dores que atingiriam a Humanidade, Ele faz importante alerta: de tomarmos cuidado para não sermos enganados por pessoas que, ávidas pela obtenção de vantagens ou posições na sociedade, aproveitam-se do sofrimento do próximo e agem como falsos cristos ou falsos profetas. Devemos ficar atentos, pois, conforme estas palavras do Cristo: *Muitos virão em meu nome, dizendo “Sou Eu”; e enganarão a muitos* (Mc 13:6) Essa alerta do Mestre Nazareno é medida de prudência, pois não é incomum a ocorrência de tais fatos, mesmo no meio religioso. O momento atual, em especial, está marcado pela presença de pessoas, religiosas ou não que, às quais o Cristo faz alusão. São indivíduos prisioneiros dos prazeres transitórios da vida material que, indiferentes ao sofrimento do próximo, têm obtido vantagens materiais nos diferentes campos onde atuam: político, administrativo e religioso. Neste sentido, todo cuidado é pouco, e importa observar os atos desses indivíduos, como nos esclarece o Espírito Luís, em mensagem transmitida na cidade de Bordeaux, França, em 1861:

É assim, meus irmãos, que deveis julgar; são as obras que deveis examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino se fazem acompanhar de todas as marcas de semelhante missão, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia todos os corações; se, em apoio das palavras, acrescentam os atos, podereis então dizer: “Estes são realmente os enviados de Deus”. Desconfiai, porém, das palavras melífluas, desconfiai dos escribas e fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiai dos que pretendem deter o monopólio exclusivo da verdade!

Não, o Cristo não está entre esses, porquanto os que Ele envia para propagar a sua Doutrina e regenerar o seu povo serão, acima de tudo, a exemplo do próprio Mestre, brandos e humildes de coração; os que hajam de salvar a Humanidade



com seus exemplos e conselhos, a fim de que esta não corra para a perdição nem vagueie por caminhos tortuosos, serão essencialmente modestos e humildes. Fugi de tudo o que revele um átomo de orgulho, como se fugísseis de uma moléstia contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrai-vos de que *cada criatura traz na frente, mas principalmente nos atos, a marca da sua grandeza ou da sua decadência.*<sup>492</sup>

O registro do Evangelista Marcos, do versículo 7 ao 12, inserido após o alerta de Jesus, indica o início de sofrimentos para a humanidade, os quais vêm ocorrendo há tempos, em diferentes períodos da história, e que podem ser assim resumidos: guerras, inimizades e conflitos entre os povos, assim como cataclismos naturais, entre eles terremotos, fome e desuniões entre os considerados, a rigor, como irmãos ou pertencentes ao mesmo grupo étnico. Importa considerar que a maldade é sempre produto da ignorância. O homem esclarecido, sobretudo em termos morais, evita qualquer ato que caracteriza o mal. Nessas condições, Allan Kardec pondera que os sofrimentos trazem, em si, o benefício de conduzir o ser humano à reflexão dos seus atos que, ao triilhar os caminhos da dor, ele é estimulado a progredir, por força do progresso:

O homem não pode manter-se perpetuamente na ignorância, porque deve atingir o objetivo que a Providência lhe assinalou; ele se esclarece pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; dormitam durante séculos e depois irrompem subitamente, fazendo desabar o carcomido edifício do passado, que deixou de se harmonizar com as necessidades novas e com as novas aspirações.

O homem geralmente não percebe, nessas comoções, senão a desordem e a confusão momentâneas que o ferem nos seus interesses materiais. Aquele que eleva o pensamento acima da sua própria personalidade admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. É a tempestade, é o furacão que saneia a atmosfera, depois de a ter agitado com violência.<sup>493</sup>

### 31.3 A GRANDE TRIBULAÇÃO DE JERUSALÉM (MC 13:14-23)<sup>494</sup>

<sup>14</sup>Quando virdes a abominação da desolação instalada onde não devia estar — que o leitor entenda — então os que estiveram na Judeia fujam para as montanhas. <sup>15</sup>aquele que estiver no terraço não desça, nem entre para apanhar algumas coisas em sua casa, <sup>16</sup>aquele que estiver no campo não volte para trás a fim de apanhar a sua veste. <sup>17</sup>Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! <sup>18</sup>Pedi para que isso não aconteça no inverno. <sup>19</sup>Pois naqueles dias haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais. <sup>20</sup>E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos

que escolheu, Ele abreviou os dias. <sup>21</sup>Então, se alguém vos disser ‘Eis o Messias aqui!’ ou ‘Ei-lo ali!’ não creiais. <sup>22</sup>Hão de surgir falsos Messias e falsos profetas, os quais apresentarão sinais e prodígios para enganar, se possível, os eleitos. <sup>23</sup>Quanto a vós, porém, ficai atentos, Eu vos predisse tudo.

Percebemos que nessa parte do sermão profético o sofrimento que atinge a Humanidade terrestre é, efetivamente, mais intenso, caracterizado por acontecimentos tão intensos quanto abruptos que surpreendem os indivíduos, não lhes concedendo tempo nem oportunidade para deles se liberarem. Assim, anuncia o versículo <sup>19</sup>“Pois naqueles dias haverá uma tribulação tal, como não houve desde o princípio do mundo que Deus criou até agora, e não haverá jamais” (Mc 13:19). Contudo, o texto evangélico destaca também, no versículo seguinte, algo muito importante à nossa reflexão: “E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhuma vida se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, ele abreviou os dias” (Mc 13:20). O que se deduz, de imediato, é a ocorrência de dois fatos: a) com os sofrimentos, muitas almas aprendem, às duras penas, a necessidade de agir corretamente no bem; b) reencarnam no planeta Espíritos benevolentes e esclarecidos com a finalidade de auxiliar Humanidade sofredora que passa por atrozes desafios. Esses dois grupos de Espíritos, são localizados em todas as áreas do saber que, na linguagem evangélica, são os “eleitos”, assinalados pelo Cristo.

Os momentos desafiantes vividos atualmente, na Era de Transição, assemelham-se à decisão de passar pela porta estreita que o Senhor indica em outro momento: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. — Quão pequena é a porta da vida! Quão apertado o caminho que a ela conduz! E quão poucos a encontram!” (*Mateus*, 7:13 e 14). Sendo assim, os momentos de crises por mais desafiantes e dolorosos que sejam, são momentos de crescimento espiritual. Ensina Emmanuel, a respeito: “Que o mundo se encontra em conflitos dolorosos, à maneira de cadinho gigantesco em ebulição para depurar os valores humanos, é mais que razoável, é necessário. Entretanto, acima de tudo, importa considerar que devemos ser, não obstante as nossas imperfeições, um ponto de luz nas trevas, em que a inspiração do Senhor possa brilhar”.<sup>495</sup> O venerável benfeitor amplia o sentido da palavra crise que surge nos momentos de tribulações, assim se pronunciando a respeito:

#### **Na hora da crise**<sup>496</sup>

Na hora da crise, emudece os lábios e ouve as vozes que falam, inarticuladas, no imo de ti mesmo.

Perceberás, distintamente, o conflito.  
É o passado que teima em ficar e o presente que anseia pelo futuro.  
É o cárcere e a libertação.  
A sombra e a luz.  
A dívida e a esperança.  
É o que foi e o que deve ser.  
Na essência, é o mundo e o Cristo no coração.  
Grita o mundo pelo verbo dos amigos e dos adversários, na Terra e além da Terra.  
Adverte o Cristo, através da responsabilidade que nos vibra na consciência.  
Diz o mundo: “acomoda-te como puderes”.  
Pede o Cristo: “levanta-te e anda”.  
Diz o mundo: “faze o que desejas”.  
Pede o Cristo: “não peques mais”.  
Diz o mundo: “destrói os opositores”.  
Pede o Cristo: “ama os teus inimigos”.  
Diz o mundo: “renega os que te incomodem”.  
Pede o Cristo: “ao que te exija mil passos, caminha com ele dois mil”.  
Diz o mundo: “apega-te à posse”.  
Pede o Cristo: “ao que te rogue a túnica cede também a capa”.  
Diz o mundo: “fere a quem te fere”.  
Pede o Cristo: “perdoa sempre”.  
Diz o mundo: “descansa e goza”.  
Pede o Cristo: “avança enquanto tens luz”.  
Diz o mundo: “censura como quiseres”.  
Pede o Cristo: “não condenes”.  
Diz o mundo: “não repares os meios para alcançar os fins”.  
Diz o Cristo: “serás medido pela medida que aplicares aos outros”.  
Diz o mundo: “aborrece os que te aborreçam”.  
Pede o Cristo: “ora pelos que te perseguem e caluniam”.  
Diz o mundo: “acumula ouro e poder para que te faças temido”.  
Diz o Cristo: “provavelmente nesta noite pedirão tua alma e o que amontoaste para quem será?”  
Obsessão é também problema de sintonia.  
O ouvido que escuta reflete a boca que fala.  
O olho que algo vê assemelha-se, de algum modo, à coisa vista.  
Não precisas, assim, sofrer longas hesitações nas horas de tempestade.

Se realmente procuras caminho justo, ouçamos o Cristo, e a palavra dele, por bússola infalível, traçar-nos-á rumo certo.

### 31.4 MANIFESTAÇÃO GLORIOSA DO FILHO DO HOMEM (MC 13:24-27)<sup>497</sup>

<sup>24</sup>Naqueles dias, porém, depois daquela tribulação, o Sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, <sup>25</sup>as estrelas estarão caindo do céu, e os poderes que estão nos céus serão abalados. <sup>26</sup>E verá o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória. <sup>27</sup>Então ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da terra à extremidade do céu.

Os tempos das tribulações previstas pelo Cristo são encerrados com acontecimentos de abrangência cósmica, “que abalarão os poderes dos céus”, como consta no texto de Marcos. Não temos a menor ideia de que tipo de acontecimento cósmico será esse, a ponto de abalar “os poderes dos céus”. E não há por que especular a respeito. Mas alguns deles, assinalados nos versículos 24 e 25 nos fazem pensar em eclipses, do Sol ou da Lua, talvez de ambos, considerando essas informações: “o Sol escurecerá, a Lua não dará a sua claridade” (Mc 13:24 e 25).

Após essa etapa final, conclui-se o período da Transição Planetária e inicia-se a era da paz, denominada, Regeneração Planetária. Allan Kardec faz as seguintes considerações:

A época atual é de transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, assistimos à partida de uma e à chegada da outra, já se assinalando cada uma, no mundo, pelas características que lhes são peculiares.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais e, sobretudo, das disposições intuitivas e inatas, torna-se fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, aliadas ao sentimento inato do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento *anterior*. Não se comporá de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e estejam aptos a secundar o movimento de regeneração.<sup>498</sup>

A prática da lei de amor, registrada por *Marcos* (“E verá o Filho do Homem vindo entre nuvens com grande poder e glória. Então Ele enviará os anjos e reunirá seus eleitos, dos quatro ventos, da extremidade da

terra à extremidade do céu” Mc 13:26 e 27.), operará uma remodelação da Humanidade terrestre. Pode até ser que o Cristo renasça no planeta como ocorreu a mais de dois mil anos, como pregam algumas tradições cristãs. Mas pode ser que não: “Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que personificará o *Consolador*. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, para julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.”<sup>499</sup>

O certo é que a Era da Regeneração será reconhecida pela vivência das leis morais e os homens se verão como irmãos, filhos do mesmo Pai, o Criador Supremo.

Eis o que o Codificador diz a respeito:

Opera-se presentemente um desses movimentos gerais, destinados a realizar uma remodelação da Humanidade. A multiplicidade das causas de destruição constitui sinal característico dos tempos, pois que elas apressarão a eclosão dos novos germens. São as folhas que caem no outono e às quais sucedem outras folhas cheias de vida, visto que a Humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm suas várias idades. As folhas mortas da Humanidade caem batidas pelas rajadas e pelos golpes de vento, porém, para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.<sup>500</sup>

## REFERÊNCIAS

- 479 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. v. 2, verbete Escatologia, p-338-339.
- 480 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 783, p. 339.
- 481 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13:1-4, p. 1.778-1.779.
- 482 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. it. Moríá, p. 843.
- 483 \_\_\_\_\_. it. Tabernáculo, tenda, p. 1.184.
- 484 \_\_\_\_\_. p. 1.185.
- 485 \_\_\_\_\_. Id.

- 486 CHAMPLIN, Russell Norman. *Novo dicionário bíblico Champlin. Ampliado e atualizado*. São Paulo: Hagnos, 2018. it. Histórico do Templo de Salomão, p. 1699.
- 487 \_\_\_\_\_. Id.
- 488 \_\_\_\_\_. it. *Arqueologia*, p. 1.760.
- 489 \_\_\_\_\_. it. *O segundo templo*, p. 1.700.
- 490 \_\_\_\_\_. it. *O templo de Herodes*, p. 1.700.
- 491 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13: 5-13, p. 1.779.
- 492 KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 21, it. 8, p. 269.
- 493 \_\_\_\_\_. *O livro dos espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 783, p. 339-340.
- 494 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13:14-23, p. 1.779.
- 495 XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro marcado*. 14. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 3, p. 22.
- 496 \_\_\_\_\_. *Religião dos espíritos*. Pelo Espírito Emmanuel. 22. ed. 9. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 70.
- 497 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13: 24-27, p. 1.779.
- 498 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 18, it. 28, p. 357-358.
- 499 \_\_\_\_\_. cap. 17, it. 45, p. 332-333.
- 500 \_\_\_\_\_. cap. 18, it. 34, p. 360.

# PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MC 13:28-36)

A *parábola da figueira* e a lição *vigiar para não ser surpreendido* faz o fechamento do capítulo 13 do *Evangelho segundo Marcos*. Contudo, em algumas traduções bíblicas, e do Novo Testamento, em especial, tais assuntos são considerados partes integrantes do Sermão Profético, também denominado Sermão Escatológico ou Pequeno Apocalipse. São temas também registrados pelos demais livros sinóticos, respectivamente, *Mateus*, 24:32-44 e *Lucas*, 21:29, 34, 36. Acrescentamos que o assunto foi estudado no Tema 54, itens 54.4 e 54.5, do Livro II, deste Programa o Evangelho Redivivo. Vale a pena conferir!

## 32.1 PARÁBOLA DA FIGUEIRA (MC 13:28-32)<sup>501</sup>

<sup>28</sup>Aprendeí, pois, a parábola da figueira. Quando o seu ramo se torna tenro e as folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo. <sup>29</sup>Da mesma forma, também vós, quando virdes essas coisas acontecendo, sabeis que ele está próximo, às portas. <sup>30</sup>Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. <sup>31</sup>Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. <sup>32</sup>Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai.

O Sermão Profético, analisado neste Tema 32, o anuncia, com todo colorido da linguagem bíblica, o fim de um período evolutivo da Humanidade (Era da Transição Planetária) e início de outro (Era da Regeneração Planetária), caracterizado por maior prosperidade moral e intelectual. Escatologia é o termo utilizado pelos teólogos e estudiosos para se referirem ao *fim dos tempos*.

[No Antigo Testamento] [...] temos um olhar para o futuro, sendo que as suas notas dominantes são a esperança e a promessa. Essas notas estão presentes no NT, mas aqui o que predomina é a da realização – seu cumprimento em Jesus, que pela sua paixão e ressurreição regenerou o seu povo para uma viva esperança (I Pe 1:3), porque “Ele não só destruiu

a morte, como trouxe a luz e a imortalidade, mediante o Evangelho” (II Tm 1:10).<sup>502</sup>

É importante considerar, alerta-nos Allan Kardec, que a mudança de período evolutivo, passagem da Transição para a Regeneração abrange toda a vida planetária:

Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, que se opera no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que lhe são mais opostos, para ela trabalham, mesmo sem o saberem. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.<sup>503</sup>

Isso posto, a parábola da figueira encerra significativo simbolismo, ao indicar os sinais das mudanças evolutivas, já constatadas no acelerado desenvolvimento intelectual, no campo da Ciência e da Tecnologia. Restamos ampliar o progresso moral:

Até aqui, a Humanidade tem realizado incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes, ainda, um imenso progresso a realizar: *fazerem que reinem entre si a caridade, a fraternidade e a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo que comportavam, hoje seriam um entrave. O homem já não necessita somente de desenvolver a inteligência, mas de elevar o sentimento; para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite nele o egoísmo e o orgulho.

Tal o período em que vão entrar de agora em diante e que marcará uma das fases principais da Humanidade. Esta fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril é o complemento da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita com antecedência e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.<sup>504</sup>

Da mesma forma que o surgimento de novos brotos e folhagens, citados na parábola da figueira (“Aprendeis, pois, a parábola da figueira. Quando o seu ramo se torna tenro e as folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo” Mc 13:28) são sinais de mudança da estação do ano, anunciando-se a chegada do verão, no sentido espiritual esse símbolo aponta para o



momento do despertar intelectual e moral dos indivíduos. A Era da Regeneração segue os propósitos e o tempo de Deus que, acima de tudo, visam a implantação do bem no planeta, na legítima acepção da palavra. O venerável Bezerra de Menezes esclarece a respeito desse roteiro divino:

#### **Extinção do mal<sup>505</sup>**

Na didática de Deus, o mal não é recebido com a ênfase que caracteriza muita gente na Terra, quando se propõe a combatê-lo.

Por isso, a condenação não entra em linha de conta nas manifestações da Misericórdia Divina. Nada de anátemas, gritos, baldões ou pragas.

A Lei de Deus determina, em qualquer parte, seja o mal destruído não pela violência, mas pela força pacífica e edificante do bem.

A propósito, meditemos.

O Senhor corrige:

a ignorância: com a instrução;

o ódio: com o amor;

a necessidade: com o socorro;

o desequilíbrio: com o reajuste;

a ferida: com o bálsamo;

a dor: com o sedativo;

a doença: com o remédio;

a sombra: com a luz;

a fome: com o alimento;

o fogo: com a água;

a ofensa: com o perdão;

o desânimo: com a esperança;

a maldição: com a bênção.

Somente nós, as criaturas humanas, por vezes, acreditamos que um golpe seja capaz de sanar outro golpe.

Simples ilusão.

O mal não suprime o mal.

Em razão disso, Jesus nos recomenda amar os inimigos e nos adverte de que a única energia suscetível de remover o mal e extingui-lo é e será sempre a força suprema do bem.

Jesus garante no registro de *Marcos*, 13:30-32 (“Em verdade vos digo que esta geração não passará até que tudo isso aconteça. Passarão o céu e a terra. Minhas palavras, porém, não passarão. Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai”) que as mudanças

acontecerão porque elas são inevitáveis, mas a época exata da transformação não se pode especificar com antecedência, pois tudo está envolvido com o uso do livre arbítrio. O anúncio dos acontecimentos que irão reestruturar a vida planetária será marcado por sinais específicos, como já foi analisado. Entretanto, a mudança efetiva depende de uma série de fatores, entre eles a opção de viver a Lei do Amor, como nos ensina a benfeitora Joanna de Ângelis:

Alcança-se a plenitude terrena quando se consegue amar.

Amar, sem qualquer condicionamento ou imposição, constitui meta que todos devem perseguir, a fim de atingir o triunfo existencial.

O amor é um *diamante* que, para poder brilhar, necessita ser arrancado da ganga que o envolve no seu estágio primário.

Nasce do coração no rumo da vida, expandindo-se na razão direta em que conquista espaço interno, sempre mais expressivo e irradiante.

É realização do sentimento que se liberta do egoísmo, que se transmuda em compaixão, em solidariedade, em compreensão.

Possuidor de emoções superiores, expressa o nível de evolução de cada ser, à medida que se agiganta.

Quando alguém empreende a tarefa de ser aquele que ama, ocorre uma revolução significativa no seu psiquismo, e todo ele se transforma numa chama que ilumina sem consumir-se, numa tranquilidade que não se altera.

[...]

O amor torna o ser compreensivo e dedicado, emulando-o a prosseguir na sementeira da bondade, do bem-estar próprio e geral.

[...]

O amor tudo pode e tudo vence. Não se afadigando mediante a pressa, estende-se ao longo do tempo como hálito que mantém a vida e brisa cariciosa que a beneficia [...].<sup>506</sup>

## 32.2 VIGIAR PARA NÃO SER SURPREENDIDO (MC 13:33-37)<sup>507</sup>

<sup>33</sup>Atenção, e vigiai, pois não sabeis quando será o momento. <sup>34</sup>Será como um homem que partiu de viagem; deixou sua casa, deu autoridade a seus servos, distribuiu a cada uma sua responsabilidade e ao porteiro ordenou que vigiasse.

<sup>35</sup>Vigia, portanto, porque não sabeis quando o Senhor da casa voltará: à tarde, à meia-noite, ao canto do galo, ou de manhã, <sup>36</sup>para que, vindo de repente não vos encontre dormindo. <sup>37</sup>E o que vos digo, digo a todos: vigiai.

Essa passagem evangélica indica, no primeiro momento, a necessidade ser humano ser vigilante perante os acontecimentos da vida, sobretudo

quanto esses são marcados por tribulações. No segundo momento, está subentendida também a ideia da vigilância permanente, em qualquer situação, não com o intuito de fiscalizar o comportamento do próximo, mas como medida de prudência e de bom senso contra as próprias imperfeições e o autocontrole diante dos fatos e das ocorrências. Assim, em conversa com o apóstolo Simão Pedro, Jesus fornece valiosos ensinamentos a respeito da vigilância, transcritos por Humberto de Campos para o nosso conhecimento:

Simão — respondeu o Messias, bondosamente —, ainda não aprendeste toda a extensão da necessidade de vigilância. A criatura na Terra precisa aproveitar todas as oportunidades de iluminação interior, em sua marcha para Deus. Vigia o teu espírito ao longo do caminho. Basta um pensamento de amor para que te eleves ao Céu; mas, na jornada do mundo, também basta, às vezes, uma palavra fútil ou uma consideração menos digna, para que a alma do homem seja conduzida ao estacionamento e ao desespero das trevas, por sua própria imprevidência! Nesse terreno, Pedro, o discípulo do Evangelho terá sempre imenso trabalho a realizar, porque, pelo Reino de Deus, é preciso resistir às tentações dos entes mais amados na Terra, os quais, embora ocupando o nosso coração, ainda não podem entender as conquistas santificadas do Céu. Acabando o Cristo de falar, Simão Pedro calou-se e passou a meditar.<sup>508</sup>

Ao ponderar a respeito Emmanuel, por sua vez, apresenta-nos as seguintes considerações:

#### **Olhai<sup>509</sup>**

*Olhai, vigiai e orai, porque não sabeis quando chegará o tempo. – JESUS (Marcos, 13:33)*

Marcos registra determinada fórmula de vigilância que revela a nossa necessidade de mobilizar todos os recursos de reflexão e análise.

Muitas vezes, referimo-nos ao “orai e vigiai”, sem meditar-lhe a complexidade e a extensão.

É indispensável guardar os caminhos, imprescindível se torna movimentar possibilidades na esfera do bem, entretanto, essa atitude não dispensa a visão com entendimento.

O imperativo colocado por Marcos, ao princípio da recomendação de Jesus, é de valor inestimável à perfeita interpretação do texto.

É preciso olhar, isto é, examinar, ponderar, refletir, para que a vigilância não seja incompleta.

Discernir é a primeira preocupação da sentinela.

O discípulo não pode guardar-se, defendendo simultaneamente o patrimônio que lhe foi confiado, sem estender a visão psicológica, buscando penetrar a intimidade essencial das situações e dos acontecimentos.

Olhai o trabalho de cada dia.

O serviço comum permanece repleto de mensagens proveitosas.

Fixai as relações afetivas. São portadoras de alvítrios necessários ao vosso equilíbrio.

Fiscalizai as circunstâncias observando as sugestões que vos lançam ao centro d'alma.

Na casa sentimental, reúnem-se as inteligências invisíveis que permutam impressões convosco, em silêncio.

Detende-vos na apreciação do dia; seus campos constituídos de horas e minutos são repositórios de profundos ensinamentos e valiosas oportunidades.

Olhai, refleti, ponderai!... Depois disso, naturalmente, estareis prontos a vigiar e orar com proveito.

## REFERÊNCIAS

- 501 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13:28-32, p. 1.779-1.780.
- 502 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. v. 2, verbete Escatologia no NT, p. 36.
- 503 KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2019. pt. 2, cap. 18, it. 6, p. 346.
- 504 \_\_\_\_\_. it. 5, p. 345.
- 505 XAVIER, Francisco Cândido. *Meditações diárias*. Pelos Espíritos Bezerra de Menezes e Meimei. Araras, SP: IDE, 2009. cap. Extinção do mal (mensagem de Bezerra de Menezes), p. 9-11.
- 506 FRANCO, Divaldo Pereira. *Garimpo de amor*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 2003. cap. 1, p. 15-16; 17 e 18.
- 507 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 13:33-36, p. 1780.
- 508 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 21.
- 509 \_\_\_\_\_. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 87, p. 187-188.





## PARTE V

# **A Paixão e a Ressurreição de Jesus**

# A UNÇÃO EM BETÂNIA (MC 14:3-9)

## PREPARATIVOS PARA A CEIA PASCAL (MC 14:12-16)

### INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA (MC 14:22-25)

O capítulo 14 de *O evangelho segundo Marcos* contém, na *Bíblia de Jerusalém*, uma sequência de onze temas, assim especificados: 1) Conspiração contra Jesus; 2) A unção em Betânia; 3) A traição de Judas; 4) Preparativos para a ceia pascal; 5) Anúncio da traição de Judas; 6) Instituição da eucaristia; 7) Predição da negação de Pedro; 8) No Getsêmani; 9) A prisão de Jesus; 10) Jesus perante o sinédrio; 11) Negações de Pedro. Entretanto, para facilitar o estudo, optamos por agrupar os conteúdos de acordo com a similaridade existente entre eles, não seguindo, portanto, a ordem indicada na *Bíblia de Jerusalém*.

A reorganização do conteúdos segue esta sequência:

- » *Tema 33*: item 2 (Unção em Betânia), item 4 (Preparativos para a ceia pascal) e item 6 (Instituição da Eucaristia).
- » *Tema 34*: item 1 (Conspiração contra Jesus), item 3 (A traição de Judas) e item 5 (Anúncio da traição de Judas).
- » *Tema 35*: item 8 (No Getsêmani) e item 9 (A prisão de Jesus)
- » *Tema 36*: item 10 (Jesus perante o sinédrio) e item 11 (Negações de Pedro)

Esses registros evangélicos foram também anotados por *Mateus*, 26:1-75 e *Lucas*, 22:1-71. O evangelista João não cita todos os acontecimentos referenciados nos evangelhos sinópticos. Destaca, sobretudo, os momentos finais da vida do

Cristo quando esteve entre nós, distribuindo as suas anotações nos capítulos 11, 12, 13 e 18 do seu Evangelho.

Na oportunidade, recomendamos a releitura dos Temas 56, 57 e 58 deste programa O Evangelho Redivivo, Livro II: Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus.

### 33.1 A UNÇÃO EM BETÂNIA (MC 14:3-9)<sup>510</sup>

<sup>3</sup>Em Betânia, quando Jesus estava à mesa em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, caríssimo; e, quebrando o frasco, derramou-o sobre a cabeça dele. <sup>4</sup>Alguns dentre os presentes indignavam-se entre si: “Para que esse desperdício de perfume? <sup>5</sup>Pois poderia ser vendido esse perfume por mais de trezentos denários e distribuído aos pobres”. E a repreendiam. <sup>6</sup>Mas Jesus disse: “Deixai-a. Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo.” <sup>7</sup>Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis. <sup>8</sup>Ela fez o que podia: antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura. <sup>9</sup>Em verdade vos digo que, por toda parte onde for proclamado o Evangelho, ao mundo inteiro, também o que ela fez será contado em sua memória”.

Por não serem usuais, as palavras *alabastro* e *nardo* merecem ser esclarecidas. *Alabastro* é um mineral, uma espécie de pedra calcária, muito branco que, quando purificado e pulverizado é utilizado para fabricar objetos ornamentais muito bonitos, como vasos que, em geral, eram incrustados de pedras preciosas, como o ônix, e metais. Na Antiguidade essas cerâmicas eram caras e usadas para armazenar óleos e perfumes. *Nardo* (*Nardostachys jatamansi*), também conhecida como bácaro, é uma planta da família das gramíneas, originária do Nepal, Índia e China, da qual se extrai um óleo essencial usado como perfume, incenso e fins medicinais.

Antigamente, no Oriente Próximo, o costume de ungir pessoas ou objetos com óleos simples ou perfumados, era generalizado e tinha propósitos medicinais, cosméticos e de conservação. O azeite era, em especial, aplicado depois do banho [...], nas feridas [...], nos cadáveres [...], nos cativos libertos [...], e até mesmo nos escudos [...]. Óleos especialmente preparados eram também usados para ungir a cabeça [...] e os pés [...] e os pés dos hóspedes ou das pessoas veneradas, ou simplesmente como perfumes [...]. Sendo um sinal de alegria nestes últimos casos [...], figurava entre as coisas das quais os enlutados deviam se abster.<sup>511</sup>

No Antigo Testamento a unção adquiriu propósitos nitidamente religiosos: “[...] Ungir com óleo separava determinadas pessoas e objetos, dedicando-os ao serviço divino. Segundo a legislação, óleos primorosamente preparados eram



usados para dedicar o tabernáculo, seu móveis e seus vasos [...], assim como os membros da classe sumo sacerdotal de Levi que deviam ali servir [...].”<sup>512</sup> Importa acrescentar outra tradição impontante que justifica a iniciativa da mulher de Betânia de ungir a cabeça de Jesus: “Os hebreus esperavam, ainda, pela vinda de um rei pertencente à linhagem de Davi, que seria especialmente ungido por Deus para introduzir o Seu Reino, e esse personagem recebeu o nome derivado da palavra *ungir* em hebraico: o Messias[...].”<sup>513</sup>

A cena se passa em Betânia (no hebraico, “casa das tâmaras”, no Talmude, “casa das tâmaras verdes”,[...] nome de uma cidadezinha do monte das Oliveiras [...], quinze estágios de Jerusalém, cerca de dez quilômetros [...] na estrada que vai a Jericó. O Senhor Jesus hospedou-se ali muitas vezes [...].”<sup>514</sup> Ali o Senhor refazia-se das fadigas e das ações traiçoeiras dos membros do clero judaico e dos prepostos de Herodes.

O remanso que era Betânia fazia-se agradável refúgio após as afadigantes jornadas. Diversas vezes Jesus procurara aqueles sítios para retemperar o coração e alentar outros corações.

Naquele outubro de 29, quando começavam as primeiras trovoadas e os ânimos em Jerusalém exaltavam-se, o Mestre procurou a encantadora Betânia.

A rede de intrigas apertava as malhas.

Sinedritas [membros do sinédrio] espreitavam e espalhavam espíões pela senda do Rabi.

Desejavam surpreendê-lo em blasfêmia.

Jesus, porém, imperturbável, continuava a sementeira da verdade.

Ele sabia que os homens são “meninos espirituais”, que o ódio é a consequência do amor selvagem atemorizado. Se de um lado o despeito e a inveja trançavam as cordas odientas, da perseguição implacável, o cendal de amores abria seus tecidos e envolvia muitos espíritos valorosos e dedicados. Em Betânia, Lázaro e suas irmãs Marta e Maria são o atestado eloquente desse amor [...].<sup>515</sup>

Em visita à casa de Simeão, Jesus é surpreendido pela presença de uma mulher que, conforme relata *Marcos*, “[...] aproximou-se dele uma mulher, trazendo um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, caríssimo; e, quebrando o frasco, derramou-o sobre a cabeça dele” (Mc 14:3). Russell Champlin tece os seguintes comentários a respeito do ocorrido:

Tudo indica que Jesus ficou profundamente comovido pelo ato daquela mulher; ato tão extravagante, mas de tanto amor. Ele estava no meio de uma crise, e certamente sabia que isso o condenaria à morte. Como foi grato, pois, receber um *toque de amor* naquela atmosfera hostil. Não se duvide de que Jesus apreciou, na própria alma,

aquele ato [...]. O sacrifício daquela mulher equivalia ao trabalho de um homem por quase um ano, segundo se vê no quinto versículo.<sup>516</sup>

Ante a recriminação de alguns presentes, o Mestre intercede pela mulher e adverte: “Deixai-a. Por que a aborreceis? Ela praticou uma boa ação para comigo” (Mc 14:6). Jesus nos transmite a lição de que não devemos julgar, mas aprender a perceber além das aparências. Champlin acrescenta estes outros comentários:

Aquela mulher trouxe a Jesus o que tinha de *luxo*. Não se contentou em dar-lhe alguma coisa “comum”, de todos os dias. Há profunda lição nisso [...]. Ela trouxe uma dádiva caríssima que deixou atônitos os pobres discípulos, os quais imediatamente começaram a queixar-se ante o imenso “desperdício”. Ela trouxe um produto importado e *caro*. Mostrou-se extravagante com Jesus. Tudo isso faz subtender um poderoso amor da parte dela [...].<sup>517</sup>

Após a unção, o Mestre prevê a sua morte que em breve aconteceria: “Na verdade, sempre tereis os pobres convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes o bem, mas a mim nem sempre tereis. Ela fez o que podia: antecipou-se a ungir o meu corpo para a sepultura” (Mc 14:7-8).

Essa é uma *predição velada* de sua morte. Se tivessem entendido isso, ou se já houvessem entendido que pouco tempo de vida na carne restava a Jesus, para estar entre eles, não teriam feito objeção à extravagante dádiva que lhe deram, mesmo que isso significasse que os pobres teriam de esperar um pouco para receber dos discípulos alguma dádiva.<sup>518</sup>

### 33.2 PREPARATIVOS PARA A CEIA PASCAL (MC 14:12-16)<sup>519</sup>

<sup>12</sup>No primeiro dia dos Ázimos quando se imolava a Páscoa, os seus discípulos lhe disseram: “Onde queres que façamos os preparativos para comeres a Páscoa?”

<sup>13</sup>Enviou então dois dos seus discípulos e disse-lhes: “Ide à cidade. Um homem levando uma bilha d’água virá ao vosso encontro. Segui-o.<sup>14</sup>Onde ele entrar, dizei ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: Onde está a minha sala, em que poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?’<sup>15</sup>E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala arrumada com almofadas. Fazei os preparativos ali para nós”.

<sup>16</sup>Os discípulos partiram e foram à cidade. Acharam tudo como lhes fora dito e prepararam a Páscoa.

Páscoa, do hebraico *pesah*, que significa *passagem* ou também *passar por cima*, é nome da primeira das três festas anuais em que todos os homens tinham a obrigação de comparecer no santuário (Ex 23:14-17).<sup>520</sup> “A Páscoa é associada com a festa dos pães asmos (*hag hammassôt*), a semana durante qual a levedura era rigidamente excluída da dieta dos hebreus (Ex 23:15)”<sup>521</sup> Os pães asmos são

desprovidos de fermentação durante a sua fabricação. Para que ocorra a fermentação do pão, usualmente utilizado na alimentação mundial, é preciso acrescentar ao trigo (ou outro cereal) um fermento biológico, constituído de uma levedura, que é um microrganismo da família dos fungos. Essa levedura fermentadora é cientificamente denominada *Saccharomyces cerevisiae*, cujo nome é formado por dois radicais: *sacaro* (abreviatura do açúcar sacarose) = açúcar; e *myces* = fungo. É a mesma levedura que também está presente na fabricação do vinho e da cerveja. As leveduras têm o poder de degradar os diferentes tipos de açúcares.

A páscoa judaica ou páscoa histórica difere da páscoa cristã. A primeira, foi instituída quando os judeus ainda eram prisioneiros no Egito e por ocasião das chamadas “pragas do Egito”. Está relacionada à “[...] décima praga – a morte dos primogênitos no Egito. Israel recebeu a ordem de preparar um cordeiro para cada lar. O sangue [do cordeiro] devia ser aplicado na verga [viga] e nas ombreiras das portas (Ex 12:7). O sinal de sangue garantiria a segurança de cada casa [não haveria morte dos primogênitos].”<sup>522</sup> Nessa situação, depois de assados, os cordeiros eram comidos com pães asmos e ervas amargas (Ex 12:8).<sup>523</sup>

A páscoa cristã, difere histórica e culturalmente da páscoa dos judeus, tendo sido instituída pelos cristãos, após a crucificação de Jesus: “A morte do Cristo na época da páscoa [dos judeus] era considerada significativa pela igreja primitiva. Paulo chama Cristo de *nossa páscoa*. [...] O cristão deve lançar fora o *velho fermento* da maldade e da malícia, e colocar no lugar dele os *asmos da sinceridade e da verdade* (I Co 5:8).<sup>524</sup>

João Moutinho assinala que o espírito não segue as tradições instituídas pela páscoa judaica ou cristã, uma vez que o formalismo dos cultos externos não se aplicam às práticas espíritas.

O Espiritismo na condição de Cristianismo restaurado, tendo por fundamento a reforma íntima, pela conscientização que o Evangelho proporciona, não possui compromisso com as tradições da Páscoa, ou da ressurreição, nem com quaisquer dogmas ou sacramentos – fundamentos do Catolicismo – por mais belos pareçam aos olhos das pessoas, porque possui uma definição mais elevada dos valores imortais e porque semelhantes conceitos, apesar de milenares, nunca definiram felicidade e paz às criaturas terrenas.<sup>525</sup>

O texto do evangelista Marcos revela que Jesus, seguidor que era dos costumes e tradições judaicas, prepara-se junto como os discípulos para a ceia que antecederia a festa da páscoa judaica. Por intermédio de Sua visão espiritual, percebe como organizar os preparativos e, em seguida, dá as seguintes instruções a dois dos discípulos: “Enviou então dois dos seus discípulos e disse-lhes: ‘Ide à cidade. Um homem levando uma bilha d’água virá ao vosso encontro.

Segui-o. Onde ele entrar, dizei ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: Onde está a minha sala, em que poderei comer a Páscoa com os meus discípulos?’ E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala arrumada com almofadas. Fazei os preparativos ali para nós” (Mc 14:13-15) Foi assim que aquela ceia foi organizada: “Os discípulos partiram e foram à cidade. Acharam tudo como lhes fora dito e prepararam a Páscoa” (Mc 14:16). Essa ceia entraria para a história como a última do Mestre com os apóstolos e demais discípulos. Os ensinamentos finais de Jesus e a as suas despedidas, entre outros acontecimentos, marcaram esse momento para sempre na história da cristandade.

Segundo o estudioso e teólogo protestante F. F. Bruce, a “[...] tradição diz que o a sala em que comeram a última ceia ficava na casa de João Marcos, nesse caso, *o dono da casa* (v. 14) pode bem ter sido o pai de Marcos, que, ao mesmo assim, parece ter morrido antes dos eventos [...]”<sup>526</sup>

### 33.3 INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA (MC 14:22-25)<sup>527</sup>

<sup>22</sup>Enquanto comiam, Ele tomou um pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu, dizendo: “Tomai, isto é o meu corpo”.<sup>23</sup>Depois, tomou um cálice, rendeu graças, deu a eles, e todos dele beberam.<sup>24</sup>E disse-lhes: “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos.”<sup>25</sup>Em verdade vos digo, já não beberei do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus”.

O termo *eucaristia* — que significa ação de graças — encontrado apenas no subtítulo da *Bíblia de Jerusalém*, é indicativo de uma inserção da tradição católica. A palavra não é localizada em outras tradições bíblicas, sobretudo neotestamentais. Outro ponto, até mais significativo, são as palavras pronunciadas por Jesus após Ele ter tomado o pão e o abençoado e, como ênfase, repetimos: “Tomai, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice, rendeu graças, deu a eles, e todos dele beberam. E disse-lhes: ‘Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos’ (Mc 14:22-24).

Em relação a essa passagem, permanece dúvidas e discussões entre os estudiosos quando se compara o texto de Marcos ( e dos demais sinópticos) com o registro de João, ou mesmo, com uma citação de Paulo, que se encontra em *I Coríntios*, 11:23-25: a) o dia em que a ceia aconteceu; b) quais as verdadeiras palavras pronunciadas por Jesus. Os evangelhos sinóticos afirmam que a ceia aconteceu no dia anterior à crucificação de Jesus. Não é fácil, efetivamente, extrair o sentido espiritual do simbolismo, sobretudo quando há limitações do entendimento a respeito da realidade espiritual e de outros conceitos que o Espiritismo transmite. Neste sentido, a ação de graças, ou

eucaristia, realizada pelo Cristo na última ceia, encontra em Emmanuel as seguintes considerações: “A verdadeira eucaristia evangélica não é a do pão e do vinho materiais, como pretende a Igreja de Roma, mas a identificação legítima e total do discípulo com Jesus, de cujo ensino de amor e sabedoria deve auri a essência profunda, para iluminação dos seus sentimentos e do raciocínio, através de todos os caminhos da vida.”<sup>528</sup>

O entendimento da passagem de Marcos é mais facilmente assimilado quando se considera o sentido das tradições judaicas.

Não há dúvida alguma de que as palavras e as ações de Jesus são melhor entendidas se considerar-se a refeição realizada dentro do contexto da Páscoa judaica. Nela, o povo de Deus não somente relembra, mas também revivia os eventos da sua libertação do Egito sob a égide do cordeiro pascal sacrificado, como se eles mesmos tivessem participado (veja Ex 12). Nesse contexto, ao oferecer o pão e o vinho como seu corpo e sangue, com as palavras: “fazei isso em memória de mim”, Jesus aponta para a sua própria pessoa como o substituto verdadeiro do cordeiro pascal, e para a sua morte como evento salvífico que livrará o povo de Israel, representado nos seus discípulos, de toda a escravidão. Seu sangue será doravante o sinal segundo o qual Deus Se lembrará do Seu povo na pessoa de Cristo.

[...]

Nas suas palavras proferidas à mesa, Jesus fala de si próprio não somente como o cordeiro pascal, mas também como um sacrifício de conformidade com outras analogias do AT [...].<sup>529</sup>

Na obra *Luz imperecível*, o saudoso Honório Onofre diseca o texto evangélico e nos apresenta explicações espíritas relacionadas à simbologia apresentada na última ceia. Extraímos as seguintes informações:

» *E, comendo com eles,*

— A ceia representa a reunião de conagração, de trocas de vibrações fraternas e de sustentação, em que cada um, intimamente ligado ao grupo, se alimenta a fim de angariar forças para os grandes embates da vida.

Na extensão da ideia aos terrenos do espírito, reúnem-se corações para ingestão de recursos que lhe saciem a fome [...] em atendimento à vida mental na pauta dos interesses [...]. Alimentar com o Cristo pressupõe, portanto, a assimilação dos nítidos valores, suficientes à manutenção da existência.<sup>530</sup>

» *Tomou Jesus o pão*

Valendo-se Jesus do alimento básico do corpo físico, distribui expressivos elementos espirituais [...] Sem dúvida o corpo doutrinário do Mestre se caracteriza como sustento fundamental do Espírito.<sup>531</sup>

» *E abençoando-o, o partiu e deu-lho,*

Impregnando-o de boas vibrações, Jesus abençoa o pão, distribuindo cada pedaço, adaptando-o às condições de cada qual que o recebia. Hoje, já não temos dúvida de que cada fatia, cada porção de seus ensinamentos é distribuída a cada um de acordo com sua capacidade de assimilação [...].<sup>532</sup>

» *E disse: tomai, comei, isto é o meu corpo.*

Não basta estar presente na ceia é preciso “tomar” o alimento e “comê-lo”. Só assim estaremos nos apropriando da substância nutritiva contida em sua mensagem. Somente o “corpo do Cristo” elaborado pela essência do Amor poderá suprir efetivamente a fome de equilíbrio e felicidade que aspiramos a cada instante.

[...]

A vida em todas as suas expressões é mantida por alimento específico. No campo físico, biológico, não se pode prescindir do pão, ou produto similar capaz de assegurar o entretenimento do cosmo celular,

Em sua vertente espiritual a vida, como reconforto vibratório, e consciencial, dependerá do suprimento inesgotável do Cristo Jesus, cujos celeiros repletos de Amor garantem a cada um a cota que carece na subida incessante para Deus.<sup>533</sup>

» *Tomai, comei, isto é o meu corpo*

Analisando com sabedoria o conteúdo essencial da Boa-Nova, Jesus usa o pão material para fazer referência ao “corpo doutrinário” que consubstancia os seus ensinamentos. Tornando-se ponto central de observação, em nova dimensão, fornece-nos o sublime alimento da alma, elaborado com o ingrediente de austeros testemunhos, garantindo-nos, assim, a reserva alimentícia de que a alma necessita; verdadeiras e saborosas fatias do pão da vida que sustenta para a eternidade.<sup>534</sup>

Humberto de Campos registra as explicações do próprio Jesus para o simbolismo perene de eucaristia e da transmutação que, ao longo dos séculos, foram motivos de estudo pelos adeptos do Cristianismo:

– Amados disse Jesus, com emoção –, está muito próximo o nosso último instante de trabalho em conjunto e quero reiterar-vos as minhas recomendações de amor, feitas desde o primeiro dia do apostolado. Este pão significa o do banquete do Evangelho; este vinho é o sinal do espírito renovador dos meus ensinamentos. Constituirão o símbolo de nossa comunhão perene, no sagrado idealismo do amor, com que operaremos no mundo até o último dia. Todos os que partilharem conosco, através do tempo, desse pão eterno e desse vinho sagrado da alma, terão o espírito fecundado pela luz gloriosa do Reino de Deus, que representa o objetivo santo dos nossos destinos.<sup>535</sup>

## REFERÊNCIAS

- 510 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:3-9, p. 1.780.
- 511 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. v. 3, verbete Unção, ungião, p. 588-589.
- 512 \_\_\_\_\_. p. 589.
- 513 \_\_\_\_\_. Id.
- 514 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbetes Betânia, p. 179.
- 515 FRANCO, Divaldo Pereira. *Primícias do reino*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2001. cap. 16, 170-171.
- 516 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp., São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:12-16, p. 1.780-1.781.
- 517 \_\_\_\_\_. Id.
- 518 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia. Ampliado e atualizado*. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbetes Páscoa, p. 930.
- 519 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. v. 3, verbete Páscoa, p. 101.
- 520 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 12, p. 66.
- 521 BRUCE, Frederick Fyvie. *Comentário bíblico NVI - antigo e novo testamentos*. Trad. Valdemar Kroker. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2012. it. Os preparativos para a última ceia, p. 1.124.
- 522 \_\_\_\_\_. Id.
- 523 \_\_\_\_\_. Id.
- 524 \_\_\_\_\_. Id.
- 525 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 14:22-25, p. 1.781.

- 526 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 14:22, p. 916-917.
- 527 \_\_\_\_\_. p. 917.
- 528 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. q. 318, p. 210-211.
- 529 ELWELL, Walter A. (Editor). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. Trad. Gordon Chown. 2. ed. 1. imp. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1992. v. 1, verbete Ceia do Senhor, p. 263.
- 530 ABREU, Honório (Coord.). *Luz imperecível: estudo interpretativo do evangelho à luz da doutrina espírita*. Belo Horizonte: Grupo Espírita Emmanuel, 1997. cap. 140, p. 280.
- 531 \_\_\_\_\_. Id.
- 532 \_\_\_\_\_. Id.
- 533 \_\_\_\_\_. p. 280-281.
- 534 \_\_\_\_\_. p. 281.
- 535 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB; 2020. cap. 25.



# CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS (MC 14:1-2) A TRAIÇÃO DE JUDAS (MC 14:10-11) ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS (MC 14:17-21)

Nem todos esses temas encontram-se registrados pelos quatro evangelistas. Assim, o item *Conspiração contra Jesus* é descrito apenas pelos sinóticos (Mt 26:2-5; Mc 14:1-2 e Lc 22:1-2); A traição de Judas Iscariotes, ou Iscariot, é citada apenas por *Marcos*, 14:10-11 e *Lucas*, 22:3-6. O Anúncio da traição de Judas, porém, encontra-se anotado pelos quatro evangelistas (Mt, 26:20-25; Mc 17-21; Lc 22:14, 21-23; Jo 13:21-30). Cada uma dessas passagens pode conter alguns detalhes, de acordo com autor do livro evangélico.

## 34.1 CONSPIRAÇÃO CONTRA JESUS (MC 14: 1-2)<sup>536</sup>

<sup>1</sup>A Páscoa e os Ázimos seriam dois dias depois, e os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam como prender Jesus por meio de um ardil para matá-Lo. <sup>2</sup>Pois diziam? “Não durante a festa, para não haver tumulto entre o povo!”

No livro de *Mateus*, consta a informação de que, após Jesus ter pronunciado o Sermão Profético, Ele anunciou sua condenação e morte por crucificação (Mt 26:1-2). Paralelamente a esse anúncio, ocorria uma reunião na casa do sumo sacerdote Caifás que, junto com membros do clero judaico conspirarão contra Jesus: “Então os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo reuniram-se no pátio do sumo sacerdote, que se chamava Caifás, e decidiram juntos que prenderiam Jesus por um ardil e o matariam. Diziam, contudo: ‘Não durante a festa, para não haver tumulto no meio do povo’”. A citação de *Marcos*, 14:1-2, objeto deste

estudo, é sucinta: “[...] os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam como prender Jesus por meio de um ardil para matá-lo”. O registro de Lucas é muito semelhante ao de Marcos: “Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa. E os chefes dos sacerdotes e os escribas procuravam de que modo eliminá-lo, pois temiam o povo” (Lc 22:1-2).

Importa considerar que as duas festas, da Páscoa e dos Ázimos (ou dos pães não fermentados), eram comemoradas juntas, como se fossem uma só, pois guardavam relação histórica entre si. Na ocasião dessas festividades, milhares de pessoas, oriundas de todas as partes, movimentavam as ruas de Jerusalém, ansiosas para cumprir o dever religioso, não por uma manifestação de espiritualidade, propriamente dita, mas, sobretudo, porque temiam a ira divina se não realizassem o culto no Templo. Os sacerdotes consideravam artigo de fé a participação dos judeus nas festividades.<sup>537</sup> Entretanto, a despeito dos espões do clero e de Herodes estarem vigiando os passos de Jesus – que se encontrava hospedado em Betânia – sabiam que não era o momento de prendê-lo. Temiam a reação do povo.

Jerusalém ficava abarrotada de gente durante a festa, com talvez cinco vezes o número de sua população normal. Sabia-se que os tumultos ocorriam; Josefo [...] relata que, em uma Páscoa, várias décadas depois dos acontecimentos desse versículo, trinta mil pessoas foram esmagadas ou pisoteadas durante um momento de pânico no templo. Por isso, tropas romanas adicionais atuavam em Jerusalém durante a festa, e o governador romano vinha de Cesareia para ficar disponível caso surgissem problemas. O perigo de prender Jesus na festa (i.é., durante as horas da festa, em público) é uma grande preocupação para a liderança do templo.<sup>538</sup>

Os religiosos firmaram entre si um pacto de traição temerosos de perder a posição de poder e prestígio econômico-social, as facilidades e comodidades que a vida religiosa lhes proporcionava, a despeito de serem considerados intermediários entre Deus e os homens. Escondidos, reuniram e conspiraram contra Jesus, organizando um plano de condenação e definiram a sentença que deveria ser aplicada ao Mestre Nazareno: morte por crucificação. Cairbar Schutel transmite-nos boas reflexões a respeito da responsabilidade que cabe a cada indivíduo que optou por ser sacerdote, mas cujo número bem significativo, afasta-se da sua missão pastoral, por amor as coisas transitórias da matéria. Infelizes, desconhecem as dolorosas reencarnações que lhes aguardam no futuro, a fim de reparar-se perante a Lei de Deus.

A História do Cristianismo não poderia ficar completa sem o pacto da traição. Sem as trevas não brilharia a luz, sem a enfermidade não se poderia apreciar o valor da saúde, sem a dor nenhum efeito teria a felicidade, sem a guerra a paz não poderia fazer prevalecer os seus princípios. Daí

a manifestação da traição para se valorizar a lealdade, a sinceridade, o verdadeiro afeto.

O pacto da traição traz-nos grandes ensinamentos morais e espirituais [...].  
[...]

Já por mais de uma vez temos salientado o papel que os sacerdotes têm representado em face da *religião*, trabalho contínuo do destruidor, do conspiradores da *fé*, do aniquilados da *caridade*, do exterminados da *esperança*, em cujos altares erige “deuses estranhos”, de cujas cátedras impõe dogmas que constituem a antítese de todos os princípios da *moral*. [...].

Basta passar uma vista de olhos na História da religião para ver a luta acirrada que tem havido entre a classe sacerdotal e o ministério dos profetas. Enquanto estes fazem reboar pelo mundo inteiro o Verbo Divino, convidando os homens à espiritualidade, aqueles, cheios de orgulho de saber, prepotência e ambição de poder, materializam as almas ao ponto de o culto a Deus ser substituído pelo culto a Mamom.

Rebeldes, insubmissos às mensagens do Alto e dos missionários que nos vêm anunciar a *nova da redenção*, têm eles sido, em todas as épocas, os carrascos dos gênios que nos vêm falar em nome de Deus.<sup>539</sup>

A lealdade ou fidelidade aos compromissos morais assumidos à prática do bem, independentemente do roteiro reencarnatório, ainda representa um dos maiores desafios que interpõe graves obstáculos ao processo de ascensão espiritual. Quanto aos cristãos sinceros, não é demais recordar que, ser fiel a Jesus é o mesmo que ser fiel às Leis de Deus, tarefa cotidiana que exige esforço e sacrifício, a fim de que se possa moldar o caráter do homem de bem. Humberto de Campos recorda precioso diálogo entre Jesus e os discípulos a respeito do tema fidelidade a Deus, do qual extraímos pequeno trecho:

Em verdade esclareceu o Messias –, ninguém pode servir, simultaneamente, a dois senhores. Fora absurdo viver ao mesmo tempo para os prazeres condenáveis da Terra e para as virtudes sublimes do Céu. O discípulo da Boa-Nova tem de servir a Deus, servindo à Sua Obra neste mundo. Ele sabe que se acha a laborar com muito esforço num grande campo, propriedade de seu Pai, que o observa com carinho e atenta com amor nos seus trabalhos.

[...]

– Qual a primeira qualidade a cultivar no coração – perguntou um dos filhos de Zebedeu –, para que nos sintamos plenamente identificados com a grandeza espiritual da tarefa?

– Acima de todas as coisas – respondeu o Mestre – é preciso ser fiel a Deus.<sup>540</sup>

Ao concluir o diálogo, Jesus assevera:

– Ouve – replicou o Senhor com certa ênfase –. Nos dias de calma, é fácil provar-se fidelidade e confiança. Não se prova, porém, dedicação, verdadeiramente, senão nas horas tormentosas, em que tudo parece contrariar e perecer. O enfermo tem consigo diversas possibilidades de trabalhar para Nosso Pai, com mais altas probabilidade de êxito no serviço. Tateando ou rastejando, busquemos servir ao Pai que está nos Céus, porque nas suas Mãos Divinas vive o Universo inteiro!...<sup>541</sup>

## 34.2 A TRAIÇÃO DE JUDAS (MC 14:10-11)<sup>542</sup> E ANÚNCIO DA TRAIÇÃO DE JUDAS (MC 14:17-21)<sup>543</sup>

No prosseguimento do estudo, encontramos nesses registros de Marcos a ocorrência de uma série de ações sequenciais, assim especificadas:

- 1) *Antes da ceia de Jesus com os discípulos*: Judas Iscariotes reúne-se com o sumo sacerdote Caifás e outros religiosos, traçam um plano que culminaria na prisão de Jesus que, para o entendimento de Judas e de acordo com o combinado nessa reunião, seria uma detenção temporária, seguida da liberação do Mestre, com a justificativa de evitar quaisquer tumultos durante as festividades. Em paralelo, ocorrem os preparativos da ceia pascal que seria a última de Jesus com os seus discípulos.
- 2) *Durante a última ceia de Jesus com seus discípulos*: Jesus fornece as últimas instruções, inclusive a promessa do advento de outro Consolador, o Espírito da Verdade; anuncia a sua condenação, morte e ressurreição em razão da traição de um dos apóstolos.
- 3) *Após a ceia*: Jesus e alguns discípulos vão orar no Jardim do Getsêmani, situado no Monte das Oliveiras.
- 4) *Jesus é aprisionado*: após um beijo de Judas, gesto combinado previamente com os sacerdotes para os soldados identificarem o Senhor.

Apresentamos, em seguida, as duas anotações de Marcos referentes à sequência de ações anteriormente anunciadas.

<sup>10</sup>Judas Iscariotes um dos Doze, foi aos chefes dos sacerdotes para entregá-lo a eles. <sup>11</sup>Ao ouvi-lo, alegravam-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele procurava uma oportunidade para entregá-lo.

[...]

<sup>17</sup>Ao cair da tarde, Ele foi para lá com os Doze. <sup>18</sup>E quando estavam à mesa, comendo, Jesus disse: “Em verdade vos digo: um de vós que come comigo há de me entregar”. <sup>19</sup>Começaram a ficar tristes e a dizer-lhe, um após outro: “Acaso

sou eu?”<sup>20</sup> Ele, porém, disse-lhes: “Um dos Doze, que põe a mão no mesmo prato comigo.”<sup>21</sup> Porque, na verdade, o Filho do Homem vai, conforme está escrito a seu respeito. Mas, ai daquele homem por quem o Filho do Homem for entregue! Melhor seria para esse homem não ter nascido!”

O peso da traição de Judas não se restringia apenas ao aspecto moral, por si só de grande relevância. Envolve também um ardil político com vistas a enfraquecer o poder de Jesus junto ao povo que, para o estudioso Craig Keeler, isso só aconteceu porque havia um acordo ou entendimento entre Judas e os sacerdotes:

A traição vinda de um discípulo traria vergonha ao mestre, e seria vista, particularmente, como uma violação hedionda de sua confiança. Judas teria facilidade para entrar em contato com os principais sacerdotes, contudo, eles não seriam tão acessíveis se a missão de Judas não estivesse alinhada aos planos deles. A motivação mercenária de Judas deve ter parecido menos perversa aos leitores antigos do que a nós hoje, e ela faz um contraponto com o ato de amor da mulher anônima em 14:1-9 [mulher que faz a unção em Jesus].<sup>544</sup>

Antes de analisarmos alguns detalhes da traição de Judas, procurar saber por que ele agiu assim, o que tinha em mente ao fazer acordo com o sumo sacerdote e outros religiosos, é importante destacar que Judas foi alertado a respeito durante a ceia, como se deduz do teor destes versículos: “Ao cair da tarde, ele foi para lá com os Doze. E quando estavam à mesa, comendo, Jesus disse: ‘Em verdade vos digo: um de vós que come comigo há de me entregar. Começaram a ficar tristes e a dizer-lhe, um após outro: ‘Acaso sou eu?’ Ele, porém, disse-lhes: ‘Um dos Doze, que põe a mão no mesmo prato comigo [...]’” (Mc 14:17-20).

Na verdade, a citação de Marcos não nomeia o nome de Judas. É uma certeza que localizamos no seguinte trecho do *Evangelho segundo João*, capítulo 13:<sup>545</sup>

<sup>21</sup>[...] e declarou: “Em verdade, em verdade, vos digo: um de vós me entregará.”<sup>22</sup> Os discípulos entreolhavam-se, sem saber de quem falava. <sup>23</sup>Estava à mesa, ao lado de Jesus, um de seus discípulos, aquele que Jesus amava. <sup>24</sup>Simão Pedro fez-lhe, então, um sinal e diz-lhe: “Pergunta-lhe quem é aquele de que fala?” <sup>25</sup>Ele, então, reclinando-se sobre o peito de Jesus, diz-lhe: “Quem é, Senhor?” <sup>26</sup>Responde Jesus: “É aquele a quem eu der o pão que vou umedecer no molho”. Tendo umedecido o pão, ele o toma e dá a Judas, filho de Simão Iscariotes [...].

Para o Espiritismo, todavia, Judas não é visto como um mercenário, nem alguém que não amava Jesus ou que tivesse intenção de traí-lo. Tanto isso é verdade é que, ao cair em si, ao perceber a extensão dos seus atos, ele, Judas, entrou em profundo desespero e suicidou-se. Cometendo, assim, outro desatino. Pela sequência dos atos do infeliz apóstolo, percebe-se, nitidamente, que Judas não compreendeu o alcance espiritual da missão de Jesus. Não que Iscariotes fosse ignorante, ao contrário, revelava-se como pessoa inteligente. Contudo, por ele

estar tão centrado no sofrimento provocado pelo domínio do invasor romano, pela corrupção administrativa de Herodes e pelos abusos do clero, fechou-se, intimamente, a qualquer percepção de natureza espiritual superior. Judas raciocinava que, diante dos grandes feitos realizados pelo Mestre, e por ser o Senhor bom e pacífico, o Messias aguardado, seria possível, então, pensar na libertação do povo.

Não percebia ele, todavia, que ao agir em conluio com os representantes do clero judaico, por mais bem-intencionado que estivesse, a questão de lealdade para com Jesus e os seus ensinamentos deveria ser pensada. Assim, segundo a orientação espírita, Judas não passou de uma pessoa muito equivocada ou iludida, consigo mesma em especial, cujas consequências dos seus atos lhe resultariam dolorosas reencarnações no futuro.

Humberto de Campos transmite-nos relevantes esclarecimentos a respeito da forma de Judas pensar, ao reproduzir trechos de uma conversa ocorrida entre ele e Tiago, filho de Zebedeu, antes do seu encontro com o sumo sacerdote. Ao ouvi-lo, Tiago tenta conduzi-lo a reflexões mais profundas. Judas, porém, a despeito de amar Jesus, não soube medir as implicações do seu projeto de poder. E isso foi a sua perdição. Eis as principais anotações de Humberto de Campos:

— Não concordo com os princípios de inação e creio que o Evangelho somente poderá vencer com o amparo dos prepostos de César ou das autoridades administrativas de Jerusalém que nos governam o destino. Acompanhando o Mestre nas suas pregações em Cesareia, em Sebaste, em Corazim e Betsaida, quando das suas ausências de Cafarnaum, jamais o vi interessado em conquistar a atenção dos homens mais altamente colocados na vida. É certo que de seus lábios divinos sempre brotaram a verdade e o amor, por toda parte; mas só observei leprosos e cegos, pobres e ignorantes, abeirando-se de nossa fonte.

— Jesus, porém, já nos esclareceu— obtemperou Tiago com brandura — que o seu Reino não é deste mundo.

Imprimindo aos olhos inquietos um fulgor estranho, o discípulo impaciente revidou com energia:

—Vimos hoje o povo de Jerusalém atapetar o caminho do Senhor com as palmas da sua admiração e do seu carinho; precisamos, todavia, impor a figura do Messias às autoridades da Corte Provincial e do Templo, de modo a aproveitarmos esse surto de simpatia. Notei que Jesus recebia as homenagens populares sem partilhar do entusiasmo febril de quantos o cercavam, razão porque necessitamos multiplicar esforços, em lugar dele, a fim de que a nossa posição de superioridade seja reconhecida em tempo oportuno.

— Recordo-me, entretanto, de que o Mestre nos asseverou, certa vez, que o maior na comunidade será sempre aquele que se fizer o menor de todos.

— Não podemos levar em conta esses excessos de teoria. Interpelado que vou ser hoje por amigos influentes na política de Jerusalém, farei o possível por estabelecer acordos com os altos funcionários e homens de importância, para imprimirmos novo movimento às ideias do Messias.

— Judas! Judas!... — observou-lhe o irmão de apostolado, com doce veemência — vê lá o que fazes! Socorreres-te dos poderes transitórios do mundo, sem um motivo que justifique esse recurso, não será desrespeito à autoridade de Jesus? Não terá o Mestre visão bastante para sondar e reconhecer os corações? O hábito dos sacerdotes e a toga dos dignitários romanos são roupagens para a Terra... As ideias do Mestre são do Céu e seria sacrilégio misturarmos a sua pureza com as organizações viciadas dos homens!... Além de tudo, não podemos ser mais sábios, nem mais amorosos do que Jesus, e Ele sabe o melhor caminho e a melhor oportunidade para a conversão dos homens!... As conquistas do mundo são cheias de ciladas para o espírito e, entre elas, é possível que nos transformemos em órgão de escândalo para a Verdade que o Mestre representa.

Judas silenciou atormentado.<sup>546</sup>

Mesmo assim, Judas prossegue no seu plano. Dirige-se ao Sinédrio, encontra-se com o ardiloso Caifás e, ingenuamente, acredita na promessa de que nada de ruim aconteceria a Jesus. Mais tarde, estando o Mestre Nazareno em prece no Monte das Oliveiras, soldados herodianos aproximam-se e Judas identifica o Mestre com um beijo na face, conforme tinha combinado com os sacerdotes. Contudo, ao observar o aprisionamento de Jesus e a forma como Ele estava sendo tratado, com zombarias e humilhações, forte compreensão atingiu-lhe a intimidade, revelando, tardiamente, como estivera equivocado. Jesus permaneceu tranquilo e calmo, exalando bondade e compreensão: “Daqueles lábios, que haviam ensinado a verdade e o bem, a simplicidade e o amor, não chegou a escapar-se uma queixa. Martirizado na sua estrada de angústias, o Messias só teve o máximo de perdão para seus algozes.”<sup>547</sup>

Ato contínuo, procura o sumo sacerdote e outros religiosos para cobrar-lhes a promessa de que Jesus não seria maltratado.

Observando os acontecimentos, que lhe contrariam as mais íntimas suposições, Judas Iscariotes se dirigiu a Caifás, reclamando o cumprimento de suas promessas. Os sacerdotes, porém, ouvindo-lhe as palavras tardias, sorriram com sarcasmo. Debalde recorreu às suas prestigiosas relações de amizade: teve de reconhecer a falibilidade das promessas humanas. Atormentado e aflito, buscou os companheiros de fé. Encontrou-os vencidos e humilhados; pareceu-lhe, porém, descobrir em cada olhar a mesma exprobração silenciosa e dolorida.<sup>548</sup>

Desesperado e compreendendo as terríveis consequências dos seus atos, Judas não tem paz, perambula por todos os lugares, em situação de

grande sofrimento e remorso. A dor do profundo arrependimento o alucina, irreversivelmente, sobretudo quando vê o Senhor sendo crucificado: “De longe Judas contemplou as cenas angustiantes e humilhantes do Calvário. Atroz remorso lhe pungia a consciência dilacerada. Lágrimas ardentes lhe rolavam dos olhos tristes e amortecidos. Malgrado a vaidade que o perdera, ele amava intensamente o Messias.”<sup>549</sup> Humberto de Campos prossegue no relato do trágico final da existência de Judas:

Em breves instantes, o céu da cidade impiedosa se cobriu de nuvens escuras e borrascosas. O mau discípulo, com um oceano de dor na consciência, peregrinou em derredor do casario maldito, acalentando o propósito de desertar do mundo, numa suprema traição aos compromissos mais sagrados de sua vida. Antes, porém, de executar seus planos tenebrosos, junto à figueira sinistra, ouvia a voz amargurada do seu tremendo remorso.<sup>550</sup>

Profundamente perturbado, e sendo incapaz de impedir a sequência dos acontecimentos do calvário à crucificação, o imprevidente discípulo acaba com a própria vida, enforcando-se em uma figueira, como consta nesse relato de *Mateus*, 27:3-5: “Então Judas, que o entregara, vendo que Jesus fora condenado, sentiu remorsos e veio devolver aos chefes dos sacerdotes e aos anciãos as trinta moedas de prata, dizendo: ‘Pequei, entregando sangue inocente’. Mas estes responderam: ‘Que temos nós com isso? O problema é teu’. Ele, atirando as moedas no Templo, retirou-se e foi enforcar-se [...]”<sup>551</sup>

Observação: Como complemento desse estudo, sugerimos a releitura do tema 56, subtemas 56.1.2 (Conspiração contra Jesus) e 56.1.4 (Traição de Judas e Anúncio da traição de Judas), assim como do tema 57, subtema 57.2 (A morte de Judas), do Livro II: Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus, programa O Evangelho Redivivo.

## REFERÊNCIAS

- 536 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:1-2, p. 1.780.
- 537 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. v. Novo Testamento, it. Marcos, 14:1-11, p. 189-190.
- 538 \_\_\_\_\_. p. 190.



- 539 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. cap. 39, p. 213 e 214.
- 540 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 6, p. 44.
- 541 \_\_\_\_\_. p. 45.
- 542 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:10-11, p. 1.780.
- 543 \_\_\_\_\_. p. 1.781
- 544 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. v. Novo Testamento, it. Marcos, 14, p. 190-191.
- 545 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo João, 23: 21-26, p. 1.878.
- 546 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 24, p. 156-157.
- 547 \_\_\_\_\_. p. 158-159.
- 548 \_\_\_\_\_. p. 159.
- 549 \_\_\_\_\_. Id.
- 550 \_\_\_\_\_. Id.
- 551 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Mateus, 27:3-5, p. 1.174.

## NO GETSÊMANI (MC 14: 32-52)

Após a última ceia, Jesus retira-se para o monte das Oliveiras para orar em um local denominado Getsêmani. Ele aguarda a sua prisão, conforme anúncios proferidos em diferentes oportunidades.

Com a prisão, inicia a *paixão* (*passio*, do latim = sofrimento), palavra utilizada pelas igrejas cristãs para indicar o período de padecimentos, físicos e morais, aos quais o Senhor foi submetido pelos algozes.

Para os textos canônicos, a *paixão do Cristo* começa na última ceia, onde ocorre a indicação da traição de Judas, e termina na crucificação. A sequência dos dolorosos acontecimentos infligidos a Jesus é relatada pelos quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João.

### 35.1 NO GETSÊMANI (MC 14:32-42)<sup>552</sup>

<sup>32</sup>E foram a um lugar cujo nome é Getsêmani. E Ele disse a seus discípulos: “Permaneço aqui enquanto vou orar”. <sup>33</sup>E, levando consigo Pedro, Tiago e João, começou a apavorar-se e a angustiar-se. <sup>34</sup>E disse-lhes: “A minha alma está triste até a morte. Permaneço aqui e vigiai”. <sup>35</sup>E, indo um pouco adiante, caiu por terra, e orava para que, se possível, passasse dele essa hora. <sup>36</sup>E dizia: “Abba” (Pai)! Tudo é possível para Ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que Eu quero, mas o que Tu queres”. <sup>37</sup>Ao voltar, encontra-os dormindo e diz a Pedro: “Simão, dormes? Não foste capaz de vigiar por uma hora? <sup>38</sup>Vigiai e orai para que não entrem em tentação: pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca”. <sup>39</sup>E, afastando-se de novo, orava dizendo a mesma coisa. <sup>40</sup>E, ao voltar, de novo encontrou-os dormindo, pois seus olhos estavam pesados de sono. E não sabiam que dizer-lhe. <sup>41</sup>E, vindo pela terceira vez, disse-lhes: “Dormi agora e repousai. Basta! A hora chegou! Eis que o Filho do Homem é entregue às mãos dos pecadores. <sup>42</sup>Levantai-vos! Vamos! Eis que o meu traidor aproxima-se”.

A narração de Marcos para esse episódio é a mais simples e impactante que a dos demais evangelistas. Sabemos que, após os acontecimentos da última ceia, Jesus dirige-se para orar, em companhia de

Pedro, Tiago e João, em um local denominado Getsêmani, situado a “[...] leste de Jerusalém, além do vale do Cedron e perto do monte das Oliveiras (Mt 26:30). Era um retiro favorito frequentado pelo Cristo e seus discípulos, o qual se tornou a cena da agonia de Jesus, da traição de Judas e do aprisionamento do Senhor (Mc 14:32-52).”<sup>553</sup> O acesso para o Getsêmani fazia-se à leste da ponte da estrada para Jericó, e ali havia inúmeras árvores de oliveiras, plantadas desde os tempos antigos.<sup>554</sup>

Jesus convida os discípulos Pedro, João e Tiago para ficarem de vigia enquanto Ele ora. O Senhor trazia a alma amargurada, prevendo o sofrimento que seria submetido, mais um testemunho que legaria à Humanidade, ensinando como agir nos momentos provações: buscar sempre o recurso da prece, e em seguida, fortalecidos espiritualmente, saberemos como agir, lembra Amélia Rodrigues: “Em toda circunstância buscai a prece, e, vigiando, servi. Não procureis, porém, fazer tudo. Sede grandes nas tarefas insignificantes e tornai-vos pequenos nas grandes realizações – eis como provara a integridade no bem.”<sup>555</sup>

Humberto de Campos relata aquele momento inesquecível:

O crepúsculo começava a cair sobre o céu claro. Apesar do sol radioso da tarde a iluminar a paisagem, soprava o vento em rajadas muito frias.

Daí a alguns instantes, o Mestre e os três companheiros alcançavam o monte povoado de árvores frondosas que convidavam ao pensamento contemplativo.

Acomodando os discípulos em bancos naturais que as ervas do caminho se incumbiam de adornar, falou-lhes o Mestre, em tom sereno e resoluto:

– Esta é a minha derradeira hora convosco! Oral e vigiai comigo, para que eu tenha a glorificação de Deus no supremo testemunho!

Assim dizendo, afastou-se, a pequena distância, onde permaneceu em prece, cuja sublimidade os apóstolos não podiam observar. Pedro, João e Tiago estavam profundamente tocados pelo que viam e ouviam. Nunca o Mestre lhes parecera tão solene, tão convicto, como naquele instante de penosas recomendações [...].<sup>556</sup>

Diante da grande crise de sua vida o Nazareno evoca *Abba*, o Pai Celestial (Mc 14:36), a Fonte do Amor verdadeiro. A “[...] agonia não retrata a fragilidade de Jesus, como querem alguns, mas seu combate espiritual com forças muito além da compreensão humana [...].”<sup>557</sup> Buscar refúgio na prece, evocando o Pai celestial é a atitude correta que serve de exemplo para todos, sobretudo quando estivermos sob o peso das dores maiores, momentos desafiantes, de desespero e de dor.

[...] Aquele era um momento de grande tensão e combate. O êxito da missão de Jesus estava sob ataque cerrado. Falanges de espiritualidade inferior, sem poder atingi-lo, diretamente, irromperam vigorosa ação obsessiva sobre as autoridades humanas e os apóstolos. Jesus deveria ser morto, e seus seguidores deveriam esquecê-lo, como se acordassem, após sua morte, de um pesadelo, que o tempo varreria de suas consciências e, portanto, das páginas da história, tornando inócua sua passagem entre os homens.

[...]

Ele não se quedou perante a antevisão do sacrifício da cruz a levantá-lo, mas sofreu e lutou espiritualmente para que se amenizassem as conseqüências sinistras do maior conflito espiritual que a Terra já viveu.

Por isso o Profeta do Amor ardentemente intercedeu junto a Deus em favor dos homens, rogando que aquele cálice de presciência fosse afastado dos seus lábios.<sup>558</sup>

Os discípulos convidados para guardar a vigilância enquanto o Senhor orava, se entregam ao sono. Por três vezes vai ter com eles e os adverte: “Ao voltar, encontra-os dormindo e diz a Pedro: ‘Simão, dormes? Não foste capaz de vigiar por uma hora? Vigiai e orai para não entrar em tentação: pois o espírito está ponto, mas a carne é fraca’ (Mc 14:37-38). Humberto de Campos comenta a insistência do Mestre para o despertar dos discípulos, depois que Ele retorna e os encontra novamente dormindo.

– Despertai!

Não vos recomendei que vigiásseis? Não podereis velar comigo, um minuto? João e os companheiros esfregaram os olhos, reconhecendo a própria falta. Então, Jesus, cujo olhar parecia iluminado por estranho fulgor, lhes contou que fora visitado por um anjo de Deus, que o confortara para o martírio supremo. Mais uma vez lhes pediu que orassem com o coração e novamente se afastou. Contudo, os discípulos, insensivelmente, cedendo aos imperativos do corpo e olvidando as necessidades do espírito, de novo adormeceram em meio da meditação. Despertaram com o Mestre e lhes repetir:

– Não conseguistes, então, orar comigo?

Os três discípulos acordaram estremunhados. A paisagem desolada de Jerusalém mergulhava na sombra.

Antes, porém, que pudessem justificar de novo a sua falta, um grupo de soldados e populares aproximou-se, vindo Judas à frente.<sup>559</sup>

É importante, analisar com mais precisão o significado da palavra vigiar, como Emmanuel esclarece na mensagem que se segue.

#### **Evitando a tentação<sup>560</sup>**

*Vigiai e orai para não entrardes em tentação.* – JESUS (Marcos, 14:38).

Vigiar não quer dizer apenas guardar.

Significa também precaver-se e cuidar.

E quem diz cuidar, afirma igualmente trabalhar e defender-se.

Orar, a seu turno, não exprime somente adorar e aquietar-se, mas, acima de tudo, comungar com o Poder Divino, que é crescimento incessante para a luz, e com o Divino Amor, que é serviço infatigável no bem.

Tudo o que repousa em excesso é relegado pela Natureza à inutilidade.

O tesouro escondido transforma-se em cadeia de usura. A água estagnada cria larvas de insetos patogênicos.

Não te admitas na atitude de vigilância e oração, fugindo à luta com que a Terra te desafia. Inteligência parada e mãos paradas impõem paralisia ao coração que, da inércia, cai na cegueira. Vibra com a vida que escoo, sublime, ao redor de ti, e trabalha infatigavelmente, dilatando as fronteiras do bem, aprendendo e ajudando aos outros em teu próprio favor. Essa é a mais alta fórmula de vigiar e orar para não cairmos em tentação.

## 35.2 A PRISÃO DE JESUS (MC 14:43-52)<sup>561</sup>

<sup>43</sup>E, imediatamente, enquanto ainda falava, chegou Judas, um dos Doze, com uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos. <sup>44</sup>O seu traidor dera-lhes uma senha, dizendo: “É aquele que eu beijar. Prendei-o e levai-o bem guardado”.<sup>45</sup>Tão logo chegou, aproximando-se dele, disse: “Rabi!” E o beijou. <sup>46</sup>Eles lançaram a mão sobre ele e o prenderam. <sup>47</sup>Um dos que estavam presentes, tomando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e decepou-lhe a orelha. <sup>48</sup>Jesus, dirigindo-se a eles, disse: “Serei eu um ladrão? Saístes para prender-me com espadas e paus! <sup>49</sup>Eu estive convosco no Templo, ensinando todos os dias, e não me prendestes. Mas é para que as Escrituras se cumpram”. <sup>50</sup>Então, abandonando-o, fugiram todos. <sup>51</sup>Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. <sup>52</sup>Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu.

O reconhecido acadêmico e professor estadunidense, Craig S. Keener, doutor em estudos do Novo Testamento e origens cristãs pela Universidade de Duke, Carolina do Norte/USA, analisa esses versículos do evangelista Marcos, transmitindo-nos informações históricas relevantes que nos permitem compreender um pouco mais a respeito da prisão de Jesus e as consequências daí decorrentes:

- » *Marcos, 14:43* – “E, imediatamente, enquanto ainda falava, chegou Judas, um dos Doze, com uma multidão trazendo espadas e paus, da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos”.

Como foi enviado por homens importantes de Jerusalém, o grupo que vem para prender Jesus pertence, provavelmente, à guarda do templo. As armas

mencionadas aqui são as que essa guarda notoriamente portava (espadas e pedaços de pau); os pedaços de pau supostamente caracterizavam a aristocracia sacerdotal corrupta que dominava o templo naquela época. Também eram ferramentas úteis para conter desordeiros [...].<sup>562</sup>

- » *Marcos, 14:44-46* – “O seu traidor dera-lhes uma senha, dizendo: ‘É aquele que eu beijar. Prendei-o e levai-o bem guardado.’ Tão logo chegou, aproximando-se dele, disse: ‘Rabi!’ E o beijou. Eles lançaram a mão sobre Ele e o prenderam.”

Um beijo leve nos lábios era sinal de afeto especial entre membros da família e amigos íntimos. Mestres beijavam os discípulos como sinal especial de favor ou aprovação, e discípulos beijavam os mestres para expressar honra e afeto por eles. O beijo de Judas, portanto, é um ato especialmente hipócrita [...].

[...] Posto que seria uma noite de lua nova, e o grupo [soldados e sacerdotes] acreditava precisar de Judas para guiá-lo pessoalmente até o local certo; se houvessem procurado Jesus apenas com base em orientações gerais, a busca seria notada, e Jesus teria tempo de escapar. O beijo é necessário porque a escuridão tornava mais difícil reconhecer Jesus; em circunstâncias normais, os guardas poderiam identificá-lo (Ele havia ensinado no templo).<sup>563</sup>

- » *Marcos, 14:47* – “Um dos que estavam presentes, tomando da espada, feriu o servo do sumo sacerdote e decepou-lhe a orelha.”

Como eram ricos, os sumos sacerdotes dispunham de muitos servos. Embora o objetivo da expedição fora só o de prender Jesus, se tivesse havido mais um golpe de espada, muitos dos discípulos seriam mortos no conflito deflagrado por esse ato [...].<sup>564</sup>

- » *Marcos, 14:48-49* – “Jesus, dirigindo-se a eles, disse: ‘Serei eu um ladrão? Saístes para prender-me com espadas e paus! Eu estive convosco no Templo, ensinando todos os dias, e não me prendestes. Mas é para que as Escrituras se cumpram’.”

Os subversivos (p. ex., os assassinos de uma época posterior que matavam os aristocratas judeus em meio à multidão no templo) agiam em segredo ou de modo que pudessem evitar ser capturados; ao contrário, a subversão de Jesus havia sido pública e visível. Prendê-lo no templo não seria vantajoso da perspectiva política e talvez suscitasse uma revolta popular [...].<sup>565</sup>

- » *Marcos, 14:50* – “Então, abandonando-o, fugiram todos.”

Na Antiguidade, a lealdade dos seguidores conferia honra ao líder, ao passo que ser abandonado por eles traria vergonha.<sup>566</sup>

- » *Marcos, 14:51 e 52 – 51*”Um jovem o seguia, e sua roupa era só um lençol enrolado no corpo. E foram agarrá-lo. *52*Ele, porém, deixando o lençol, fugiu nu.”

À noite, era de esperar que o discípulo vestisse um traje externo além da túnica de linho; esse “jovem” provavelmente já está com frio [...]. (Embora fosse possível dormir despido em casa na Palestina no mês de abril; o fato de Jerusalém estar a uma altitude elevada torna o texto [...] 14:53 uma indicação provável de que a noite estava fria; os peregrinos da Páscoa que estivessem acampados fora das casas certamente vestiam capas). [...] com exceção de alguns judeus, bastante influenciados pela cultura grega e considerados apóstatas, o povo judeu em geral abominava a nudez. A ideia aqui é que o homem estava com pressa para escapar.<sup>567</sup>

De qualquer forma, persiste a curiosidade de um homem, um jovem, acompanhar a distância o episódio da chegada dos guardas e sacerdotes, o beijo de Judas e o aprisionamento de Jesus, estando apenas enrolado em um lençol que, com a prisão do Senhor, fugiu nu, impactado pelo ocorrido. Quem teria sido esse jovem? Segundo a *Bíblia de Jerusalém*, esse pormenor só é encontrado no evangelho de *Marcos*. “Muitos comentadores entenderam que esse jovem é o próprio evangelista”.<sup>568</sup>

O beijo de Judas é, talvez, um gesto mais doloroso que a traição, propriamente dita, considerando-se que beijar alguém é, quase sempre, uma manifestação de afeto. Realmente, o apóstolo foi muito infeliz ao utilizar esse tipo de senha para entregar Jesus aos soldados e aos sacerdotes. As seguintes reflexões de Emmanuel calam-nos fundo e, como bem lembra o venerável orientador, mesmo recebendo o beijo da traição, o Senhor lega-nos poderosa e inesquecível lição: a do perdão.

#### Com um beijo<sup>569</sup>

*E logo que chegou, aproximou-se dele e disse-lhe: – Rabi, Rabi. E beijou-o (Marcos, 14:45).*

Ninguém pode turvar a fonte doce da afetividade em que todas as criaturas se dessedentam sobre o mundo.

A amizade é a sombra amiga da árvore do amor fraterno. Ao bálsamo de sua suavidade, o tormento das paixões atenua os rigores ásperos. É pela realidade do amor que todas as forças celestes trabalham.

Com isso, reconhecemos as manifestações de fraternidade como revelações dos traços sublimes da criatura.

Um homem estranho à menor expressão de afeto é um ser profundamente desventurado. Mas, aprendiz algum deve olvidar quanta vigilância é indispensável nesse capítulo.

Jesus, nas horas derradeiras, deixa uma lição aos discípulos do futuro.

Não são os inimigos declarados de sua Missão Divina que vêm buscá-lo em Getsêmani. É um companheiro amado. Não é chamado à angústia da traição com violência. Sente-se envolvido na grande amargura por um beijo. O Senhor conhecia a realidade amarga. Conhecera previamente a defeção de Judas: “É assim que me entregas”? – falou ao discípulo. O companheiro frágil perturba-se e treme.

E a lição ficou gravada no Evangelho, em silêncio, atravessando os séculos.

É interessante que não se veja um sacerdote do templo, adversário franco de Cristo, afrontando-lhe o olhar sereno ao lado das oliveiras contemplativas.

É um amigo que lhe traz o veneno amargo.

Não devemos comentar o quadro, em vista de que, quase todos nós, temos sido frágeis, mais que Judas, mas não podemos esquecer que o Mestre foi traído com um beijo.

Outro ponto que também merece destaque é a reação do discípulo ao decepar a orelha do servo do sumo sacerdote quando Jesus é aprisionado. O *Evangelho de Marcos* omite detalhes a respeito da reação do Senhor quando o guarda foi ferido. Contudo em *Mateus*, 26:52 consta o seguinte: “Mas Jesus lhe disse: ‘Guarda a tua espada no seu lugar, pois todos os que pegam a espada pela espada perecerão’. No *Evangelho segundo Lucas* temos esse registro: Jesus, porém, tomou a palavra e disse: “Deixai! Basta!” E tocando-lhe a orelha, curou-o (Lc 22:51). João, contudo acrescenta maiores informações, inclusive cita o nome do discípulo que feriu e o de quem foi ferido: “[...] Então, Simão Pedro, que trazia uma espada, tirou-a, feriu o servo do sumo sacerdote, a quem decepou a orelha direita. O nome do servo era Malco. Jesus disse a Pedro: ‘Embainha a tua espada. Deixarei eu de beber e o cálice que o Pai me deu?’” (Jo 18:10-11).

Por detrás do episódio do discípulo (Pedro) ter cortado a orelha de um servo (Malco) do sumo sacerdote, há a lição de Jesus de jamais permitir a violência, mesmo que ocorram injustiças, perseguições e sofrimento, tal como aconteceria com Ele que, em breve tempo, seria alvo de suprema violência: morte por crucificação. Neste sentido, Amélia Rodrigues analisa com emoção o simbolismo da espada e da cruz, conduzindo-nos a maiores reflexões:

Espada e cruz! A espada fere e produz dano. Que aguarda correção.

A cruz eleva e santifica os sentimentos humanos.

Há espadas invisíveis que despedaçam vidas, esfacelam esperanças, ceifam ideais, destroçam edificações do bem.



Há cruzes invisíveis que depuram, convidam à reflexão, transformam-se em asas que alçam o ser às cumeadas do progresso e da felicidade.

Espadas que esgrimem o ódio e a vingança, que combatem nas guerras e impedem a paz.

Cruzes que sublimam as criaturas que as abraçam com amor e abnegação.

Pedro e Malco — *espada e cruz!*<sup>570</sup>

Retornaremos ao estudo dos eventos diretamente relacionados ao momento da prisão de Jesus, porém mais à frente, em *Lucas* e em *João*. Iremos perceber que cada evangelista enfoca aspectos considerados fundamentais. O assunto já foi também objeto de análise no Tema 56, item 56.3, Livro II *Estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus* – Programa o Evangelho Redivivo.

## REFERÊNCIAS

- 552 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:32-42, p. 1.781.
- 553 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete Getsêmani, p. 547.
- 554 \_\_\_\_\_. Id.
- 555 FRANCO, Divaldo Pereira. *Luz do mundo*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 1989. cap. 22, p. 140-141.
- 556 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 27, p. 175.
- 557 CALDEIRA, Wesley Soares. *Da manjedoura a Emaús*. Brasília. FEB, 2014. cap. 2, p. 190.
- 558 \_\_\_\_\_. Id.
- 559 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 27, p. 175-176.
- 560 \_\_\_\_\_. *Palavras da vida eterna*. Pelo Espírito Emmanuel. 41. ed. Uberaba: CEC, 2017. cap. 3, p. 19-20.
- 561 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:43-52, p. 1.781-1.782.

- 562 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. Marcos, 14:43, p. 193.
- 563 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 14:44-46, p. 183-184.
- 564 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 14:47, p. 184.
- 565 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 14:48-49, p. 184.
- 566 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 14:50, p. 184.
- 567 \_\_\_\_\_. it. Marcos, 14:51-52, p. 184.
- 568 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva. Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:51-52. Nota de rodapé “a”, p. 1.782.
- 569 XAVIER, Francisco Cândido. *Alma e luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. ed. 1. imp. Araras: IDE, 2018. cap. 9, p. 69-71.
- 570 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 22, p. 146.

## JESUS PERANTE O SINÉDRIO (MC 14:53-72)

Com a prisão de Jesus, inicia-se a farsa do processo que o conduziria à condenação de morte por crucificação. Uma farsa ardilosamente organizada, visto que a sentença fora, previamente, decidida pelos representantes do alto clero: o Sinédrio.

Em termos de breve contextualização histórica, é importante recordar a composição do Sinédrio e o papel que cabia a cada um dos seus membros, a fim de aferir não só o papel que ocupavam junto ao povo judeu, assim como a imensa responsabilidade que eles assumiram perante as leis de Deus e contra a própria consciência. Com certeza, dolorosas provações lhes marcariam reencarnações futuras.

*Sinédrio:* (Do grego *synedrion*, “concílio”, “assento junto”) – nome que os escritores da história e das antiguidades judias davam ao tribunal supremo que deliberava sobre a vida e os costumes dos hebreus no tempo de Cristo. O Sinédrio compunha-se de 71 membros, que no período do Novo Testamento era assistido por três classes: os escribas, que geralmente eram fariseus; os anciãos, que eram os mais velhos dos chefes das famílias e dos clãs e os ex-sumos sacerdotes com os anciãos das quatro famílias sumo sacerdotais. Por ser um tribunal supremo da nação judia, tinha caráter tanto religioso [adepto de uma religião] quanto secular [=condição de quem fez votos religiosos), podia prender e coagir, mas não tinha poder para exercer penas capitais, essas deveriam ser confirmadas pelo governador romano [...].

[...] O surgimento do Sinédrio parece remontar à época de Esdras e Neemias, quando receberam autoridade para dirimir com os judeus as questões locais [...]. Tempos depois, os gregos outorgaram a existência do *gerousia*, “senado”, composto de anciãos que representavam a nação [...]. Mais tradicionalmente, sua origem está no “conselho” dos 70 anciãos estabelecido por Moisés no período do êxodo, Nm 11:16 e 17.<sup>571</sup>

## 36.1 JESUS PERANTE O SINÉDRIO (MC 14:53-65)<sup>572</sup>

<sup>53</sup>Levaram-no ao sumo sacerdote, e todos os chefes dos sacerdotes, os anciões e os escribas estavam reunidos. <sup>54</sup>Pedro seguira-o de longe, até o interior do pátio do sumo sacerdote, e, sentado junto com os criados, aquecia-se ao fogo. <sup>55</sup>Ora, os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam um testemunho contra Jesus para matá-lo, mas nada encontravam. <sup>56</sup>Pois muitos davam falso testemunho contra Ele, mas os testemunhos não eram congruentes. <sup>57</sup>mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas. Alguns, levantando-se, davam falso testemunho contra Ele: <sup>58</sup>“Nós mesmos o ouvimos dizer: Eu destruirei esse Templo feito por mãos humanas e, depois, de três dias, edificarei outro, não feito por mãos humanas”. <sup>59</sup>Mas nem quanto a essa acusação o testemunho deles era congruente. <sup>60</sup>Levantando-se então o sumo sacerdote no meio deles, interrogou Jesus, dizendo: “Nada respondes? Que testemunham contra ti?” <sup>61</sup>Ele, porém, ficou calado e nada respondeu. O sumo sacerdote o interrogou de novo: “És tu o Messias, o Filho do Deus Bendito?” <sup>62</sup>Jesus respondeu: “Eu sou. E vereis o Filho do Homem sentado a direita do Poderoso e vindo com as nuvens do céu.” <sup>63</sup>O sumo sacerdote, então, rasgando suas túnicas, disse: “Que necessidade temos ainda de testemunhas? <sup>64</sup>Ouvistes neste instante a blasfêmia. Que vos parece?” E todos julgaram-no réu de morte. <sup>65</sup>Alguns começaram a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a esbofetear-lo e a dizer: ‘Dá uma de profeta!’ E os criados o esbofetearam”.

Esse registro do evangelista Marcos descreve o que então foi denominado o “julgamento” de Jesus. Percebe-se que tudo aconteceu de forma leviana, irresponsável, altamente desrespeitosa a Jesus (palavras irônicas, bofetadas, rasgar as vestes, por exemplo), independentemente de os julgadores aceitarem, ou não, ser Ele o Messias aguardado pelo povo judeu. Foi um julgamento que contrariava, inclusive, as normas estabelecidas pela legislação judaica quanto a forma de inquirir as testemunhas e o acusado. A ação do sumo sacerdote e dos demais integrantes do Sinédrio revela-se teatral e hipócrita, pois, *a priori*, o Cristo já estava condenado:

[...] O processo para esse tipo de condenação exigia respaldo do testemunho de duas pessoas, eram ouvidos primeiro os defensores do acusado. A sentença para absolvição poderia ser pronunciada no mesmo dia do processo, mas a de condenação somente no dia seguinte. A votação era simples, o membro ficava de pé, começando sempre pelo mais novo membro. A condenação exigia a maioria acima de dois votos, ou seja mais de 51% dos votos.<sup>573</sup>

Amélia Rodrigues, acrescenta as seguintes ponderações a respeito de todos esses acontecimentos:

### 36.1.1 A PERSONALIDADE DE JESUS

A sua presença incomodava. A pulcritude e o absoluto desinteresse pelas iniquidades humanas tornaram-no antipático aos poderosos, e a sua autoridade moral apavorava os fracos que se haviam investido de falsa força.

À medida que crescia sua realidade entre as pessoas, mais aumentava a onda dos ódios e ressentimentos contra Ele.

Insubmisso aos dominadores de Roma e de Jerusalém, não os respeitava, porque lhes conhecia as misérias, embora não os combatesse. Eles eram necessários aos seus coevos, que se lhes assemelhavam.

Seria breve o curso da sua realização e Ele o sabia. Por isso, não se detinha ante nada, parecendo mesmo querer que tudo acontecesse, que lhe chegasse a morte, a fim de que triunfasse a Vida.<sup>574</sup>

### 36.1.2 O PODER ADMINISTRATIVO E POLÍTICO

A região onde vivia o povo judeu, à época de Jesus, era habitada por um grupo muito heterogêneo de pessoas: os judeus, propriamente ditos, oriundos das diferentes tribos de Israel; os povos gentílicos, circunvizinhos, que eram muitos, inclusive o invasor romano. A administração geral era conduzida pelos filhos de Herodes, o Grande, em diferentes regiões. O poder político era exercido pelo imperador romano, garantido pela ação de interventores que subjogava, com tacão de ferro, o povo judeu e gentílicos. Por último havia o poder religioso, centralizado nos membros do Sinédrio. Cada uma dessas “fatias de poder” imprimia ação de domínio no campo em que atuavam diretamente.

O reino ficou dividido entre os seus outros vários filhos, incapazes e pusilânimes, à exceção de Herodes Antipas, [...].

Sucederam-se, então, atos intérminos de violência, inclusive perpetrados por Arquelau, etnarca dos territórios da Judeia, da Samaria e da Idumeia. Incapaz de frear os acontecimentos em Jerusalém, convocou o exército e, num banho de sangue, ceifou três mil vidas, sendo exilado para Viena depois, aproximadamente em VI d.C. por ordem de Augusto...

Em tal desordem, a Palestina passou a ser administrada por procuradores militares, destacando-se, entre eles, Pôncio Pilatos, que se tornou famoso em razão dos acontecimentos que lhe assinalaram o período, com a prisão, julgamento e morte arbitrários de Jesus.

O poder religioso, confundindo-se com o civil e militar, criava no país uma rede infundável de intrigas, suspeitas e perseguições que tornavam insupportáveis as vidas brilhantes.

[...] É neste cenário de conturbação e paixões que se encontra Jesus.<sup>575</sup>

### 36.1.3 QUEM ERA JESUS, O JULGADO PELO SINÉDRIO

Os homens que se encontravam no poder se sentiram diretamente ameaçados por aquele humilde galileu, que falava com autoridade e os colocava no devido lugar, ora recordando-lhes as determinações da Torah, ora as orientações dos profetas, proferidas desde a época de Moisés. Havia, portanto, muita intriga, muita bajulação e, apesar de não existir estima verdadeira entre os representantes do poder constituído, eles se aceitavam mutuamente, a fim de não perder as benesses que a vida material lhes conferia.

Jesus era o Messias esperado, que começara na humilde Galileia, onde os corações eram mais afetuosos e os afazeres mais cativos: a pesca, o pastoreio, a agricultura... sem espaços mentais para as celeumas intermináveis em torno da Lei, a respeito da governança ignóbil disputada pelo romano desdenhoso e pelo Sinédrio arbitrário, todos porém, esmagando o povo, de que se utilizavam para explorar e afligir...<sup>576</sup>

Com Jesus, estabeleceu-se um conflito que, se por um lado, o povo o apoiava, encontrando nele a possibilidade de libertação, os donos do poder ficaram, literalmente apavorados, pois ainda se encontravam demasiadamente prisioneiros das vantagens transitórias que a vida em sociedade lhes conferia.

Toda a vida de Jesus, na Terra, foi assinalada por sublimes paradoxos que permanecem, alguns deles, como verdadeiros desafios à lógica, à ética e à razão, mas que se estruturam em fundamentos de segurança da Sua incomparável Mensagem. Tendo vindo anunciar o *Reino de Deus* não se utilizou da retumbância dos poderosos terrestres, antes recorreu aos instrumentos mais modestos e desconsiderados, para apresentar a grandiosa proposta de felicidade para os seres humanos.

Ao atingir a idade da razão e iniciar o ministério para o qual viera, procurou demonstrar a grandeza de Deus através dos recursos de que se fazia portador, jamais recorrendo à fanfarronice ou aos mecanismos dos festejos conhecidos, mantendo incomum dignidade, sem a bajulação aos poderosos nem o servilismo a quem quer que fosse.

Inaugurou uma primavera de esperanças como jamais antes houvera acontecido, isto porque a sua é a mensagem da alegria permanente, havendo elegido os miseráveis, os estropiados, os excluídos, neles colocando as sementes de amor necessárias ao reflorescimento dos seus corações estiolados.

[...]

Compreendia que o intelecto dos fariseus e dos poderosos era um labirinto sombrio no qual se homiziavam os interesses mesquinhos, a fim de discutirem e sofismarem em relação a tudo que pretendesse alterar-lhes a vacuidade dourada...

Mas os simples culturalmente, que não compreenderiam os artifícios da lógica e das abstrações filosóficas, deixar-se-iam enriquecer por aquelas imagens comuns do dia a dia.

[..]

O vigor do seu verbo, muitas vezes apresentava-se de forma paradoxal para aquelas mentes, as dos homens e mulheres que convidava para que se transformassem em proclamadores da Nova Era.<sup>577</sup>

Amélia Rodrigues, apresenta, ao final, o paradoxo que se abateu à sociedade da época, em que Jesus convidava o ser humano a seguir o bem, sob quaisquer circunstâncias:

Era o Príncipe da Paz, mas trouxe a divisão...

[...]

Os desprezados e malvistas, por também serem filhos de Deus, ao invés do repúdio necessitam de oportunidade para refazimento interior. Essa proposta, a da divisão, da renúncia, choca os puritanos e presunçosos, mais preocupados com o exterior do que com a realidade que são, mais atentos aos cuidados da indumentária, do que com o conteúdo moral, a sua essência... Preferem a hipocrisia bem urdida, enganosa, com que disfarçam os sentimentos afligentes, dando a impressão de uma felicidade de que não desfrutam e de um poder que não possuem. Para segui-lo, conforme o propunha, é claro que se faz necessária uma divisão radical, que nem todos compreendem, e isso separa os membros da família, divide as pessoas, gera lutas e conflitos, porquanto uns permanecem buscando os mesquinhos interesses, enquanto os convidados para o Reino anelam pelo tesouro maior, embora noutra dimensão. Ante os jogos do imediatismo e das possibilidades das conquistas mediatas, a eleição dos últimos produz choque, em face dos apegos terrestres, das ilusões... Foi o que aconteceu com Ele antes como depois do Seu suplício e ressurreição. Aqueles que o amaram e optaram por segui-lo experimentaram o opróbrio, a perseguição, o exílio, a morte infamante, porque se tornaram *ameaça ao poder temporal dos Césares* e dos vendilhões das divinas mercês.<sup>578</sup>

### 36.1.4 NEGAÇÕES DE PEDRO (MC 14:66-72)<sup>579</sup>

<sup>66</sup>Quando Pedro estava sentado estava embaixo, no pátio, chegou uma das criadas do sumo sacerdote. E, vendo Pedro que se aquecia, fitou-o e disse: “Também tu estavas com Jesus, Nazareno?” <sup>67</sup>Ele, porém, negou, dizendo: “Não sei nem compreendo o que dizes”. <sup>68</sup>E foi para fora, para o pátio anterior. E o galo cantou. <sup>69</sup>E a criada, vendo-o começou de novo a dizer aos presentes: “Este é um deles!” <sup>70</sup>Ele negou de novo! Pouco depois, os presentes novamente disseram a Pedro: “De fato, és um deles, pois és galileu”. <sup>71</sup>Ele, porém, começou a maldizer e a jurar: “Não conheço esse homem de quem falais!” <sup>72</sup>E, imediatamente, pela segunda vez o galo cantou. E Pedro se lembrou da palavra que

Jesus lhe havia dito: “Antes que o galo cante duas vezes, tu me negarás três vezes”. E começou a chorar.

A negação de Pedro reflete, acima de tudo, a fragilidade humana que pode atingir a qualquer um de nós, quando defrontados por ocorrências graves que, ao nos atingirem, têm o poder de nos fazer perder o rumo. Simão Pedro amava profundamente Jesus, e o Mestre o tinha em grande estima. Mas, ante a prisão do Senhor, o medo, a indecisão a respeito do futuro, a maneira como Ele foi tratado, a traição de um membro do colégio, a sua posição de humilde pescador, pessoa destituída de poder e prestígio, tudo isso, entre outros fatos, aturdiram-no. Mesmo assim, ele permanecia do lado de fora do Sinédrio.

Ciente dessa fragilidade da alma humana, o seguinte texto de Humberto de Campos, representa, sem dúvida, o pensamento dos Espíritos orientadores a respeito do assunto, que passou à posteridade como *a negação de Pedro*. Pedro, o grande apóstolo, que muito sofreu dedicou a sua vida a servir, incondicionalmente, a Jesus, o Cristo de Deus.<sup>580</sup>

Pedro não quis acreditar nas afirmações do Messias e tão logo se verificara a sua prisão, no pressuposto de demonstrar o seu desassombro e boa disposição para a defesa do Evangelho do Reino, atacou com a espada um dos servos do sumo sacerdote de Jerusalém, compelindo o Mestre a mais severas observações. Consoante as afirmativas de Jesus, o colégio dos apóstolos se dispersara naquele momento de supremas resoluções. A humildade com que o Cristo se entregava desapontara a alguns deles, que não conseguiam compreender a transcendência daquele Reino de Deus, sublimado e distante.

Pedro e João, observando que a detenção do Mestre pelos emissários do Templo era fato consumado combinaram, entre si, acompanhar, de longe, o grupo que se afastava, conduzindo o Messias. Debalde, procuraram os demais companheiros que, receosos da perseguição haviam debandado.

Ambos, no entanto, desejavam prestar a Jesus o auxílio necessário. Quem sabe poderiam encontrar um recurso de salvá-lo? Era mister certificar-se de todas as ocorrências. Recorreriam às suas humildes relações em Jerusalém, a favor do Mestre querido. Compreendiam a extensão do perigo e as ameaças que lhes pesavam sobre a frente. De instante a instante, eram surpreendidos por homens do povo que, em palestra de caminho, acusavam a Jesus de feiticeiro e herético. A noite caíra sobre a cidade.

Os dois discípulos observaram que a expedição de servos e soldados chegava à residência de Caifás, onde o Cristo foi recolhido a uma cela úmida, cujas grades davam para um pátio extenso. O prisioneiro fora trancafiado, por entre zombarias e impropérios. Ao grupo reduzido, juntava-se agora a massa popular, então em pleno alvoroço festivo, nas comemorações da Páscoa. O pátio amplo foi invadido por uma aluvião de pessoas alegres.



Pedro e João compreenderam que as autoridades do Templo imprimiam caráter popular ao movimento de perseguição ao Messias, vingando-se de sua vitória na entrada triunfal em Jerusalém, como uma nova esperança para o coração dos desalentados e oprimidos.

Depois de ligeiro entendimento, o filho de Zebedeu voltou a Betânia, a fim de colocar a mãe de Jesus ao corrente dos fatos, enquanto Pedro se misturava à aglomeração, de maneira a observar em que poderia ser útil ao Messias.

O ambiente estava já preparado pelo farisaísmo para os tristes acontecimentos do dia imediato. Em todas as rodas, falava-se do Cristo como de um traidor ou revolucionário vulgar. Alguns comentadores mais exaltados o denunciavam como ladrão. Ridicularizava-se o seu ensinamento, zombava-se de sua exemplificação e não faltavam os que diziam, em voz alta, que o Profeta Nazareno havia chegado à cidade chefiando um bando de salteadores.

O velho pescador de Cafarnaum sentiu a hostilidade com que teria de lutar, para socorrer o Messias, e experimentou um frio angustioso no coração. Sua resolução parecia vencida. A alma ansiosa se deixava dominar por dúvidas e aflições. Começou a pensar nos seus familiares, em suas necessidades comuns, nas convenções de Jerusalém, que ele não poderia afrontar sem pesados castigos. Com o cérebro fervilhando de expectativas e cogitações de defesa própria, penetrou no extenso pátio, onde se adensava a multidão.

Para logo, uma das servas da casa se aproximou dele e exclamou, surpreendida:

– Não és tu um dos companheiros deste homem? – indagou, designando a cela onde Jesus se achava encarcerado.

O pescador refletiu um momento e, reconhecendo que o instante era decisivo, respondeu, dissimulando a própria emoção:

– Estás enganada. Não sou.

O apóstolo ponderou aquela primeira negativa e pôs-se a considerar que semelhante procedimento, aos seus olhos, era o mais razoável, porquanto tinha de empregar todas as possibilidades ao seu alcance, a favor de Jesus.

Fingindo despreocupação, o irmão de André se dirigiu a uma pequena aglomeração de populares, onde cada qual procurava esquivar-se ao frio intenso da noite, aquecendo-se junto de um braseiro. Novamente um dos circunstantes, reconhecendo-o, o interpelou nestes termos:

– Então, vieste socorrer o teu Mestre?

– Que Mestre? – perguntou o pescador de Cafarnaum, entre receoso e assustado

– Nunca fui discípulo desse homem.

Fornecida essa explicação, todo o grupo se sentiu à vontade para comentar a situação do prisioneiro. Longas horas passaram-se para Simão Pedro, que tinha o coração a duelar-se com a própria consciência, naqueles instantes penosos em que fora chamado ao testemunho. A noite ia adiantada, quando alguns servidores vieram servir bilhas de vinho. Um deles, encarando o discípulo com certo espanto, exclamou de súbito:

– É este!... É bem aquele discípulo que nos atacou a espada, entre as árvores do horto!... Simão ergueu-se, pálido, e protestou:

– Estás enganado, amigo! Vê que isso não seria possível!...

Logo que pronunciou sua derradeira negativa, os galos da vizinhança cantaram em vozes estridentes, anunciando a madrugada.

Pedro recordou as palavras do Mestre e sentiu-se perturbado por infinita angústia. Levantou-se cambaleante e, voltando-se instintivamente para a cela em que o Mestre se achava prisioneiro, viu o semblante sereno de Jesus a contemplá-lo através das grades singelas e generosas.

Presa de indizível remorso, o apóstolo retirou-se, envergonhado de si mesmo. Dando alguns passos, alcançou os muros exteriores, onde se deteve a chorar amargamente.

[...] Começava a entender a razão de certas experiências dolorosas de seus irmãos em Humanidade. Em seu espírito como que desabrochava uma fonte de novas considerações pelos infortunados da vida. Desejava, ansiosamente, ajoelhar-se ante o Messias e suplicar-lhe perdão para a sua queda dolorosa.

Pelo véu de lágrimas que lhe obscurecia os olhos, Simão Pedro experimentou uma visão consoladora e generosa. Figurou-se-lhe que o Mestre vinha vê-lo, em espírito, na solidão da noite, trazendo nos lábios aquele mesmo sorriso sereno de todos os dias. Ante a emoção confortadora e divina, Pedro ajoelhou-se e murmurou:

– Senhor, perdoai-me!

[...] Foi aí que o antigo pescador refletiu mais austeramente, lembrando as advertências amigas de Jesus, quando lhe dizia: “Pedro, o homem do mundo é mais frágil do que perverso!...”

## REFERÊNCIAS

- 571 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Amp. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbete Sinédrio, p. 1.163-1.164.
- 572 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 14:53-65, p. 1.782.
- 573 DAVIS, John. *Novo dicionário da bíblia*. Amp. e atual. Trad. J. R. Carvalho Braga. São Paulo: Hagnos, 2005. Verbete Sinédrio, p. 1.163.
- 574 FRANCO, Divaldo Pereira. *Trigo de Deus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 6. ed. Salvador: LEAL, 2014. cap. 22, p. 137.
- 575 \_\_\_\_\_. p. 138-139.
- 576 \_\_\_\_\_. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 12, p. 79-80.

- 577 \_\_\_\_\_. *A mensagem do amor imortal*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 2. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 16, p. 90-91.
- 578 \_\_\_\_\_. p. 90-92.
- 579 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 14:66-72, p. 1.782.
- 580 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 26, p. 169-172.

# JESUS PERANTE PILATOS (MC 15:1-22)

O capítulo 15 do *Evangelho de Marcos* está subdividido em dez pequenas partes na *Bíblia de Jerusalém*, os quais relatam episódios que, de forma semelhante, também foram registrados pelos demais evangelistas. O tema 37, objeto deste estudo, focaliza a última etapa do julgamento de Jesus que, após ser condenado por Pilatos, governador da província romana na Judeia, é submetido a uma série de ações desrespeitosas, desumanas e cruéis.

## 37.1 JESUS PERANTE PILATOS (MC 15:1-15)<sup>581</sup>

<sup>1</sup>Logo de manhã, os chefes dos sacerdotes fizeram um conselho com os anciãos e os escribas e todo o Sinédrio. E manietando a Jesus, levaram-no e entregaram-no a Pilatos. <sup>2</sup>Pilatos o interrogou: “És Tu o rei dos judeus?” Respondendo, Ele disse: “Tu o dizes”. <sup>3</sup>E os chefes dos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas. <sup>4</sup>Pilatos o interrogou de novo: “Nada respondes? Vê de quanto te acusam!” <sup>5</sup>Jesus, porém, nada mais respondeu, de sorte que Pilatos ficou impressionado. <sup>6</sup>Por ocasião da festa, ele lhes soltava um preso que pedissem. <sup>7</sup>Ora, havia um, chamado Barrabás, preso com outros amotinadores que, numa revolta haviam cometido um homicídio. <sup>8</sup>A multidão, tendo subido, começou a pedir que lhes fizesse como sempre tinha feito. <sup>9</sup>Pilatos, então, perguntou-lhes: “Quereis que eu vos solte o rei dos judeus?” <sup>10</sup>Porque ele sabia, com efeito, que os chefes dos sacerdotes o tinham entregue por inveja. <sup>11</sup>Os chefes dos sacerdotes, porém, incitavam o povo a pedirem, antes, que lhes soltasse Barrabás. <sup>12</sup>Pilatos perguntou-lhes, de novo: “Que farei de Jesus, que dizeis ser o rei dos judeus?” <sup>13</sup>Eles gritaram de novo: “Crucifica-o!” <sup>14</sup>Disse-lhes Pilatos: “Mas que mal ele fez?” Eles, porém, gritaram com mais veemência: “Crucifica-o!” <sup>15</sup>Pilatos, então, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás e, depois de mandar açoitar Jesus, entregou-o para que fosse crucificado.

Marcos destacada nessa narrativa do Novo Testamento, uma das mais impactantes da História da Humanidade, a frieza, a ironia e zombaria

de Pôncio Pilatos, conhecido por ter sido o juiz que não interveio contra os fariseus na condenação de Jesus Cristo a morrer na cruz. A covardia moral de Pilatos deve ter-lhe rendido futuras reencarnações de graves reajustes espirituais, pois, como o tribunal de César era a última instância, ele poderia, perfeitamente, não condenar Jesus à morte. Neste sentido, o lúcido estudioso e pesquisador Russell Champlin analisa a forma como Jesus foi tratado pelos membros Sinédrio, que o manietaram, as zombarias e agressões físicas e morais dos soldados herodianos, a forma indigna de Pilatos e, por último, o povo que, absolutamente manipulado, pede para crucificá-lo:

[...] Um triste cortejo, não do ponto de vista de Jesus, mas do ponto de vista dos principais sacerdotes, com os anciãos e os escribas e o concílio inteiro. Pois ali estavam autoridades religiosas a entregarem ao poder político uma questão que era primariamente religiosa e que era da responsabilidade deles. Naturalmente, a razão disso era simples: tinham decidido, antes da superficial investigação, que entregariam Jesus imediatamente à execução. Não tinham autoridade própria para isso e, provavelmente, nem queriam sujar suas mãos com essas coisas. Que os romanos os fizessem! [...].<sup>582</sup>

Champlin prossegue em suas considerações ao nos transmitir o que, possivelmente, Pilatos quis dizer com a pergunta: “És Tu o rei dos judeus?” (Mc 15:2) forçaria Pilatos a agir.

O que Pilatos *quis dizer*, foi: “És tu o *revolucionário* político que alguns dizem que és?” Dificilmente ele se teria interessado em qualquer compreensão “espiritual” sobre Jesus, como Rei. É possível que os astuciosos membros do Sinédrio tenham dado um tom político à acusação contra Jesus, como se Ele tivesse “confessado” algo para eles. Pensaram que uma acusação política forçaria Pilatos a agir. Talvez tivessem superestimado a sua integridade. Parece que Pilatos teria feito qualquer coisa para conservar a paz, ao ponto de sacrificar um homem inocente e nobre, apesar de ter pleno conhecimento da sua inocência.<sup>583</sup>

A resposta de Jesus a Pilatos – “Tu o dizes” (Mc 15:2) traz significado específico:

Essa é uma forma judaica de resposta afirmativa [...]. É difícil imaginar Jesus a praticar evasivas, mesmo para salvar a si mesmo. Sua afirmativa, entretanto, não interpretou o que foi dito, do mesmo modo que os inimigos de Jesus o fizeram. Talvez Jesus tenha pensado que isso seria claro para Pilatos, com base em sua reputação, o que Pilatos facilmente poderia ter averiguado, e o que provavelmente fez. Isso teria revelado que Jesus era uma figura apolítica.<sup>584</sup>

Na verdade, todo o processo, da prisão à crucificação, caracteriza um profundo atentado contra as leis de Deus. Tudo porque autoridades religiosas e civis não quiseram abrir mão dos privilégios que a vida material lhes oferecia, ainda que, no fundo do coração, a consciência lhes indicasse que cometiam uma imensa injustiça. Ouçamos os esclarecimentos de Amélia Rodrigues, como fechamento do episódio de Jesus perante Pilatos:

O julgamento absurdo que não dissimulava o rancor da indignidade contra a honradez, levava ao cumprimento da Lei, que estabelecera a necessidade de o Justo ser punido pelos *delitos* do amor e da perfeita doação.

Assim, o ódio farisaico desperta o povo ingrato a sede de sangue, e a malta bem trabalhada pelo verbo da revolta amotinou-se, exigindo-lhe a morte infamante.

Passado pelas hábeis mãos do sacerdócio organizado, fora, agora, empurrado para o poder civil, a fim de que o representante do Imperador ficasse responsável pela punição, carregando na consciência culpada, a vida do Homem que viera mudar os rumos da História e da Humanidade.

[...]

Pôncio Pilatos, dúbio e venal, sabia-o inocente.

Inquirira-o, repetidas vezes, submetendo-o ao jogo difícil das palavras, tentando encontrar-lhe culpa, confundi-lo.

Transparente, porém, na sua pureza ímpar, Ele respondera com nobreza, baseando-se no conteúdo das questões apresentadas, ou então silenciando...

Nada tinha o de que defender-se.<sup>585</sup>

Em conclusão, Amélia Rodrigues informa a respeito das dolorosas consequências do equívoco de Pilatos que, tendo o poder de decisão e de dizer a última palavra, covardemente abriu mão dessas prerrogativas, optando pelos interesses políticos e passageiros do mundo:

A verdade exige pesado ônus de quem a conduz, pois que, não compactuando ainda pagam o tributo da coragem de vivê-la. o com as licenças morais nem a delinquência dissimulada de legalidade, que passa disfarçada como direito de uns em detrimento de outros, faz-se detestada e perseguida.

Os vanguardeiros e porta-vozes da Verdade.

Jesus era a representação da Verdade, no ambiente de ambições mentirosas e vãs, de ilusões enganadoras e insensatas.

Pilatos o sabia. Estava sempre cercado de bajuladores mesquinhos [...]. Sabia que não possuía amigos, e sim exploradores da situação.

Aquele Homem nada lhe pediu, nem mesmo se justificava ou aguardava qualquer compaixão.

Vendo-o seveciado, numa tentativa de aplacar a sede dos perseguidores, não pode se furtar por covardia moral ao atendimento da imposição que bradava: “Morte! Crucifica-o!”

Fugindo à posição de legislador e homem de governo, temendo a turba, aquiesceu, perdendo a paz.

Ofereceu Barrabás, que também se chamava Jesus, e eles não aceitaram a troca. Este, segundo alguns, era revolucionário terrestre, enquanto o outro era o celeste.

[...]

Lavando as mãos, Pôncio Pilatos não limpou a consciência ultrajada, que permaneceria exigindo-lhe retificação de conduta.<sup>586</sup>

## 37.2 A COROAÇÃO DE ESPINHOS (MC 15:16-20)<sup>587</sup>

<sup>16</sup>Os soldados o levaram ao interior do palácio, que é o Pretório, e convocaram toda a coorte. <sup>17</sup>Em seguida, vestiram-no de púrpura e tecendo uma coroa de espinhos, lha impuseram. <sup>18</sup>E começaram a saudá-lo: “Salve, rei dos judeus!” <sup>19</sup>E batiam-lhe na cabeça com um caniço. Cuspiam nele e, de joelhos, o adoravam. <sup>20</sup>Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a púrpura e tornaram a vesti-lo com as próprias vestes. E levaram-no fora para que o crucificassem.

Jesus fora entregue à soldadesca de Herodes, o governador-administrador da Judeia, que o conduziram para o Pretório, situado no palácio do governador. O Pretório, significava, originalmente, a tenda ou local onde ficava o pretor ou comandante das forças militares. Mais tarde, Pretório passou a ser conhecido como a residência do governador da província. Era, portanto, onde Herodes vivia. Aos pretorianos ali viviam também e cabia-lhes a guarda dos prisioneiros que se achavam sob a responsabilidade imperial.<sup>588</sup>

Ali, entre zombarias, agressões verbais e chibatadas o Nazareno é ridicularizado pelos soldados, aclamando-o “rei dos judeus”, em um ato de supremo desrespeito. Em seguida, Ele é envolvido por um manto de cor púrpura e coroam-no com uma coroa tecida de espinhos. Um verdadeiro espetáculo circense, de humilhação e degradação moral, é conduzido por aqueles homens infelizes, antes de encaminharem o amado Nazareno ao suplício final da cruz. O historiador Craig Keener acrescenta algumas informações, interessantes no âmbito do contexto histórico:

A púrpura sempre foi cara [...]; no entanto, mais importante, aqui, é o fato de que os mantos de púrpura e as coroas de ramos eram distintivos dos príncipes vassalos gregos. Os soldados talvez tenham precisado improvisar usando uma

capa de púrpura romana. Muitos estudiosos creem que os espinhos da coroa, talvez feita de galhos de arbusto de acanto espinhoso ou de palma de tamareira (que se parecia mais com uma coroa), estivessem voltados, a maioria para fora, e não para dentro, o que causaria dor; portanto a coroa teria imitado as grinaldas usadas pelos governantes helenistas. No entanto, como a coroa estava entrelaçada, alguns espinhos provavelmente estavam voltados para dentro, causando sangramento do couro cabeludo de Jesus. Só o rei supremo usaria uma coroa de verdade, em vez de uma grinalda. Assim, eles estão retratando Jesus como um príncipe vassalo [...].<sup>589</sup>

Emmanuel descreve a cena impactante da terrível “coroação”, que jamais será apagada da memória da Humanidade terrestre, dela extraindo preciosas lições para a nossa reflexão:

#### A Coroa<sup>590</sup>

*E vestiram-no de púrpura, e tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça (Marcos, 15:17).*

Quase incrível o grau de invigilância da maioria dos discípulos do Evangelho, na atualidade, ansiosos pela coroa dos triunfos mundanos. Desde longo tempo, as Igrejas do Cristianismo deturpado se comprazem nos grandes espetáculos, através de enormes demonstrações de força política. E forçoso é reconhecer que grande número das agremiações espiritistas cristãs, ainda tão recentes no mundo, tendem às mesmas inclinações.

Individualmente, os prosélitos pretendem o bem-estar, o caminho sem obstáculos, as considerações honrosas do mundo, o respeito de todos, o fiel reconhecimento dos elevados princípios que esposaram na vida, por parte dos estranhos. Quando essa bagagem de facilidades não os bafeja no serviço edificante, sentem-se perseguidos, contrariados, desditosos.

Mas... e o Cristo? não bastaria o quadro da coroa de espinhos para atenuar-nos a inquietação? Naturalmente que o Mestre trazia consigo a Coroa da Vida; entretanto, não quis perder a oportunidade de revelar que a coroa da Terra ainda é de espinhos, de sofrimento e trabalho incessante para os que desejem escalar a montanha da Ressurreição Divina. Ao tempo em que o Senhor inaugurou a Boa-Nova entre os homens, os romanos coroavam-se de rosas; mas, legando-nos a sublime lição, Jesus dava-nos a entender que seus discípulos fiéis deveriam contar com distintivos de outra natureza.

### 37.3 O CAMINHO DA CRUZ (MC 15:21-22)<sup>591</sup>

<sup>21</sup>Requisitaram certo Simão Cireneu, que passava por ali vindo do campo, para que carregasse a cruz. Era o pai de Alexandre e de Rufo. <sup>22</sup>E levaram Jesus ao lugar chamado Gólgota, que, traduzido, quer dizer o lugar da Caveira.



Jesus foi conduzido, sob escolta, pelas ruas da antiga Jerusalém em direção ao Gólgota, carregando pesada cruz sobre os ombros e sendo continuamente humilhado e espancado à exaustão. O Gólgota ou calvário, destino final da triste peregrinação, recebera este nome em função da rocha em formato de caveira que havia ali.

Supliciado, o querido galileu foi obrigado a carregar uma cruz muito pesada, cujo “[...] *patibulum* [a trave horizontal da cruz] – pesava entre 22 e 27 quilos. A maioria dos especialistas propõe que a essa barra, durante o trajeto, era colocada sobre os dois ombros e amarrada aos braços e pulsos do *cruciaris* [ou do que será crucificado].<sup>592</sup> Com a sobrecarga da cruz, ocorreram as inevitáveis quedas do Nazareno ao longo da íngreme rota, de sorte que os soldados convocaram um transeunte para auxiliá-lo, posteriormente identificado como Simão, o cireneu, um judeu de família grega, nascido em Cirene que se encontrava próximo.<sup>593</sup> Essa forma de proceder, isto é, a de alguém da multidão prestar auxílio a um condenado, independentemente de ter sido, ou não, solicitado, era usual.

Amélia Rodrigues esclarece: “Não obstante a arbitrariedade da Lei, Israel mantinha no seu Estatuto que qualquer pessoa podia levantar a voz a favor de um condenado. Isso bastaria para revisar o processo, concedendo outra oportunidade ao réu, embora já tivesse julgado...”<sup>594</sup> Foi assim que Simão, o cireneu, entrou em cena quando, estando em Jerusalém, passou a acompanhar de perto o doloroso percurso realizado por Jesus, solidarizando-se com o Mestre Nazareno. Amélia Rodrigues prossegue em seus esclarecimentos:

Aquele Homem de olhar triste fascinou-o

A pesada cruz, com quase setenta quilos, a dilacerar os ombros e as mãos do condenado, que cambaleia, comove-o.

A noite de vigília demorada, as viagens entre Anás e Caifás, o Pretório, exauriram o Filho de Deus.

O centurião fustigava o preso, a fim de que não desfalecesse. A penalidade deveria ser cumprida. Enfurecido, experimenta o soldado um misto de piedade e dever, ferido pelo amor do prisioneiro pacífico e escravo, serviçal pela paixão de César. No tormento que o vence, deseja diminuir a carga que ameaça esmagá-lo. Perpassa o olhar injetado pelas filas de mudos espectadores e chama o homem de Cirene.

O convocado não reage. Parece até que se rejubila interiormente.

Submisso curva-se, oferece ombro e auxilia o estranho.

A cruz se ergue mais leve, Jesus dirige-lhe um olhar de profundo amor.

Lampeja um lucidar de ternura e de gratidão que penetra o benfeitor inesperado e fá-lo tremer de emoção desconhecida...<sup>595</sup>

A principal lição que sobressai do acontecimento é a seguinte, ensina Emmanuel: “– Essa passagem evangélica encerra o ensinamento do Cristo concernente necessidade de cooperação fraternal entre os homens, em todos os trâmites da vida”<sup>596</sup>.

Um ponto, porém, merece ser destacado: ainda que o auxílio prestado a Jesus não fora espontâneo ou decorrente da livre iniciativa, mas atendendo-se à solicitação de um soldado, destaca-se que a forma de Simeão auxiliar foi fraterna e amorosa. Isso, sim, traz uma grande diferença! A atitude de Simão nos conduz à reflexão de que nada acontece por acaso e que, por certo, a vida daquele judeu de Cirene jamais seria a mesma: antes dele estender as mãos para auxiliar o Cristo, ocorreu uma breve troca de olhar entre ambos, estabelecendo, possivelmente, um vínculo imorredouro. Emmanuel esclarece mais:

#### **Cruz e disciplina**<sup>597</sup>

*E constrangeram um certo Simão Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz (Marcos, 15:21).*

Muitos estudiosos do Cristianismo combatem as recordações da cruz, alegando que as reminiscências do Calvário constituem indébita cultura de sofrimento. Asseveram negativa a lembrança do Mestre, nas horas da crucificação, entre malfeitores vulgares.

Somos, porém, daqueles que preferem encarar todos os dias do Cristo por gloriosas jornadas e todos os seus minutos por divinas parcelas de seu ministério sagrado, ante as necessidades da alma humana.

Cada hora da presença dele, entre as criaturas, reveste-se de beleza particular e o instante do madeiro afrontoso está repleto de majestade simbólica.

Vários discípulos tecem comentários extensos, em derredor da cruz do Senhor, e costumam examinar com particularidades teóricas os madeiros imaginários que trazem consigo.

Entretanto, somente haverá tomado a cruz de redenção que lhe compete aquele que já alcançou o poder de negar a si mesmo, de modo a seguir nos passos do divino Mestre.

Muita gente confunde disciplina com iluminação espiritual. Apenas depois de havermos concordado com o jugo suave de Jesus Cristo, podemos alçar aos ombros a cruz que nos dotará de asas espirituais para a vida eterna.

Contra os argumentos, quase sempre ociosos, dos que ainda não compreenderam a sublimidade da cruz, vejamos o exemplo do Cireneu, nos momentos culminantes do Salvador. A cruz do Cristo foi a mais bela do mundo, no entanto, o homem que o ajuda não o faz por vontade própria e, sim, atendendo a requisição irresistível. E, ainda hoje, a maioria dos homens aceita as obrigações inerentes ao próprio dever, porque a isso é constrangida.

## REFERÊNCIAS

- 581 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:1-15, p. 1.782-1.783.
- 582 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. Marcos, cap. 15, p. 929.
- 583 \_\_\_\_\_. p. 930.
- 584 \_\_\_\_\_. Id.
- 585 FRANCO, Divaldo Pereira. *Pelos caminhos de Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 24, p. 148.
- 586 \_\_\_\_\_. p. 149-150.
- 587 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:16-20, p. 1.783.
- 588 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete Pretório, p. 1.090.
- 589 KEENER, Craig. F. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. 15:16-20 – Saudando o rei, p. 198.
- 590 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 96.
- 591 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. *Evangelho Segundo Marcos*, 15:21-22, p. 1.783.
- 592 CALDEIRA, Wesley. *Da manjedoura a Emaús*. Brasília: FEB, 2014. cap. 26, p. 234.
- 593 \_\_\_\_\_. Id.
- 594 FRANCO. Divaldo Pereira. *Quando voltar a primavera*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 8. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 17, p. 117.
- 595 \_\_\_\_\_. p. 119-120.
- 596 XAVIER, Francisco Cândido. *O consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 29. ed. 11. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 3, it. 3.2.3, q. 316, p. 210.
- 597 \_\_\_\_\_. *Pão nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 103, p. 219-220.

# A CRUCIFICAÇÃO (MC 15:23-39)

Após os suplícios submetido no caminho da cruz, que passaram à História com o nome de *via crucis* ou *via sacra*, uma referência ao trajeto percorrido por Jesus carregando a cruz desde o Pretório até ao Calvário, onde foi morto. O texto do evangelista *Marcos* a respeito da crucificação de Jesus é mais sucinto quando comparado aos registros de João, e há uma razão básica: o *Evangelho de Marcos* foi direcionado principalmente aos romanos. Fato que enfatiza o contexto histórico.

## 38.1 A CRUCIFICAÇÃO (MC 15:23-27)<sup>598</sup>

<sup>23</sup>Deram-lhe vinho com mirra, que ele não tomou. <sup>24</sup>Então o crucificaram. E repartiram as suas vestes, lançando sorte sobre elas, para saber com o que cada um ficaria. <sup>25</sup>Era a terceira hora quando o crucificaram. <sup>26</sup>E acima dele estava a inscrição da sua culpa: “O Rei dos Judeus”. <sup>27</sup>Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, o outro à esquerda. [28]

Importa destacar que o versículo 28 não existe no texto original de Marcos, daí ter sido colocado entre colchetes.

Os prisioneiros condenados à morte passavam por muito suplícios morais e físicos, de forma que, segundo a tradição, “[...] as mulheres devotadas de Jerusalém costumavam preparar uma solução como essa [vinho com mirra, indicada no v. 23] e oferecê-la aos que estavam sendo executados para lhes aliviar a dor (cf. Pv 31:6-7). Jesus porém, decide suportar a plena agonia da crucificação”. Há estudiosos que supõem que a mirra acrescida ao vinho teria poder entorpecente, mas não há evidências para comprovar essa possibilidade.<sup>599</sup>

Os versículos 24 ao 26 trazem informações, ainda que breves, a respeito do processo da crucificação que seguia uma sequência de regras estipuladas pela tradição do judaísmo, entre elas destacamos: horário para ser efetuada; despir o condenado de suas roupas; confiscar os seus bens ou despojos, assim como a forma, propriamente dita, de

crucificar o condenado. Assim, de acordo com os versículos 24 e 25 do texto de *Marcos* sob análise, a crucificação aconteceu na terceira hora que, segundo a *Bíblia de Jerusalém*, seria entre “nove horas da manhã, ou, mais genericamente, o tempo entre as nove horas da manhã e o meio-dia”.<sup>600</sup> Contudo, há controvérsias a respeito do horário exato da crucificação, pois o evangelista João sugere que foi à hora sexta (por volta do meio-dia). A “[...] maioria dos intérpretes, porém, crê que a razão está com Marcos. Eram cerca de 9 horas segundo o método romano, ou segundo o método judaico; ainda assim não podemos chegar a um acordo. Se o problema não pode ser solucionado, isso não é assim tão importante [...]”.<sup>601</sup>

Entre os judeus e romanos havia, na verdade, diferenças na contagem do passar do tempo: os primeiros dividiam o tempo em três períodos, os segundos em quatro períodos. Assim, o horário indicado nos textos neotestamentais devem ser considerados aproximados, não exatos. Outro ponto importante é que a palavra hora era usualmente utilizada como sinônima de um momento em que algum fato ocorria.

O conhecido dicionarista escocês, James D. Douglas, fornece alguns detalhes:

1. Hora (em hebraico e aramaico, *sha'ah*, em grego, *hora*) é palavra usada nas Escrituras num sentido preciso e num sentido mais geral.

Em seu sentido mais preciso [...], uma hora é um doze avos do período em que o sol aparece: “Não são as doze horas do dia?” (Jo 11:9). Essas eram computadas desde o nascer até o por do sol, tal como havia três vigílias (judaicas) e quatro vigílias (romanas) em que o período noturno era dividido, vigílias essas computadas desde o por do sol até o nascer do mesmo. Visto que o nascer e o por do sol variavam conforme o período do ano, as horas bíblicas não podem ser traduzidas exatamente conforme as modernas horas cronométricas; e, seja como for, a ausência de cronômetros exatos significa que o tempo do dia era indicado em termos mais gerais do que entre nós. Não é surpreendente que as horas mais frequentemente mencionadas sejam a terceira, sexta e a nona horas.

[...]

O fato é que os romanos computavam seu dia civil como período que se iniciava à meia noite, enquanto os judeus reputavam-no como tendo início ao por do sol [...].

2. Mas, geralmente, “hora” indica um ponto mais ou menos definido de tempo: “no mesmo instante” (“hora” no original) [...]. Naquela mesma “hora” (Mt 8:1,3) significa: “no mesmo momento em que Jesus assegurou ao centurião que o seu servo fosse curado [...]”.<sup>602</sup>

Observação: Em anexo está inserido um texto que contém outras informações sobre a contagem do tempo segundo os judeus e os romanos

Com a morte de Jesus, ele foi despido, e as suas vestes repartidas entre algumas pessoas presentes. E, acima da cruz, constava uma tábua com os dizeres: *Rei dos judeus*.

A pessoa que seria executada era despida; a nudez era especialmente vergonhosa no Oriente e para os judeus. Normalmente, os soldados romanos podiam as últimas posses do criminoso executado. Tirar sortes era o método comum de tomar decisões (veja comentário de At 1:26). Com frequência, uma unidade de quatro homens era despachada para supervisionar a crucificação (embora seja possível que houvesse mais homens aqui, pois vários prisioneiros estão sendo executados).

[...]

Um soldado às vezes carregava à frente ou ao lado do prisioneiro, uma tábua em que se anunciava a acusação (o *títulus*) pela qual o condenado estava sendo executado. Em algumas, tidos situações, ela poderia, depois, ser colocada acima da cabeça do crucificado, se estivesse sendo executado no tipo de cruz cujo eixo vertical se estendia acima do eixo horizontal. A reivindicação de ser rei era motivo suficiente para suscitar a ira das autoridades romanas [...]; de modo irônico, contudo, Jesus não é chamado, aqui, de falso rei, mas de “rei dos judeus”, o que talvez indique a aversão de Pilatos ou de seus agentes pelos judeus.<sup>603</sup>

O versículo 27 informa que Jesus foi crucificado junto com dois ladrões (ou salteadores): *Com Ele crucificaram dois ladrões, um à sua direita, o outro à esquerda* (Mc 15: 27). Esses dois condenados por roubo eram conhecidos como Dimas e Gestas (ou Giestas) que a História relata como sendo, respectivamente, “o bom” e o “mau ladrão”. Em geral, os textos neotestamentários não apresenta maiores informações a respeito de ambos. Entretanto, os nomes deles aparecem em um livro apócrifo do Novo Testamento, denominado *O Evangelho de Nicodemos*, surgido na versão grega, no século IV. No século VI, o mesmo apócrifo aparece na versão latina mas recebeu o nome de *Atos de Pilatos*.<sup>604</sup>

Sereno e resignado Jesus cumpriu, até o final, os desígnios para os quais Ele foi incumbido por Deus e previstos nas escrituras sagradas do judaísmo (Isaías, 53:12), ao morrer entre dois malfeitores ou ladrões: “[...]”

E sem dúvida, os cristãos primitivos tomaram isso como outra indicação, entre muitas, do verdadeiro caráter messiânico de Jesus [...].<sup>605</sup>

Amélia Rodrigues transmite informações dos derradeiros momentos de Jesus:

Agora, a música lúgubre das marteladas empurrando os cravos enferrujados que lhe rasgavam as carnes, os tendões e ossos, provocando dores acerbadas, ficaria ribombando surdamente nos ouvidos das testemunhas...

Dois ladrões faziam-lhe companhia, como a caracterizá-lo na mesma condição de bandido, Ele que era a demonstração viva da Verdade.

Ao ser erguida a cruz e colocada na cova, calçada com pedras informes, o corpo derreou no poste e as farpas pontiagudas cravaram-se-lhe nas carnes e nos músculos relaxados uns e tensos outros, após longas horas de aflição...

Um gemido dorido escapou-lhe dos lábios arroxeados, e a coroa de cardos mais se lhe cravou na cabeça empastada de suor e de sangue.

Os vândalos, que zombavam, foram acometidos por estranho presságio, enquanto que a Natureza se enlutava e vestia-se da tormenta que arreventou com violência, causando espanto e temor [...].<sup>606</sup>

## 38.2 JESUS É ESCARNECIDO E INJURIADO NA CRUZ (MC 15:29-32)<sup>607</sup>

<sup>29</sup>Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: “Ah! Tu, que destróis o Templo e em três dias o edificas, <sup>30</sup>salva-te a ti mesmo, desce da cruz!”

<sup>31</sup>Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando dele entre si e com os escribas, diziam: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! <sup>32</sup>O Messias, o Rei de Israel ... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!” E até os que haviam sido crucificados com ele o ultrajavam.

O estudioso Champlin apresenta-nos as seguintes anotações a respeito da temática indicada nesse conjunto de versículos do texto de *Marcos*:

### » *Os insultos e injúrias* (Mc 15:29)

Não se duvide de que muitos foram os *insultos e apuros*. Até que ponto de profunda crueldade pode aprofundar a depravação humana! Foi o grito decisivo e triunfal do mal, antes das batalhas terem realmente começado. Os fatos a curto prazo estavam do lado dos passantes. Tudo havia terminado, exceto os gritos. Portanto, suprimam os gritos. Jesus logo morreria. Estava terminado. Daí os meneios de cabeça e os escárnios [...].<sup>608</sup>

### » *Zombarias e ingratidão por parte do povo e dos sacerdotes* (Mc 15:30-32)

“Tu, homem de milagres; homem de poder. Por que não fazes um pequeno milagre agora, para te salvars?” Jesus era conhecido como homem poderoso e miraculoso. Agora usavam esse argumento contra Ele. Propositalmente, olvidaram as maravilhas que Ele fizera, pois agora parecia que não podia ser um homem miraculoso. Se fosse, como Ele poderia ter chegado àquele estado? Sempre foi difícil para os cristãos primitivos explicar para os zombadores judeus, ou mesmo para os inquiridores honestos, como o grande Jesus, o Messias, poderia ter tido um fim tão triste [...].<sup>609</sup>

Tanto em *Mateus* quanto em *Marcos*, os sacerdotes é que lideram a zombaria profana, ao passo que os escribas e os anciãos (em *Mateus*) são mencionados apenas de modo subordinado [...].

Consideremos a *baixeza* daqueles homens, que, supostamente, seriam as mais elevadas autoridades religiosas da Terra! [...].<sup>610</sup>

[...] Nem mesmo se ele tivesse miraculosamente descido da cruz teriam crido nele. O ceticismo acha-se na esfera das trevas mentais e espirituais, e não era mera questão de atitude mental [...].<sup>611</sup>

Emmanuel oferece-nos bela página a respeito do escarnecimento a que Jesus fora alvo, sobretudo quando tece sábios comentários a respeito da frase dos escarneadores que pediam para Ele salvar a si mesmo e descer da cruz.

#### Ao salvar-nos<sup>612</sup>

*Salva-te a ti mesmo e desce da cruz (Marcos, 15:30).*

Esse grito de ironia dos homens maliciosos continua vibrando através dos séculos.

A criatura humana não podia compreender o sacrifício do Salvador. A Terra apenas conhecia vencedores que chegavam brandindo armas, cobertos de glórias sanguinolentas, heróis da destruição e da morte, a caminho de altares e monumentos de pedra.

Aquele Messias, porém, distanciara-se do padrão habitual. Para conquistar, dava de si mesmo; a fim de possuir, nada pretendia dos homens para si próprio; no propósito de enriquecer a vida, entregava-se à morte.

Em vista disso, não faltaram os escarneadores no momento extremo, interpelando o Divino Triunfador, com mordaz expressão.

Nesse testemunho, ensinou-nos o Mestre que, ao nos salvarmos, no campo da maldade e da ignorância ouviremos o grito da malícia geral, nas mesmas circunstâncias.

Se nos demoramos colados à ilusão do destaque, se somos trabalhadores exclusivamente interessados em nosso engrandecimento temporário na esfera carnal, com esquecimento das necessidades alheias, há sempre muita gente



que nos considera privilegiados e vitoriosos; se ponderamos, no entanto, as nossas responsabilidades graves no mundo, chama-nos loucos e, quando nos surpreende em experiências culminantes, revestidas da dor sagrada que nos arrebatava a esferas sublimes, passa junto de nós exibindo gestos irônicos e, recordando os altos princípios esposados por nossa vida, exclama, desdenhosa: “Salva-te a ti mesmo e desce da cruz”.

### 38.3 A MORTE DE JESUS (MC 15:33-39)<sup>613</sup>

<sup>33</sup>À hora sexta, houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona. <sup>34</sup>E, à hora nona, Jesus deu um grande grito, dizendo: “Eloi, Eloi, lemá sabachtháni” que, traduzido, significa: “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” <sup>35</sup>Alguns dos presentes, ao ouvirem isso, disseram: “Eis que ele chama por Elias!” <sup>36</sup>E um deles, correndo, encheu uma esponja de vinagre e, fixando-a numa vara, dava-lhe de beber, dizendo: “Deixai! Vejamos se Elias vem descê-lo!” <sup>37</sup>Jesus, então, dando um grande grito, expirou. <sup>38</sup>E o véu do Santuário se rasgou em duas partes, de cima a baixo. <sup>39</sup>O centurião, que se achava bem defronte dele, vendo que havia expirado desse modo, disse: “Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!”

Voltamos, aqui, à questão da contagem do tempo (veja anexo) que, segundo o relato de *Marcos*, Jesus teria sido crucificado na hora terceira (entre nove horas e meio dia), sendo morto à hora nona (três horas da tarde, aproximadamente).

A “hora sexta” começava antes do meio dia; a “hora nona” antes das três da tarde. Jesus morre por volta da hora em que a oferta regular do final da tarde era oferecida no templo [...].

[...]

O brado de Jesus é uma citação aramaica de *Salmos*, 22:1, versículo que, às vezes, era citado a esta hora do dia nas orações, mas recebe significado especial na prece dele. Para os que fossem versados nas Escrituras, o primeiro verso poderia trazer à memória o salmo inteiro do justo sofredor e a sua esperança na vindicação divina. (Jesus provavelmente citou o salmo em hebraico, como em Mateus, mas observe-se a prece aramaica em Mc 14:36; Marcos usa a forma aramaica porque ela provavelmente era transmitida em um ambiente de idioma aramaico. Seria muito mais fácil confundir “Eli” com “Elias”, do que “Eloi” com “Elias”; cf. 15:35-36).<sup>614</sup>

Jesus e todos os que morreram crucificados foram submetidos a sofrimentos atrozes nos momentos finais da existência. O escritor espírita, Edson Caldeira traz-nos as seguintes informações a respeito da hediondez dessa pena de morte, entre todas as demais:

O lançamento às feras, a queima em fogueira, o empalamento e a crucificação, eram as penas mais graves da legislação romana.

A mais cruel e extremada era a crucificação. A palavra veio de *cruciare*, torturar, atormentar. Por isso, esse gênero de morte era restrito aos homens de origem “mais desprezível” e que possuíssem enormes culpas, escravos, criminosos perigosos e provincianos revoltosos, sendo proibida aos romanos, exceto em casos de alta traição contra o Estado.

[...]

Originária da Ásia (ZUGIBE, 2008, p. 70), a crucificação foi difundida pelos assírios, fenícios e persas. Até os essênios impunham a pena de crucificação, pelo crime de blasfêmia ou idolatria.

Pelos séculos variadas metodologias de execução foram concebidas, e a mais dolorosa foi aplicada a Jesus.

Depois da flagelação o condenado era atado a um travessão (*patibulum*) que devia carregar até o local da execução, onde seria suspenso ao madeiro, preso por cordas nos braços e pés, ou por pregos (a regra no método romano – ZUGIBE, 2008, p. 75).<sup>615</sup>

Caldeira informa, também, que somente no ano “[...] 341 d.C., a crucificação foi abolida por Constantino. Mesmo assim, continuou sendo praticada, especialmente em desprezo aos cristãos, ao longo dos séculos. Há registros disso no século VII, nas lutas entre árabes e cristãos, e durante as cruzadas [...]”.<sup>616</sup>

A propósito, lembra-nos João de Jesus Moutinho:

Pregado à cruz, no meio de dois ladrões, as autoridades religiosas mosaicas impunham não só a morte, mas extenso processo de humilhação do Cristo, sob o libelo de dizer-se Filho de Deus. Disputando primazias e louvores e inquietado-se por conservar o título de intérprete da lei, os sacerdotes não conseguem entender que apenas destacam, com responsabilidade, por instrumentos voluntários ao cumprimento de decisões espirituais.

[...]

Com pés e mãos afixados à cruz, a estátua configura o estado a que a sua Doutrina seria reduzida, imobilizada no contexto das convenções religiosas. A alma, ou o conteúdo com que o Cristianismo inicialmente se destacou, resistiu à crucificação e animou as atividades apostólicas por cerca de três séculos, ausentando-se depois do consórcio imposto pelo Estado.

[...]

Pregadas à cruz, somente para o prepotente reinado terrestre as mãos do Cristo permanecem imobilizadas, considerando que, generosamente, a serviço do Pai celestial e de um mundo melhor, jamais deixaram de trabalhar.<sup>617</sup>

## REFERÊNCIAS

- 598 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:23-27, p. 1.783.
- 599 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. v. Novo Testamento, it. O rei crucificado, 15:23, p. 199.
- 600 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15: 25. Nota de rodapé “d”, p. 1.783.
- 601 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 15.25, p. 934.
- 602 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbete Hora, p. 597.
- 603 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. O rei crucificado, 15:24 e 26, p. 199.
- 604 [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bom\\_ladr%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bom_ladr%C3%A3o) Acesso em 14 de outubro de 2020.
- 605 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 15.27, p. 934.
- 606 FRANCO, Divaldo Pereira. *Até o fim dos tempos*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. 4. ed. Salvador: LEAL, 2015. cap. 23, p. 148.
- 607 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:29-32, p. 1.783.
- 608 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 15.29, p. 935.
- 609 \_\_\_\_\_. it. 15.30, p. 935.
- 610 \_\_\_\_\_. it. 15.31-32, p. 935.
- 611 \_\_\_\_\_. Id.

- 612 XAVIER, Francisco Cândido. *Caminho, verdade e vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 17. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 94.
- 613 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15: 33-39, p. 1.784.
- 614 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. it. 15:33 e 15:34, p. 199
- 615 CALDEIRA, Wesley. *Da manjedoura a Emaús*. Brasília: FEB, 2014. cap. 27, p. 239-240.
- 616 \_\_\_\_\_. p. 241.
- 617 MOUTINHO, João de Jesus. *O evangelho sem mistérios nem véus*. 1. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2015. cap. 129, p. 453 e 454.

## ANEXO – A CONTAGEM DO TEMPO NO NOVO TESTAMENTO\*\*\*\*\*



### O que significa a hora nona? Como o tempo era contado na Bíblia?

A hora nona, quando Jesus morreu, era por volta das três horas da tarde. Na época da Bíblia não havia relógios e as pessoas contavam o tempo de forma diferente. Em vez de contar as horas a partir da meia-noite ou do meio-dia, normalmente se contava o tempo a partir do nascer e do pôr do sol.

Atualmente, muitas traduções vêm com as horas traduzidas de acordo com nosso relógio moderno. Mas algumas traduções mantêm as horas como eram contadas no tempo da Bíblia. É por isso que aparecem referências à hora terceira, sexta ou nona, e às diferentes “vigílias da noite”.

### O relógio judaico

Na cultura judaica, o dia começava e terminava ao pôr do sol, não à meia-noite. Por exemplo, o sábado começava ao pôr do sol de sexta-feira e terminava ao pôr do sol do sábado. As duas principais divisões do dia eram as horas sem sol (noite) e as horas com sol (dia). Essas duas metades do dia eram divididas em 12 horas cada.

### Horas do dia

O nascer do sol era cerca das seis horas da manhã, por isso, no nosso relógio as horas judaicas seriam aproximadamente:

---

\*\*\*\*\* Respostas Bíblicas. Perguntas e respostas à luz da Bíblia: (<https://www.respostas.com.br/hora-nona-significado-medidas-de-tempo/>). Acesso em 16/10/2020.

- » Hora primeira – 7h da manhã
- » Hora segunda – 8h da manhã
- » Hora terceira – 9h da manhã
- » Hora quarta – 10h da manhã
- » Hora quinta – 11h da manhã
- » Hora sexta – meio-dia
- » Hora sétima – 1h da tarde
- » Hora oitava – 2h da tarde
- » Hora nona – 3h da tarde
- » Hora décima – 4h da tarde
- » Hora décima primeira – 5h da tarde
- » Hora décima segunda – 6h da tarde (pôr do sol)

## Horas da noite

A noite também era dividida em doze horas, seguindo o mesmo padrão que as horas do dia, a partir do pôr do sol (por volta das 6h da tarde). Mas essa não era a única medida usada para dividir a noite. Também se contava o tempo em *vigílias*. Os judeus dividiam a noite em três vigílias, enquanto os romanos dividiam em quatro.

### Vigílias da noite-judaica:

- » 1ª vigília - das 6h da tarde (pôr do sol) às 10h da noite
- » 2ª vigília - das 10h da noite às 2h da manhã
- » 3ª vigília - das 2h da manhã às 6h da manhã (nascer do sol)

### Vigílias da noite- romana:

- » 1ª vigília - das 6h da tarde (pôr do sol) às 9h da noite
- » 2ª vigília - das 9h da noite à meia-noite
- » 3ª vigília - da meia-noite às 3h da manhã
- » 4ª vigília - das 3h da manhã às 6h da manhã (nascer do sol)

Como quase ninguém usava relógios para medir o tempo com exatidão, todas essas horas eram aproximadas, de acordo com o lugar do sol e das estrelas no céu. Por isso, no verão, as horas do dia duravam mais tempo e, no inverno, as horas da noite eram mais longas. As divisões do dia eram apenas uma referência geral, porque a sociedade estava organizada à volta do tempo de sol, não de horas exatas.

## A que horas Jesus foi crucificado?

Jesus foi crucificado entre as 9h da manhã e o meio-dia e morreu cerca das 3h horas da tarde. Enquanto Jesus estava na cruz, houve trevas desde o meio-dia (a hora sexta) até às 3h da tarde (hora nona) (*Mateus, 27:45*). Como ninguém tinha relógio, essas eram todas horas aproximadas. Para João, o início da crucificação parecia mais próximo do meio-dia (*João, 19:14*), mas segundo Marcos foi mais próximo das 9h da manhã (*Marcos, 15:25*).

## O calendário judaico

Os judeus também tinham um calendário diferente do nosso. Eles seguiam um calendário lunar, com alguns ajustes para ficar sincronizado com o calendário solar (que nós seguimos). Assim, cada mês começava com a lua nova. O ano novo religioso era por volta de março ou abril e os meses tinham nomes diferentes:

- 1) Nisã (ou Abibe) – março/abril – mês da festa da Páscoa
- 2) Iyar(ou Ziv) –abril/maio
- 3) Sivã – maio/junho – mês da festa do Pentecostes
- 4) Tamuz – junho/julho
- 5) Av – julho/agosto
- 6) Elul – agosto/setembro
- 7) Tisrei (ou Etanim) – setembro/outubro – mês da festa dos Tabernáculos e do Dia da Expição
- 8) Chesvan (ou Bul) – outubro/novembro
- 9) Quislev – novembro/dezembro
- 10) Tebete – dezembro/janeiro
- 11) Sebete – janeiro/fevereiro
- 12) Adar– fevereiro/março

## AS SANTAS MULHERES DO CALVÁRIO (MC 15:40-47)

Durante o calvário, crucificação e sepultamento de Jesus algumas mulheres e discípulos acompanhavam os acontecimentos a distância, sem que pudessem interferir nas ordenações das autoridades, religiosas e civis. No que diz respeito à questão do sepultamento, independentemente, da forma como a pessoa morreu ou que posição social ocupava, o confrade Wesley Caldeira faz ponderações pertinentes, demonstrando que “[...] os sepulcros e outras estruturas funerárias, de ricos ou pobres, de ontem e de hoje, marcaram e marcam a preocupação do homem para os restos mortais do homem, a fim de protegê-los da ação dos elementos naturais, e sobrenaturais, ou perpetuar a memória dos mortos.”<sup>618</sup>

### 39.1 AS SANTAS MULHERES NO CALVÁRIO (MC 15:40-41)<sup>619</sup>

<sup>40</sup>E também estavam ali algumas mulheres, olhando de longe. Entre Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de Joset, e Salomé. <sup>41</sup>Elas o seguiam e serviam enquanto esteve na Galileia. E ainda muitas outras que subiram com ele para Jerusalém.

O relato da crucificação, que destaca a presença de algumas mulheres, foi registrado pelos quatro evangelistas, as quais, “olhando de longe”, como assinala *Marcos*, 15:40, serviram de testemunhas oculares das tristes ocorrências. Ao analisar esta passagem do Evangelho Russell Champlin comenta:

*Que caso estranho!* Na hora da crise, quem ficou com Jesus? Algumas poucas mulheres, e somente o apóstolo João, entre os homens, o que é mencionado no quarto evangelho (ver Jo 19:26). E onde estavam os homens? A maioria deles se escondeu, por temerem perder a vida, Pensemos na vergonha daquela circunstância. Mas assim sucede até hoje [...]. Há evidência de que as mulheres tendem por ser mais puras de alma e mais sujeitas aos impulsos espirituais do



que os homens. Pelo menos, como uma classe, as mulheres se têm aproveitado melhor das oportunidades espirituais do que os homens.

[...]

Aquelas mulheres estavam diante da cruz; contemplavam o sepultamento (v. 47). Viram [posteriormente] o túmulo vazio (Mc 16:1-6). Sem dúvida, foram elas algumas das *testemunhas oculares* que preservaram para nós a história daqueles eventos momentosos.<sup>620</sup>

As mulheres do Calvário eram seguidoras de Jesus e o acompanhavam onde quer fosse. Marcos registrou o nome de Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago menor (ou filho de Alfeu – também nomeado na *Bíblia de Jerusalém* por Josef) e Salomé.

## 39.2 MARIA DE MAGDALA

Maria de Magdala ou Madalena fazia “ [...] parte do círculo mais estreito dos seguidores de Jesus nas narrativas do Evangelho. Seu nome sugere que vinha de Magdala, uma grande cidade na margem oeste do mar da Galileia, também chamada Tariqueia [...]”<sup>621</sup> É importante registrar algumas informações confiáveis, de historiadores e de espíritas, encarnados ou desencarnados, estudiosos das Escrituras.

Começamos, então, por alguns esclarecimentos decorrentes de pesquisas de Bruce Metzger e Michael Coogan, da Universidade de Oxford, na Inglaterra:

Maria de Madalena é mencionada de maneira esparsa, mas em pontos cruciais, em todos os quatro evangelhos. Durante os eventos que cercam a crucificação de Jesus, ela é retratada como observando os procedimentos e esperando junto ao túmulo para cuidar do corpo. É também uma das primeiras da ressurreição. Essas passagens provavelmente deram origem às imagens românticas de Maria Madalena discípula devotada a quem Jesus havia salvo de seus costumes pecaminosos.

O contrário do que sustenta a interpretação cristã subsequente, refletida na crença popular e em filmes mais recentes, não há nos Evangelhos nenhum indício de que Maria Madalena tenha sido uma prostituta ou base para identificação posterior com a mulher que unge os pés de Jesus ou com Maria de Betânia. Em *Lucas*, 8:2 é dito que Maria Madalena foi curada de sete espíritos malignos por Jesus. Mas isso está no contexto de uma lista de mulheres que eram discípulas de Jesus, que também tinham sido curadas, e que forneceram o suporte material para a missão dele. Como Maria Madalena, Joana (mulher de Cuza, administrador de Herodes) e Susana são as únicas mulheres mencionadas, é provável que essas três fossem benfeitoras do movimento segundo Lucas.<sup>622</sup>

Sobre ela, assim se refere o Espírito Humberto de Campos:

Maria de Magdala ouvira as pregações do Evangelho do Reino, não longe da vila principesca onde vivia entregue a prazeres, em companhia de patrícios romanos, e tomara-se de admiração profunda pelo Messias.

[...] O profeta nazareno havia plantado em sua alma novos pensamentos. Depois que lhe ouvira a palavra, observou que as facilidades da vida lhe traziam agora um tédio mortal ao espírito sensível [...].<sup>623</sup>

Humberto de Campos prossegue em seus relatos:

A pecadora de Magdala escutava o Mestre, bebendo-lhe as palavras. Homem algum havia falado assim à sua alma incompreendida. Os mais levianos lhe pervertiam as boas inclinações, os aparentemente virtuosos a desprezavam sem piedade. [...]

Humilde e sozinha, resistiu a todas as propostas condenáveis que a solicitavam para uma nova queda de sentimentos. Sem recursos para viver, trabalhou pela própria manutenção, em Magdala e Dalmanuta. Foi forte nas horas mais ásperas, alegre nos sofrimentos mais escabrosos, fiel a Deus nos instantes escuros e pungentes [...].<sup>624</sup>

O Espírito Humberto de Campos, informa que, a partir da decisão de seguir e servir Jesus, Maria de Magdala, rejeitada pela sociedade intransigente, aliou-se a um grupo de leprosos (hansenianos), vindo da Idumeia, caracterizado por pessoas infelizes, cansadas e tristes, que viviam em supremo abandono.<sup>625</sup> Acredita-se, inclusive, que ela adquiriu a hanseníase, com a qual desencarnou: “[...] Maria foi até eles e, sentindo-se isolada, com amplo direito de empregar a sua liberdade, reuniu-os sob as árvores da praia e lhes transmitiu as palavras de Jesus, enchendo-lhes os corações de claridades do Evangelho [...]”.<sup>626</sup>

### 39.2.1 MARIA, MÃE DE TIAGO, FILHO DE ALFEU (TIAGO MENOR)

Wesley Caldeira refere-se a Maria, mãe de Tiago, como sendo a mesma pessoa também designada como a esposa de Cléofas e irmã de Maria, a mãe de Jesus.<sup>627</sup> Era tradição do Judaísmo, untar os corpos dos cadáveres, antes do sepultamento: “A preparação de bálsamos e resinas, utilizando-se óleo de oliva e especiarias aromáticas, constituía atividade famosa em Jerusalém. *Marcos*, 16:1 registra que Maria de Magdala, Maria de Cléofas e Salomé compraram aromas para ungir Jesus”.<sup>628</sup>

O estudioso e conhecido dicionarista, J. D. Douglas, procura identificar que, efetivamente, seria a Maria, citada por Marcos como a mãe de Tiago, estabelecendo comparação com os textos dos evangelistas sinóticos:

[...] Maria, mãe de Tiago, “a outra Maria”: Maria de Cléofas. É muito provável que todos esses três nomes se refiram a uma única pessoa. Maria mãe de Tiago e de José é alistada juntamente com Maria de Madalena entre as mulheres que acompanharam nosso Senhor até Jerusalém e estiveram presentes por ocasião da sua crucificação (Mt 26:55s). Quando Maria Madalena e a “outra Maria” são descritas imediatamente depois (MT 26, v. 61) como “sentadas em frente da sepultura, depois do sepultamento, parece provável que a mesma Maria, mãe de Tiago, esteja em vista. A “outra Maria” reaparece em companhia de Maria Madalena por ocasião da manhã da ressurreição (Mt 28:1).

Pelos ouros sinopticistas aprendemos mais alguns detalhes. Marcos se refere a ela como “Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José”, a qual estava presente por ocasião da crucificação, em companhia de Maria Madalena e de Salomé. Em Mc 15:47 ela é chamada de “Maria, mãe de Joset”, e em 16:1 ela reaparece como “Maria, mãe de Tiago”, em companhia de Salomé e de Maria Madalena, como uma das mulheres que trouxeram especiarias ao túmulo, na manhã da ressurreição, a fim de ungir o corpo de Jesus, que julgavam ainda estivesse morto. Lucas adiciona (24:10) que Joana, bem como Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, estava entre as mulheres que haviam contemplado a paixão de Cristo e que relataram os acontecimentos da ressurreição aos apóstolos.

É João quem emprega o termo descrito *Klopa* (“de Clopas”) para essa Maria, quando ele registra (19:25) para perto da cruz de Jesus estavam sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria “mulher de Clopas” [...].<sup>629</sup>

Tais informações, ainda que um tanto quanto detalhadas, e até repetidas, nos conduzem à reflexão de que não é fácil identificar, no tempo e no espaço, personagens citadas no Evangelho de Jesus e no Novo Testamento, em geral. Uma certeza, porém, permanece: São Espíritos que muito colaboraram na missão de Jesus, e, a despeito das adversidades, mantiveram-se fiéis ao Cristo.

### 39.2.2 SALOMÉ

Severino Celestino informa o seguinte :

Seu nome deriva da palavra hebraica *shalom* que dizer paz. Citada por Marcos (15:40), foi uma das mulheres seguidoras de Jesus na Galileia. Era esposa de Zebedeu e mãe de Jacó (Tiago) e João. Os dois discípulos, que junto com Pedro e André foram os primeiros a segui-lo.

[...]

Ela também foi testemunha da crucificação e estava entre as pessoas que trouxeram especiarias para ungir o corpo de Jesus no túmulo. “Perto da cruz de Jesus” permanecia de pé, sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena.<sup>630</sup>

Bruce Metzger e Michael Coogan, acrescentam outras informações, a respeito de Salomé: “Uma das discípulas de Jesus, presente à crucificação

e junto ao túmulo dele no domingo seguinte. É identificada por Mateus como a mãe de Tiago e João e teria sido, portanto, a mulher de Zebedeu, bem como a tia de Jesus.<sup>631</sup>

### 39.3 O SEPULTAMENTO (MC 15:42-47)<sup>632</sup>

<sup>42</sup>E, já chegada a tarde, sendo dia da Preparação, isto é, a véspera de sábado, <sup>43</sup>veio José, de Arimateia, ilustre membro do Conselho, que também esperava o Reino de Deus. Ousando entrar onde estava Pilatos, pediu-lhe o corpo de Jesus. <sup>44</sup>Pilatos ficou admirado de que ele já estivesse morto, chamando o centurião, perguntou-lhe se fazia muito tempo que morrera. <sup>45</sup>Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José, <sup>46</sup>o qual, tendo comprado um lençol desceu-o, enrolou-o no lençol e o pôs num túmulo que fora talhado na rocha. Em seguida, rolou uma pedra fechando a entrada do túmulo. <sup>47</sup>Maria de Magdala e Maria, mãe de Joset, observavam onde ele fora posto.

Esses registros de *Marcos* nos oferecem uma visão breve, mas nítida, a respeito dos principais atos que se sucederam após a crucificação do Senhor. Destacam-se os cuidados contínuos e amorosos de um grupo de mulheres que jamais se afastaram do Cristo, independentemente dos ânimos reinantes, assim como a feliz e bondosa iniciativa de um judeu rico e ilustre, José de Arimateia, de realizar o sepultamento do corpo de Jesus. Keener, muito apropriadamente, esclarece:

O sábado começaria com pôr do sol, poucas horas depois da morte de Jesus. A Lei não permitia preparar um cadáver para sepultamento no sábado (veja comentário de Mt 27:57-58 para informações sobre o que era permitido). Permitia-se ungir, lavar e envolver o corpo em uma mortalha até mesmo no sábado, porém, os preparativos mais completos para o sepultamento deveriam esperar.

[...]

O fato de os sepulcros descobertos por arqueólogos revelarem poucas vítimas de crucificação, sugere que o corpo dos crucificados não era, em geral, disponibilizado para sepultamento – costume que horrorizaria a sensibilidade de um judeu (Dt 21:22-23) [...].<sup>633</sup>

Dois pontos importantes merecem ser destacados: um foi a constatação da morte rápida de Jesus, outro foi o pedido imediato de sepultamento dirigido a Pilatos por José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio. Pilatos revelou-se surpreendido porque estranhou a morte rápida de Jesus: “O crucificado muitas vezes levava dias para morrer, a não ser que o processo fosse acelerado de alguma forma. (cf Jo 19:32).”<sup>634</sup> Assim, antes de conceder autorização a José de Arimateia, Pilatos procurou certificar-se da efetiva morte de Jesus.

[...] Se Jesus morreu às três horas da tarde, José provavelmente não perdeu tempo para comprar o pano de linho bem antes do pôr do sol (por volta das seis horas da tarde, quando começava o sábado. As mortalhas de linho eram comuns em sepultamentos; os sepulcros abertos em pedras virgens eram os melhores. Pedras grandes em formato de disco eram roladas por um sulco até fecharem completamente a entrada do túmulo, impedindo-a. Ela só seria possível por meio da difícil remoção da pedra. Depois dos preparativos para o sepultamento, o corpo era deixado à própria decomposição durante um ano; então, o filho mais velho ou membro mais próximo da família voltava, reunia os ossos em uma caixa e a depositava em uma abertura na parede do sepulcro.<sup>635</sup>

Destacamos, agora, a figura de José, nascido em Arimateia, membro do Sinédrio, cujas informações prestadas por J. J. Douglas são as que se seguem:

Um judeu de Arimateia [...], “homem bom e justo, que esperava o reino de Deus” (Lc 23:50-51); “discípulo de Jesus, ainda que ocultamente pelo receio que tinha dos judeus” (Jo 19:38), e membro do Sinédrio, mas que não havia votado a favor da morte de Jesus. Era um homem rico e, tendo solicitado de Pilatos o corpo de Jesus, proveu o linho fino necessário para o sepultamento, depositando-o em seu próprio sepulcro, cavado na rocha, que até então não fora usado (Mt 28:57-60). (Nisso talvez Mateus visse o cumprimento de Is 53:9).<sup>636</sup>

Russel Champlin, contudo, pondera que, a despeito do José de Arimateia não ser um dos seguidores de Jesus, foi ele quem tomou a iniciativa de sepultar o corpo do Mestre, até porque era “[...] violação da lei e dos sentimentos judaicos deixar os corpos crucificados na cruz noite a dentro [...], especialmente em dia de sábado (v. 42; cf. Jo 19:31); a ideia era que os corpos pendurados amaldiçoavam a terra [...]”<sup>637</sup>

De qualquer forma, José de Arimateia deveria ter alguma simpatia pelo Cristo, pois, enquanto membro do Sinédrio, ele foi ousado:

[...] Todavia, quando do julgamento de Jesus, ele se manifestou em sua defesa e agiu com singular coragem; e aqui se adiantou ousadamente para cuidar do sepultamento de Jesus, algo pelo que ele teria sido severamente criticado pelos demais membros do Sinédrio. Portanto, na realidade, parece que ele tinha mais coragem que todos os demais, pelo que podemos olvidar seu silêncio anterior.<sup>638</sup>

Concedida a autorização de Pilatos, o corpo de Jesus foi sepultado, sob o testemunho de duas mulheres seguidoras de Jesus, conforme consta nos seguintes versículos: <sup>45</sup>Informado pelo centurião, cedeu o cadáver a José, <sup>46</sup>o qual, tendo comprado um lençol desceu-o, enrolou-o no lençol e o pôs num túmulo que fora talhado na rocha. Em seguida, rolou uma pedra fechando a entrada do túmulo. <sup>47</sup>Maria de Magdala e Maria, mãe de Joset, observavam onde ele fora posto (Mc 15:45-47).

As mulheres do calvário foram as que, previamente, embalsamaram o corpo de Jesus e se fazem- presentes também no sepultamento e lacração do túmulo.

Cairbar Schutel conduz-nos a profundas reflexões a respeito do calvário, crucificação e sepultamento de Jesus em sua obra *O espírito do cristianismo*, de onde extraímos alguns trechos do capítulo 44, em seguida registrados:

#### A morte de Jesus<sup>639</sup>

CAIRBAR SCHUTEL

A morte de Jesus é a primícia de um fenômeno transcendental que devia servir de base inamovível à sua Religião: a Ressurreição.

Encarando-a sob esse prisma, novos horizontes se dilatam às nossas vistas, aclara-se a nossa compreensão sobre o motivo da vida terrestre, surgem na alma atribulada grandes consolações e esperanças, e, em vez de temer a morte, aguardá-la-emos calmos, com a certeza de que ela nada leva do nosso Eu, mas afeta unicamente a roupagem carnal de que nos revestimos para efetuar um trabalho de evolução e de benefício em prol daqueles que necessitam da nossa presença objetiva no mundo material, como, também, um trabalho de perfeição da nossa própria individualidade.

Conhecida a pessoa, testemunha da morte, verificado o óbito, constatada a ressurreição, quem duvidará da sobrevivência, da imortalidade?

O escopo de Jesus consistiu justamente nisso: deixar-se matar para demonstrar que a morte não anula o ser, não destrói a *individualidade*, não extingue o Espírito, que é a causa dominante imorredoura, que teve princípio, porém não terá fim, pois é infinito pelos séculos dos séculos. Encarada por essa forma, a morte de Jesus tem grande alcance espiritual; não só espiritual, como também material e moral. Encarando-a de outra forma, nenhum valor tem, porque supliciados, torturados e mortos injustamente têm sido muitos heróis, muitos dignitários da Ciência e da Religião. Entretanto, nenhum deles soube orientar a sua morte como Jesus, dando-lhe a verdadeira significação, confirmada pelos fenômenos da ressurreição que o Mestre, com singular sabedoria, demonstrou, não só aos seus discípulos, como a inúmeras pessoas que com Ele privaram e ainda a outras que o conheceram ligeiramente.

[...]

Concluimos afirmando mais uma vez que a Doutrina de Jesus não se funda na morte do Senhor, que é obra do “espírito da ignorância”, do “espírito das trevas”, mas sim na sua vida, na sua palavra, nos seus exemplos, nos seus prodígios, na sua ressurreição.

O Espírito do Cristianismo é vida, sabedoria, amor, poder.

## REFERÊNCIAS

- 618 CALDEIRA, Wesley. *Da manjedoura a Emaús*. Brasília: FEB, 2014. cap. 28, p. 253.
- 619 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:40-41, p. 1.784.
- 620 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 15:40, p. 937.
- 621 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1 – As pessoas e os lugares, verbete Maria Madalena, p. 195.
- 622 \_\_\_\_\_. Id.
- 623 XAVIER, Francisco Cândido. *Boa nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 37. ed. 15. imp. Brasília: FEB: 2020. cap. 20, p. 127.
- 624 \_\_\_\_\_. p. 129 e 132.
- 625 \_\_\_\_\_. p. 133.
- 626 \_\_\_\_\_. Id.
- 627 CALDEIRA, Wesley. *Da manjedoura a Emaús*. Brasília: FEB, 2014. cap. 28, p. 255.
- 628 \_\_\_\_\_. p. 257.
- 629 DOUGLAS, J. D. (org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbetes Maria, p. 840.
- 630 SILVA, Severino Celestino. *O evangelho e o cristianismo primitivo*. 7. ed. João Pessoa: Ideia, 2014. p. 249-250.
- 631 METZGER, Bruce M. e COOGAN, Michael (Orgs.) *Dicionário da bíblia*. Trad. de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002. v. 1 – As pessoas e os lugares, verbete Salomé, p. 285.
- 632 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e amp. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 15:42-47, p. 1.784.
- 633 KEENER, Craig S. *Comentário histórico-cultural da bíblia*. V. Novo Testamento. Trad. José Gabriel Said e Thomas Neufel de Lima. São Paulo: Vida Nova, 2017. v. Novo Testamento, it. 15:42 e 15:45, p. 201.
- 634 \_\_\_\_\_. it. 15:44, p. 201.
- 635 \_\_\_\_\_. it. 15:46-47, p. 201.

- 636 DOUGLAS, J. D. (Org.). *O novo dicionário bíblico*. Trad. João Bentes. 3. ed. Vila Nova: São Paulo, 2006. Verbetes José de Arimateia p. 721.
- 637 \_\_\_\_\_. Id.
- 638 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 15: 43, p. 938.
- 639 SCHUTEL, Cairbar. *O espírito do cristianismo*. 8. ed. Matão: O Clarim, 2001. cap. 44, p. 244-245.



# O TÚMULO VAZIO (MC 16:1-20)

Chegamos ao término do estudo do *Evangelho segundo Marcos*, constituído de 16 capítulos e 728 versículos. Percorreremos agradável trajetória, seguindo de perto os passos do evangelista que procurou transmitir, em especial à comunidade de Roma, formada por judeus convertidos e pagãos, que Jesus é o Cristo, Filho de Deus, assim especificado já na abertura dos seus registros: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, filho de Deus” (Mc 1:10). Marcos faz o fechamento do seu Evangelho com chave de ouro quando insere a última orientação de Jesus à Humanidade: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” [...] (Mc 16:15).

## 40.1 O TÚMULO VAZIO. MENSAGEM DO ANJO (MC 16:1-8)<sup>640</sup>

<sup>1</sup>Passado o sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e Salomé, compraram aromas para ir ungi-lo. <sup>2</sup>De madrugada, no primeiro da semana, elas foram ao túmulo ao nascer do sol. <sup>3</sup>E diziam entre si: “Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?” <sup>4</sup>E erguendo os olhos, viram que a pedra já fora removida. Ora, a pedra era muito grande. <sup>5</sup>Tendo entrado no túmulo, elas viram um jovem sentado à direita vestido com uma túnica branca, e ficaram cheias de espanto. <sup>6</sup>Ele, porém, lhes disse: “Não vos espanteis! Estais procurando Jesus de Nazaré, o Crucificado. Ressuscitou, não está aqui. Vede o lugar onde o puseram. <sup>7</sup>Mas ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que Ele vos precede na Galileia. Lá o vereis, como vos tinha dito”. <sup>8</sup>Elas saíram e fugiram do túmulo, pois um tremor e um estupor se apossaram delas. E nada contaram a ninguém, pois tinham medo...

No estudo anterior, tema 40, inserimos breves dados biográficos das mulheres que estiveram junto com Jesus, observando de longe os acontecimentos da chamada Paixão do Cristo, o auxílio prestado na preparação do corpo de Jesus para o sepultamento, realizado sob a direção de José de Arimateia. No atual estudo, *Marcos*, assim como *Lucas* relatam de forma sucinta os acontecimentos sobre a ausência do corpo

de Jesus do sepulcro e a mensagem de um anjo, encontrado dentro do sepulcro, às mulheres. *Mateus* e *João* transmitem mais detalhes para o episódio como, por exemplo, a artimanha utilizada por religiosos judeus quando ficaram sabendo que o corpo tinha desaparecido – até porque esses mesmos religiosos tinham pedido a Pilatos uma guarda para o túmulo. Em *Mateus*, 28:11-15, consta um item denominado *a astúcia dos chefes judaicos*. Trata-se de uma deliberação tomada pelos chefes dos religiosos que, quando informados do desaparecimento do corpo de Jesus, agiram assim: “Estes [chefes dos judeus], depois de se reunirem com os anciãos e deliberarem com eles, deram aos soldados uma vultosa quantia de dinheiro, recomendando: ‘Dizei que os seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíeis, e o roubaram. Se isso chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e vos deixaremos sem complicação’. Eles pegaram o dinheiro e agiram de acordo com as instruções recebidas. Espalhou-se essa história entre os judeus até o dia de hoje”.

De qualquer forma, o desaparecimento do corpo de Jesus e a mensagem do anjo que se encontrava no interior do sepulcro causaram significativo impacto, tanto entre os discípulos como entre as autoridades, religiosas ou não, mesmo quando se considera que Jesus havia anunciado, reiteradas vezes, que Ele ressuscitaria. Temos, então, o seguinte cenário, delineado por Champlin:

Era cedo, no *domingo*. A crucificação teve lugar na sexta-feira, conforme dizem *Marcos*, 15:42 e vários outros versículos. Descansaram no sábado, conforme aquele mesmo versículo o diz. Então voltaram no domingo, pela manhã, para a unção. *Marcos*, 15:47 mostra que essas mulheres tinham observado onde José de Arimateia pusera o corpo de Jesus. Portanto, puderam voltar, a fim de ungir o corpo de Jesus, sem ter tido de inquirir onde ele fora sepultado. Supomos que a ressurreição de Jesus teve lugar algum tempo entre o pôr do sol no sábado e antes do nascer do sol no domingo. Alguns supõem que isso ocorrera no sábado, mas a observação do *domingo*, pela igreja primitiva, como o novo dia de guarda, quase certamente mostra que criam que o domingo fora, realmente, o dia da ressurreição. Estavam eles em melhor posição de sabê-lo do que nós. *Lucas* diz *de madrugada*, falando da hora em que as mulheres foram ao sepulcro; *João*, “quando ainda era escuro” e *Marcos*, “ao despertar do sol”. E assim, ao contemplarem a cena, contavam com luz suficiente para não se equivocarem. Todos os relatos indicam que a viagem até o túmulo foi feita pela manhã. Provavelmente, partiram ainda quando estava escuro; mas, a caminho, o sol despontava, lançava seus primeiros raios

dourados, prometendo a aurora de um novo dia e de uma era espiritual interminável.<sup>641</sup>

Tais comentários de Champlin parecem irrelevantes ante a constatação do fato mais importante: a ressurreição. Contudo, além do contexto histórico implícito, são detalhes que geraram debates na igreja primitiva. Têm também o poder de pôr em destaque a incorreta atitude dos chefes judaicos, considerados orientadores espirituais.

Joanna de Ângelis aponta algumas reflexões a respeito da palavra ressurreição:

No seu sentido integral, a ressurreição se apresenta na mensagem neotestamentária sob dois aspectos: a daqueles que retornam em corpo espiritual e confirmam a sobrevivência da vida, e a outra, em que o Espírito se reveste de matéria, a fim de dar prosseguimento aos processos da conquista de patamares mais elevados do sentimento íntimo.

A primeira se apresenta como *ressurreição dos mortos*, enquanto a segunda se expressa como *ressurreição da carne*, mediante o retorno em corpo físico, estruturalmente constituído pelo Espírito que o veste.

Essa realidade propõe à Psicologia profunda nova interpretação dos conteúdos conflitivos da personalidade e da existência da *sombra*, porque originários do grande rio caudaloso da evolução espiritual, através da qual o ser experiencia diferentes estágios, vivenciando diversas expressões fenomênicas compatíveis com a manifestação de consciência, até quando adquira lucidez. [...]<sup>642</sup>

A benfeitora espiritual prossegue em suas análises especificando, agora, a ressurreição de Jesus

Jesus-Homem, que nunca reencarnara antes na Terra, apresenta-se-nos como o Ser integrado, que houvera adquirido Conhecimento e Amor, e viera experimentar provações e ultrajes, a fim de conseguir êxito na tarefa que lhe fora confiada por Deus, como administrador e condutor do planeta em que se hospedava.

[...]

Esse Homem-Jesus, perfeitamente ao alcance do entendimento humano de todos os tempos, tornou-se o protótipo que deve ser seguido e vivido, ao tempo em que, atraente, arrasta para o Seu convívio todos aqueles quantos se encontram sob o magnetismo da palavra e da vida com que lhes brinda.

[...]

Esse Jesus-Homem desvelador dos escuros meandros do ser profundo, não se apresenta hoje como ontem, na condição de miragem, de ser mitológico impenetrável, misterioso e complexo, mas sendo um aliado do homem e da mulher aflitos da estrada do progresso. Não realiza por eles as espinhosas tarefas que lhes dizem respeito, não os liberta da inferioridade a passe de mágica, do

arrependimento ou dos valores terrestres; apesar disso, benigno e amoroso, ensina como conseguirem a autoestima, a autoiluminação, a autoentrega, facultando-lhes encontrar a paz e vivê-la [...].<sup>643</sup>

## 40.2 APARIÇÕES DE JESUS RESSUSCITADO (MC 16:9-20)<sup>644</sup>

<sup>9</sup>Ora, tendo ressuscitado na madrugada do primeiro dia da semana, ele apareceu primeiro a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete demônios. <sup>10</sup>Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam. <sup>11</sup>Eles, ouvindo que ele estava vivo e que fora visto por ela, não creram. <sup>12</sup>Depois disso, ele se manifestou de outras formas a dois deles, enquanto caminhavam para o campo. <sup>13</sup>Eles foram anunciar aos restantes, mas nem estes creram. <sup>14</sup>Finalmente, Ele se manifestou aos Onze, quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração, porque não haviam dado crédito aos que o tinham visto ressuscitado. <sup>15</sup>E disse-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. <sup>16</sup>Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. <sup>17</sup>Estes são os sinais que acompanharão aos que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, <sup>18</sup>pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados”. <sup>19</sup>Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao Céu e sentou-se à direita de Deus. <sup>20</sup>E eles saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam.

Esse item trata mais diretamente das aparições de Jesus após a sua ressurreição a diferentes discípulos e nos faz refletir a respeito da relatividade do tempo, quando percebemos que, da entrada triunfal do Cristo em Jerusalém (*Domingo de Ramos*) até a sua ressurreição transcorreram apenas sete dias. Foi uma semana de alegria e de dor, de muita dor, diga-se de passagem. O povo que o louvava e colocava folhagens no chão por onde ele passava, pediu a sua morte poucos dias depois. Foram sete dias em que o Senhor viveu intensos momentos entre acusações, despedidas, traição, negações, condenação, prisão, paixão, crucificação, morte, ressurreição e, finalmente, as suas inesquecíveis aparições. Quantas lições foram legadas à Humanidade em pouquíssimo espaço de tempo e que marcariam as futuras reencarnações daqueles que, de uma forma ou de outra, envolveram-se nos acontecimentos.

Léon Denis apresenta considerações em relação à ressurreição e aparições de Jesus:

E quando essa grande vida terminou, quando se consumou o sacrifício, depois que Jesus foi pregado à cruz e baixou ao túmulo, seu Espírito continuou a afirmar-se por novas manifestações. Essa alma poderosa, que em nenhum túmulo poderia ser aprisionada, aparece aos que na Terra havia deixado tristes, desanimados, abatidos. Vem dizer-lhes que a morte nada é. Com a sua presença lhes restitui a energia, a força moral necessária para cumprirem a missão que lhes fora confiada.<sup>645</sup>

As aparições de Jesus aos discípulos ocorrem em diferentes ocasiões e locais. São fatos incontestáveis, registrados com maior ou menor detalhes pelos evangelistas: “As aparições do Cristo são conhecidas e tiveram numerosos testemunhos. Apresentam flagrantes analogia com as que em nossos dias são observadas em diversos graus, desde a forma etérea [...], até a completa materialização [...]”<sup>646</sup> prossegue Denis em suas ponderações.

A vinda do Cristo entre nós, da manjedoura humilde à ressurreição, é assinalada por ensinamentos sublimes e eternos que atravessam os séculos, permanecem atuais e que, cedo ou tarde, alcançarão todos os integrantes da Humanidade terrestre, fornecendo-lhe os subsídios imprescindíveis a sua transformação moral. Contudo, esse esforço de melhoria espiritual, lembra-nos Emmanuel, pressupõe vontade ativa, dedicação contínua e fortaleza moral para renunciar aos apelos inferiores do ego. É o que o Cristo espera de todos nós:

Quando os companheiros, depois da ressurreição, refletiam no futuro, oscilando entre a dúvida e a perplexidade, eis que o Mensageiro do Mestre lhes endereça aviso salutar, assegurando que o Senhor marcharia adiante dos amigos, para a Galileia, onde aguardaria os amados colaboradores, a fim de assentarem as bases profundas do trabalho evangélico no porvir.

Não nos cabe esquecer que, nas primeiras providências do Apostolado Divino, Jesus sempre se adiantou aos companheiros nos testemunhos santificantes.

E assim acontece, invariavelmente, no transcurso dos séculos.

O Mestre está sempre fazendo o máximo na obra redentora, contando com o esforço dos cooperadores apenas nas particularidades minúsculas do Celeste Serviço...<sup>647</sup>

As aparições do Senhor podem ser sintetizadas em sete momentos específicos:<sup>648</sup>

1. A descoberta do sepulcro vazio. Dia seguinte à crucificação: manhã do Domingo de Páscoa (Mt 28:1-8);
2. Aparição às mulheres (possivelmente, Maria Madalena, Joana de Cusa e Maria de Cléofas), no dia seguinte à crucificação (Mt 28:9-10);

3. Aparição à Maria Madalena, três dias após a crucificação (Jo 20:11-18);
4. Aparição de Jesus a dois discípulos na estrada de Emaús, três dias após a crucificação (Lc 24:13-35);
5. Aparição a Tomé e aos discípulos, oito dias após a crucificação (Jo 20:19-29);
6. Aparição de Jesus a Simão, Tomé, Natanael, João e Tiago, filhos de Zebedeu, e a mais dois discípulos, à margem do lago de Tiberíades. Não se sabe quando tal manifestação se deu (Jo 21:1-8) e os acompanhou até Betânia (Lc 24:50-53);
7. Última aparição aos discípulos em um monte da Galileia (Mt 28:16-20).

Ainda segundo as anotações de Léon Denis, importa considerar:<sup>649</sup>

Jesus aparece e desaparece instantaneamente. Penetra numa casa a portas fechadas. Em Emaús conversa com dois discípulos que o não reconhecem, e desaparece repentinamente. Acha-se de posse desse corpo fluídico, etéreo, que há em todos nós, corpo sutil que é o invólucro inseparável da alma e que um alto Espírito como o seu sabe dirigir, modificar, condensar, rarefazer à vontade. E a tal ponto o condensa, que se torna visível e tangível aos assistentes. [...]

Verdade é que os homens lançaram a confusão sobre esses fenômenos, atribuindo-lhes um caráter miraculoso. O milagre é uma postergação das leis eternas fixadas por Deus [...].

Jesus, segundo a Igreja, teria ressuscitado com o seu corpo carnal. Isso é contrário ao primitivo texto do Evangelho. Aparições repentinas, com mudanças de forma, que se produzem em lugares fechados, não podem ser senão manifestações espíritas, fluídicas e naturais. Jesus ressuscitou, como ressuscitaremos todos, quando o nosso Espírito abandonar a prisão da carne.

As instruções finais de Jesus, antes de desaparecer da vista de todos e ascender aos Planos Divinos da vida, merecem ser repetidas:

E disse-lhes: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado. Estes são os sinais que acompanharão aos que tiverem crido: em meu nome expulsarão demônios, falarão em novas línguas, pegarão em serpentes, e se beberem algum veneno mortífero, nada sofrerão; imporão as mãos sobre os enfermos, e estes ficarão curados”. Ora, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus. E eles saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a Palavra por meio dos sinais que a acompanhavam (Mc 16:15-20).

Emmanuel oferece-nos elevadas considerações a respeito da difusão do Evangelho de Jesus, hoje e sempre, destacando recomendação direta aos espíritas que já compreendem ser o Espiritismo o Evangelho redivivo:

**Em torno do porvir**<sup>650</sup>

*Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura.* – JESUS (Marcos, 16:15).

Toda realização nobre demanda preparo criterioso.

O homem, na Terra:

edifica-se com instrução para frustrar os perigos da ignorância, seja entrando no conhecimento comum ou garantindo a competência profissional;

assegura o equilíbrio orgânico com agentes imunológicos, preservando-se contra certas doenças arrasadoras; paga tributos compreensíveis e justos a instituições securitárias e assistenciais, a fim de que lhe não falhe o apoio de ordem material nas horas difíceis;

organiza tarefas vastíssimas na gleba vulgar para que não falte o auxílio da sementeira, tanto a benefício próprio quanto na sustentação da comunidade; institui recursos no trânsito, com sinalização especial, de modo a prevenir desastres e definir responsabilidades nas ocorrências infelizes da vida pública; despende fortunas enormes com o exclusivo propósito de salvaguardar o êxito em determinadas realizações científicas.

Prossigamos, assim, atentos na construção da Doutrina Espírita sobre os princípios de Jesus, porquanto, seja hoje, amanhã, depois de amanhã ou no grande futuro, todas as criaturas da Terra, uma por uma, se aproximarão da escola do amor e da verdade, a fim de encontrarem a felicidade real, não só no campo da inteligência, mas também – e acima de tudo – nos domínios do coração.

## REFERÊNCIAS

640 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho Segundo Marcos, 16: 1-8, p. 1.784-1.785.

641 CHAMPLIN, Russell Norman. *O novo testamento interpretado versículo por versículo: Mateus/Marcos*. Nova ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 1, it. 16.2, p. 939.

642 FRANCO, Divaldo Pereira. *Jesus e o evangelho – à luz da psicologia profunda*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 1. ed. Salvador: LEAL, 2000. cap. Renascimentos, p. 42.

643 \_\_\_\_\_. p. 43-44.

- 
- 644 BÍBLIA DE JERUSALÉM. Coordenadores da edição em língua portuguesa: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. Diversos tradutores. 1. ed. 13. imp. Nova ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2019. Evangelho segundo Marcos, 16:9-20, p. 1.785.
- 645 DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 17. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 5, p. 50-51.
- 646 \_\_\_\_\_. p. 51.
- 647 XAVIER, Francisco Cândido. *Vinha de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 1. ed. 15. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 67, p. 147-148.
- 648 MOURA, Marta Antunes de (org.). *O evangelho redivivo: estudo interpretativo do evangelho segundo Mateus*. Livro II. Brasília: FEB, 2020. Tema 58, it. 58.4, p. 554-555.
- 649 DENIS, Léon. *Cristianismo e espiritismo*. 17. ed. 5. imp. Brasília: FEB, 2020. cap. 5, p. 51-52.
- 650 XAVIER, Francisco Cândido. *Ceifa de luz*. Pelo Espírito Emmanuel. 2. ed. 10. imp. Brasília: FEB, 2019. cap. 18, p. 75-76.





Conselho Editorial:

*Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente*  
*Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial*  
*Cirne Ferreira de Araújo*  
*Evandro Noletto Bezerra*  
*Maria de Lourdes Pereira de Oliveira*  
*Marta Antunes de Oliveira de Moura*  
*Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi*

Produção Editorial:

*Rosiane Dias Rodrigues*

Revisão:

*Adriana Paula R. Silva*  
*Elizabete de Jesus Moreira*  
*Jorge Leite de Oliveira*

Capa:

*Thiago Pereira Campos*

Projeto Gráfico e Diagramação:

*Rones José Silvano de Lima – [instagram.com/bookebooks\\_designer](https://www.instagram.com/bookebooks_designer)*

Normalização Técnica:

*Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro*

Esta edição foi impressa pela Coronário Editora Gráfica Ltda., Brasília, DF, com tiragem de 2 mil exemplares, todos em formato fechado de 170x250 mm e com mancha de 124x204 mm. Os papéis utilizados foram o Offset 75 g/m<sup>2</sup> para o miolo e o Cartão Supremo 250 g/m<sup>2</sup> para a capa. O texto principal foi composto em Minion Pro 12/15 e os títulos em Zurich Lt BT Light 22/26,4. Impresso no Brasil. *Presita en Brazilo.*